



Universidade Federal de Pernambuco
Centro de Filosofia e Ciências Humanas
Programa de Pós-Graduação em Arqueologia

SEVERINO RIBEIRO DA SILVA

**CONSUMO E IDENTIDADES DE CACHIMBOS
NA CAPITANIA DE PERNAMBUCO NO SÉCULO XVII**

Recife
2025

SEVERINO RIBEIRO DA SILVA

**CONSUMO E IDENTIDADES DE CACHIMBOS
NA CAPITANIA DE PERNAMBUCO NO SÉCULO XVII**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Arqueologia, da Universidade Federal de Pernambuco, como parte dos requisitos para obtenção do título de Doutor em Arqueologia, na Área de Concentração Arqueologia e Patrimônio Cultural.

Orientador: Dr. Demétrio da Silva Mutzenberg/UFPE

Coorientadora: Dra. Suely Cristina Albuquerque de Luna/UFRPE

Recife
2025

.Catalogação de Publicação na Fonte. UFPE - Biblioteca Central

Silva, Severino Ribeiro da.

Consumo e identidades de cachimbos na Capitania de Pernambuco no século XVII / Severino Ribeiro da Silva. - Recife, 2025.
298f.: il.

Tese (Doutorado)- Universidade Federal de Pernambuco, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Pós-Graduação em Arqueologia, 2025.

Orientação: Demétrio da Silva Mutzenberg.

1. Consumo; 2. Identidades; 3. Cachimbos. I. Mutzenberg, Demétrio da Silva. II. Título.

UFPE-Biblioteca Central

SEVERINO RIBEIRO DA SILVA

**CONSUMO E IDENTIDADES DE CACHIMBOS
NA CAPITANIA DE PERNAMBUCO NO SÉCULO XVII**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Arqueologia, da Universidade Federal de Pernambuco, como parte dos requisitos para obtenção do título de Doutor em Arqueologia, na Área de Concentração Arqueologia e Patrimônio Cultural.

Aprovação: 13/06/2025

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. **Demétrio da Silva Mutzenberg** (Orientador) / UFPE

Prof. Dra. **Suely Cristina Albuquerque de Luna** (Coorientadora) / UFRPE

Prof. Dr. **Sérgio Francisco Serafim Monteiro da Silva** (Examinador interno) / UFPE

Prof. Dr. **Henry Socrates Lavalle Sullas** (Examinador interno) / UFPE

Prof. Dr. **Bruno Romero Ferreira Miranda** (Examinador Externo) / UFRPE

Prof. Dra. **Sarah de Barros Viana Hissa** (Examinadora Externo) / UFRB

Aos meus pais (*In memoriam*)

Josefa Avelina da Silva e

Estácio Ribeiro da Silva

AGRADECIMENTOS

Gratidão aos meus pais, Josefa Avelina da Silva e Estácio Ribeiro da Silva, que sempre primaram pelos meus estudos; a minha esposa, Márcia Solange Mendes Silva de Amorim, pelo apoio e compreensão; e aos que me ajudaram, de alguma forma, com orientações e atenção nessa jornada: a todos os meus agradecimentos.

Agradeço aos incentivadores da pesquisa que realizei, pois a pesquisa científica não é uma tarefa fácil. O despertar, pela área da arqueologia, teve início com a Universidade Federal de Pernambuco/UFPE, e, em especial, com o Professor Marcos Albuquerque, que me serviu de exemplo. O interesse pelos cachimbos cerâmicos, aconteceu durante as campanhas de escavação arqueológica, em particular, durante a intervenção no Sítio Cruz do Patrão, área portuária do Recife. E que durante a coleta, de alguns artefatos cerâmicos fragmentados, houve dificuldade em identificar objetos; e em discussões com companheiros valiosos e mais experientes como Manoel Souto Maior e Stela Barthel classificamos como cachimbos, mas sem o devido enquadramento numa identidade tipológica e cultural. Depois me deparei com coleções de cachimbos sob a guarda do Forte das Cinco Pontas e do Laboratório de Arqueologia da UFPE que ampliaram a visão e o interesse.

No percurso da pesquisa, meus agradecimentos aos profissionais e as entidades de guarda dos acervos arqueológicos: Eleonora Guerra, Laboratório de Arqueologia/UFPE; Prof. Sérgio Monteiro, laboratório de Bioarqueologia e Forense - LABIFOR/UFPE; Profa. Daniela Cisneiros, laboratório do Núcleo de Estudos Arqueológicos/NEA; Profa. Suely Luna e Alexsandra Siqueira, laboratório do Núcleo de Estudos e Pesquisas Arqueológicas - NEPARQ/UFRPE; Roberta Richard Pinto, do Museu de Arqueologia e Ciências Naturais/UNICAP; Maria Betânia Correia de Araújo - Museu da Cidade do Recife/Forte das Cinco Pontas; Alberto da Silva Santos, Secretário Municipal de Meio Ambiente de Tamandaré/Forte de Tamandaré; José Aylton Coelho Mello, arqueólogo da Secretaria de Patrimônio Histórico de Olinda; Danúbia Ferreira, da Caixa Cultural Recife; Prof. Henry Lavalley, Laboratório de Estudos Arqueométricos - LEARQ/UFPE.

Agradeço aos Arqueólogos Pedro Ignácio Schmitz, Ulisses Pernambucano de Mello Neto e Sarah de Barros Viana Hissa, pelas preciosas publicações referente a cachimbos cerâmicos, que me serviram de guia, iluminando as pesquisas. Reconhecimento e gratidão aos meus orientadores Demétrio Mutzenberg e Suely Luna; aos professores Scott Joseph Allen, Henry Lavalley, Sérgio Monteiro, Carlos Rios, Cláudia Oliveira, Daniela Cisneiros e Viviane Cavalcanti, do Programa de Pós-graduação em Arqueologia; pela amizade e colaboração de estudantes do doutorado como Alexsandra Siqueira, Almir Carmo Bezerra, Gleyce Lopes, Izabela Lima, André Laurentino, Ilka Pacheco, Elenita Rufino e Celyne Davoglio; e, em especial, as revisoras do meu trabalho, Evalda Carvalho e Teresa Cristina de Lucena (Bibliotecária); e a Luciane Borba, secretária do curso da Pós-graduação em Arqueologia.

RESUMO

Os indígenas da América, antes dos europeus, consumiam tabaco e outras ervas alucinógenas de diversas maneiras: comido, mascado, bebido, lambido, aspirado, fumado, com o auxílio de cachimbos e variados artefatos. O cachimbo cerâmico revelou ser um artefato fabricado com a função de fumar, principalmente, o tabaco. Na Capitania de Pernambuco, em sítios arqueológicos do século XVII, encontram-se dezenas de coleções de cachimbos classificados como brancos e avermelhados, seguindo as indicações de coloração do Sistema Munsell de Cores. A presente pesquisa ocorreu em torno de dois temas: o consumo, e as identidades de cachimbos, abordando a problemática de identificar milhares de artefatos de cachimbos consumidos por grupos ou identidades sociais, questionando a preferência dos colonos e holandeses, ao consumirem artefatos de fumar e de sua fabricação. Para obter essa resposta foram examinadas 11 coleções de artefatos de cachimbos, seguindo com a hipótese de que o consumo de cachimbos avermelhados e brancos, consumidos por colonos e holandeses, compreendendo não o seu grau de consumo, mas condicionado à sua disponibilidade e ao seu alcance. A pesquisa justificou-se por ser um assunto pouco abordado, especialmente, ao associar artefatos de fumar às identidades sociais. Em seu objetivo geral, tratou de conferir o consumo do artefato de fumar avermelhado por colonos de Pernambuco, revelando sua identidade social, preferência, e a quantidade do consumo de cachimbos brancos holandeses. A tese foi estruturada em cinco partes: a primeira apresentou abordagens teóricas; a segunda expôs a sociedade na Capitania de Pernambuco no século XVII; a terceira estabeleceu os dados e evidências dos cachimbos e do consumo; a quarta exibiu as análises das coleções; a quinta parte intitulada “Cachimbos e Identidades” revelou resultados e reconstituições das identidades sociais, a partir dos atributos característicos dos cachimbos. Nas discussões finais e nas conclusões ressaltou o problema inicial, as análises realizadas, a conferência das hipóteses, apontando para novos problemas e sugerindo novas pesquisas.

Palavras-chave: consumo; identidades; cachimbos; Capitania de Pernambuco.

ABSTRACT

Before the arrival of Europeans, the indigenous people of the Americas consumed tobacco and other hallucinogenic herbs in a variety of ways: eaten, chewed, drunk, licked, inhaled, smoked, and smoked with the help of pipes and various artifacts. The ceramic pipe proved to be an artifact made primarily for smoking tobacco. In the Captaincy of Pernambuco, at 17th-century archaeological sites, dozens of collections of pipes classified as white and reddish, according to the Munsell Color System, have been found. This research focused on two themes: consumption and pipe identities. It addresses the problem of identifying thousands of pipe artifacts consumed by social groups or identities, questioning the preferences of colonists and the Dutch when consuming and manufacturing smoking artifacts. To answer this question, 11 collections of pipe artifacts were examined, based on the hypothesis that the consumption of reddish and white pipes, consumed by colonists and the Dutch, was not determined by their degree of consumption, but rather by their availability and reach. The research was justified by the fact that it is a rarely discussed topic, especially when associating smoking artifacts with social identities. Its general objective was to examine the consumption of reddish smoking artifacts by colonists in Pernambuco, revealing their social identity, preference, and the quantity of consumption of white Dutch pipes. The thesis was structured in five parts: the first presented theoretical approaches; the second exposed society in the Captaincy of Pernambuco in the 17th century; the third established data and evidence on pipes and consumption; the fourth presented analyses of the collections. The fifth part, titled "Pipes and Identities," revealed results and reconstructed social identities based on the characteristic attributes of pipes. The final discussions and conclusions highlighted the initial problem, the analyses performed, and the verification of hypotheses, pointing to new problems and suggesting further research.

Keywords: consumption; identities; pipes; Captaincy of Pernambuco.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Mapas

1 - América do Sul em 1679, destaque Capitania de Pernambuco no século XVII	31
2 - Domínio do Brasil Holandês	56
3 - Sítios com artefatos de cachimbos no território de Pernambuco do século XVII	122
4 - Localização atual dos sítios com cachimbos na Capitania de Pernambuco no século XVII.....	123

Figuras

1 - Imagens de Engenhos ilustrados por Frans Post.....	36
2 - Núcleos urbanos da Capitania de Pernambuco, no século XVII, por Frans Post.....	37
3 - Núcleos urbanos da Capitania de Pernambuco, no século XVII, por Frans Post.....	38
4 - Vila de Olinda no século XVII	40
5 - Vista da Cidade Maurícia e povoado do Recife, no século XVII, por Frans Post	42
6 - Indígenas Tupi e Tapuias	44
7 - Imagens de negros e afrodescendentes	47
8 - Homem e Mulher mestiços	47
9 - O cerco de Olinda e Recife e a conquista holandesa em 1631, visto por Claes Visscher e Hessel Gerritz	51
10 - Conde Maurício de Nassau e sua partida da Holanda	55
11 - Regresso de Maurício de Nassau em 1644	58
12 - Reconstituição da 1ª Batalha dos Montes Guararapes em 1648, pintado por Vitor Meirelles	61
13 - Reconstituição da assinatura da rendição holandesa em 1654	62
14 - Indígenas consumindo Cangueras	72
15 - Artefatos de consumo de rapé	73
16 - Cachimbo de chifre de boi	74
17 - Cachimbo de bambu	74
18 - Narguilés e uma fumante	77
19 - Cachimbos indígenas	87
20 - Cachimbos de Santarém no Amazonas	90
21 - Cachimbo avermelhado atribuído aos afrodescendentes	92
22 - Cachimbos avermelhados em Portugal	93
23 - Cachimbos do Império Otomano	94
24 - Cachimbo inglês com decorações	95
25 - Cachimbos ingleses: Demonstrativo evolutivo de 1580 a 1910	96
26 - Cachimbos holandeses	97
27 - Imagem do cotidiano com consumo de cachimbo branco	98
28 - Forte do Arraial - Planta do Forte e imagens do entorno no século XVII.....	125
29 - Forte do Arraial - Ruínas da fortificação e de edificações atuais.....	126
30 - Forte do Arraial - Escavações	128
31 - Forte de Tamandaré - Imagens da fortificação	138
32 - Forte do Brum - Escavações	147
33 - Forte das Cinco Pontas - Imagens da fortificação.....	162
34 - Forte das Cinco Pontas - Plantas, vista da entrada e escavações	163

35 - Sítio Lamarão - Imagem da planta da área da pesquisa arqueológica nos quarteirões 271, 320 e 321.....	172
36 - Sítio Pilar - Imagens do Sítio.....	196
37 - Sítio Olinda - Imagens de Olinda no século XVII	215
38 - Sítio Olinda – Imagens de ruas e logradouros de Olinda	217
39 - Sítio Engenho Monjope - Imagens do sítio	227
40 - Sítio do Campo - Imagens do Cemitério Morada da Paz	233
41 - Engenho Madalena - Imagens de edificação	237

Pranchas

1 - Terminologia de cachimbo cerâmico avermelhado	86
2 - Terminologia de cachimbo cerâmico branco em Pernambuco, no século XVII	86
3 - Ilustrações dos três tipos de cachimbos analisados	99
4 - Forte do Arraial - Fornilho de cachimbo branco de uma só peça.....	100
5 - Forte do Arraial - Fornilho com pedaço da haste de cachimbo branco de uma só peça.....	101
6 - Forte do Arraial - Fornilho com haste de cachimbo avermelhado de uma só peça.....	102
7 - Forte do Arraial - Fornilho quebrado de cachimbo avermelhado de uma só peça	103
8 - Forte do Arraial - Fornilho com suporte de encaixe de cachimbo avermelhado de duas peças...104	
9 - Forte do Arraial - Suporte de encaixe da haste, fornilho quebrado de cachimbo avermelhado de duas peças.....	105
10 - Forte do Arraial - Cachimbo avermelhado de uma só peça	130
11 - Forte do Arraial - Cachimbos avermelhados de duas peças	131
12 - Forte do Arraial – Cachimbos avermelhados indígenas	133
13 - Forte do Arraial – Cachimbos brancos holandeses	135
14 - Forte de Tamandaré – Imagem do único artefato de cachimbo branco de uma haste.....	139
15 - Forte de Tamandaré – Imagens de cachimbos avermelhados de uma só peça.....	141
16 - Forte de Tamandaré – Imagens de cachimbos avermelhados de duas peças.....	143
17 - Forte de Tamandaré – Imagens de um cachimbo indígena funil	144
18 - Forte do Brum - Cachimbos avermelhados de uma só peça	149
19 - Forte do Brum - Cachimbos avermelhados de uma só peça	150
20 - Forte do Brum - Cachimbos avermelhados de duas peças	153
21 - Forte do Brum - Cachimbos avermelhados de duas peças com decorações e figura antropomorfa	154
22 - Forte do Brum - Cachimbos indígenas	155
23 - Forte do Brum - Cachimbos brancos holandeses	158
24 - Forte do Brum - Cachimbos brancos holandeses	159
25 - Forte das Cinco Pontas - Cachimbos brancos holandeses	166
26 - Forte das Cinco Pontas - Cachimbos brancos holandeses	167
27 - Forte das Cinco Pontas - Uma haste avermelhada	168
28 - Sítio Lamarão - Cachimbos avermelhados de uma só peça	175
29 - Sítio Lamarão - Cachimbos avermelhados de uma só peça	176
30 - Sítio Lamarão - Cachimbos avermelhados de uma só peça com decorações incisadas em cima da haste.....	177
31 - Sítio Lamarão - Cachimbos avermelhados com fornilho e suporte para encaixe	180
32 - Sítio Lamarão - Cachimbos avermelhados com fornilho e suporte para encaixe	181
33 - Sítio Lamarão - Cachimbos brancos holandeses	183
34 - Sítio Lamarão - Hastes de cachimbos brancos holandeses	184

35 - Sítio Lamarão - Cachimbos brancos britânicos	185
36 - Sítio Bolsa de Valores - Cachimbos avermelhados de uma só peça	188
37 - Sítio Bolsa de Valores - Cachimbos avermelhados de duas peças	190
38 - Sítio Bolsa de Valores - Haste de cachimbo branco britânico	191
39 - Sítio Bolsa de Valores - Cachimbos brancos holandeses	192
40 - Sítio Bolsa de Valores - Cachimbos brancos holandeses	193
41 - Sítio Pilar - Cachimbos avermelhados	201
42 - Sítio Pilar - Artefatos de hastes de cachimbos avermelhados	201
43 - Sítio Pilar - Cachimbos avermelhados	204
44 - Sítio Pilar - Cachimbos avermelhados.....	205
45 - Sítio Pilar - Cachimbo indígena	206
46 - Sítio Pilar - Cachimbos brancos holandeses	208
47 - Sítio Pilar - Cachimbos brancos holandeses	209
48 - Sítio Pilar - Cachimbos brancos holandeses com hastes beges	210
49 - Sítio Pilar - Cachimbos britânicos e franceses	212
50 - Sítio Olinda - Cachimbos avermelhados	219
51 - Sítio Olinda - Cachimbos avermelhados	220
52 - Sítio Olinda - Cachimbos avermelhados	222
53 - Sítio Olinda - Cachimbos brancos	223
54 - Sítio Olinda - Cachimbos brancos	224
55 - Engenho Monjope - Cachimbos avermelhados	228
56 - Engenho Monjope - Cachimbos avermelhados de duas peças	229
57 - Engenho Monjope - Cachimbos avermelhados	231
58 - Sítio do Campo - Cachimbos avermelhados	234
59 - Engenho Madalena - Cachimbos avermelhados.....	239
60 - Imagens dos cachimbos indígenas e as tipologias.....	259
61 - Representação de cachimbos avermelhados de uma só peça	271
62 - Representação de cachimbos avermelhados de uma só peça	271
63 - Representação de cachimbos avermelhados de uma só peça	272
64 - Representação de cachimbos avermelhados de uma só peça	272
65 - Representação de cachimbos avermelhados de duas peças	274
66 - Representação de cachimbos avermelhados de duas peças	275
67 - Representação de cachimbos brancos holandeses	277
68 - Representação de cachimbos brancos holandeses	278

Quadros

1 - Forte do Arraial - Imagens da amostra do Artefato nº LA 115-2	107
2 - Forte do Arraial - Imagens da amostra do Artefato nº LA 95	108
3 - Forte do Arraial - Imagens da amostra do Artefato nº LA 4827-302	110
4 - Forte do Arraial - Imagens da amostra do Artefato nº LA 4807 255	111
5 - Forte do Arraial - Imagens da amostra do Artefato nº LA 118.....	112
6 - Forte do Arraial - Imagens da amostra do Artefato nº LA 4814-296	113
7 - Forte do Arraial - Descrição dos três artefatos de cachimbos indígenas.....	132

LISTA DE TABELAS

1 - Engenhos na Capitania de Pernambuco: período de 1585 a 1655	35
2 - Engenhos nas quatro capitanias: período de 1585 a 1637	35
3 - Descrição de 8 categorias tipológicas de cachimbos cerâmicos da África Colonial	76
4 - Relação entre a cor da argila e a da cerâmica	81
5 - Cronologia com características de cachimbos ingleses	95
6 - Síntese das análises comparativas das pastas de cachimbos brancos e avermelhados	114
7 - Tabela Munsell de cores, adaptada com referências e códigos	117
8 - Demonstrativo de análises de artefatos de cachimbos	120
9 - Sítios e assentamentos com os períodos de ocupação no século XVII	121
10 - Forte do Arraial - Síntese dos agrupamentos dos artefatos	136
11 - Forte Tamandaré - Cachimbos avermelhados de duas peças	142
12 - Forte Tamandaré - Síntese dos agrupamentos dos artefatos	145
13 - Forte do Brum - Síntese dos agrupamentos dos artefatos	160
14 - Forte das Cinco Pontas - Síntese dos agrupamentos dos artefatos	169
15 - Sítio Lamarão - Cachimbos avermelhados de duas peças	179
16 - Sítio Lamarão - Características dos cachimbos britânicos	185
17 - Sítio Lamarão - Síntese dos agrupamentos dos cachimbos.....	186
18 - Sítio Bolsa de Valores - Síntese dos agrupamentos dos artefatos	194
19 - Sítio Pilar - Análises de artefatos de cachimbos no Laboratório NEA/UFPE	197
20 - Sítio Pilar - Análises de artefatos de cachimbos no Laboratório LACOR/UFPE	197
21 - Sítio Pilar - Análises de artefatos de cachimbos no Laboratório NEPARQ/UFRPE	198
22 - Sítio Pilar - Síntese das análises de cachimbos	198
23 - Sítio Pilar - Decorações incisas de cachimbos avermelhados de uma só peça.....	200
24 - Sítio Pilar - Decorações nos fornilhos de cachimbos avermelhados de duas peças	203
25 - Sítio Pilar - Cachimbos brancos com características de produção britânica e francesa.....	211
26 - Sítio Pilar - Síntese geral por agrupamento de artefatos de cachimbos	213
27 - Sítio Olinda - Síntese geral por agrupamentos de artefatos de cachimbos	225
28 - Sítio Monjope - Demonstrativo das três hastes avermelhadas	230
29 - Sítio Monjope - Síntese dos agrupamentos dos artefatos	231
30 - Sítio do Campo - Síntese dos agrupamentos dos artefatos.....	235
31 - Engenho Madalena - Síntese dos agrupamentos dos artefatos.....	239
32 - Cachimbos brancos de uma só peça nas Fortificações.....	242
33 - Cachimbos avermelhados de uma só peça nas Fortificações	244
34 - Cachimbos avermelhados nas Fortificações (de duas peças)	246
35 - Cachimbos indígenas nas Fortificações e Núcleo Urbano	248
36 - Cachimbos brancos em Núcleos Urbanos (Recife e Olinda)	250
37 - Cachimbos avermelhados em Núcleos Urbanos de Recife e Olinda (de uma só peça)	252
38 - Cachimbos avermelhados de duas peças em Núcleos Urbanos (Recife e Olinda)	254
39 - Cachimbos avermelhados de uma só peça de Engenhos.....	256
40 - Cachimbos avermelhados de duas peças de Engenhos	257
41 - Síntese dos sítios com cachimbos indígenas	258
42 - Síntese dos cachimbos brancos nos três tipos de sítios	261
43 - Síntese dos cachimbos avermelhados nos três tipos de sítios	263
44 - Síntese do quantitativo de fornilhos por sítios	265
45 - Síntese do consumo de cachimbos brancos e avermelhados	266
46 - Síntese do consumo de cachimbos avermelhados, brancos e indígenas	268

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	14
1.1 ABORDAGENS TEÓRICAS	19
1.1.1 Arqueologia Histórica.....	21
1.1.2 Cultura Material.....	22
1.1.3 Consumo.....	24
1.1.4 Identidades.....	27
1.1.5 Colonialismo.....	30
2 A SOCIEDADE NA CAPITANIA DE PERNAMBUCO NO SÉCULO XVII.....	31
2.1 A CAPITANIA DE PERNAMBUCO.....	31
2.2 A SOCIEDADE PERNAMBUCANA E OS COLONOS NO SÉCULO XVII.....	32
3 DADOS E EVIDÊNCIAS: CACHIMBOS E OUTROS ARTEFATOS.....	63
3.1 CONSUMO DE DROGAS E TABACOS.....	63
3.1.1 O tabaco na América e os europeus.....	64
3.1.2 O tabaco e o consumo pelos indígenas da América.....	65
3.1.3 O consumo do tabaco e outras drogas na América, na África e na Austrália.....	67
3.2 ARTEFATOS DE CONSUMO DE TABACO E OUTRAS DROGAS.....	70
3.2.1 Na América do Sul e Central: Cangueras ou charutões indígenas.....	70
3.2.2 Na África: Artefatos de consumo de Cannabis e tabaco.....	73
3.2.3 Na Ásia: artefatos de consumo de Cannabis e tabaco.....	76
3.3 CACHIMBOS CERÂMICOS.....	78
3.3.1 A cerâmica.....	78
3.3.2 Os cachimbos.....	84
3.3.3 Cachimbos indígenas no Brasil Colônia.....	86
3.3.4 Cachimbos avermelhados.....	88
3.3.5 Cachimbos brancos (ingleses e holandeses)	94
3.3.6 Cachimbos da Capitania de Pernambuco: pastas cerâmicas.....	98
4 ANÁLISES DOS CACHIMBOS DA CAPITANIA DE PERNAMBUCO.....	115
4.1 CLASSIFICAÇÃO PARA ANÁLISE DE CACHIMBOS.....	115
4.2 AS ANÁLISES E CLASSIFICAÇÃO DE CACHIMBOS CERÂMICOS.....	116

4.3 METODOLOGIA PARA ANÁLISE DE CACHIMBOS.....	118
4.4 CACHIMBOS E SÍTIOS	124
4.4.1 Cachimbos de Fortificações.....	124
4.4.1.1 Cachimbos do Forte do Arraial do Bom Jesus - Recife	124
4.4.1.2 Cachimbos Forte de Tamandaré.....	137
4.4.1.3 Cachimbos do Forte do Brum - Recife.....	145
4.4.1.4 Cachimbos do Forte das Cinco Pontas - Recife.....	161
4.4.2 Cachimbos de Núcleos Urbanos.....	169
4.4.2.1 Cachimbos do Sítio Lamarão - Recife.....	169
4.4.2.2 Cachimbos do Sítio Bolsa de Valores - Recife	187
4.4.2.3 Cachimbos do Sítio Pilar - Recife.....	195
4.4.2.4 Cachimbos de Olinda.....	214
4.4.3 Cachimbos de Engenhos.....	225
4.4.3.1 Cachimbos do Engenho Monjope - Igarassu/PE.....	226
4.4.3.2 Cachimbos do Sítio do Campo - Paulista/PE	232
4.4.3.3 Cachimbos do Engenho Madalena - Recife	236
 5 CACHIMBOS E IDENTIDADES: RESULTADOS E RECONSTITUIÇÕES.....	 241
5.1 RESULTADOS DAS ANÁLISES DO CONSUMO DE CACHIMBOS.....	241
5.1.1 Resultados das análises de cachimbos nas Fortificações.....	241
5.1.2 Resultados das análises de cachimbos e Sítios em Núcleos Urbanos.....	249
5.1.3 Resultados das análises de cachimbos dos Sítios de Engenhos.....	255
5.1.4 Resultados das análises de cachimbos indígenas.....	258
5.1.5 Resultados das análises de cachimbos nos três tipos de sítios.....	259
5.1.6 Síntese do resultado do consumo de cachimbos	264
5.2 RECONSTITUIÇÕES DAS IDENTIDADES DE CACHIMBOS EM PERNAMBUCO.....	269
5.2.1 Reconstituições das Identidades de cachimbos avermelhados.....	269
5.2.2 Reconstituições das Identidades de cachimbos brancos.....	276
 6 DISCUSSÕES.....	 279
7 CONCLUSÕES	285
REFERÊNCIAS.....	287

1 INTRODUÇÃO

O projeto arqueológico intitulado *Consumo e identidades de cachimbos na Capitania de Pernambuco no século XVII* propõe revelar comportamentos de grupos sociais denominados de identidades sociais em consumir cachimbos. Um grupo chamado de colonos ou luso-brasileiros (portugueses, indígenas, afrodescendentes e miscigenados) produtores de açúcar, consumidores de artefatos de fumar avermelhados; e o outro, de holandeses e gente recrutada, destacando-se os norte-europeus¹, como alemães, ingleses, escoceses, irlandeses, vinculados às navegações e ao comércio, produtores e consumidores de cachimbos brancos, revelando preferências ou disponibilidades no consumo de cachimbos no século XVII. Ressalta o período do “Tempo dos Flamengos”, de 1630 a 1654 na Capitania de Pernambuco - território dominado por grupos distintos de neerlandeses, em confrontação com os colonos luso-brasileiros, inseridos no contexto arqueológico e convivendo em três determinados momentos: no início, com a Guerra de Resistência (de 1630 a 1640); depois, com um período de “trégua” ou acordos (de 1640 a 1645); e, por último, a Guerra de Restauração (1645 a 1654), culminando com a expulsão holandesa. A pesquisa revelou uma tendência dos colonos em consumir, quase que exclusivamente, os cachimbos “avermelhados” de sua fabricação, em quantidade menor que os cachimbos brancos, artefatos de fumar do agressor. Por consequência, acredita-se numa revelação de consumo variado de cachimbos, prevalecendo os artefatos de fumar avermelhados, em sítios ocupados por um período de tempo maior no século XVII.

Em território colonizado pelos portugueses, a Capitania de Pernambuco surgiu, a partir de uma carta de doação, em 10 de março de 1534, entregue a Duarte Coelho, intitulado de donatário. Por esse documento, Dom João III, rei de Portugal, estabeleceu o território com sessenta léguas da costa do Brasil, começando na foz do rio São Francisco, ao sul, e terminando no rio de Santa Cruz, que cercava toda a Ilha de Itamaracá. Essa linha divisória deveria “entrar na mesma largura pelo sertão e terra firme adentro, tanto quanto puderem entrar” (Ferraz, 2021, p. 171).

A colonização de Pernambuco teve início em 1535, com a chegada do donatário, sua família e uma comitiva pelo rio Igarapé, afluente do rio Santa Cruz. Estabeleceram residência

¹Gente recrutada pelos holandeses da WIC (Companhia das Índias Ocidentais) de regiões diversas, principalmente, do norte da Europa (Miranda, 2011).

junto a uma feitoria real, próximo aos marcos territoriais das Capitanias de Pernambuco e de Itamaracá. Em seguida, a uma légua dos marcos, iniciou a povoação de Igarassu, denominada pelos cristãos da Vila de São Cosme e Damião. Logo depois, no dia 12 de março de 1537, fundou a vila de Olinda; e num istmo, ao sul, surgiu um povoado de pescadores, posteriormente denominado de Recife (Ferraz, 2011, p. 172-173).

Diante da disputa pelo domínio de espaços na Colônia, explorando as rivalidades existente entre índios e negros, os colonos portugueses conseguiram firmar alianças militares, facilitando o avanço pelo interior da Capitania pelo rio Capibaribe, com instalação de engenhos e produção de açúcar (Ferraz, 2011, p. 174-175).

Com a introdução da cana-de-açúcar no Brasil no de 1530 começou a colonização de assentamentos e, assim, os engenhos determinaram a maior parte da estrutura social da Colônia portuguesa (Schwartz, 2021, p. 337).

Anteriormente, o açúcar era produzido nas ilhas da Madeira, São Tomé e Canárias. Há indícios de o açúcar já ter sido produzido no Brasil na década de 1510. No entanto, foi entre 1550 e 1670 que se tornou o principal produtor de açúcar do mundo atlântico. Em Pernambuco, várzeas de rios como o Capibaribe, o Ipojuca e o Beberibe forneciam água para os engenhos e transporte fácil para o porto. Na década de 1540, colonos portugueses construíram engenhos, ao longo do litoral. Técnicos especializados, possivelmente escravos, foram trazidos da Ilha da Madeira e das Canárias para construir e operar os engenhos (Schwartz, 2021, p. 338). Em Pernambuco, o donatário Duarte Coelho trouxe artesãos especializados, conseguiu investidores em Portugal e autorização para importar escravos da África, surgindo, conseqüentemente, vários engenhos. O primeiro, Nossa Senhora da Ajuda, foi construído por seu cunhado, Jerônimo de Albuquerque, nos arredores de Olinda. Depois, no século XVII, o açúcar brasileiro havia dominado o mercado europeu, e Pernambuco apontava como o principal centro produtor, possuindo, em 1585, 66 engenhos; enquanto que na Bahia existiam, apenas, 36.

Na primeira metade do século XVII, a conquista de Pernambuco e das capitanias nordestinas pelos holandeses desequilibrou a produção do açúcar da região e do resto do Brasil. Durante a invasão, ocorreram incêndios de engenhos e plantações de cana, tanto pelos invasores, quanto pelos defensores (Schwartz, 2021, p. 344-345).

A disputa e os conflitos entre holandeses e colonos luso-brasileiros, inseridos no contexto arqueológico do século XVII, podem ser revelados, através do consumo de cachimbos. Acredita-se que, mesmo em conflito entre esses dois grupos, os cachimbos

avermelhados eram mais consumidos pelos colonos e os cachimbos brancos pelos neerlandeses.

A problemática identificou os milhares de artefatos de cachimbos consumidos por grupos ou identidades sociais na Capitania de Pernambuco do século XVII, vivenciados num contexto de guerra, revelando o grau de consumo e de preferência por cachimbos avermelhados e brancos.

Em uma conjuntura social de crises e conflitos, eis o questionamento: tais cachimbos cerâmicos poderiam evidenciar a preferência dos colonos e holandeses ao consumirem artefatos de fumar de sua fabricação?

Nesse contexto, os colonos estabelecidos há um século, adquirindo identidades sociais com suas diferenças e sentimentos de pertencimento, assim como os holandeses podem ser entendidos e identificados pelo consumo do artefato de fumar. A análise de 11 sítios arqueológicos do século XVII na Capitania de Pernambuco revelou a existência de coleções de cachimbos avermelhados e brancos.

A hipótese consistiu em inferir o consumo de cachimbos avermelhados e brancos por colonos e holandeses, respectivamente, supondo que os cachimbos avermelhados tiveram maior índice de consumo pelos colonos; enquanto que os cachimbos brancos, por holandeses e sua gente, não como consumo exclusivo, mas condicionado à disponibilidade e alcance.

Além disso, a conferência de coleções de cachimbos cerâmicos procedentes de sítios arqueológicos da Capitania de Pernambuco, pode apontar para a identidade social dos referidos grupos, pela utilização, quase exclusiva, de artefatos de fumar de sua fabricação. Mesmo com a disputa por espaço, poder, tradição cultural em produzir e consumir seus artefatos de fumar, pode-se considerar uma quantidade de cachimbos consumidos por grupos diferentes, por motivos diversos, diante da disponibilidade dos artefatos e da convivência comercial entre os grupos. Em âmbito regional, o estudo do tema de consumo e de identidades de cachimbos se justifica por ser um assunto pouco abordado, principalmente, ao associar artefatos de fumar às identidades sociais. Os cachimbos coletados em sítios arqueológicos de Pernambuco têm sido pouco estudados, com publicações resumidas e de abordagens limitadas, destacando-se publicações de dois pesquisadores: Ulisses Pernambucano de Mello Neto (1977) e outras mais recentes de Sarah Hissa (2018; 2019). Referem-se aos cachimbos europeus (brancos, de caulinita e de fabricação holandesa), muito comuns em sítios do século XVII, devido à invasão batava ao território pernambucano nessa época. Além dos cachimbos europeus, encontram-se, também, nos referidos sítios e período, os cachimbos avermelhados

de fabricação e uso pelos grupos sociais da Capitania e da Colônia, como os indígenas, “lusobrasileiros” e de possíveis afrodescendentes.

A pesquisa exibiu importância variada nas análises quantitativa e qualitativa da incidência de cachimbos; na identificação da morfologia, tipologia e decoração dos cachimbos, destacando a quantidade proporcional consumida pelos grupos estabelecidos nos sítios no referido século, centrado no período holandês. Analisou o grau de uso dos cachimbos consumidos em três tipos de sítios: as fortificações, os núcleos urbanos, e engenhos, além da existência de mais de uma dezena de coleções, procedentes de escavações arqueológicas com contextos arqueológicos ainda não estudados.

Na busca pela evidência e preferência do consumo de cachimbos cerâmicos por determinados grupos sociais, relacionados aos atributos típicos existentes na Capitania de Pernambuco do século XVII, apontou como objetivo geral, a conferência do consumo do artefato de fumar avermelhado por colonos de Pernambuco, revelando sua identidade social, sua preferência e da quantidade consumida do artefato de fumar branco holandês. Como objetivos específicos definiu o seguinte levantamento: listar sítios escavados contextualizando a ocupação holandesa do século XVII com incidência de cachimbos; analisar os atributos dos artefatos de cachimbos, seguindo a classificação de origem do fabricante, a cor da pasta da cerâmica, a morfologia e a decoração; conferir a provável resistência de segmentos locais ao invasor holandês, como também, dos holandeses aos grupos locais, através do uso de cachimbos; certificar a preferência pelo consumo de cada identidade social entre lusobrasileiros e holandeses; revelar o uso quantitativo dos artefatos de fumar em determinado sítio, relacionando seus segmentos sociais.

Para atingir tais objetivos, percorreu e verificou, primeiramente, o processo de colonização da Capitania de Pernambuco, a descrição dos contextos dos sítios com artefatos de cachimbos e as 11 coleções selecionadas.

Nos depósitos arqueológicos, raramente foram encontrados cachimbos completos, quase sempre recolhidos em condições de quebra e fragmentada. Para este trabalho são utilizados termos como cachimbos, artefatos de cachimbos e de fumar, referindo-se a uma peça completa, quebrada e fragmentada em pedaços. Quanto ao padrão de quebra, discutidos e apontados em tipos variados, estabelecidos como intencional e acidental (Hissa, 2020, p. 145). Portanto, para as análises das nossas coleções de artefatos de cachimbos quebrados, optou-se pelo método de classificação da forma final após a quebra. Iniciou-se com a separação dos artefatos de cachimbos avermelhados e brancos, agrupando os artefatos

provenientes de cachimbos avermelhados de uma só peça e de duas peças (ou forninho com suporte para o encaixe da haste); e os cachimbos brancos, identificados como artefatos de uma só peça. Agrupou os artefatos quebrados dos cachimbos de uma só peça em forninho com haste, só forninho, só haste e para os de duas peças, em forninho com suporte, só forninho, só suporte. Seguindo para as análises, descreveu-se em uma planilha, os atributos característicos como: a morfologia, o ângulo do forninho com haste; a técnica de fabricação, manual ou com moldes; a decoração incisa ou em alto relevo e o furo das hastes. Durante a conferência e as análises dos artefatos nas instituições de guardas das coleções, utilizou-se de equipamentos auxiliares, tais como: um celular do tipo Galaxy S23 Samsung para as fotografias digitais; um mini estúdio fotográfico com cabine 40 cm LED Rgb portátil e dobrável para a melhor visualização das imagens dos artefatos e atributos, réguas arqueológicas e uma angular adaptada; um manual com tabelas Mussel de cores; um paquímetro, usado para medição dos diâmetros dos furos das hastes e bordas dos fornilhos; lavagem de artefatos, em alguns casos, para a identificação de caracteres de atributos das peças.

Em relação à análise dos cachimbos, temos o branco de caulinita², com a sua fabricação e consumo pelos europeus, principalmente, os holandeses, e os cachimbos avermelhados (com maior teor de ferro e coloração variada de amarelo, marrom e vermelho), produzidos pelos colonos e indígenas (Shepard, 1981). No entanto, não podendo deixar de considerar a produção do cachimbo indígena (Faccio; Di Baco, 2009, p. 36-46; Panachuk; Carvalho, 2010, p. 57-74; Serrano, 1937, p. 3-42; Soares; Aquino, 2014) com tipologia diferenciada dos cachimbos avermelhados (dos colonos) e a produção de cachimbos avermelhados de cerâmica produzidos em Portugal, no século XVII (Oliveira, 2019, p. 67-74; Simão et al., 2020, p. 1761-1772).

A tese está estruturada em cinco partes: a primeira, apresentando as abordagens teóricas da Arqueologia histórica com destaques para as contribuições de cultura material, consumo e identidades; a segunda, expondo a sociedade e os segmentos sociais na Capitania de Pernambuco no século XVII, com ênfase na descrição da Capitania, da sociedade açucareira e os colonos e holandeses; a terceira, estabelecendo os dados e evidências: artefatos de fumar e cachimbos, com o consumo de drogas e ervas, ressaltando o uso do tabaco e dos artefatos de consumo dessas ervas, como também os cachimbos cerâmicos na colônia e na Europa; a quarta, exibindo as análises dos cachimbos e ressaltando o consumo, bem como a

² Referências de cachimbos branco de caulinita (ingleses e holandeses): Oswald, A. (1960, 1961, 1975); Oswald, A, 1969; Duco, 2003; Higgins, 2017; Hissa (2018, 2019, 2020, 2022a, 2022b).

identidade dos cachimbos na Capitania de Pernambuco, o estudo de coleções, descrevendo a classificação, as análises, a metodologia usada, os sítios e suas intervenções arqueológicas ocorridas em áreas de fortificações, áreas urbanas e engenhos da Capitania, com os contextos históricos e arqueológicos, seguindo com análises e síntese dos artefatos de cachimbos; na quinta parte, com Cachimbos e Identidades, revela os resultados das análises das coleções de cachimbos, com sua caracterização nos três tipos de sítios e a reconstituições das identidades dos cachimbos avermelhados e brancos, como também, a relação das identidades sociais com o consumo.

Ao final, apresentando as discussões relacionadas ao tema, as abordagens teóricas, ao problema inicial, aos objetivos alcançados, a hipótese trabalhada, as análises, os resultados e as conclusões reveladas, apontando para novas abordagens e investigações. E, por último, as referências citadas.

1.1 ABORDAGENS TEÓRICAS

A abordagem metodológica para o tema Consumo e Identidades na Capitania de Pernambuco no século XVII percorre a existência de cachimbos avermelhados (Barata, 1951; Hissa, 2022a,b) e brancos de caulinita (Oswald, 1960, 1969, 1975; 1969; Duco, 2003; Higgins, 2017; Hissa, 2018, 2022a, 2022b) em determinados sítios da Capitania de Pernambuco, no século XVII, podendo ser reveladas, através do seu consumo, por duas identidades sociais, como a dos colonos composta por gente convivendo há quase um século (de 1534 a 1630); e a dos holandeses, composta por invasores interessados nos negócios do açúcar no período de 1630 a 1654.

Num contexto de guerra, diante de hostilidades entre colonos e holandeses (Mello, 2010), acredita-se em escolhas e disponibilidades de consumo por específicos artefatos de fumar.

Assim, a pesquisa percorreu as abordagens teóricas, o contexto social da sociedade colonial de monocultura açucareira e escravocrata, o convívio de grupos sociais distintos, observando as identidades dos cachimbos através de seus atributos e da preferência pelo consumo dos artefatos de fumar avermelhados e brancos.

Para alcançar os objetivos quanto às abordagens teóricas multidisciplinares destacam-se a Arqueologia Histórica Processual, e a Interpretativa (Matthew, 2000; Wilkie, 2009), seguindo a constituição de duas identidades sociais (colonos da capitania de Pernambuco, e holandeses invasores), relacionadas ao consumo (Majewski; Schiffer, 2009; Dietler, 2010) de

cachimbos avermelhados e brancos, procedentes de intervenções em sítios arqueológicos da Capitania de Pernambuco no século XVII.

Consumo e identidades de cachimbos relacionando-os com identidades sociais, apresentado como tema central e pouco estudado no Brasil, conta com a contribuição de fontes documentais, cartografia, iconografia inseridas na Arqueologia Histórica, bem como, abordagens e conceituações de identidades sociais apontadas por sociólogos e antropólogos (Mello, 2010; White, 2009; King, 2014; Fowler, 2010).

Para as abordagens teóricas e conceituais, foi atribuída ênfase à cultura material (Hicks; Beaudry, 2010; Hicks, 2010) de produtos cerâmicos (Barker; Majewski, 2014; Shepard, 1985) e de cachimbos cerâmicos (Becker; Schimitz, 1969; Cooper, 1986; Duco, 2003; Higgins, 1981; Hissa, 2018; Oswald, 1969; Ott, 1944; Serrano, 1937). Utilizar coleções de artefatos de fumar com referências ao contexto da Amazônia, do Sul e do Sudeste brasileiro e da Europa com destaque para os acervos de Portugal, Turquia, Inglaterra e Países Baixos, servindo para nortear a classificação e a análise dos cachimbos resultantes de intervenções arqueológicas ocorridas em 11 sítios do território de Pernambuco, no século XVII e dentro do período de 1630 a 1654, ou próximos deles, antes ou depois.

A escolha dos 11 sítios citados ocorreu devido a três fatores: localização territorial posicionados na Capitania; aparecimento de artefatos de cachimbos; e ocupação dos grupos sociais em assentamentos urbanos e canavieiros.

A análise dos artefatos e a exposição dos resultados foram subsidiadas pelos relatórios depositados nos arquivos da Superintendência Regional do IPHAN/PE³ e das coleções oriundas de sítios urbanos, como do povoado do Recife, do século XVII, das atuais localidades, edificações ou sítios arqueológicos, denominados como: Lamarão, Bolsa de Valores, Pilar; Forte do Brum (no atual bairro do Recife); Forte das Cinco Pontas, na Ilha de Antônio Vaz (atuais bairros de Santo Antônio e de São José); Forte do Arraial do Bom Jesus (no atual bairro de Casa Amarela); em Olinda (nas ruas históricas e no Alto da Sé); na área canavieira ou de engenhos, como o Engenho Monjope, em Igarassu/PE (território da antiga Vila de Igaraçu); no Sítio do Campo, em Paulista/PE (antigo território rural e de engenhos de Olinda); Engenho da Madalena (um atual bairro do Recife) e o Forte de Santo Ignácio de Loyola, em Tamandaré/PE, território da antiga vila Formosa de Sirinhaém.

³ Relatórios do Arquivo Documental da Superintendência Regional do Instituto Histórico, Arqueológico Nacional, em Pernambuco (SR/IPHAN/PE).

Ainda assim, na escolha das amostras para as análises e classificação de cachimbos cerâmicos, agrupados, primeiro os artefatos com similaridades da coloração por consequência da queima. Para análise das cores cerâmicas seguiu a classificação do Sistema Munsell de Cores (Cleland, 1937).

Foi considerada uma classificação baseada na constituição morfológica de cachimbos estabelecida, como a de tipologia de cachimbos indígenas (Becker; Schimitz, 1969; Cooper, 1986; La Salvia; Brochado, 1989; Serrano, 1937), avermelhados (Barata, 1951; Hissa, 2018, 2022; Oliveira, 2019; Robinson, 1985) e brancos (Atkinson; Oswald, 1969; Baar; Duco, 2003; Oswald, 1960).

Além disso, os artefatos de cachimbos encontrados nas coleções foram escolhidos e analisados, considerando os seguintes agrupamentos: forninho com haste; só o forninho; só a haste; só o suporte do forninho para encaixe da haste. Devido à morfologia variada e ao pequeno número nas coleções, escolheu-se agrupar, separadamente, os cachimbos indígenas (Becker; Schimitz, 1969; Brochado, 1989; Cooper, 1986; La Salvia; Serrano 1937), depois, revelando um resultado preliminar.

Quanto às abordagens teóricas, abrangem cinco partes: Arqueologia histórica; Cultura material; Consumo; Identidades; e Colonialismo.

1.1.1 Arqueologia Histórica

A princípio, a pesquisa apresenta como tema central, cachimbos e identidades sociais na Capitania de Pernambuco no século XVII, ressaltando o período de 1630 até 1654, correspondente ao início e final da ocupação holandesa no território pernambucano.

Desde já, as abordagens são analisadas à luz da Arqueologia Histórica com abordagens Processual e Interpretativa. Consequentemente, elas terão contribuições históricas por meio da documentação escrita, cartografia e iconografia. Na Arqueologia, são considerados os contextos históricos do século XVII, as estruturas construtivas e os vestígios arqueológicos, destacando coleções de cachimbos de fabricação holandesa e “luso-brasileiro”, procedentes de sítios da Capitania.

Quanto à Arqueologia Histórica, apresenta-se com caráter multidisciplinar e científico, dialogando com diversas áreas do conhecimento, como a História, a Sociologia, a Antropologia, a Arquitetura e outras. Tais abordagens, se tornaram fundamentais para a compreensão do comportamento da sociedade e de seus grupos sociais, encontrando-se ligadas de forma umbilical às noções de identidade (Funari, 2007, p. 28; Najjar, 2005, p. 16-

17). No entanto, poderá contestar ou confirmar registros escritos, preencher lacunas e precisar locais de ocorrência de fatos históricos (Lima, 1989, p. 88-90).

Cachimbos se encontram inseridos no contexto da cultura material de consumo e na identidade social, mediante processo do colonialismo e da sociedade colonial, estabelecido na Capitania de Pernambuco do século XVII. No entanto, poderão ser discutidos a partir das abordagens da Arqueologia Histórica Interpretativa (Wilkie, 2009) e do consumo da cultura material, seguindo da visão teórica do consumo (Dietler, 2010).

Sem dúvida, a Arqueologia Histórica Processual e a Interpretativa se apresentam como ferramentas metodológicas pertinentes ao período histórico do documento escrito, revelando-se com dupla abordagem: reconhecendo o contexto histórico social em que viveram os materiais e as pessoas, bem como, os que elaboraram as interpretações arqueológicas. Contextualizam os materiais arqueológicos com a compreensão dos dados e do domínio de ampla contribuição da história social. Fazendo parte da Arqueologia Histórica, poderá preencher lacunas do registro histórico, observar indivíduos e grupos sociais usando a cultura material, navegar pelos contextos socioculturais e históricos (Wilkie, 2009, p. 333-338).

Nesse contexto, para a Arqueologia Processual, o estudo não poderá ser focado apenas no artefato, uma vez que, por si só, não diz nada do passado. Utilizando a Teoria de Médio Alcance, abordada por Lewis Binford, o estudo concebeu o objeto ou o artefato como um dado estático do presente, sendo necessário compreender e interpretar o passado dele, inserido e convivendo numa sociedade dinâmica (Matthew, 2018). Já, a Arqueologia Histórica Interpretativa procura iluminar textos e nuances da sociedade, em vez de procurar criar caracterizações gerais do passado, definindo-se através de quatro elementos: 1) sua importância pelas interpretações contextuais; 2) documentos históricos, cultura material e vestígios arqueológicos, pois são todos significativos no universo das evidências e utilizados para informar as vidas sociais do passado; 3) interpretações arqueológicas, por serem feitas do presente; e 4) informações arqueológicas, tornando-se acessíveis por meios e modos de publicações (Wilkie, 2009, p. 338).

1.1.2 Cultura Material

A cultura material é discutida como elemento cultural onipresente na nossa vida cotidiana, cercados por ela, sem dúvida, pouco pode-se fazer sem ela. No dia a dia, há o confronto com novos objetos e tecnologias, sendo usados pelas pessoas conscientemente na criação de múltiplas identidades. No entanto, necessário compreender e interpretar a cultura

material, porque ela é mais importante do que simplesmente identificar e classificar os objetos escavados. A partir da década de 1960, passou-se a compreender a cultura material como meio de estudar as pessoas e os vestígios materiais para interpretar o comportamento humano, utilizando-se de abordagens comportamentais da cultura material entendida como sendo objetos e, em certas medidas, como sendo manifestações vinculadas a sua materialidade. Além disso, relacionou-se a cultura material com atividade envolvida na construção de identidades sociais e valores comunitários, tendo o potencial de atuar como um “quase agente” na vida social cotidiana (Cohran; Beaudry, 2015, p. 191-196).

Para James Deetz (1968), a cultura material e artefatos eram quase sinônimos: “eles são produtos da tecnologia do homem” ou de “todas as coisas feitas pelo homem”. Do mesmo modo, são dados culturais que fornecem o conhecimento sobre a vida no passado. Pode ser compreendida como um segmento do ambiente físico do homem, moldado por ele. Entretanto, a cultura material vai além da cultura como dos anzóis, cereais, estatuetas e outros objetos como pás. Uma pá não escava sozinha, precisa de um escavador (Deetz, 1968, p.9-10) e, da mesma forma, o artefato de cachimbo foi fabricado para fumar, precisou de um fumante vinculado a uma sociedade e com uma vida cotidiana.

O estudo da cultura material poderá ser mais amplo e melhor delineada com a investigação das relações entre as pessoas e as coisas, independente de tempo e de espaço. Além do mais, antropólogos e arqueólogos como Daniel Miller (1998) expuseram os estudos da cultura material, delineando-a mais como um meio, do que como um fim, apontando áreas de estudo como o consumo, a paisagem, a arquitetura, o lar, o patrimônio, a arte e a cultura visual. No entanto, apontaram o consumo como elemento chave nos estudos de cultura material, porque encontra-se inserido no mundo do hedonismo ou do prazer. Exibiu a cultura material como elemento cultural para iluminar e interpretar as relações entre as pessoas e seus mundos materiais (Cohran; Beaudry, 2015, p. 197-204).

Dentro da cultura material, encontram-se identidades compreendidas com o termo relacionado à semelhança de caráter partilhado, na forma como eram idênticos e distintos de qualquer grupo social. Encontra-se concebido no relacionamento de semelhanças e diferenças por meio da interação social, podendo ser evidenciado entre grupos étnicos, nação e, até, pelo tipo social (Fowler, 2010, p.1-2).

Os cachimbos situam-se no mundo da cultura material, do consumo e do contexto produtivo das cerâmicas. Os vasos cerâmicos revelaram diversas formas e funcionalidades,

enquanto os cachimbos cerâmicos, do mesmo modo com variedades morfológicas, produzidos para servirem de instrumento de fumar (Hissa, 2018, 2020; Shepard, 1985).

A cultura material encontra-se geralmente relacionada com os artefatos e pode fornecer informações sobre as sociedades. O termo moderno de cultura material encontra-se vinculada ao fenômeno da modernidade e do consumismo. O consumo passou a ser entendido como sendo o complexo de tecnologia, organização e ideologias que facilitam a produção em massa e, da mesma forma, a distribuição e o consumo de bens (Majewski; Schiffer, 2009, p. 191-192).

1.1.3 Consumo

Presume-se que os cachimbos arqueológicos tenham sido usados para consumir tabaco e uma variedade de outras plantas usadas por grupos nativos da América, África, Ásia e Oceania (Duval, 2017; Phillips, 2016; Walker, 1984). No entanto, o uso dessas plantas pode ser inserido no mundo da cultura material e do consumo entre os mais diversos grupos sociais nativos antes do contato com os europeus e do período da colonização.

O consumo revela-se através de uma relação enquadrada na cultura material e abordada pela arqueologia do mundo moderno, no qual concebeu a cultura material como artefatos, fornecendo informações sobre as sociedades para explicar seus estudos comparativos, diferenças e semelhanças nas sociedades de consumo e nas suas trajetórias. Na arqueologia do consumo, questiona-se: de que forma as pessoas empregaram artefatos, criando significados e definindo suas próprias identidades? Quais ideologias justificaram esse estilo de vida e sua preferência ou disponibilidade para o consumo? Uma resposta poderá ser dada através da cerâmica histórica. Além de ser abundante em depósitos arqueológicos, foi a primeira ferramenta a estabelecer cronologias. A função do sítio serviu para revelar informações comportamentais como status, etnia e hábitos alimentares. Ao mesmo tempo, frágeis e duráveis, reúnem informações da arte decorativa e da história econômica. O cachimbo cerâmico recolhido em determinados espaços e com atributos pode revelar o estilo de vida, sua preferência, disponibilidade e acesso pelo consumo (Majewski; Schiffer, 2009, p.191-196).

No universo do consumo, observa-se a procura pelo hedonismo ou pelo prazer e a busca pelas sensações. Nas sociedades tradicionais, aplicava-se apenas ao grupo rico da elite, cuja satisfação geral era não passar fome nem faltar abrigo, encontrando experiências muito particulares em comer, beber etc. No hedonismo moderno, o prazer poderia ser encontrado

em qualquer uma ou em todas as experiências, sendo a experiência da vida, a sede do prazer (Corrigan, 1997, p. 15).

O consumo ocorreu entre todos os grupos sociais e todas as culturas humanas. Onde havia a produção de subsistência, ocorreu o consumo de subsistência, pois tudo que era produzido era consumido, sem deixar restos, como roupas, alimentos, passando a ser denominada de sociedade minimalista. O consumo ancorou na economia e a Inglaterra, com sua prosperidade no século XVIII, abriu o mundo dos produtos da moda, surgindo a sociedade de consumo considerado de massa. O luxo passou a ser o caminho para o prazer e não mero conforto, não seguindo a teoria do consumidor, “você é o que compra ou o que consome”. Os antropólogos Douglas e Isherwood consideram os indivíduos e os grupos sociais como uma forma de expressão do consumo, tornando visíveis e estáveis as categorias de cultura. Dessa forma, as mercadorias tornaram-se um meio simbólico de comunicação com os outros (Paterson, 2006, p. 1-14, 34).

A capacidade de escolher um produto dentre vários, baseia-se no julgamento de gosto, sentido de classe, origem e identidade cultural. Portanto, deriva da nossa origem familiar e da forma como fomos socializados. A escolha do produto é o mecanismo de expressão de identidade. O estilo de vida tem uma ligação com o consumo, pelo menos, em parte, porque define quem somos, através do que compramos, e, na sociedade moderna, a publicidade tem sido descrita como a poesia do capitalismo. Ela constrói produtos na mente dos consumidores (Paterson, 2006, p. 37). A quantidade de artefatos num sítio arqueológico poderá indicar a escolha ou a disponibilidade para o consumo desses produtos por determinados grupos sociais que ocuparam o espaço. Também pode ter sido o mesmo tipo de produto, por exemplo, o cachimbo avermelhado, consumido por distintos grupos sociais, como de colonos e de holandeses.

Consumidores têm uma posição social, quanto ao “estilo de vida” como um conjunto de marcadores posicionais definem um grupo social e que marcam a diferença com outros grupos sociais, com diferentes estilos de vida, através da utilização e exposição de bens de consumo (exemplo dos alimentos, roupas, tapetes etc.) e bens culturais (arte, música). O estudo de Pierre Bourdieu, com relação a “gosto” e “estilo de vida”, pode ser resumido em três aspectos: gosto, como uma busca de distinção com relação a outros grupos sociais, a classe e o agrupamento social; ser já estruturado com a forma de consumo; e o menos provável, escolher fora do grupo, apropriado por hábitos (Paterson, 2006, p. 39-48).

As sociedades de consumo encontram-se divididas em dois modelos: a tradicional, e a moderna. Nas sociedades tradicionais prevaleciam padrões específicos de consumo “adequado”, bastante fixo, havendo um número finito de necessidades e satisfação, encontrando-se numa esfera bastante restrita. Os camponeses tradicionais consumiam dentro de suas fronteiras. Em oposição, as sociedades modernas caracterizavam-se pela ampliação do consumo, fora da fronteira, adquirindo uma orientação geral para o consumo, onde a família passou a ser a unidade básica de consumo e o indivíduo sendo a unidade consumidora (Corrigan, 1997, p. 4-14). No geral, o consumo encontrava-se ligado à vida cotidiana e aos prazeres das compras: compro, logo existo (Paterson, 2006, p. ix). Consequentemente, apareceu o consumismo, entendido como comportamento que ia muito além da simples aquisição de mercadorias, como a relação cultural entre humanos e bens de serviços de consumo (Majewski; Schiffer, 2009, p. 194).

Quanto às mercadorias, foram vistas por Karl Marx como fetichistas. O fetiche esconde o fato de que são, na realidade, os produtos do trabalho humano. Revela o gosto por mercadorias exóticas e diferentes, enquanto o consumidor concebeu a mercadoria, através dos seus signos e seus valores simbólicos. Também, na mercadoria, revela-se pelo caráter misterioso da forma, consistente no fato de que ela reflete as características sociais e a relação do produtor e o produto. Certas mercadorias em grande medida, moldam a forma como somos vistos e como desejamos ser vistos. Dessa forma, o consumo posicional, discutida por Pierre Bourdieu (1983) relacionou as mercadorias utilizadas como marcadores de posição social, no qual, os consumidores definiam sua posição social relativa aos outros consumidores (Corrigan, 1997, p. 33; Paterson, 2006, p. 10-48).

Na sociedade moderna surgiu um fenômeno, o mais importante de todo o consumismo: a moda. A moda é um produto de distinção de classe. Os grupos sociais inferiores passaram a imitar as práticas de consumo e do grupo social superior (Paterson, 2006, p. 23). No final do século XVI e início do século XVII, a rainha Elisabeth imprimiu aos seus súditos a estarem na moda, exibindo roupas e itens novos. Também, neste período, ocorreu a expansão das redes comerciais em todo o mundo e o cultivo de mercadorias como o tabaco e as especiarias (Paterson, 2006, p. 13).

A investigação referente ao consumo estimulou uma apreciação do significado simbólico do mundo material e um novo foco analítico no uso de objetos na construção da identidade e nas políticas da vida cotidiana (Dietler, 2010, p. 17).

Em um ambiente urbano, encontrava-se a afirmação da individualidade e o sentido de identidade, através de padrões de consumo. O sentido de identidade pode ser visto através de adornar o corpo com as roupas e decorações, como também, de beber e comer de forma interpretável (Paterson, 2006. p. 21).

A identidade cultural relaciona com as noções de gosto, estilo de vida e hábitos (Paterson, 2006. p. 37). Frequentemente, a cultura se consome e se reinventa pelo axioma: ter é ser? Por ato de consumo e por necessidade, os bens materiais passaram a significar identidades, pelo menos para a sociedade moderna. Os bens materiais forneceram informações sobre a identidade de outras pessoas. No entanto, uma identidade poderá ser alterada ou mudada, conforme se deseje. Uma das principais formas de estabelecer e manter, tanto a autoidentidade, como a identidade social, pode ser vista através do consumo de bens e de serviços específicos (Paterson, 2006, p. 50-55).

O consumo molda a identidade e as pessoas não podem ser totalmente separadas daquilo que consomem, principalmente, na cultura do consumo. Além disso, serviu para orientar a energia da identidade coletiva ou da rebelião nas escolhas de estilo de vida (Rey; Ritzer, 2021, p. 445-447).

O artefato de cachimbo poderá ser inserido na cultura material e no produto de consumo da sociedade colonial porque compreende uma prática social de matéria envolvida na utilização de objetos em oposição a sua produção ou distribuição. O referido consumo está concebido, não apenas como simples satisfação de necessidade utilitária de produção, mas, pelo contrário, apresentou-se como um processo de construção simbólica de identidade e de relações políticas com importantes consequências materiais, ressaltando a construção da cultura através dele. A relação de consumo, com a adoção de bens e práticas estrangeiras, não resulta necessariamente em “desaculturação”. O consumo de bens e as práticas não seguiram apenas numa direção. Por isso, é necessário comparar em todos os contextos, uma vez que, sua investigação estimulou uma apreciação do significado simbólico do mundo material e um novo foco analítico no uso de objetos na construção da identidade e nas políticas da vida cotidiana (Dietler, 2010, p. 1-17).

1.1.4 Identidades

A identidade foi abordada pela arqueóloga Siân Jones (2003) como elemento cultural vinculado ao território e aos grupos sociais ligados a etnicidade. Ressaltou a intenção de revelar identidades étnicas, através de objetos ou de monumentos. Seguiu o princípio de que

as áreas arqueológicas refletiam os povos e os grupos étnicos do passado. No entanto, acreditava que não poderia negar o modo de vida humana, variando, de acordo com o espaço e o tempo, que se manifestava de outra forma ou através da cultura material. A etnicidade se relacionava com a cultura material. A sua construção ocorria por agentes sociais que moldavam e que poderiam observar as semelhanças através dos seus hábitos, sendo capazes de reconhecer o sentimento e o interesse social. Por isso, a identidade étnica envolvia práticas culturais, observadas pelos hábitos, entendido como sendo uma construção de comportamentos no significado das diferenças e em oposição aos outros. As identidades forneciam similaridades e permitia a compreensão das diferenças nas manifestações da etnicidade. Buscava reavaliar a relação entre os objetos da cultura material e a etnicidade, pois, eram produzidas em contextos específicos e caracterizado pela relação de poder (Jones, 2003).

Quanto ao papel da cultura material na luta pela vinculação com a identidade, parte-se da premissa principal de que as coisas (entende-se por objetos materiais) incorporavam as ideias culturais, que as identidades foram moldadas à medida em que produziam, experimentavam, trocavam e consumiam esses objetos. As identidades sendo produzidas, a partir das interações contínuas entre as pessoas e os objetos materiais, e não apenas, entre diferentes grupos de pessoas. Quanto à materialidade, relevou um substantivo abstrato para denotar a combinação distinta de propriedade de qualquer coisa como um colar, uma praia e, portanto, todo o mundo material, porque a existência humana se encontra inserida num mundo material (Fowler, p. 2010, p. 8-30).

Identidade está concebida com o termo relacionado ao pertencimento a uma categoria, seguindo com normas do grupo (Stets; Serpe, 2013, p. 55). Anthony Giddens estabeleceu termos diversos para designar identidade. Um deles definiu como características do caráter de uma pessoa ou de um grupo social que se relaciona entre si e o que é significativo para eles. Aponta para um marcador, por exemplo, o seu nome e o do grupo social (Giddens, 2012, p. 798).

As identidades, em suas abordagens, apresentam-se de variadas formas. Não são estáticas e suas mudanças ocorrem em termos de seus significados, evoluindo ao longo do tempo, sempre representadas dentro de um contexto (Serpe, 2013, p. 56; Stets; Burke, 1999). Pessoas interagiam em situações comuns. Houve a manutenção da identidade por cada um e o compromisso de um com o outro, começando a se verem como grupo, uma nova estrutura

social. Quando perceberam dificuldades em suas identidades, os laços podiam ser rompidos, dissolvendo suas estruturas (Stets; Burke, 2000. p. 290).

Sendo assim, a alteração ou mudança de uma identidade poderá ser observada quando os significados de uma identidade mudam ao longo do tempo. Na Teoria de Identidade, supõe-se a mudança da identidade contínua e muito gradual. Discutem-se três maneiras pelas quais as identidades mudam: 1) pela mudança nos significados; 2) quando as identidades múltiplas entram em conflito; 3) com as modificações dos significados de identidades e de comportamento (Stets; Serpe, 2013, p. 48).

Nesse contexto e mesmo na sua época, as pessoas possuem muitas identidades, vivendo na interação social e inseridos numa sociedade. Podem ser entendidas como um conjunto de significações compartilhadas com papéis específicos que os indivíduos ocupam na estrutura social, nas identidades de papéis, nos grupos quando se identificam e pertencem (com a identidade de grupo) e com as maneiras pelas quais eles se veem (nas identidades pessoais). Os indivíduos possuem múltiplas identidades, porque as pessoas possuem múltiplos “eus”, cada um diferente por pessoa e cada um de forma particular (Stets; Serpe, 2013, p. 31, 34-36). Entre os grupos sociais, podem surgir múltiplas identidades. Consequentemente, competições ou conflitos de identidades possivelmente ocorrerão (Stets, Burke; Peter 2000. p. 290). Portanto, as múltiplas identidades poderão ser abordadas quanto aos aspectos social, étnico e cultural.

A identidade social surgiu, a partir do comportamento do grupo, dependendo dos efeitos psicológicos da categorização na percepção e na definição individual. As percepções são influenciadas pelas categorias impostas por atores e agentes externos (Araújo, 2015).

O termo identidade tem sido associado à palavra etnia para gerar identidade étnica. Revela-se com o sentido de um sujeito único e com o reconhecimento individual dessa exclusividade (Brandão, 1986, p. 36-37). Porém, para Friedrik Barth (1969) etnicidade são fronteiras entre grupos onde criam e recriam as identidades étnicas. Não são fixas, pelo contrário, são mutáveis, dependendo de uma variedade de fatores sociais, econômicos e políticos. Para compreender a natureza de um grupo étnico, essencial o seu ponto de vista, devendo se aproximar da identidade. No entanto, alguns negam a existência da etnicidade étnica nas sociedades pré-modernas, conferida pelo vestuário, pintura, números de adornos (Ruibal; Xurxo, 2018, p. 461-465).

Sendo assim, toda identidade é uma construção simbólica. Não existe uma identidade autêntica, mas uma pluralidade de identidades, construídas por diferentes grupos sociais, em

diferentes momentos históricos (Ortiz, 2006, p. 8). As identidades sociais encontram-se também inseridas no sistema colonial europeu do século XVII.

1.1.5 Colonialismo

A Capitania de Pernambuco esteve inserida no sistema colonial europeu e o termo colônia foi designado por Kurt A. Jordan (2009) como sendo um assentamento implantado e estabelecido por uma sociedade em um território desabitado ou de outra sociedade. Por colonização, entendeu-se um processo de estabelecimento de colônias com impactos entre os colonos e povos colonizados, como os indígenas, envolvendo relações de dominação, relações políticas e econômicas entre grupos sociais distintos dominantes e subordinados (Jordan, 2009). No entanto, nem sempre as relações eram de subordinação, mas com estabelecimentos de negociações, acordos e alianças, até de respeito e igualdade, como ocorridos entre holandeses e grupos indígenas Tapuias (Mello, 2002, 2007). As populações locais tiveram uma relativa autonomia e se discutia a afirmação de uma nova identidade entre os colonizados. A referida autonomia pode ser observada na documentação escrita e em evidências arqueológicas, já que os habitantes estabelecidos desenvolveram uma identidade partilhada, transcendente as suas múltiplas origens, evidenciando uma homogeneização material na população colonial, conseqüentemente, promovendo o surgimento de identidades regionais (Jordan, 2009, p. 31-43).

Nesse contexto, o colonialismo na América teve sua origem no século XVI. Sua expansão foi forçada, devido ao sistema intercontinental de Estado-Nação e ao capitalismo nascente, a partir de 1450, quando Portugal tomou o porto de Ceuta no norte da África. Logo depois, outras nações europeias seguiram os passos dos portugueses, realizando a exploração e a colonização quase global dos povos nativos, como os indígenas da América (Jordan, 2009, p. 31-43).

No século XVI, a Coroa Portuguesa resolveu colonizar a América portuguesa, implantando o sistema de capitanias hereditárias. Daí, surgiram sociedades com povoados, vilas e engenhos, fábricas de açúcar, utilizando a mão de obra local como escrava e depois a dos negros africanos (Ferlini, 1988).

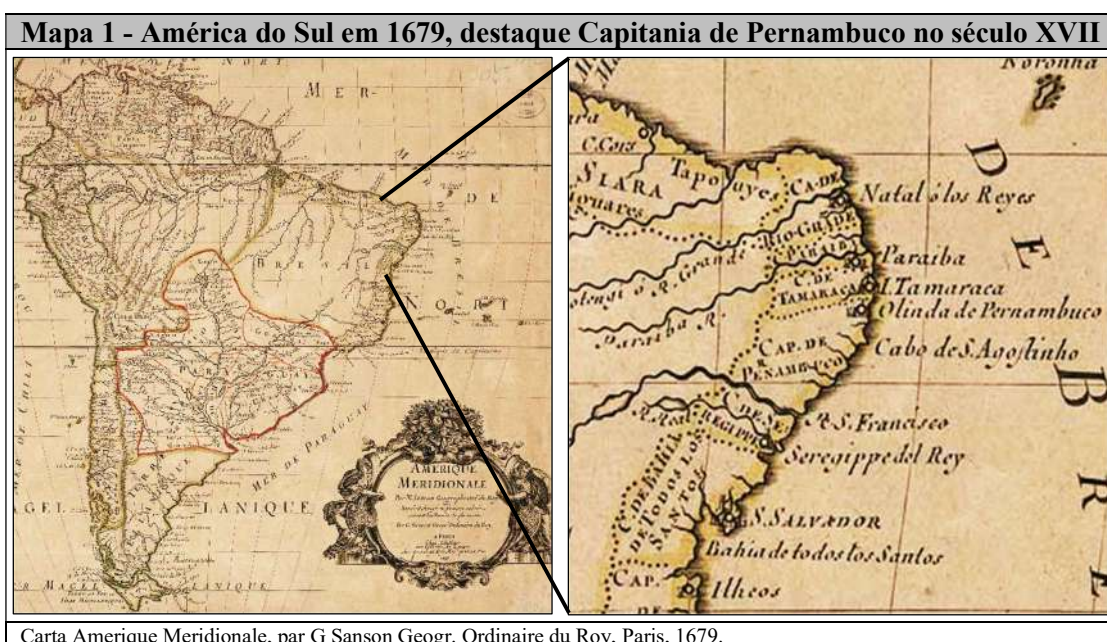
2 A SOCIEDADE NA CAPITANIA DE PERNAMBUCO NO SÉCULO XVII

No século XVII, Pernambuco encontrava-se inserido no sistema comercial e de colonização europeia, com a implantação de uma sociedade agrária, açucareira e escravocrata. Conviveu com grupos sociais e gentes distintas, descritos a seguir, ressaltando o território da Capitania de Pernambuco com seus colonos e, depois, coexistindo com os holandeses.

2.1 A CAPITANIA DE PERNAMBUCO

Primeiramente, baseando-se em mapas, manuscritos e documentos escritos, como o Farol de Olinda, Valéria Oliveira (2011) percorreu a origem da Capitania de Pernambuco e o processo evolutivo de ocupação territorial, exibindo a distribuição de lotes de terras (denominadas de sesmarias), dando origem à implantação de engenhos e, conseqüentemente, promovendo o surgimento de núcleos urbanos e fortificações. Noutro documento, como a Carta de Doação emitida pela Coroa Portuguesa e entregue a Duarte Coelho, donatário da Capitania, datada de 10 de março de 1534, Pernambuco contava com sessenta léguas de terras na costa do Brasil, estabelecendo limites ao sul com o Rio São Francisco, seguindo até o Canal de Santa Cruz, ao norte, fronteira com a Ilha de Itamaracá (Oliveira, 2011, p. 26-27).

Conforme o Mapa 1 abaixo, *Amerique Meridionale* de 1679, pode ser visto o espaço territorial da Capitania Pernambuco no século XVII.



Fonte: Adaptado de Sanson (1679).

Para a proteção desse território, depois que Portugal deu ciência ao 'mundo' de sua descoberta do outro lado do Atlântico, haveria de se preocupar com a defesa daquelas novas terras, mesmo tendo suas atenções voltadas para o lucrativo comércio do hemisfério norte, não podia descuidar do que acontecia nas terras de Santa Cruz, porque havia sempre a esperança de conseguir ouro ou mesmo prata. Ao mesmo tempo, existiam outros interessados nas terras, como aventureiros de outras bandeiras, piratas e corsários. Para ter a posse do território, iniciou com a fundação de feitorias de pau-brasil, instalando próximos do comércio com os nativos. Entretanto, não garantia a Portugal a exclusividade do comércio com os nativos. Depois, quando adotou o regime de Capitania atribuiu ao governante a defesa e em Pernambuco, uma das primeiras Capitanias a ser povoada, não foi diferente (Albuquerque, 1999, p. 12).

No início da colonização, defendiam-se as vilas com cercas de pau a pique e pequenos fortes com simples baterias, instaladas em plataformas, ao longo da cerca. Preocupavam-se sobre o modo de defesa nos portos, ao longo do litoral, nas barras dos rios que davam acesso a produção de açúcar e dos engenhos. O sistema de defesa em Pernambuco seguiu duas linhas: a primeira, determinava os pontos a serem fortificados e, a outra, o tipo de obra de defesa. Para as obras de construção utilizavam uma classificação diferente e denominações como forte, fortim, trincheira, ou mesmo, fortaleza (Albuquerque, 1999, p. 15-16).

2.2 A SOCIEDADE PERNAMBUCANA E OS COLONOS NO SÉCULO XVII

Desde 1534, com a chegada de Duarte Coelho, donatário da Capitania, foi estabelecida uma sociedade colonial portuguesa com núcleos urbanos e engenhos. Vera Ferlini (1988) destacou o contexto dessa sociedade colonial no Brasil, consolidado através da economia do açúcar sob marcas de ferro e fogo, decorrentes da colonização europeia, do estigma do trabalho escravo e tirania do mercado externo, permanecendo com a escravidão ditada pelo latifúndio. Nesse espaço, o lucro e o investimento não eram primordiais. O mais importante era a posse da terra e dos escravos, símbolos e conteúdo da aristocracia rural, que estabeleceu uma sociedade denominada de “civilização do açúcar”. Destaque para as articulações sociais, a composição étnica, os padrões culturais, as relações de trabalho e de poder, forjadas em torno dos engenhos e das lavouras de cana. Mesmo sofrendo modificações, em linhas gerais, marcadas pela produção açucareira, tal civilização permaneceu como centro da estrutura social (Ferlini, 1988, p. 7-95).

Dessa forma, a razão de ser da colônia convergia para a exportação do açúcar. Em torno dela, desenvolveu atividades que forneciam produtos de subsistência, provendo o comércio local e o escambo de escravos (Ferlini, 1988, p. 24-25). Quanto aos núcleos urbanos, destacavam a formação de vilas, como Olinda e Recife, a defesa do território, a repartição de terras, o trato com indígenas e as relações entre várias categorias, incluindo a complexa produção do açúcar com a dominação portuguesa (Ferlini, 1988, p. 27-28) e depois com a holandesa entre os anos de 1630 a 1654.

A razão de ser da colônia, no século XVII, encontrava-se na exportação do açúcar e nela havia uma sociedade constituída por grupos sociais, como a elite açucareira, composta por senhores de engenhos, lavradores de cana e negociantes de açúcar, além de trabalhadores livres, assalariados, gente pobre, índios, escravos africanos e afrodescendentes (Ferlini, 1988, p. 7-25).

A elite açucareira se transformou em um grupo social que dominou a cena política da sociedade colonial, através das câmaras das vilas, como a de Olinda. Participou de uma luta de representações para definir seu domínio sobre o cenário cultural, possuindo vantagens visíveis em relação às normas culturais impostas pela Igreja e o Estado. Desde o século XVI ocupava, principalmente, a vila de Olinda e povoados, como Igarassu, Sirinhaém, Cabo, Porto Calvo, Alagoas do Sul e Penedo. Nas referidas localidades, a elite açucareira exercia seu poder sobre a sociedade, impondo suas normas culturais, a partir das câmaras, como também, através da igreja com suas prestigiadas confrarias das Irmandades (Silva, 2008, p. 1006-1007).

Nesse contexto, a estrutura social açucareira era formada por grupos livres, escravos e homens abastardos denominados de colonos, que se dividiam entre militares, civis, religiosos, elite açucareira e uma massa de gente livre composta por funcionários subalternos, soldados burocráticos, pequenos comerciantes, taberneiros, vendedores, artesãos e, por último, os escravos. As vilas açucareiras dispunham de repertórios sociais ligados aos engenhos, mas, também, outros eminentemente urbanos, como: mercadores, sapateiros, alfaiates, barbeiros, pedreiros, pintores, mestres-escolas. Nos engenhos, encontravam-se grupos compostos por feitores, carpinteiros, torneiros, purgadores, ferreiros, mestres de açúcar, vaqueiros, soleiros, oleiros e mestres de fazer engenhos. Era possível haver mercadores, tanto nos núcleos urbanos, como nos engenhos. No século XVII, entre os colonos, encontram-se homens de cor (pretos) livres que atuavam, principalmente, como estivadores, marinheiros e trabalhadores de obras públicas. Pretos e pardos ocupavam profissões liberais do serviço público e eram mestres em artes mecânicas, como por exemplo, ourives, escultores, entalhadeiros, pedreiros,

alfaiates, marceneiros e pintores; e os escravos, um degrau abaixo dos pobres livres (Silva, 2008, p. 220-225).

Homens abastados correspondiam à nobreza da terra e à aristocracia açucareira. Donos de engenhos e comerciantes portugueses com grandes fortunas viviam em ostentação nas vilas e construíam, além do seu casario, mosteiros, igrejas e conventos. Havia também a elite do poder colonial, composta pelos governadores, bispos e os militares de altas patentes (Nascimento, 2008, p. 179-180).

Devido à riqueza promovida pelo açúcar e aos ataques de corsários e de indígenas, fortificações foram construídas com vistas às guerras ou para impedir investidas, com paredes elevadas, conforme as existentes no Forte de São Jorge, no Recife. Ao fortificar o Recife, Waerdenbuch, comandante holandês, observou grande obstáculo para a construção, devido à pouca quantidade de cal e pedra, nada além do que areia e molhos de lenhas. Até 1630, os fortes tinham sido inicialmente erguidos pelos portugueses. Depois, foram ocupados e construídos pelos holandeses, como o do Ernesto, no local do Convento Franciscano (na Ilha de Antônio Vaz, localizado no atual bairro de Santo Antônio), o do Brum, do Buraco⁴ (Domina Brunonis) e o das Cinco Pontas. Sendo, a posteriore, reconstruídos pelos luso-brasileiros após o período da restauração (Lago, 2010; Mello, 2007, p. 276-278).

Os engenhos

A economia açucareira teve sua fase inicial na expansão colonial do Atlântico, desde a implantação das primeiras fábricas de açúcar nas ilhas dos arquipélagos da Madeira e das Canárias, do final do século XV, até meados do século XVII (Mello, 2012, p. 9).

O açúcar brasileiro passou a ser, não apenas, um negócio holandês, mas uma atividade controlada pelos judeus sefarditas da península Ibérica. Depois, eles se estabeleceram em Amsterdã e região, devido à perseguição do Santo Ofício. Com a trégua de 12 anos (1609 a 1621) na guerra hispano-neerlandesa, intensificou-se o comércio do açúcar, suprimindo, nada mais que 29 refinarias de açúcar na Holanda (Mello, 2010, p. 11).

⁴ Forte do Buraco - Fortificação construída pelos holandeses, para a defesa da barra litorânea a partir de 1630, entre Olinda e Recife, provavelmente no local onde teria existido o Forte de São Jorge Velho. Seu nome original, consta na cartografia holandesa como Domina Brunonis, atribuído em homenagem à esposa de Bruyn e (presidente do Conselho holandês). Em 1654, ocupada pelos portugueses e depois denominada de Fortaleza de Santo Antônio do Buraco (Albuquerque, 1999, p.77; Miranda, 2011, p.4).

O litoral brasileiro possuía pequenos cursos de água que lançavam ao mar após banhar extensos vales. Por isso, os engenhos de cana se instalaram nas regiões ribeirinhas, servindo como transporte do açúcar e no abastecimento de suas fábricas. Em 1630, na área entre os rios Potengi, ao norte, e o São Francisco, ao sul, existiam 162 engenhos, dos quais, 149 produziam açúcar, sendo a área mais importante de produção açucareira do mundo, com fabricação de 659 mil toneladas de açúcar ou 33 mil caixas. A Capitania de Pernambuco, com 50 léguas de costa, partindo da Ilha de Itamaracá até o rio São Francisco, possuía engenhos de açúcar, lavouras de mantimentos, couro de gado vacum, cabras, ovelhas, porcos, muitas aves domésticas e diversos gêneros de frutos (Mello, 2010, p. 32-43).

Em 1585, existiam em Pernambuco 66 engenhos, e muitos eram mencionados pelo nome do dono, da freguesia do situado engenho, como também, eram designados por “fazendas” ou “terras”. A palavra engenho denotava o conjunto de fábricas e do fundo territorial. Em 1593, a fábrica era conhecida como “moita”, casa de moenda, caldeira ou de purgar. Os termos “fazenda” e “terra” correspondiam ao fundo territorial, daí as expressões: “engenho da fazenda”, o “purgador do engenho” (Mello, 2012, p. 11-12).

Em Pernambuco, no século XVII, a Várzea do Capibaribe era o principal sistema açucareiro de toda a região, apesar de as primeiras fábricas terem sido construídas em meados do século XVI na vizinha várzea do Beberibe e Igarassu (Mello, 2012, p. 12-14).

A produção de açúcar em Pernambuco, nos séculos XVI e XVII, evidenciou através de relatórios elaborados de quinze em quinze anos, um quantitativo crescente de engenhos em Pernambuco, apontando a existência de 5 engenhos, em 1549, evoluindo, em 1630, para 162 engenhos que juntos produziam anualmente mais de 60 mil caixas de açúcar (Mello, 2010, p. 52). A evolução numérica das Capitanias do Nordeste do Brasil pode ser vista nas Tabelas 1 e 2.

Tabela 1 - Engenhos na Capitania de Pernambuco: período de 1585 a 1655

Ano	1549	1585	1612	1630	1655
Quantidade de Engenhos	5	66	90	162	109

Fonte: Mello (2012).

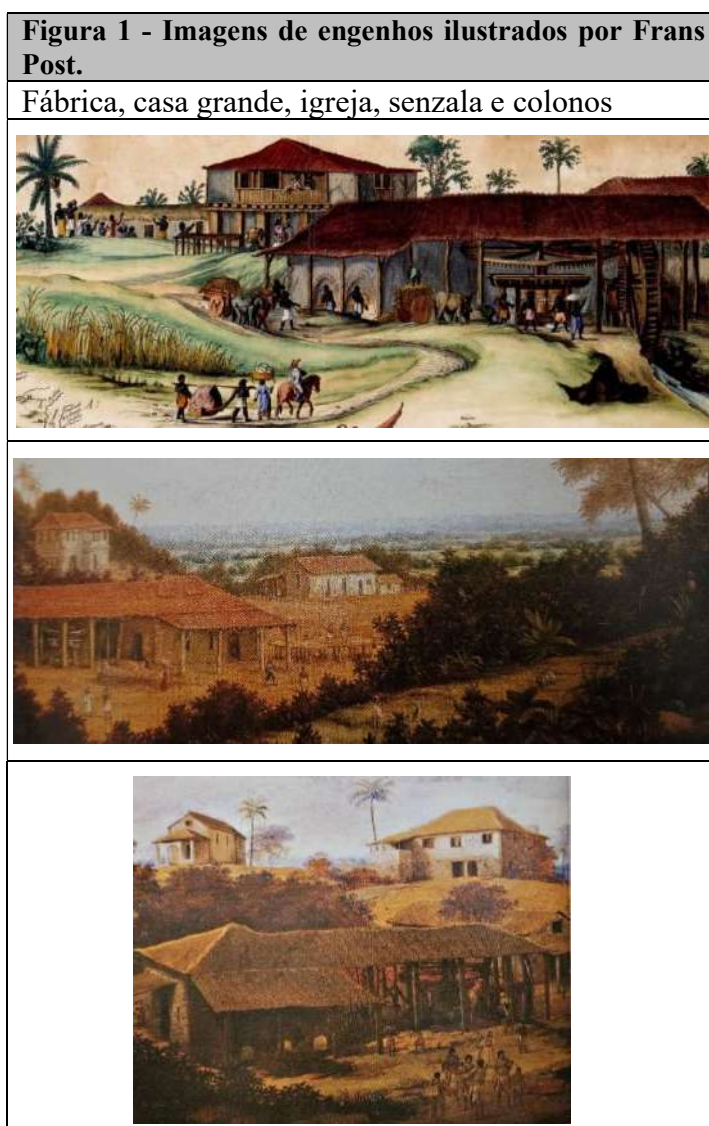
Tabela 2 - Engenhos nas quatro Capitanias: período de 1585 a 1637

Capitanias/Anos	1612	1609	1623	1630	1634	137
Pernambuco, Itamaracá Paraíba e Rio Grande do Norte	113	81	137	162	Mais de 150	166

Fonte: Mello (2012).

A vida dos colonos em engenhos de Pernambuco e do Nordeste do Brasil no século XVII foi ilustrada por pintores como Albert Eckhout e Frans Post, como na figura 1. Ambos chegaram ao Brasil com a comitiva do Conde Maurício de Nassau, em 1637, e retornaram à Europa em 1644, com Nassau. Durante a estadia no Brasil, produziam diversos quadros com pinturas a óleo, retratando gente do Brasil, indígenas, portugueses e afrodescendentes, incluindo paisagens da colônia, imagens do cotidiano dos colonos, de núcleos urbanos, de fortificações e da fauna e flora locais (Eckhout, 2010; Lago, 2010).

A seguir, imagem de equipamentos (fábrica, igreja, casa grande, senzala) e colonos (Figura 1).



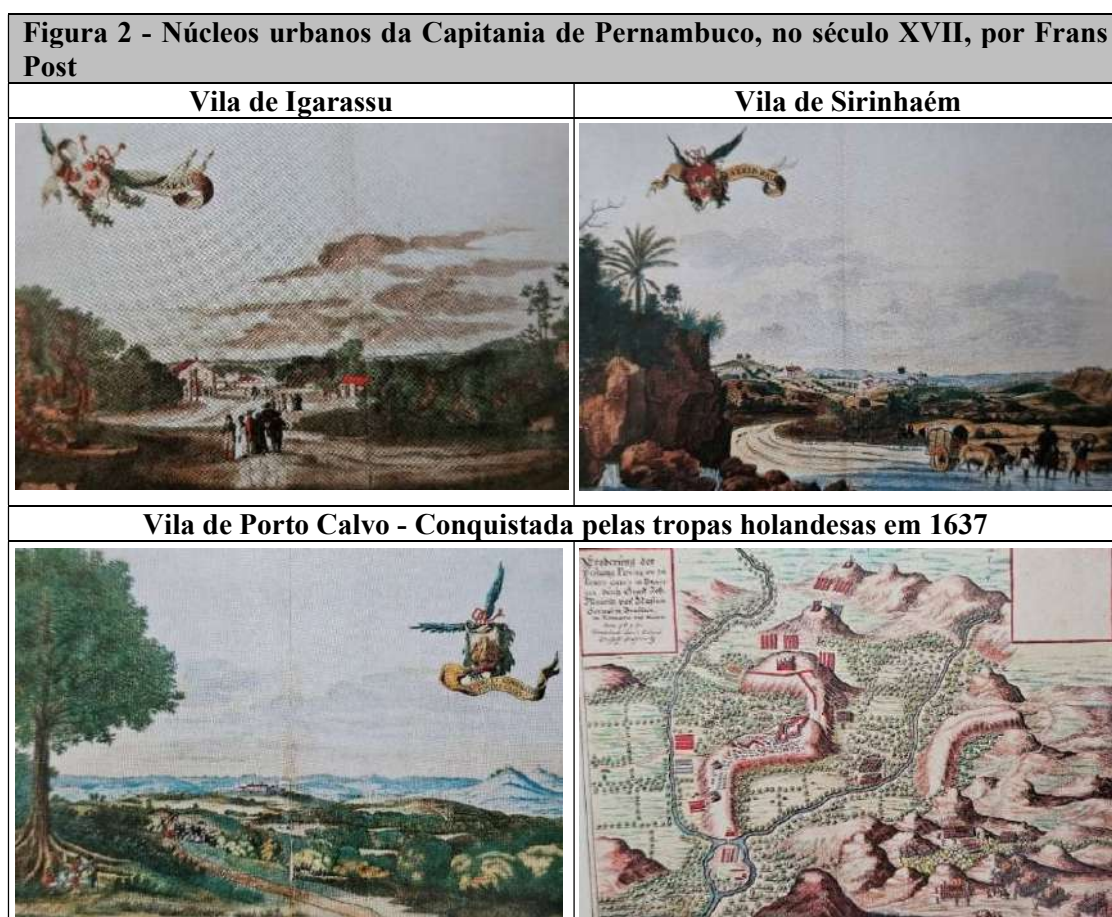
Fonte: Adaptação de Lago (2010)

Os núcleos urbanos de Pernambuco

Nos espaços urbanos existiam, entre gente diversa, diretores de firmas da Europa, burgueses, comerciantes ricos, donos de sobrados e negociantes de escravos, dos quais dependiam os senhores de engenhos. Além de gente abastada, haviam os ferreiros, carpinteiros, alfaiates, pedreiros que viviam de salários e moravam em casas de terreiros de tábuas (Mello, 2002, p. 125).

Em 1630, os principais núcleos urbanos da Capitania de Pernambuco encontravam-se próximos do litoral, destacando as vilas de Olinda e de Igarassu, os povoados do Recife, Vila Famosa, Sirinhaém e Porto Calvo, Alagoas do Sul e Penedo (Mello, 2010).

As figuras 2 e 3 ilustram núcleos urbanos das referidas localidades no período.



Fonte: Adaptado de Lago (2010).



Fonte: Adaptado de Lago (2010).

A Vila de Olinda

De acordo com relatos, em “Diálogos das grandezas do Brasil”, Ambrósio Fernandes Brandão descreveu a vila de Olinda como sendo um local habitado por inúmeros mercadores, com mercadorias de muitos preços, e de tantas qualidades que se assemelhava a uma Lisboa pequena. A vila era grande, povoada por bons edifícios e famosos templos de padres da Companhia de Jesus, da Ordem de São Francisco, da Ordem dos Capuchinhos de Santo Antônio, o mosteiro Carmelita de São Bento e o mosteiro de Freiras. Seria capaz de toda a Capitania de Pernambuco recrutar 6 mil homens, armados com oitocentos cavalos, gente nobre e bons cavaleiros (Mello, 2010, p. 43).

O Frei Manuel Calado do Salvador vivia em Porto Calvo, mas descreveu a invasão holandesa como sendo um castigo divino, e considerava Olinda o núcleo de povoação do reino português mais abundante e o mais rico. Ouro, prata e açúcar em grandes quantidades, mas não havia embarcações para carregar. Muitas frotas de naus, navios e caravelas encontravam-se, umas com as outras, e os pilotos faziam mimos, regalos aos senhores de engenhos e lavradores para que lhes dessem caixas de açúcar. A vila de Olinda não tinha nenhuma

fortificação, sempre aberta e exposta aos agravos da guerra e situada na costa do mar (Mello, 2010, p. 44-46).

Os holandeses acreditavam que a conquista de Olinda e do Recife poderia ser consumada em poucos dias, pela força de suas tropas que era militarmente superior. Os habitantes preferiram se retirar, mesmo os que tinham mais a perder com o saque, incluindo os ricos, chamados de “barrigas inchadas”, pelo Frei Manuel Calado, com tanto desprezo. O mesmo não aconteceu com a conquista do Interior e lugares mais próximos à costa (Mello, 2002, p.43).

Olinda também foi relatada por um comandante holandês, Johan Baers, após a conquista. Passeando pelas ruas, ele descreveu:

Situada em forma angular, no alto de um monte, achava-se o convento dos franciscanos com belo pátio e bela fonte de água, onde o povo vai buscar água para beber. Descendo depara com a igreja paroquial chamada de Salvador do Mundo, com a Casa da Câmara, do açougue, larga rua chamada de Rua Nova. No extremo sul o hospital chamado de Misericórdia. Ao descer, encontra uma encruzilhada, onde mercadores se reúnem, junto belas casas e muitos armazéns, uma praça e um rio vindo do Recife. As casas não possuíam muito conforto, mas com cômodos e bem feitos, arejados por grandes janelas. Havia escadarias de pedra, porque as pessoas de qualidade moram todas nos altos. Encontramos na vila pessoa alguma, senão alguns negros e poucos portugueses velhíssimos que não puderam fugir, alguns doentes, aleijados e coxos, recolhidos num hospital sob o comando de um padre enfermeiro. Havia poucos móveis e dinheiro, pois eles fugiram com seus tesouros e a maior parte dos bens para aldeias, montes e engenhos do Interior do país (Mello, 2010, p. 46-52).

Antes da chegada dos holandeses, existia em Olinda mais de 2 mil moradores, todos portugueses, e três companhias de soldados. Tinha cavaleiros filhos de camponeses e senhores de engenhos. O governador era Matias de Albuquerque, morador e irmão do Senhor da Capitania, que residia em Portugal (Mello, 2010, p. 52).

Em 1636, logo após a derrota de suas forças, os luso-brasileiros não aceitaram as condições oferecidas pelos flamengos e parte deles começou a retornar a Olinda, iniciando a reconstrução de sua vila. Os chefes holandeses mostraram-se favoráveis à reconstrução, mas, depois, Nassau permitiu apenas que os antigos moradores ocupassem seus terrenos, construíssem neles e na vila. Tanto portugueses como holandeses mostraram-se inclinados a morar em Olinda. No entanto, Nassau e os representantes da Câmara de Escabinos proibiram qualquer construção nova em Olinda, sob punição de demolição. Nassau e a WIC (Companhia da Índias Ocidentais) não pensavam em reconstruir Olinda por duas razões: perigo de ataque e porque a maioria dos habitantes era luso-brasileira e portugueses, cuja fidelidade nunca os

flamengos acreditaram. Por isso, antigos senhores de engenhos queriam morar em Olinda, evitando residir no Recife (Mello, 2002, p. 63-75). Segue abaixo na figura 4, ilustrações de Olinda, em torno de 1631.

Figura 4 - Vila de Olinda no século XVII

Olinda em 1631

**O cerco de Olinda e a conquista por Hendrick Loncq
(Quadro de Claes Visscher e Hessel Gerritz)**



Olinda vista por Frans Post



Olinda em ruínas Convento do Carmo em ruínas



Fonte: Adaptado de Lago (2010).

Povoado do Recife

O Recife era um simples burgo e porto de Olinda nos primeiros anos do século XVII.

Burgo abandonado, que os nobres de Olinda deveriam atravessar na ponta do pé, receando os alagados e os mangues. Era um burgo de marinheiros e de gente ligada ao serviço do porto. Burgo triste, sem vida própria, para onde até a água potável tinha de vir de Olinda. O Recife era a porta de entrada da Capitania” (Mello, 2002, p. 29).

Com informações prévias, fez surgir no horizonte do litoral do Recife, em 1630, uma das maiores armadas que já cruzou o equinocial. Depois da tentativa de dominar a Bahia (em 1624/1625), centro político, apossaram-se do centro econômico (Mello, 2002, p. 41-42).

No século XVII, o porto do Recife era o centro abastecedor de todo o interior, das demais capitanias conquistadas, e das colônias holandesas na África. O Recife representava 1/3 do atual bairro, limitava-se pela Rua Guararapes e a do Farol numa estreita zona, terminando na atual igreja da Madre de Deus (Mello, 2002, p. 76).

Em 1636, num recenseamento masculino para militares, o Recife tinha uma população de 1.809 pessoas, entre soldados, operários, caixeiros, empregados em armazéns, marinheiros e luso-brasileiros, negros e mulheres (Mello, 2002, p. 77).

Depois de Olinda ser evacuada e incendiada, o governo holandês passou a residir em Recife. Havia uma população calculada em 7 mil pessoas, teve que se comprimir no Recife e em Antônio Vaz, com casas insuficientes e armazéns. Em Recife, sentiam-se mais protegidos, junto ao mar, perto dos seus navios. Olinda era um local preferido para as emboscadas (Mello, 2002, p. 41-42).

A Ilha de Antônio Vaz foi confiscada para construir Maurícia, que passou a pertencer à WIC. Alguns terrenos foram vendidos como sendo de sua propriedade. Em 1635, era um local mais calmo do que a área portuária, parecia com o meio rural e servia como residência. Depois, em 1637, a ilha de Antônio Vaz não tinha acompanhado o crescimento populacional na mesma rapidez que o Recife. No entanto, a ilha deveria ser mantida a todo custo, além das razões militares, para abastecimento d'água aos habitantes. Nela, encontravam-se as célebres cacimbas do Ambrósio Machado, junto ao erguido Forte das Cinco Pontas. Antes, a ilha era abastecida com as águas vindas do Varadouro, em Olinda (Mello, 2002, p. 54-75).

Em 1638, alguns portugueses moravam no Recife e o local recebeu o título de capital de Pernambuco, com a instalação da Câmara de Escabinos (semelhante à Câmara Municipal). Em 1639, passou a funcionar na ilha de Antônio Vaz, já denominada de cidade Maurícia. O

número de escabinos tinha aumentado de 5 para 9, dos quais, 5 eram holandeses, e 4 de gente da terra (Mello, 2002, p. 63-73).

Na Capitania, além dos núcleos urbanos e dos habitantes que nela conviviam, existiam os indígenas, distinguidos por tupis e tapuias. Segue abaixo na Figura 5, ilustrações da cidade Maurícia e do Recife no século XVII.

Figura 5 - Vista da Cidade Maurícia e povoado do Recife, no século XVII, por Frans Post

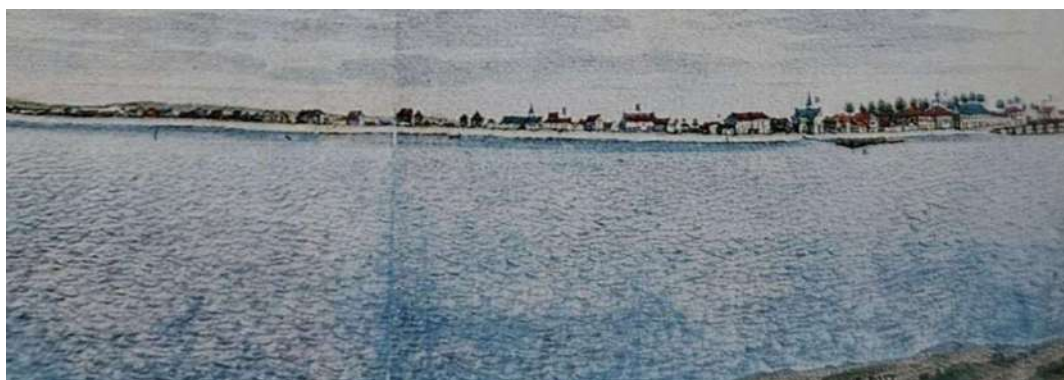


**Recife e cidade Maurícia
Panorama completo por Frans Post**

Recife



Cidade Maurícia



Fonte: Adaptado de Lago (2010).

Os Indígenas

Os portugueses e os holandeses distinguiam a população indígena entre os tupis e os tapuias. Consideravam os tupis os mais antigos moradores e mais primitivos do que os senhores. Os indígenas não viviam juntamente com os portugueses e encontravam-se separados em suas aldeias, em casas feitas de palhas, com quarenta ou cinquenta pessoas dentro delas, tendo, numa só, suas mulheres e filhos. No início da colonização, como os negros eram poucos no país, os indígenas passaram a ser escravizados pelos portugueses e requisitados para o trabalho. Geralmente, eles serviam para cortar lenha para os engenhos em troca de pano ou bebidas (Mello, 2010, p. 260).

Os indígenas aldeados em Pernambuco e na Paraíba eram gente destros na flecha e no arco, agiam mais em emboscadas, acompanhando os portugueses, vencendo batalhas contra holandeses. Entre eles, destacou-se o capitão de aldeia Felipe Camarão que recebeu do governo o posto de capitão-general de todos os indígenas do Estado do Brasil (Mello, 2010, p. 72).

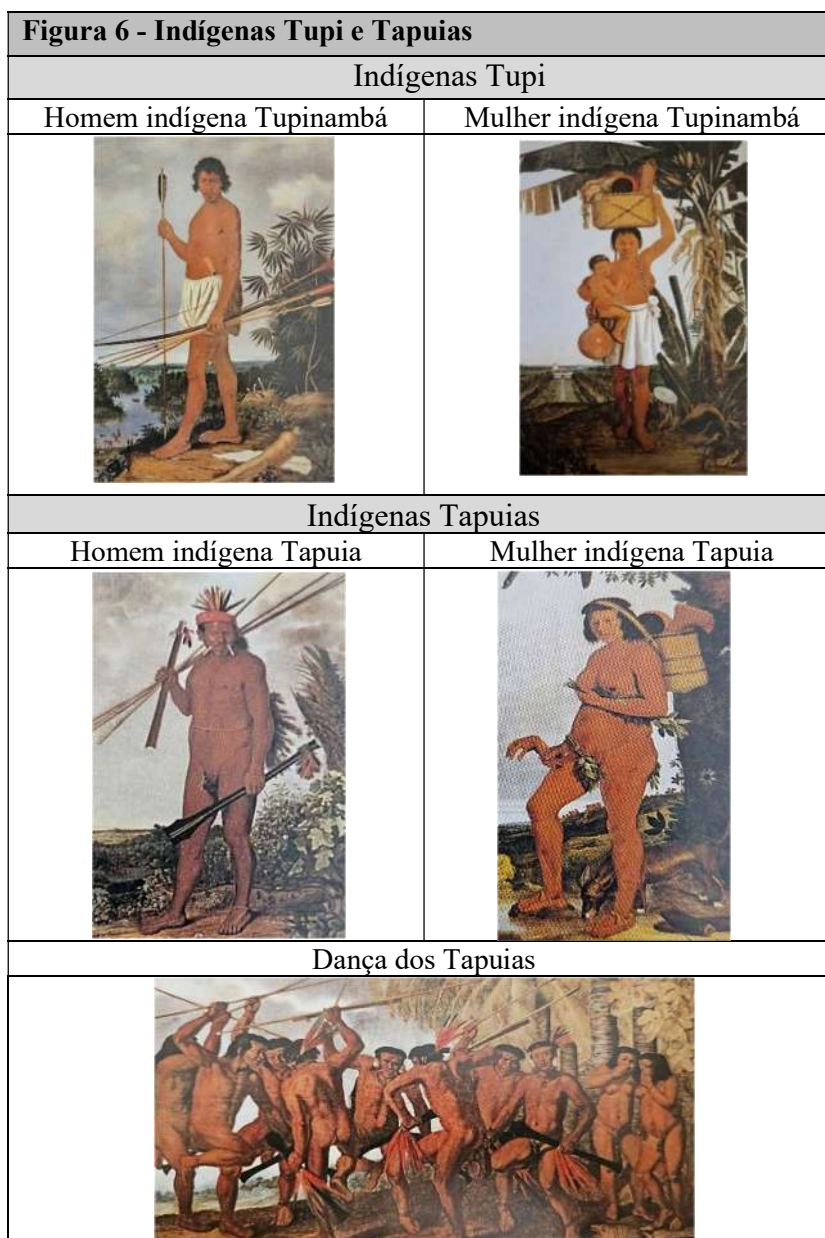
Antes da guerra com os holandeses, os primeiros capitães de campo tinham sido indígenas. Eram temidos pelos africanos porque pelos montes iam buscar, prender e castigar (Mello, 2007, p. 196).

Os indígenas constavam dos planos, ações das invasões e incursões holandesas ao Nordeste do Brasil. Com alianças militares, obtiveram informações sobre o país e suas riquezas minerais. Alguns indígenas foram conduzidos à Holanda, educados a ler e escrever, inclusive, prestando serviços à WIC, como intérpretes dos demais grupos indígenas e outros serviços. Antes da invasão de Pernambuco, os holandeses proclamaram o direito dos índios brasileiros à liberdade, declarando isentos de qualquer sujeição. Ao chegarem no Rio Grande do Norte, em 1631, passaram a ter o apoio de grupos locais, inclusive, dos tapuias (Mello, 2002, p. 207-209). Os indígenas foram aliados valiosos contra os portugueses, tanto, que o Frei Manuel Calado descreveu: “a culpa pelo sucesso holandês deve-se aos indígenas. Sem eles, os neerlandeses jamais se atreveriam a trilhar caminhos e veredas da região” (Mello, 2007, p. 201).

Os indígenas tapuias tratavam seus aliados brancos de igual para igual, eram temidos por sua ferocidade. Em geral, nunca aceitaram a disciplina, a rotina de uma aldeia e nem ouvir as pregações de um ministro protestante. Os tupis, ao contrário, aldeados ao governo holandês como, também, as coroas ibéricas. Além do mais, conviveram com os holandeses, inclusive, com a catequização religiosa protestante nas aldeias. Os holandeses proibiram a escravização

de indígenas, desde 1629. No entanto, devido à falta de mão de obra escrava negra, permitiram a escravização por pouco tempo. Mesmo voltando a proibir, os abusos continuaram e não culpavam o governo holandês, mas os encarregados das aldeias e os contratantes dos serviços destinados aos indígenas. Como pode ser visto, nem sempre a política de aproximação e amizade entre holandeses e indígenas foi estável, existiram muitos conflitos, principalmente, com revoltas registradas no Maranhão (Mello, 2002, p. 211-235).

Além da convivência com os indígenas, os luso-brasileiros e os holandeses coexistiram com os negros escravizados, fundamentais na vida social e econômica da sociedade colonial e açucareira. A figura 6 representa o homem e a mulher das populações indígenas Tupi e Tapuias, bem como, a reprodução de uma dança coletiva dos Tapuias.



Fonte: Eckhout, (2010).

Os Negros e a escravidão

Por toda a sociedade açucareira encontravam-se escravos negros, seguindo expressões, como: “por onde se foi estendida a cultura da cana-de-açúcar seguiu o tráfego de escravos”. Afirmava o padre Vieira: “sem negros, não há açúcar”. Ao chegarem em Pernambuco, os holandeses encontraram um intenso tráfico de navios negreiros entre a África e a Colônia, do qual, também participavam desse lucrativo comércio, demonstrando com a ocupação de um trecho da Guiné, na África, em 1612.

No Recife, em 1630, existiam 500 negros e, segundo as determinações da WIC, deveriam ser empregados nos trabalhos mais penosos e expostos ao sol, “porque os pretos suportam mais o calor do sol do que os nossos” (Mello, 2002, p. 183-185).

Os negros encontravam-se desde então dos dois lados, portugueses e holandeses. Do lado holandês, tiveram formação de soldados e a muitos foi concedida a alforria, pela “lealdade” e como bons atiradores com arma de fogo, servindo de guia. No entanto, de 1630 a 1635, muitos negros fugiram e quase a produção dos engenhos parou. A aquisição de um escravo na África custava de 12 a 75 florins. Era revendido no Brasil por preços que variavam de 200 a 300 florins. Cerca de 20 a 30% morriam durante a viagem. “Diziam, negro se compra com duas caixas de açúcar”. Os escravos que chegavam vivos ao Recife seguiam para a Rua do Bode, tinham feições esqueléticas devido à falta de água e comida no percurso. Com o alto custo da aquisição de escravos e as fugas, surgiram campanhas para aprisionar escravos fugitivos para os Quilombos, como o do Palmares. Os capturados eram castigados exemplarmente, com enforcamentos ou simplesmente queimados vivos (Mello, 2002, p. 185-195).

A existência dos negros no Quilombo dos Palmares precedeu à invasão holandesa. Durante a guerra de resistência foi registrado o aumento de sua população. Palmares tinha povoações e comunidades de negros estimadas num contingente superior a 6 mil habitantes, que imitavam a religião dos portugueses e o seu modo de governar, pois possuíam governo, sacerdotes e juízes. Todos eram alforriados e viviam da produção da terra, com frutas, feijões, batatas, mandioca, milho, doces, cana-de-açúcar. Durante o domínio holandês, Maurício de Nassau tentou destruir o Quilombo dos Palmares, mas fracassou devido a fatores como rebeliões em São Tomé (Mello, 2010, p. 273-280).

Os holandeses usavam os serviços dos negros em trabalhos domésticos semelhantes aos portugueses e o governo holandês no Brasil permitiu a alguns escravos negros não trabalharem aos domingos. Os senhores não podiam mais mutilá-los, usar a marca de fogo ou condená-los à morte. Também tentou impedir todo o contato sexual com a população de cor,

inclusive com os indígenas. Havia a recomendação e o impedimento de casamento de brancos com negros (Mello, 2002, p. 195-204).

Para os holandeses, todos os escravos que passassem a lutar com eles teriam alforria confirmada por Nassau. Muitos se tornaram soldados, indicavam caminhos e serviam como guias para o Interior. Graças a eles, levavam os holandeses aos engenhos e às casas dos portugueses para realizarem saques e incêndios (Mello, 2010, p.170).

Os holandeses passaram a investir na conquista de possessões portuguesas na África, como ocorreu, em 1640, em Elmina e Luanda. Também para suprir suas necessidades, recebiam escravos de outras partes da África. Consideravam os de Angola mais trabalhadores.

Os negros foram tratados da mesma maneira, tanto pelos luso-brasileiros, como pelos holandeses, trabalhando exaustivamente nos engenhos e nos canaviais” (Mello, 2010, p. 270, 271, 281).

Durante o período de resistência à invasão holandesa, destacou-se o agrupamento militar de negros descendentes de africanos sob o comando de Henrique Dias, ex-escravo alforriado que comandou, em 1636, uma tropa com 80 homens e depois, em 1652, com mais de 400 efetivos, oriundos dos temidos quilombolas. Terminado o conflito, constavam mais de 900, incluindo emprestados por seus donos, contra a vontade deles. Muitos cativos foram alistados como empréstimos e não como foro. Na capitulação do Arraial do Bom Jesus, em 1635, alguns pretos foram rateados entre os oficiais holandeses. Os demais que conseguiram chegar na Bahia passaram a fazer parte da mão de obra local. Com o fim da guerra, em 1654, os donos queriam o retorno de seus escravos. Henrique Dias reivindicou junto à Corte portuguesa, a libertação dos soldados cativos do seu terço e conseguiu a liberdade, mediante indenização aos seus senhores (Mello, 2007, p.193-195).

Em 1637, entre a comitiva de chegada do governo de Maurício de Nassau encontrava-se o pintor Albert Eckhout. Entre suas ilustrações do Brasil holandês, havia uma pintura de uma mulher negra e uma criança com diversos artefatos e indumentárias, como: chapéu, colares, um cesto com frutas, roupas e um cachimbo branco, típico holandês, fixado nas roupas e na cintura frontal do seu corpo, indicando, assim, o uso cotidiano desses objetos, podendo ser interpretado como indumentárias e cachimbo de consumo, provavelmente, disponível no momento da produção da pintura, conforme visto pela figura 7.

Figura 7 - Imagens de negros e afrodescendentes

Destaque para a mulher negra com um cachimbo branco holandês bicônico abaulado, com pedúnculo achatado, típico do século XVII.

Fonte: Eckhout (2010).

Entre os colonos, além dos portugueses, indígenas e negros, surgiram os de combinação étnica - os mestiços, conforme ilustrado na figura 8.

Figura 8 - Homem e Mulher mestiços

Fonte: Eckhout (2010).

Judeus

Os marranos, judeus descendentes de sefarditas, provenientes da Antuérpia e de Amsterdã, haviam se envolvido profundamente, desde o início da colonização do Nordeste

com financiamentos, operações na agroindústria açucareira e a comercialização do produto no mercado europeu. A comunidade judaica do Brasil holandês compunha-se, majoritariamente, de judeus portugueses que emigraram para Amsterdã, de modo a escapar dos rigores da Inquisição. Foram poucos os que chegaram em Pernambuco. Alguns ocupavam-se da agricultura; os demais, viviam do comércio, e a maioria morava no Recife, sabendo dominar todo o movimento dos negócios. Uns compraram engenhos, outros construíram casas no Recife, mantendo seu comércio e vendendo suas mercadorias aos portugueses e colonos. Com o crescimento do número de judeus, construíram sinagogas, sendo a do Recife a primeira das Américas (Mello, 2002, p. 60; 2010; p. 11, 257-263).

Os holandeses e os colonos luso-brasileiros

Os holandeses eram também denominados por neerlandeses, batavos, flamengos e povos da República das Províncias dos Países Baixos (Mello, 2010, p.11). Os primeiros grupos de holandeses a chegarem em Pernambuco foram os funcionários e soldados da Companhia da Índias Ocidentais (WIC). Os soldados passavam 3 anos no exército. Depois desse período, eles obtinham licença para se tornarem cidadãos livres, como artesão, comerciantes, taverneiros. Na lista da WIC, existiam diversas procedências da Europa. Entre os holandeses, haviam os recrutados e os agrupamentos de militares e civis de nacionalidades diversas, principalmente, do norte da Europa. Além de soldados, vieram grupos de colonos que chegaram ao Recife, por volta de 1638, e se dissolveram na população local. Muitos soldados trouxeram suas famílias, como, também, chegaram mulheres, crianças e gente pobre (Mello, 2002, p. 56-59; Miranda, 2011, p. 43).

Quanto à gente recrutada pelos holandeses, Bruno Miranda (2011) apontou para grupos militares e não-militares de origens diversas e de regiões do norte da Europa. Entre os militares, ressaltou tropa da Companhia das Índias Ocidentais (WIC) no Brasil, entre 1632-1639 e 1649-1654, de origem fora da República dos Países Baixos. Desse grupo, destacam-se os de origem do Sacro Império Romano, principalmente, dos Estados Alemães, com 26,3%, seguido pelos Países Baixos, Espanhóis, com 12%. As “ilhas britânicas⁵” representavam

⁵ Ilhas Britânicas, termo utilizado na geografia para designar um grupo de ilhas na costa noroeste da Europa, composto por duas ilhas principais: Grã-Bretanha e Irlanda e milhares de outras ilhas. No momento, também utilizam o termo para definições políticas e culturais, referindo-se a República da Irlanda e do Reino Unido (composto pela Inglaterra, Irlanda do Norte, Escócia e País de Gales).

Fonte: <https://www.britannica.com/place/British-Isles>. Acesso em 25/06/2025

14,1%, sendo majoritariamente, pessoas oriundas da Inglaterra, com 9,8%. Os franceses somavam 6,7%, enquanto que militares oriundos da Escandinávia (Dinamarca, Suécia e Noruega) reuniam 3,6%. Outras localidades correspondiam a 1,3% (Miranda, 2011, p. 43).

Observando o processo de formação social descrito, verifica-se que a partir de 1630, com a chegada dos holandeses, constata-se uma sociedade já instalada há quase um século. Nela, encontravam-se grupos sociais consumidores de produtos diversos, possivelmente, entre eles, cachimbos fabricados na colônia, e importados da Europa. Quanto aos espaços construídos, destacam-se os engenhos, as fortificações e os núcleos urbanos, ocupados por gentes distintas, como lusos-brasileiros e neerlandeses.

Antecedentes à invasão holandesa

Antes da invasão holandesa em Pernambuco, em 1630, Portugal e os Países Baixos tinham uma longa história de relações comerciais. Por consequência da morte do Rei Dom Sebastião, o reino português passou para o domínio do império espanhol, no período de 1580 até 1640. A luta pela independência nacional dos Países Baixos diante da Espanha, a expansão comercial e o comércio do açúcar causaram a invasão holandesa no Nordeste do Brasil, ocorrendo primeiro na Bahia, em 1624 e depois, em Pernambuco, em 1630. A história da República das Províncias Unidas dos Países Baixos, com a sua independência nacional, e a expansão colonial marcharam juntas num período de 80 anos de guerras contra a Espanha (1568 a 1648). A edificação do império batavo surgiu no final do século XVI e teve o século seguinte como sendo o “século de ouro”, tornando-se a principal potência marítima e utilizando o seu poderio para destruir as bases coloniais da riqueza e do poder do império espanhol (Mello, 2010, p. 11-13).

Nos primeiros anos do século XVII, em 1621, os holandeses fundaram a Companhia das Índias Ocidentais (WIC), incorporada pelos Estados Gerais das Províncias Unidas, concedendo o monopólio das conquistas da navegação, do comércio e da colonização na costa Ocidental da África e da América (Mello, 2010, p. 11-13).

Os ataques holandeses, através da WIC, ao Nordeste do Brasil, ocorreram devido ao frágil sistema do império castelhano na sua defesa subalterna do governo espanhol e, principalmente, aos fabulosos lucros proporcionados pelo açúcar. Uma caixa de açúcar valia quinhentas libras e, com a ocupação das terras do Brasil, os holandeses podiam levar, anualmente, mais de 60 mil caixas para a Holanda. Além do açúcar, poderiam obter

extraordinários lucros com diversas mercadorias, como o pau-brasil, o tabaco, incluindo as terras confiscadas do rei e dos cleros. Subtraindo as despesas de guerra e outras deduções, teriam um lucro anual no valor de 50 toneladas de ouro. Outro motivo para o ataque ao Brasil foi devido à localização dos núcleos urbanos portugueses situados ao longo do litoral, com fácil acesso ao alcance do poder naval batavo (Mello, 2010, p. 11-32).

Bahia e Pernambuco foram os alvos prioritários de ataques neerlandeses no Brasil. A Bahia foi atacada em 1624 com tropas comandadas por Jan Van Dorth, dominando Salvador, mas com dificuldades para avançar. Vítima de emboscada, o comandante Dorth morreu. Depois, por bebida, o seu sucessor Albert Schouten morreu. Salvador foi reconquistada em 1625 (Mello, 2010, p.33).

Antes de 1630, sabendo do ataque dos holandeses, a defesa da Capitania foi entregue a Matias de Albuquerque Coelho, irmão do Donatário Duarte de A. Coelho. Matias de Albuquerque, considerado um brilhante oficial, administrador colonial, assumiu antes o governo-geral do Brasil no tempo da ocupação holandesa da Bahia. Sabendo da invasão holandesa foi designado superintendente da guerra em Pernambuco e demais Capitanias do Norte. Dividiu suas tropas pouco numerosas e não resistindo aos ataques, logo perdeu Olinda (Mello, 2010, p. 53-54).

Sendo uma Capitania de donatário e não da Coroa Portuguesa, a WIC resolveu atacar Pernambuco em 1629, chegando em fevereiro de 1630 com sua armada, nada menos de 67 unidades de guerra, transportando 7 mil homens, chefiado pelo coronel Waerdenburch, veterano da Guerra dos Trinta anos. Logo, iniciou um bombardeio ao porto do Recife, entrando por terra, ao norte de Olinda, pela praia de Pau Amarelo, prosseguindo com a invasão em direção ao sul. O coronel Waerdenburch relatou ao governo holandês os ataques:

Em 12 de fevereiro de 1630, o general Lonck e seus soldados chegaram a Pernambuco, atacando dos dois lados diferentes. O general com a maior parte dos navios e iates, rumo ao Recife. Eu estava com 2.400 soldados, trezentos marinheiros e mais outros trezentos, em dezesseis navios. Seguimos a duas léguas ao norte de Olinda e na embocadura do Recife foram afundados sete navios. Tive a informação de que os inimigos, cerca de 1.800 homens, de cavalaria e infantaria, se entrincheiraram próximo ao rio Doce. Após os combates, com grande número de mortes, bateram em retirada; chegando em Olinda, no alto das colinas, encontramos barricadas, que logo abandonaram, consumando o domínio sobre a vila (Mello, 2010, p. 33-58).

Logo após essa conquista, os holandeses resolveram abandonar a vila em favor do Recife. Perceberam a impossibilidade de fortificar os morros de Olinda e esperavam a qualquer momento um ataque por terra ou pelo mar de uma frota restauradora. Então,

decidiram destruir, saquear e incendiar Olinda, concentrando-se no Recife e na ilha de Antônio Vaz. Um coronel das tropas holandesas, Van Els, escreveu: “Penso que ninguém da Holanda que vier para aqui quererá ir morar em Olinda, morros dispersos, espaços livres, distâncias grandes [...]”.

Abandonando Olinda, os holandeses providenciaram fortificar o Recife e, em seguida, na ilha de Antônio Vaz, invadiram o convento de Santo Antônio, transformando-o numa fortificação. Em 1631, a vila de Olinda em ruínas transformou-se num emblema para os moradores da terra e num símbolo de resistência aos invasores. Recife e a ilha de Antônio Vaz se transformaram em residência dos burgueses ricos e do Conde de Nassau (Mello, 2002, p. 50-53; 2010, p. 56-69).

O Recife era naturalmente forte e capaz de ser mais ainda fortificada. Olinda, por natureza era frágil, não fortificada, sem grande trabalho e despesas. Antes de ser ocupada pelas tropas holandesas, e com a falta de gente para defender a povoação do Recife, Matias de Albuquerque resolveu abandonar aquela povoação, queimando tudo que podia, açúcar e embarcações, reduzindo a brasas e cinzas. Depois disso, partiu para organizar a resistência com emboscadas e guerrilhas (Mello, 2010, p. 56-69).

A figura 9 ilustra o Cerco de Olinda e Recife.

Figura 9 - O cerco de Olinda e Recife e a conquista holandesa em 1631, visto por Claes Visscher e Hessel Gerritz



Fonte: Adaptação de Lago (2010).

A Guerra de resistência à invasão holandesa

A resistência à invasão holandesa era composta por tropas portuguesas, castelhanas e italianas, e subsidiada por gente da terra. Não era só Pernambuco que apelava por ajuda urgente à Coroa Portuguesa sob o domínio castelhano. Também havia solicitações da Índia, Flandes, Itália, Alemanha. Devido a esses conflitos, não houve o envio de ajuda adequada para Pernambuco (Mello, 2007, p. 14-29).

Quando da perda de Olinda e Recife, a Coroa estava despreparada para reagir, como fez antes na Bahia. Deveria adotar a estratégia de combinar o poder naval com a defesa local. No entanto, a reação da Coroa foi de apoiar a resistência de guerrilha com armas, soldados e munição. A guerra de guerrilha e emboscada eram as únicas opções de imediato, da luta para conquista do território invadido pelos holandeses. A resistência dos luso-brasileiros seguiu durante sete longos anos e em três momentos (Mello, 2010, p.71-72).

No primeiro momento da resistência, de 1630 a 1632, os holandeses tentaram cercar todo o litoral, mas não conseguiram. Na conquista da Paraíba, Rio Grande do Norte, Vila Formosa de Sirinhaém e Cabo de Santo Agostinho eles fracassaram. Além de Olinda e Recife, ocuparam o sul da ilha de Itamaracá, onde ergueram o Forte Orange. Matias de Albuquerque adotou o sistema de defesa objetivando isolar e repelir o inimigo com companhias, agindo com guerrilhas, emboscadas e assaltos, impedindo seu acesso à Várzea do Capibaribe, o distrito açucareiro mais próspero do Nordeste. Os holandeses encontravam-se reduzidos ao Recife e suas fortificações, focando o combate nos arredores do Arraial do Bom Jesus (Mello, 2010, p. 71-72). De 1630 a 1631, a guerra seguiu lenta, os holandeses ocupavam apenas Olinda e Recife, em posição precária e se mantinham devido à força naval. Em terra, era impossível romper o cerco feroz apoiado pelo Arraial do Bom Jesus (erguido na Várzea), guarnecido por guerrilhas e guerra volante, impedindo o avanço aos engenhos e às fazendas de criação (Mello, 2007, p. 32-33).

No Arraial do Bom Jesus, Matias de Albuquerque fez construir com brevidade uma fortaleza denominada de Arraial do Bom Jesus. Possuía uma artilharia composta por luso-brasileiros e índios aldeados de Pernambuco e da Paraíba, entre eles, o índio Felipe Camarão. A Fortaleza do Arraial encontrava-se bem provida de munições de guerra e contingente de indígenas, negros e mais de 4 mil luso-brasileiros (Mello, 2010, p. 72-101).

O segundo momento, de 1632 a 1634, refere-se ao rompimento pelos holandeses de áreas dominadas pelos luso-brasileiros. Para tanto, utilizaram a superioridade naval com variedade e rapidez na mobilidade que dispunham para atacar os pontos mais distantes do

litoral. Com embarcações (chalupas de um só mastro) subiam e desciam pequenos rios, saqueavam e incendiavam os engenhos de açúcar, amedrontando a população. Em abril de 1632, atacaram com surpresa a Vila de Igaráu, visando destruir o exército que a defendia e as bases rurais de apoio à resistência (engenhos, roças e currais), intimidando o povo. Igarassu era habitada por gente pobre, que vivia de seus ofícios ou do trabalho dos seus escravos. Nas imediações, havia cinco ou seis engenhos e depois dos ataques, com várias mortes, procederam aos saques, seguindo para a Fortaleza de Orange. Do ataque à vila de Igarassu tiveram informações da estrutura do Forte do Arraial e o apoio de gente como Domingos Fernandes Calabar, que desertara do Arraial, passando para o lado holandês (Mello, 2010, p. 101-110).

As bases locais de resistência foram eliminadas, como povoações e engenhos de açúcar, além de pequenos portos, como o de Sirinhaém, e o do Cabo. O colapso da Resistência luso-brasileira foi o triunfo da contraguerrilha (Mello, 2007, p. 56-58).

A hostilidade à vila de Igarassu foi relatada por Adriaan Verdonck, comandante holandês, observando a violência dos ataques batavos aos colonos aliados à resistência, como feito aos habitantes de Igaráu⁶:

Tropas holandesas investiram contra Igaráu, com objetivo de privar o inimigo de seus recursos, molestando e saqueando os habitantes. No caminho, mandei matar quatro carroceiros e um negro como guia para impedir que gente de Igaráu soubesse da nossa marcha. Chegando, diversas pessoas foram mortas, incluindo quatro ou cinco eclesiásticos. Uma centena de portugueses tombou no solo, sem contar com os feridos e os que fugiram. Dos nossos, sete ou oito foram mortos e 25 feridos. Dali segui para a Fortaleza de Orange, a três horas de marcha (Mello, 2010, p. 108-110).

O Frei Manuel Calado confirmou e relatou que as tropas holandesas fizeram muitas investidas, assaltos a engenhos e regiões, como o de Afogados, de Muribeca, e sul da Várzea. Incendiaram engenhos e se depararam com muitas caixas de açúcar. Diversos senhores trataram de obter o salvo-conduto das autoridades holandesas para continuarem moendo nas suas fábricas de açúcar (Mello, 2010, p. 117-119).

O terceiro momento, a ofensiva final, de 1635 a 1636, observada como ofensiva contraguerrilhas, produziu resultados almejados, através de sua superioridade terrestre e naval contra as Praças-fortes portuguesas. Em 1633, os holandeses conquistaram o Forte dos Reis Magos, aliando-se aos tapuias e a seu líder Janduí; em 1634, conquistaram o Forte de Cabedelo e de Santo Antônio, dando vantagem à população no gozo de suas propriedades, num acordo

⁶ Igaráu - termo assim registrado no relato da documentação escrita por Adrian Verdonck.

denominado de Capitulação da Paraíba. Em 1635, o Arraial foi sitiado e capitulado (Mello, 2010, p. 117-119).

Na capitulação do Arraial do Bom Jesus assinaram o acordo: governo, oficiais, religiosos e soldados que partiram para Castela; os escravos e prisioneiros seriam entregues. Depois, fizeram o mesmo com Cabo de Santo Agostinho. Em seguida, Matias de Albuquerque seguiu com sua tropa para Porto Calvo, esperando reforço militar da Coroa (Mello, 2010, p.117-142).

Matias de Albuquerque deixou o governo, substituído pelo Dom Luís de Rojas y Borjas. Viajou à Lisboa e ao chegar foi processado, mantido na prisão até 1640, responsabilizado pela perda de Pernambuco para os holandeses (Mello, 2007, p.43).

Em Porto Calvo, prosseguiram as guerras de guerrilhas. Após a saída de Matias de Albuquerque, as tropas, sob o comando do General castelhano Rojas y Borjas, continuaram os ataques contra os holandeses, numa batalha campal na localidade de Mata Redonda. Os neerlandeses venceram. Com a morte do General Rojas, o Conde Bagnuolo, oficial do contingente napolitano, o substituiu (Mello, 2010, p. 117-142).

No tempo de Maurício de Nassau

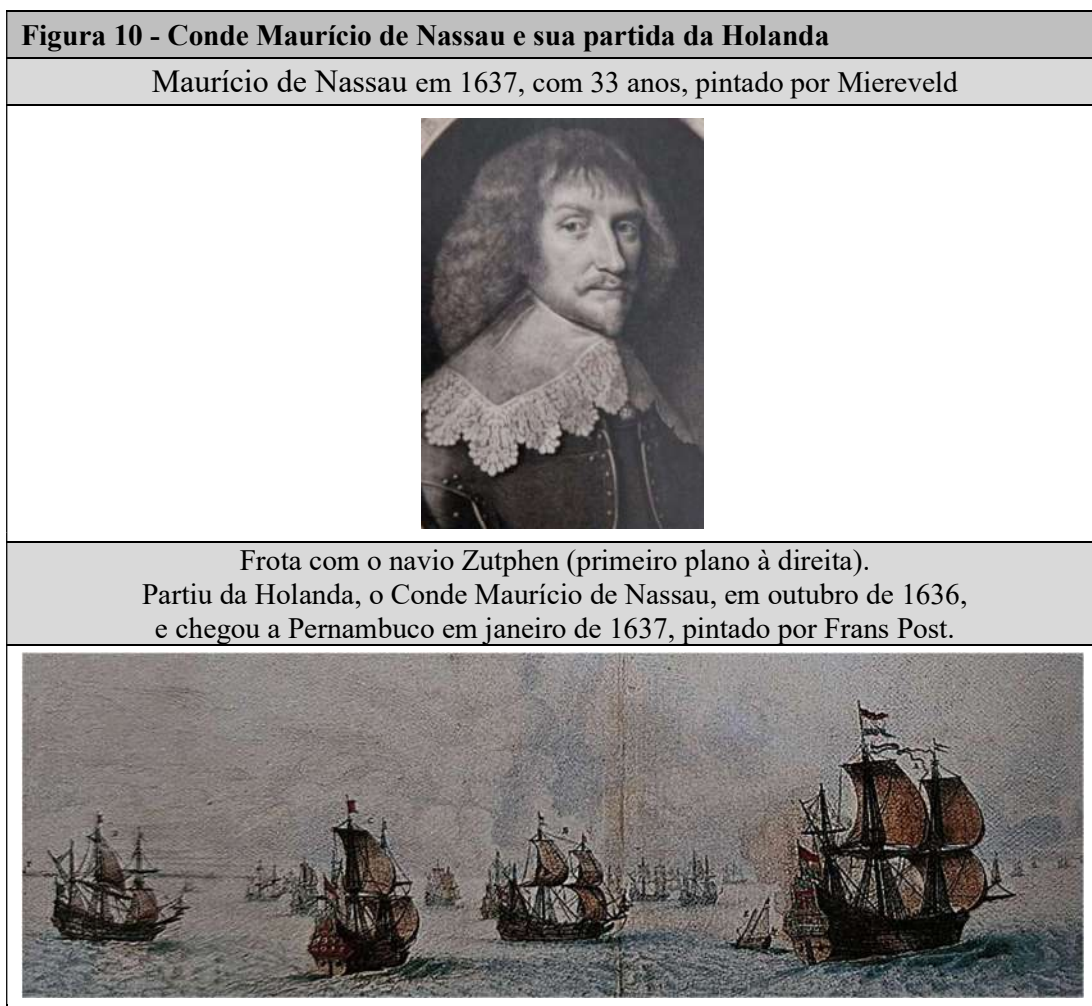
Concluída a conquista em 1637 com a queda do Arraial do Bom Jesus e do Cabo de Santo Agostinho, João Maurício de Nassau-Siegen foi nomeado pela Companhia das Índias Ocidentais (WIC) para ser o governo civil e militar do Brasil holandês. Tinha sido hábil e prático, diante da milícia europeia, sob o príncipe de Orange, conquistando praças no rio Reno e defendendo a Bavária (Mello, 2010, p. 161-162).

Os sete anos de governos de Maurício de Nassau no Brasil, de 1637 a 1644, constituíram um período de intervalo de “relativa paz” entre os dois períodos de guerra, passando a ser chamado de Idade do Ouro do Brasil holandês (Mello, 2010, p. 161-162).

Nassau chegou ao Recife em 23 de janeiro de 1637, acompanhado por uma comitiva de pintores (Frans Post, Albert Eckhout), cartógrafos (Claes Visscher e Hessel Gerritz) e cientistas, pagos do seu bolso, com o objetivo de documentar a vida na colônia com sua flora e fauna. Vieram junto seu irmão João Ernesto e seu primo Carlos de Nassau, os quais morreram no Brasil. No mesmo ano de sua chegada, partiu com suas tropas para conquistar locais de resistência ao sul da Capitania, expulsou o exército luso-brasileiro instalado em Porto Calvo e foi para o sul do rio São Francisco, onde edificou o Forte Maurício, em Penedo. Ao

retornar ao Recife, com a conquista do litoral, tratou de reativar a economia açúcareira depois de sete anos de guerra. (Lago, 2010; Mello, 2010, p.162-170).

A figura 10 abaixo, imagens de Nassau e embarcações ilustrando sua partida da Holanda para o Brasil.



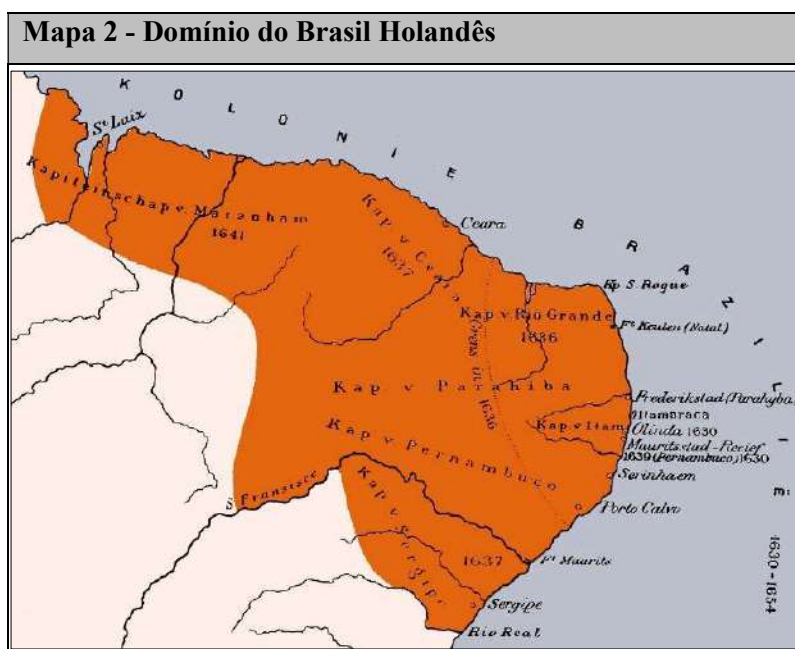
Fonte: Adaptação de Lago (2010).

Nassau tratou de observar o contexto das fábricas de açúcar. Dos 162 engenhos existentes no Nordeste, quando da invasão holandesa, quase a metade havia sido abandonada pelos seus proprietários luso-brasileiros. Das 65 fábricas confiscadas, 44 foram inicialmente vendidas: 21 a holandeses, 17 a luso-brasileiros e 6 a sefardistas portugueses, de Amsterdã. Nos primeiros anos de Nassau, 99 engenhos estavam em condição de moer (Mello, 2010, p. 162-170). Do território conquistado, as quatro Capitanias - Rio Grande do Norte, Paraíba, Itamaracá e Pernambuco - tinham, juntas, um litoral de 120 léguas e a oeste não se via o limite das terras. Ele promoveu, em Pernambuco, além de Olinda e Recife, a elevação de mais quatro povoados na categoria de vila, com instalação de câmaras municipais: Igarauçu, Sirinhaém,

Porto Calvo, e Alagoas - atual cidade de Marechal Deodoro da Fonseca (Mello, 2010, p. 166-171-175).

Devido às queimas dos canaviais e às incursões promovidas pelas tropas vindas de Salvador, Nassau, em 1638, tentou reconquistar a Bahia com 36 navios e 3.600 soldados, incluindo indígenas. Em um mês sitiou Salvador, mas sem sucesso; retirou suas tropas para o Recife e, nessa campanha, seu irmão, João Nassau, veio a falecer. Depois, em outros confrontos navais no litoral de Itamaracá, da Paraíba e do Rio Grande do Norte, os holandeses saíram vitoriosos (Mello, 2010, p. 189-198).

Em 1640, com o novo governo-geral da Bahia, o marquês de Montalvão, providenciou novos ataques aos canaviais, com incêndios em várias lugares. Nassau reuniu os senhores de engenhos no Recife e propôs um acordo entre eles: 1) Defesa contra os ladrões ou salteadores; 2) Doação de armas. Nesse ano, com o fim do domínio espanhol sobre Portugal, Nassau propôs o fim das hostilidades entre Brasil, Holanda e Bahia. Depois, considerando a fragilidade das tropas portuguesas, em 1641, Nassau ampliou sua conquista no Nordeste, anexando Sergipe, chegou ao Maranhão e foi além, conquistando Luanda e São Tomé, na África (Mello, 2010, p. 202-214), o que está representado no mapa 2, indicando o território do domínio do Brasil holandês.



Fonte: WIKIPEDIA (2024).

O governo do Brasil holandês consistia numa relação triangular tensa, entre luso-brasileiros, holandeses e judeus. Nassau tentou atrair amizade de senhores luso-brasileiros de

destaque, como o Frei Manuel Calado, os ricos, como o comerciante Gaspar Dias Ferreira, e o senhor de engenho João Fernandes Vieira. A gestão do Conde também ficou marcada pelas obras arquitetônicas e urbanísticas, com a construção da cidade “Maurício” na ilha de Antônio Vaz, expondo a preocupação da circulação por meio de pontes, ruas pavimentadas e traçadas regulares (Mello, 2010, p. 241-243).

Na cidade Maurício, incentivou o desenvolvimento e determinou a proibição de novas construções em Olinda. Construiu uma ponte entre Recife e Maurícia. Também projetou um bairro para habitantes pobres da cidade, localizado em frente à Barreta dos Afogados e o Forte das Cinco Pontas. A ponte construída tinha duas cabeceiras e 15 pilares de pedra, faltando 10 para completá-la. Em 1644, a construção estava tão adiantada que foi possível atravessá-la a pé e cavalgando. Outras obras no povoado do Recife foram realizadas, como a pavimentação com tijolos da Rua da Balsa, hoje denominada de Marquês de Olinda, e recolocou a instalação da paliçada em torno do Recife, inclusive, propondo a construção de muralhas. No Recife existiam três portas, a entrada da Rua da Balsa; a porta da terra, em direção de Olinda; e a porta do mar, entrada do porto. Em Recife e Maurícia encontravam-se vários mercados de peixe, de carne, de verduras e um mercado grande num terrero de coqueiros (Mello, 2002, p. 93-117).

As causas da saída de Nassau foram evidenciadas a partir de 1642, em razão de divergências com a direção da WIC. Ele tinha feito queixas diretamente aos Estados Gerais, exprimindo o desejo de voltar aos Países Baixos, e reclamou da redução de efetivos, ordenado pela direção da Companhia. Nesse mesmo ano, recebeu a notícia da Revolta no Maranhão contra o domínio holandês. Depois, em 1643, mais ataques às guarnições holandesas no interior. Antes de partir, inaugurou a ponte com seu nome ligando o Recife à ilha da cidade “Maurícia”. Finalmente, partiu em maio de 1644, por terra, na Paraíba (Mello, 2010, p. 311-321).

Ao sair do governo, Nassau deixou recomendações para a Junta que o substituiu, com relação aos luso-brasileiros, os quais:

seriam muito submissos a Vossa Nobreza se forem tratados com benevolência e cortesia e nessa conformidade obterão deles maior proveito e obediência. Fazem mais caso com o bom acolhimento e cortesia do que com os bens. No caso da nossa nação, não devem tocar nos bens, sentiram como maior dano (Mello, 2010, p. 262).

Entre as recomendações, ressaltou tratar bem os portugueses da classe média, os lavradores, os feitores, os purgadores de açúcar, os artífices, pois são indispensáveis e, sem

eles, nada valeria o Brasil e a Companhia. Quanto aos senhores de engenhos, antes dominavam como reis e estavam sendo constrangidos pelos flamengos, proibidos de marcar escravos, obrigados a plantar mandioca e a pagar a dívida por tropas saqueadoras (Mello, 2002, p. 244-246).

Quanto às revoltas no final do seu governo, Nassau relatou o mal-estar e os rumores de insurreições, apontando razões como: a pobreza, as dívidas, e a falsidade dos portugueses, o mau rendimento da terra e a decadência dos negócios. No final, Nassau reconheceu que a Companhia havia falhado, não tinha feito uma verdadeira obra colonizadora, estabelecendo uma exploração pura e simples da terra. Nunca houve interesse em aproximar holandeses e luso-brasileiros. Esperava deles, apenas, produzir o açúcar e enriquecer (Mello, 2002, p. 249-251).

Segue abaixo na figura 11, imagens de Maurício de Nassau e das embarcações no período do seu retorno aos Países Baixos.

Figura 11 - Regresso de Maurício de Nassau em 1644, pintado por De Baer

Maurício de Nassau em 1665 aos 61 anos.



Frota de regresso de Nassau aos Países Baixos, em 1644, depois de sua estada de sete anos no Brasil holandês.



Fonte: Adaptação de Lago (2010).

A guerra da Restauração Pernambucana

Com a saída de Nassau, foi instalada uma Junta de governo, logo criticada pelos Países Baixos, acusando de corrupção, principalmente, os devedores da comunidade luso-brasileira. Como proposta de pagamento da dívida, foi estabelecido o seguinte: juros de 2,5% e 3% ao mês; apreensão de seus negros, vasilhames de cobre e outros utensílios dos engenhos. Assim, a cobrança dessas dívidas encaminhou para uma insurreição geral (Mello, 2010, p. 331).

O período de 1645 até 1654 registrou a fase da restauração luso-brasileira e a expulsão da presença holandesa no Nordeste do Brasil (Mello, 2002, p. 13).

Na Resistência (de 1630 a 1637), as tropas tinham a composição de portugueses, castelhanos e italianos, e era subsidiada por gente da terra. Na Restauração ocorreu o contrário, com tropas da infantaria natural, reunindo 1/3 dos homens livres, indígenas e africanos do Nordeste e 2/3 de luso-brasileiros. Em 1648, Francisco Barreto, comandante militar com experiência europeia, assumiu o exército restaurador (Mello, 2002, p. 14-164).

O levante luso-brasileiro teve apoio vindo da Bahia por terra e por mar, conquistando o Cabo de Santo Agostinho, praticando bloqueio marítimo, através de galeões da Coroa e somando vitórias contra os holandeses nas batalhas das Tabocas e dos Montes Guararapes (Mello, 2002, p. 62-64).

No entanto, ressaltam-se dois fatos que contribuíram ao processo da restauração: o primeiro, com o restabelecimento da navegação e do comércio, mesmo com o contrabando entre os portugueses e os insurretos, além das atividades comerciais desenvolvidas pela Companhia de Comércio de Pernambuco; o segundo, a Guerra anglo-neerlandesa motivada pela disputa do Canal da Mancha. Em vários momentos, os holandeses ficaram impedidos de enviar mantimentos e socorros ao Recife. Enquanto isso, os restauradores praticavam um intenso comércio com a metrópole portuguesa e os ingleses, tanto que, em 1652 encontravam-se providos de todos os gêneros de origem metropolitana (Mello, 2002, p. 125-139; 2007, p. 252).

O comandante das tropas luso-brasileiras e das autoridades metropolitanas, Francisco Barreto de Menezes, comandou a guerra durante seis anos, de 1648 a 1654, assumindo nas vésperas da primeira Batalha dos Guararapes (em 1648). Conseguiu o apoio da Armada da Companhia Geral de Comércio de Pernambuco, que logo atacou e controlou as forças holandesas pelo mar e por terra; em seguida, cercou o Recife e dominou as fortificações que protegiam a cidade (Mello, 1997, p. 217).

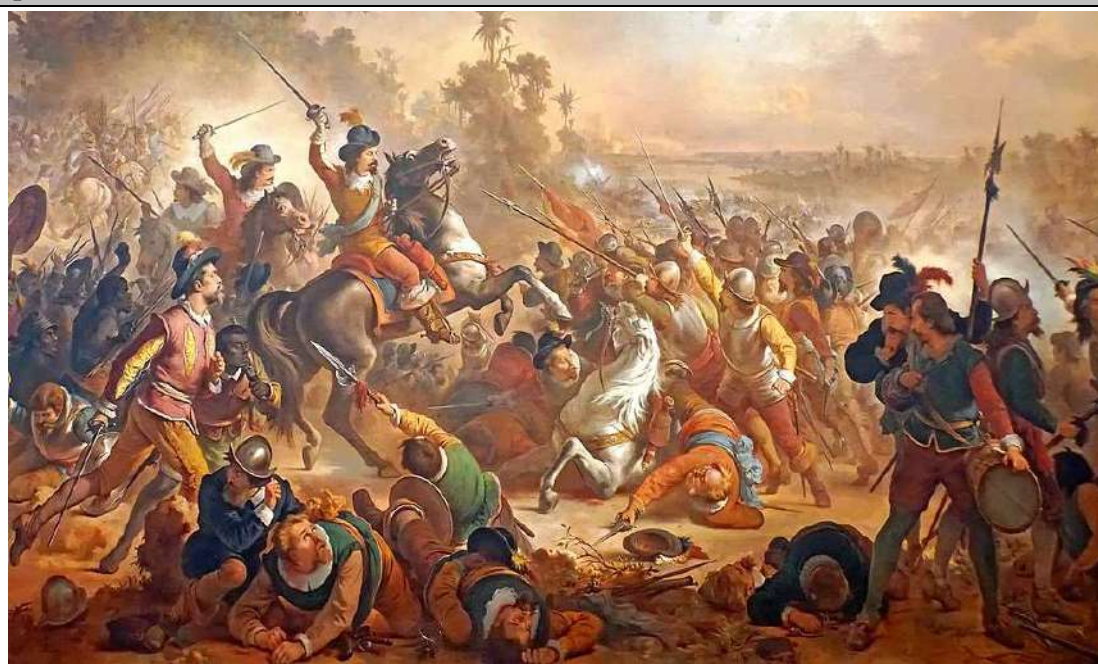
A reação de Lisboa consistia em negar qualquer envolvimento da Coroa com o levante e colocava a culpa no governador geral, Antônio Teles da Silva (Mello, 2010, p. 378). No entanto, as conspirações dos restauradores tiveram apoio determinante de senhores de engenhos, como João Fernandes Vieira, segundo maior devedor, que pôs-se à frente da guerra. Ele era senhor de 16 engenhos de açúcar, possuía mais de 2.000 escravos cativos, mais de 2 mil bois, 4 mil vacas parideiras (Mello, 2010, p. 359). A Insurreição de 1645 foi preparada pelos senhores de engenhos, mas também, pelos devedores, que desejavam se livrar das dívidas e retomar a posse dos seus engenhos. Fabricavam facões e a senha era açúcar. Em 1645, os luso-brasileiros controlavam quase todo o interior do Nordeste, reduzindo a presença holandesa ao Recife e às guarnições litorâneas de Itamaracá, Paraíba, Rio Grande do Norte e Fernando de Noronha. Em 1646, encontravam-se de forma semelhante ao período inicial de 1630 a 1632: estavam sitiados no Recife e nas praças fortes (Mello, 2007, p. 235-245; Mello, 2010, p. 384, 405).

Quanto às batalhas, a primeira grande batalha campal ocorreu nos montes das Tabocas em 1645, com destaque à desproporção das tropas e vitória dos luso-brasileiros. No lado holandês, havia 2.300 homens e 1.500 armas de fogo; no lado luso-brasileiro, apenas 1.200 homens, 200 espingardas, facas, facões, dardos, espadas. Morreram 154 holandeses e somente 11 luso-brasileiros (Mello, 1997, p. 285-286).

As duas batalhas seguintes ocorreram nos Montes Guararapes e foram utilizadas cavalaria dos dois lados, lanças, arcabuzeiros. Os holandeses tinham domínio e superioridade pelo mar; pelos rios, os luso-brasileiros saíram vitoriosos (Mello, 2007, p. 268-270).

Segue abaixo a figura 12, com ilustração da Reconstituição da 1ª Batalha dos Montes Guararapes.

Figura 12 - Reconstituição da 1ª Batalha dos Montes Guararapes em 1648, pintado por Vitor Meirelles



Fonte: Victor Meirelles (1832-1903).

Mesmo, antes da primeira batalha, os Países Baixos enviaram uma poderosa esquadra armada de socorro. No entanto, em 1648, nos Montes Guararapes, os holandeses, com 4.500 soldados, foram abatidos pelos luso-brasileiros e bateram em retirada após 500 mortes, entre elas, de 48 oficiais. No ano seguinte, em 1649, na segunda batalha, os luso-brasileiros com menos de 2 mil homens no exército, seiscentos indígenas e negros, a companhia de cavalos, conseguiram abater os holandeses, que tinham 3.500 homens, duzentos índios, duas companhias de negros, trezentos marinheiros divididos em 9 batalhões; derrotaram novamente as tropas batavas, que perderam mais de 1.500 soldados (Mello, 2010, p. 405-468).

O Acordo de rendição foi assinado em 21 de janeiro de 1654, no Forte das Cinco Pontas, no Recife. Os holandeses entregaram as demais Praças fortes que ainda detinham (Mello, 2010, p. 468).

Segue na figura 13, ilustração da Reconstituição da assinatura da rendição holandesa, no ano de 1654.

Figura 13 - Reconstituição da assinatura da rendição holandesa em 1654



Fonte: Câmara, (1977).

3 DADOS E EVIDÊNCIAS: CACHIMBOS E OUTROS ARTEFATOS

O estudo do consumo e de identidades de cachimbos encontra-se inserido no contexto da Arqueologia Histórica, com a contribuição da documentação escrita que poderá ser aplicada à sociedade colonial da Capitania de Pernambuco do século XVII.

Os dados e evidências para o estudo encontram-se destacados no universo do consumo das drogas e dos cachimbos, como também se relacionam aos grupos sociais viventes na época, consumidores do artefato de fumar. Os dados de referência de cachimbos cerâmicos serviram para subsidiar as análises e as descrições de artefatos de cachimbos consumidos por colonos e holandeses na Capitania de Pernambuco, contribuindo com a conferência, através das publicações de cachimbos avermelhados, destaques para Frederico Barata (Barata, 1951) e Sarah Hissa (Hissa, 2022a, b); e de cachimbos brancos de caulinita, com Adrian Oswald (Oswald, 1960, 1969, 1975), Dom Duco (Duco, 2003); David Higgins (Higgins, 2017) e Sara Hissa (Hissa, 2022a, 2022b).

Nesse contexto, os dados abordados foram norteados pelos resultados de pesquisas e publicações referentes aos cachimbos denominados de avermelhados (incluindo os indígenas) e brancos de caulinita. As contribuições serviram para evidenciar e subsidiar as análises das coleções arqueológicas de cachimbos na Capitania de Pernambuco.

Os dados e as evidências das identidades sociais correlacionadas à fabricação e ao consumo de cachimbos cerâmicos foram descritos e interpretados. Primeiramente, o Tabaco e os instrumentos de fumar, ressaltando o consumo e outras ervas alucinógenas, como também artefatos de fumar, precursores da origem do cachimbo. Em seguida, os cachimbos cerâmicos, ressaltando o seu uso e a importância para os indígenas; apresentando as distintas tipologias de cachimbos avermelhados atribuídos aos colonos do Brasil, de Portugal e do Império Otomano, bem como as evidências da morfologia e da tipologia dos cachimbos brancos de caulinita na Inglaterra e na Holanda.

3.1 CONSUMO DE DROGAS E TABACOS

O uso do cachimbo cerâmico encontra-se enquadrado no mundo do consumo variado de drogas. A palavra droga tem sua conotação semântica negativa, de condenação, medo e de curiosidade mórbida. Há um étimo muito contraditório para designar apenas produtos que a natureza oferece para as tinturas, a química e os medicamentos. No grego, droga é *pharmakon*, com o significado de remédio, medicamentos e também de veneno. Na língua inglesa, droga

é *drug*, termo utilizado no sentido de narcótico, cujos efeitos podem ser mortais. No entanto, narcótico refere-se ao termo genérico designado para substâncias que produzem estupor ou letargia, podendo causar o alívio ou suprimimento de uma dor. A Organização Mundial da Saúde (OMS), definiu a dependência de drogas como sendo o uso habitual e compulsivo de qualquer droga narcótica que ameace a segurança e o bem-estar do dependente ou de terceiros (Sangirardi Jr., 1983, p. 11-18).

Há várias espécies de drogas e sua procedência depende de partes das plantas usadas, do solo, do clima, da época de colheita, da maneira de produzir e dos aditivos utilizados no seu preparo. Como o exemplo da maconha, produzida à base de folhas e flores secas e outras ervas diversas, e da cocaína, produzida através de folhas da coca e cogumelos cultivados em laboratórios, tornando-as com efeito mais potente que as espécies espontâneas existentes. Para os povos indígenas na América, um princípio inteligente habita o reino vegetal e se encontra presente em cada espécie. Consideravam que toda planta psicotrópica ou que atua no cérebro e modifica a maneira de sentir, pensar e agir era sagrada e consumiam ritualmente (Sangirardi Jr., 1983, p.11-18). Desta forma a planta tabaco encontra-se inserida no mundo das drogas.

3.1.1 O Tabaco na América e os europeus

A planta tabaco ou *Nicotiana*, pertencente à família das solanáceas, descendeu praticamente de duas: a *Nicotiana tabacum* L e a *Nicotiana rústica* L (Sangirardi Jr, 1983, p. 96). Cerca de 70 % das espécies de *Nicotiana* estão concentradas nas Américas do Sul e do Norte. Desse total, a maioria encontra-se na metade sul da América do Sul, incluindo a região dos Andes. No entanto, ressalta-se a *Nicotiana tabacum* originária, provavelmente, do norte da Argentina ao sudoeste da Bolívia, onde as altitudes apresentam-se como médias para baixas. Possui sementes de tamanho pequeno, sensíveis à luz para germinação, carecendo de baixa saturação de luz para fotossíntese, possuindo folhas relativamente largas e suscetíveis a geadas. É uma espécie naturalmente perene, mas cultivada como uma cultura anual. Enquanto *Nicotiana rústica* tem a possível origem na América do Norte (região do Mississipi e norte do México). Entretanto, espécies nativas fora do Novo Mundo estavam concentradas na Austrália, e apenas duas espécies foram encontradas fora dessa área, sendo uma delas numa ilha no Sul do Pacífico e outra na África (Namíbia). Embora o gênero *Nicotiana* inclua numerosas espécies, encontra-se representado sem dúvida por *N. tabacum*, a fonte de tabaco para fumar (Lorencetti, 2008, p. 382).

Durante as viagens de Cristóvão Colombo pela América, em 1492, navegadores observaram índios chupando a fumaça de certas ervas secas, denominadas de tabaco. Depois colocavam numa outra folha seca, como se fosse um foguete, e acendiam por uma parte dele (Nardi, 1996, p. 23-24). Quanto ao termo tabaco, tem uma denominação atribuída ao arquipélago de Tobago, ao norte da Venezuela. A erva *Nicotiana* derivada de Jean Nicot, embaixador da França junto à Corte de Portugal, em 1560, após ter cicatrizado de uma úlcera na perna, até então incurável; também remeteu algumas plantas a Paris com destino a Catarina de Médicis, rainha da França, para auxiliar no alívio de suas enxaquecas. Em decorrência, o tabaco passou a se chamar erva ou pó-da-rainha. Depois, denominaram *Nicotiana* ou erva-do-embaixador, por ter sido Nicot quem introduziu na França. Nesse tempo, igualmente conhecida por erva-santa, em virtude das qualidades medicinais que então lhe atribuíam (Lorencetti, 2008, p. 391-392).

Na Europa, no século XVII, o tabaco era o companheiro de uso dos mais diversos grupos sociais, desde abastados, como príncipes na Corte, até as pessoas de poucas posses, como os camponeses nas cabanas, exércitos nas campanhas, musas na casa de escritores. Consumir tabaco tinha vários significados, entre eles, Fernando Ortiz (1978) descreveu: “o tabaco é um rito social de paz e amizade, é o amigo mais constante do soldado e, na guerra, é sempre e em todos os momentos, sua paz”. Chamavam na Europa de “erva santa”, usado sob a forma do rapé (pó), mascando folhas secas, bebendo e fumando com o cachimbo (Mello Neto, 1983, p. 128 e 132; Ortiz, 1973, p. 266).

3.1.2 O Tabaco e o consumo pelos indígenas da América

O consumo do tabaco e de ervas alucinógenas fazia parte da vida cotidiana dos povos indígenas, depois passou a ser um hábito corriqueiro entre os colonos e os europeus (Sangirardi Jr, 1983). Porém, entende-se por ervas alucinógenas as substâncias que privam da razão, provocam alucinações ou sintomas de uma realidade que não existe ou não ocorreu (Ferreira, 2008, p. 114). Do ponto de vista normativo e costumeiro, fazia parte do cotidiano de povos indígenas da América o consumo de ervas durante os rituais religiosos, fúnebres, em passagem de fases da vida, curas, casamentos, fertilidades e, principalmente, para se comunicarem com os seres sobrenaturais (D’Aquino, 2013). “Para o índio, a doença tinha origem externa, inclusive, com a projeção de objetos estranhos no corpo. Por isso, no seu ofício de curar, o pajé soprava, procedia à sucção para extrair o mal e defumava com o grande charuto de tabaco” (Sangirardi Jr, 1983, p. 104).

O consumo do tabaco tinha finalidades diversas, como a de provocar narcose (dormência), sonos, visões, visitas de espíritos e comunicação com eles. Era uma das plantas mais usadas pelos indígenas, na América, que a absorviam, principalmente, através de seis formas: fumado, comido, mascado, bebido, lambido e aspirado (Cooper, 1986, p.102-103).

Quanto ao tabaco fumado, geralmente, confundiam e ainda confundem o termo fumo com o tabaco. Porém, a palavra fumo provém de fumaça da erva que se inalava ao fumar (Navarro, 2013, p. 380); enquanto o tabaco, deriva-se da planta *Nicotiana*. Dessa forma, a presença e o uso da fumaça remetiam à utilização do fogo e da fogueira pelos indígenas, expondo a inalação de ervas consumidas pela queima direta nas fogueiras ou inspirando com artefatos de fumar pelas vias orais ou nasais (Cooper, 1986, p. 104-105). Por outro lado, o uso ritualístico da fumaça era recorrente entre os indígenas das Américas, como também da ingestão de outras substâncias alucinógenas e do tabaco, fumando-se em cachimbos (Sangirardi Jr, 1983, p. 101). Ressalta-se a recorrente queima do tabaco no complexo xamânico e mágico-religioso que ocorria em ritual de queima de folhas num braseiro, como incenso, e em cerimônias nas quais a fumaça era soprada para os quatro pontos cardeais, sobre as pessoas, especialmente doentes, e na direção de objetos de uso pessoal (Cooper, 1986, p. 106). Entre grupos indígenas, havia o hábito de jogar folhas secas, como as do tabaco, sobre um braseiro para aspirar a fumaça com a finalidade de cura, de prazer ou de simples embriaguez. Para concentrar a fumaça, canalizando-a até as vias respiratórias, usavam tubos feito de osso, madeira, caniço, pedras dóceis ou terracota (Sangirardi Jr, 1983, p. 108).

Nesse contexto, comer tabaco era outro costume, relativamente raro entre os indígenas, em que colocavam o pó na boca e engoliam. Além do mais, mascar tabaco era um hábito inexistente nas cordilheiras dos Andes e em outras áreas, em que o misturavam com cinza de outras substâncias de plantas, ossos, nitrato preto de potássio e até conchas pulverizadas. Na ausência da *Nicotiana*, consumiam outras plantas mastigatórias.

Já o hábito de beber tabaco ocorria com mais frequência na região do Amazonas e nas Guianas. O preparo do tabaco líquido correspondia em colocar folhas em águas fervidas ou mastigá-las, cuspidando numa vasilha ou ainda deixá-las de molho. Normalmente, ingeriam o tabaco líquido pela boca ou pelo nariz. Por outro lado, no Amazonas verificou-se o ato de lamber tabaco que consistia em ferver as folhas até extrair um produto consistente do alcatrão. Depois, trituradas e misturadas com goma de mandioca engrossada, transformavam num produto xaroposo; com uma concha ou numa cabaça, corria a roda, o usuário com o dedo ou

um pauzinho na massa escura lambia a pasta. Na Venezuela, usavam em forma de pílula. O tabaco aspirado ou ingerido em pó de ervas ou de tabaco designavam de rapé, compreendendo o pó para cheirar e aspirar. O tabaco proveniente de raiz ou de folha da planta *Nicotiana* tinha finalidades medicinais, higiênicas e recreativas. O rapé (ou o pó da erva), servido como estimulante, era usado diariamente nas bebedeiras coletivas ou antes das expedições de guerra, pois os caçadores se sentiam mais atentos e com visão mais aguçada (Cooper, 1986, p. 108).

3.1.3 O Consumo do tabaco e outras drogas na América, na África e na Austrália

Na América: tabacos e outras drogas

Além do hábito do uso do tabaco *N. Rustica* e *N. Tabacum*, povos nativos da América, antes do contato com os europeus, consumiam uma variedade de drogas e, às vezes, misturadas com o tabaco. Entre tantas plantas denominadas como drogas, além do tabaco, o botânico Ângelo Sangirardi Jr, destacou para a América uma dúzia das espécies, dentre elas, destacam-se cinco vegetais: o cacto peiote, os cogumelos divinatórios, a paricá, a coca e a jurema. 1) *O cacto peiote* (peyotl), da família das cactáceas, com o formato de uma cenoura, identificada como planta mágica, no México. Existem outros e milhares de cactos espalhados pelas regiões secas do globo (Sangirardi Jr, 1983, p. 20); 2) Os *Cogumelos divinatórios*, do gênero *Lycoperdon*, ficou conhecido entre os astecas como *Teonanácatl*, como a Carne de Deus, acreditavam em poderes mágicos e servia contra feitiçaria, remédios para as doenças malignas e antídotos para os venenos mais violentos. São conhecidas mais de 50.000 espécies espalhadas pelo mundo (Sangirardi Jr, 1983, p. 54); 3) A *paricá*, derivada de plantas e com as cascas do gênero da *Virola* e das sementes do gênero *Piptadenia*, consumidos sob a forma de pó ou de rapé, designado como pó para cheirar. A Paricá correspondia a uma árvore de porte médio, com troco e casca muricada, folhas bipinadas, flores pequenas e esbranquiçadas e sementes achatadas. Há várias espécies de Paricá, espalhadas da América Central a América do Sul, com denominações variadas: niopo e cojoba, respectivamente na Venezuela e no Haiti; curupa, entre os índios omágua na Amazônia; cohoba, no Rio Negro e no Amazonas; huilca, no Perú e na Bolívia; cevil, na Argentina; e no Brasil, por paricá ou paricá da terra, paricá de cutume, arapiraca, curupaí, timborana e outras denominações como de angicos branco, roxo, vermelho e do campo (Sangirardi Jr., 1983, p. 142-144); A *coca*, arbusto da família das Eritroxiláceas, com 1 a 3 metros de altura, possui folhas alternas, ovadas, finas e opacas, verdes-luzidias na parte superior e verde claras e amarelas na inferior, folhas com linhas

curvas e bem salientes, flores miúdas e perfumadas, brancas ou amarelas, frutos monospermos duplo e vermelho com cerca de 1 cm. Há variedades de denominações: ipadu ou Ypandu (tupi), ipadu-mirim (Rio Negro), cuca (peruano), coca (espanhol). Existem corruptelas de cuca, coka, khoka, cochua, batu, patu, patô, ipadó, ybadu e ypatu. Seu consumo principal se destaca pelo hábito de mascar folhas de coca, principalmente, no Peru e na Bolívia (Sangirardi Jr, 1983, p. 150-151); 5) *Ajurema*, nome derivado do tupi yú-r-ema, espinheiro, designa várias espécies dos gêneros Mimoso, Acácia e Pithecelobium. São árvores ou arbustos com princípios ativos excitantes ou alucinógenos. Destacam-se a jurema-branca (pthecelobium diversifolium Benth), jurema-de-oeiras (Mimosa verrucosa Benth) e a principal, a jurema preta (Acácia hostilis Benth), planta xerófila das caatingas e dos sertões nordestinos (Sangirardi Jr, 1983, p. 191-192).

Para além do tabaco, *N. Tabacum*, espalhada pelo leste da América do Norte e do Caribe, também nativos dessas regiões consumiam outras espécies de plantas, como a *N. quadrivalvis* ou *Attenuata* (var. *bigelovii*) e uma centena de espécies de vegetais, representando 55 gêneros de plantas usadas para fumar. Entre as mais populares incluíam: *bearberry* ou *kinnkinnick*, Uva-ursa (*arctostaphilos uva-ursa*); agulha de Teixo (*Taxus brevifolia* Nutt); Dogwood (*cornus sp*); Folhas de solal (*Gltheria Shalon Puch*); Folhas de Madrone (*Arbus menziessi*); Salvia Ratejante (*Salvia sonomensis*); Carvalho negro da Califórnia (*Quercus Kelloggii Newb*); Visco comum (*Phoradendron villsum Nutt*) entre outras (Tushingham, 2016, p. 213-216).

Na África: Cannabis e tabaco

Não existiu nenhum relato europeu sobre a África, escrito antes da descoberta da América, que fizesse alusão a algo parecido com o tabaco em alguma parte do continente. Porém, o consumo e o cultivo do tabaco passaram a fazer parte da vida dos africanos, a partir do século XVI em diante, com a introdução de produtos e da planta feita pelos europeus (Laufer, 1930, p. 3-13).

O consumo do tabaco pelos africanos tinha um significado a mais do que apenas uma diversão, prazer ou como o hábito de fumar. Encontrava-se relacionado com as observações públicas, as etiquetas sociais e ao desenvolvimento das diferenças e da posição social. Cheirar, fumar, mascar tabaco e os costumes determinavam as relações entre grupos, a posição social, sexo e idade, em todo o continente (Laufer, 1930, p. 16). No entanto, antes do tabaco, *Cannabis* (cânhamo) foi introduzido na África, possivelmente disseminado, a partir da África

Oriental e além dela. Nativos africanos consumiram outras ervas e, às vezes, misturadas como da espécie figo hotentote (da família Ficoidere) e denominada de *channa* pelos nativos (Laufer, 1930, 13-14).

A *Cannabis* e o tabaco tiveram papéis de longas datas nas sociedades africanas. Apesar das diferenças botânicas e farmacológicas, vale a pena considerar o tabaco e a *Cannabis* em conjunto, porque têm sido utilizados durante séculos, como plantas medicinais e amplamente fumadas. A *Cannabis* (angiospermas) da fonte da marijuana e do haxixe, foi introduzida na África Oriental, a partir do sul da Ásia e, depois, amplamente dispersada pelo continente, enquanto que o tabaco, inserido na África vindo das Américas no final do século XVI e depois ganhou popularidade rápida, generalizou-se e desenvolveu modos distintos de produção e de formas de consumo (Duval, 2017, p. 1-3).

A *Cannabis* na África na região central e costa leste era denominada de *bongi*, na área do oeste de *djambal* e ao sul de *dagga*, conhecido como o cânhamo indiano e sendo o mesmo fumado na Índia e no Egito. A *dagga* cresceu selvagem por todas as partes, também foi cultivada pelos nativos e consumiam qualquer parte da planta até o caule (Bourhill, 1913, p. 5-14). Os nativos africanos consumiam a *Cannabis* fumando ou inalando os vapores através de água e, imitando os árabes, adotaram o hábito de consumir através de pílulas. Às vezes, em algumas regiões, nativos fumavam *dagga* num cachimbo comum de fabricação europeia. Porém, usavam apenas por conveniência, sendo menos provável que atraíssem a atenção indesejada (Bourhill, 1913, p. 14-21).

Na Austrália: pituri e nicotianas

A flora natural australiana incluía uma variedade de plantas que continham nicotina, algumas das quais, haviam sido, tradicionalmente, colhidas, preparadas, comercializadas e mastigadas por povos indígena, em grande parte, da Austrália. A mais potente delas era denominada de “*pituri*”, feito de folhas do arbusto *Duboisia hopwoodii*, a qual possuía um teor de nicotina de até 8%, muito maior do que o encontrado nos cigarros manufaturados. Outras plantas foram utilizadas para mastigar e, entre elas, incluíram espécies de Nicotinianas, como: *N. gossei*, *N. suaveolens*, *N. excelsior* e *N. ingulba*. Essas ervas chamadas de “tabacos selvagens” eram mascadas por homens, mulheres e crianças e, tal como o pituri, foram amplamente comercializadas a longas distâncias. Com o tempo, a terminologia mudou e, em algumas regiões, os tabacos selvagens passaram a ser chamados coletivamente de pituri. Depois, com a chegada dos britânicos, por volta de 1788, novos padrões de uso do tabaco

foram introduzidos na Austrália. O tabaco passou a ser geralmente consumido por todos os escalões da sociedade colonial; oficiais e outros homens socialmente elevados usavam rapé e, posteriormente, charutos; enquanto que os marinheiros e os condenados preferiam cachimbos de barro. Os tabacos e os cachimbos dos europeus foram introduzidos rapidamente, tornaram-se populares e amplamente procurados pelas comunidades indígenas, independentemente de terem sido ou não utilizadores de tabaco selvagem ou do pituri (Walker, 1984).

Como exposto anteriormente, o tabaco revelou-se uma planta existente em diversos continentes e com destaque para duas variedades: a *Nicotiana tabacum* e a *rústica*, ambas de origem da América, consumidas e comercializadas pelos europeus, depois disseminadas pelo mundo. Entre os consumos realizados, em diversas formas, destacam-se o fumado e o aspirado através do pó, denominado de rapé e as vezes misturado com outras ervas. Além das referidas formas de consumo, ressaltam os artefatos utilizados na ingestão do tabaco e de outras ervas.

3.2 ARTEFATOS DE CONSUMO DE TABACO E OUTRAS DROGAS

Além das referidas formas de consumo de tabaco e suas variedades, destaca-se a utilização de artefatos de consumo da *Cannabis*, da pituri e outras drogas pelos nativos da América, da África e Austrália antes do contato com os europeus.

3.2.1 Na América do Sul e Central: Cangueras ou charutões indígenas

Nas três Américas destacam-se três tipos de artefatos de consumo do tabaco e de outras ervas: instrumentos de consumo de rapé, a canguera e os cachimbos. Quanto aos cachimbos da América, serão discutidos num item à parte.

Os cronistas dos primeiros séculos da colonização portuguesa no Brasil identificaram as cangueras indígenas como sendo artefatos de fumar tabaco ou de ingerir pó de ervas alucinógenas, denominando de charutões. Os charutões eram produzidos com folhas picadas de tabaco, enroladas por outras folhas do próprio tabaco, variando de tamanho, com comprimento médio de aproximadamente seis centímetros ou mais (Cooper, 1986, p. 103-108).

John Cooper (1986) estabeleceu comparação do consumo de tabaco entre a América do Sul e a América do Norte, considerando em ambos: o cachimbo tubular apareceu bastante arcaico e o seu uso era secular ou hediondo (vicioso); o uso do tabaco era um sacrifício ou oferenda favorita e o uso como vício que prevaleceu sobre o religioso, a partir da conquista. Os tipos de cachimbos revelaram menor variedade e elaboração na América do Sul do que na

América do Norte. Por outro lado, o complexo do consumo do tabaco revelou maior variedade e elaboração (com muitos modos de aspirar, beber, *lamber* etc.) e o uso de charutos com mais frequência na América do Sul, do que na América do Norte (Cooper, 1986, p. 106-107).

Nesse contexto, destaca-se, a seguir, o consumo de tabaco e ervas, através de charutões e instrumentos para ingestão de rapé.

O consumo do tabaco fumado evidenciou ser o mais difundido e as formas predominantes de fumar se revelaram, através do uso de charutos e de uma espécie de cachimbo tubular (Cooper, 1986, p. 102-103).

No âmbito da América do Sul, os cachimbos indígenas de cerâmica poderiam ter surgido com a morfologia de canguieras ou charutões de tabacos. De acordo com cronistas dos primeiros séculos da colonização portuguesa no Brasil, as cangueras ou charutões indígenas eram artefatos de fumar tabaco (Cardim, 2020; Souza, 2010).

O padre jesuíta Fernão Cardim, no “Tratado da terra e gente do Brasil”, observou costumes de nativos, o consumo de tabaco (ou de petima) e fez a seguinte descrição:

Secam e fazem de uma folha de palma uma canguera, que fica num canudo de cana cheio dessa erva e, pondo-lhe fogo na ponta, metem o mais grosso na boca, e assim vão chupando e bebendo aquele fumo, e o tem grande mimo e regalo, e deitados em suas redes gastam em tomar essas fumaças parte dos dias e noites (Cardim, 2020, p. 240).

Outro cronista e viajante, Gabriel Soares de Souza^{7,8}, no Tratado Descritivo do Brasil em 1587, designou canguera como cangoeira da seguinte forma:

Cangoeira de fumo é um canudo que se faz de uma folha de palma seca e tem dentro três e quatro folhas secas de erva-santa, o que os índios chamam de petume, e acendem essa cangoeira pela parte das folhas de petume, e, como tem brasa, a metem na boca, e sorvem para dentro o fumo, que logo lhe entra pelas cachagen⁹, mui grosso, e pelas goelas, e sai-lhes pelas ventas afora com muita fúria, como não podem sorver esse fumo, tiram a cangoeira fora da boca.” (Souza, 2010, p. 305-306).

Conforme a Figura 14, pode-se observar indígenas consumindo Cangueras ou cangoeiras.

⁷ A palavra canguera também encontra descrita na documentação com os termos canguera, cangoeira.

⁸ Gabriel Soares de Souza, viajante e explorador português, estabeleceu-se na Bahia, na segunda metade

do século XVI, como proprietário de terras e senhor de engenho (Souza, 2010, p. 4).

⁹ Cachagens correspondem ao conjunto de ossos das fossas nasais.

Figura 14 - Indígenas consumindo Cangueras



Fonte: Trevet (1983).

Artefatos de consumo de rapé

Além do consumo do tabaco e das cangueras, foi registrado entre os indígenas da América do Sul e Central, o uso de canudos ou artefatos tubulares para a inalação do rapé. O instrumento ou o artefato consistia em dois tubos ou canudos justapostos com variedade e formato único tubular, “V”, “Y” e “X”, confeccionados de ossos de perna de pássaro ou de onça. O uso compreendia em colocar uma extremidade na narina e a outra na boca, depois soprar ou inspirar o rapé. (Cooper, 1986, p.108; Sangirardi Jr, 1983, p.137-138).

Nos diários de viagens de Cristóvão Colombo pela bacia do rio Madeira, no Amazonas, encontra-se registrado o uso de tubos inaladores de ervas com o formato de “Y” utilizados por indígenas Mura (Sangirardi Jr, 1983, p. 137-138). Por esses aparelhos, os indígenas aspiravam pelas narinas um pó vegetal, e os europeus pensavam que esse pó era feito de folhas secas e moídas de tabaco. No entanto, os indígenas produziam o pó com ervas alucinógenas disponíveis, como paricá e cohoba, nem sempre de tabaco. A partir dessa confusão, os europeus começaram a cheirar folhas de tabaco pulverizadas e, em pouco tempo, o rapé dominou a Europa. (Sangirardi Jr., 1983, p. 88-105).

Na Figura 15 abaixo, podem ser vistas imagens de instrumentos inaladores de rapé com canudos nos formatos de “Y” e “X”, utilizados por nativos da América do Sul e América Central.

Figura 15 - Artefatos de consumo de rapé

Imagens de indígenas Mura, bacia do Rio Madeira, no Amazonas, aspirando com tubo em forquilha as duas pontas do “Y” ligando as narinas e o lado oposto mergulhado no rapé.



Desenho de consumo de ervas com tubo no formato de “Y”, do século XVIII.



Imagens de índios Witóto, no Amazonas, aspirando rapé entre dois índios, com tubos no formato de “X”.

Fonte: Sangirardi Jr. (1983).

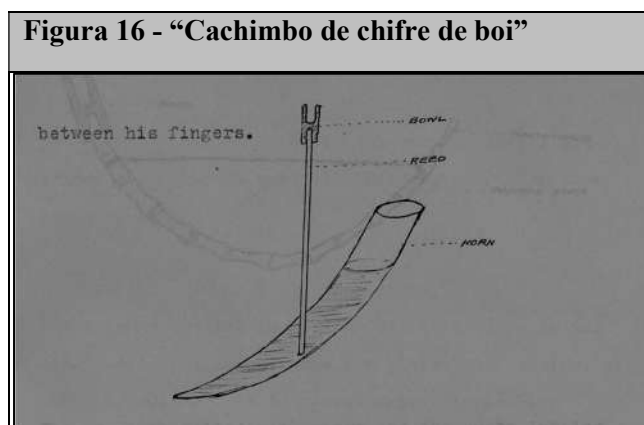
3.2.2 Na África: Artefatos de consumo de Cannabis e Tabaco

Os nativos africanos coletavam, preparavam e consumiam *Cannabis* e tabaco na forma de “fumado e inalando” com vapores de água. Eles não adotaram os hábitos dos árabes de fazer pílulas de cânhamo. *Cannabis* denominada de *dagga* e fumada na África do Sul foi praticamente a mesma que a cânhamo fumado na Índia, no Egito sob vários nomes e consumidos por artefatos de fumar denominados de cachimbos (Bourhill, 1913, p. 13-14).

Chis Duval (2017) baseando-se em artefatos de fumar, provenientes de coletados de áreas do Chade, da Etiópia e do Sul de Botswana, concebeu os cachimbos como sendo uma invenção da África Subsaariana e Oriental, com datações em torno de 600 a.C. e na sua maioria, posterior a 1.000 d.C., contudo, apontou para duas tipologias de cachimbos: os cachimbos de água, à base de narguilé para o consumo da *Cannabis*; e os outros, cachimbos secos, à base de bambu, associados ao tabaco (Duval, 2017, p. 3).

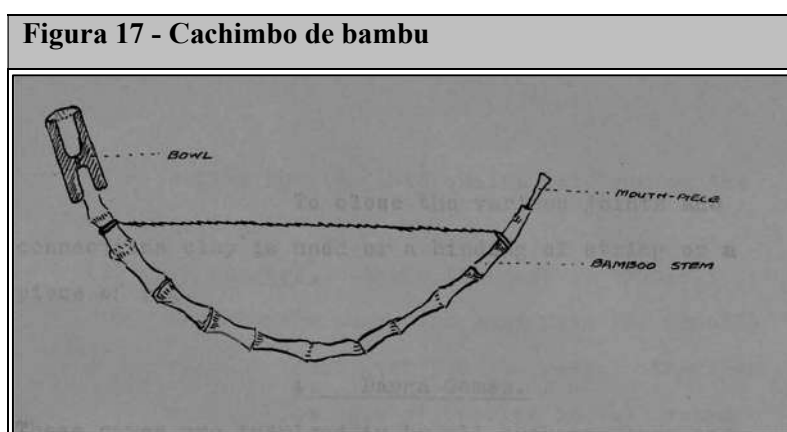
A *Cannabis* como a *dagga* era fumada por uma variedade de artefatos, e alguns, denominadas de “cachimbos de água”, segundo Charles Bourhill (1913). O cachimbo de água era usado de três formas: colocado no próprio cachimbo e a fumaça puxada com som borbulhante; quando o fumante tomava um gole de água e transformava sua boca em uma camada de resfriamento improvisado; e existia, também, uma estrutura feita no solo com tamanho de 6 metros. Os

fornilhos usados neste e em outros tipos de cachimbos eram feitos de três maneiras: recortando uma rocha macia, esculpindo e ornamentando por fora; moldado em argila; e moldando com o solo retirado de formigueiro. Além do mais, usavam em um chifre de boi, preenchendo até a metade com água, fixava nele um cano oco e na outra extremidade inseriam a dagga. Quando um nativo não conseguia fechar confortavelmente a extremidade superior do chifre, devido à palheta saliente, alterava ligeiramente o cachimbo. Desta forma, um buraco era feito na lateral do chifre e a palheta inserida através dele até abaixo do nível da água. Depois fechava a extremidade aberta do chifre com a mão e inspirava através de um furo (Bourhill, 1913, p. 19-20). A figura 16 ilustra o cachimbo de chifre de boi.



Fonte: Bourhill (1913).

Outro modelo cachimbo, fabricado a partir de pedaço de bambu (Figura 17), dobrado em forma de arco era preso por um barbante. Cortava em uma extremidade de sua palheta cerca de 2 acima de um nó, enquanto nos outros nós, faziam furos grandes. Nesse exemplo existia apenas um pequeno furo e assim tinha um forninho pronto (Bourhill, 1913, p. 20).



Fonte: Bourhill (1913).

A *Cannabis* e o tabaco tiveram papéis de longas datas nas sociedades africanas. Apesar das diferenças botânicas e farmacológicas, consideravam como plantas medicinais e amplamente fumadas. *Cannabis*, fonte da marijuana e do haxixe, foi introduzida na África Oriental, a partir do sul da Ásia e, depois, amplamente dispersa pelo continente africano, enquanto que o tabaco foi introduzido na África, vindo da América, no final do século XVI (Duval, 2017, p. 1).

Berthold Laufer (1930) observou o diário de viajantes europeus pela África colonial. Numa delas, um oficial francês, antes de 1683, observou a forma de fumar na África e propôs fumar a moda africana: “todos juntos no mesmo cachimbo”, no qual continha um forninho muito grande e perfurado em vários lugares, de dez, e com hastes inseridas nesses orifícios, permitindo, assim, que tantas outras pessoas fumassem tabaco, simultaneamente. Noutro relato de William Finch, em 1607, durante sua visita na África, em Serra Leoa, descreveu o consumo do tabaco: “O tabaco era plantado em toda a casa de cada homem, o que parece ser metade de sua comida”. O cachimbo possuía um forninho muito grande e voltado para cima, feito de barro bem queimado no fogo (Laufer, et al., 1930, p. 2-7).

A partir de artefatos procedentes de escavações da região de Gana, Trurstan Shaw (1960), foram coletados vários artefatos de cachimbos de cerâmica, datados de 400 a 500 anos, ou seja, do período de contato com europeus até o século XIX. Trabalhou com a hipótese de que os cachimbos locais da África Ocidental foram produzidos com a influência de cachimbos europeus e de áreas da América. Desse montante, recolheu 96 artefatos fragmentados e nenhum cachimbo completo, apresentando as seguintes características (Shaw, 1960, p. 272-295):

- a) Geralmente com superfície externa lisa, variando de cor marrom avermelhados claro ao cinza;
- b) Cachimbos do tipo de duas peças, com o encaixe da haste e haste fabricada por uma palheta oca ou tubo de madeira para ser projetada num furo na base do forninho;
- c) Classificou os cachimbos em 8 categorias tipológicas, conforme o quadro abaixo.

Na Tabela 3, pode-se conferir a descrição de 8 categorias de cachimbos cerâmicos da África Colonial.

Tabela 3 - Descrição de 8 categorias tipológicas de cachimbos cerâmicos da África Colonial			
Tipos	Fornilhos	Decoração	Borda/base
Tipo 1	Ângulo de 80°, forma dos lados convexos.	Sem decoração e com decoração incisos: linhas paralelas ao redor do topo do forninho.	Finas e arredondadas ou estreita plana.
Tipo 2	Ângulo de 80°, forma dos lados retos, tendência com cavidade; curtos e laterais grossos.	Decorações incisos: linhas transversais e em espinhas, sulcos paralelos.	Borda Plana, com base arredondada.
Tipo 3	Ângulo de 60°, forma dos lados côncavos.	Decorações incisos: pontos, traços paralelos, pequenos círculos concêntricos, as vezes preenchidos com incrustações brancas.	Base arredondada ou achatada
Tipo 4	Ângulo de 60°, forma dos lados retos; forninho fino, redondo com decoração.	Decorações incisas: com linhas paralelas	Base plana.
Tipo 5	Ângulo de 50°, forma dos lados côncavos; forninho fino, redondo com decoração.	Decorações alto relevo: tipo roletes;	Base arredondada.
Tipo 6	Ângulo de 50°, forma dos lados retos; forninho grosso, redondo com decoração.	Decorações alto relevo: linhas com expressão de roletes.	Borda quebrada; base plana.
Tipo 7	Ângulo não informado; forma dos lados retos; forninho fino, redondo com decoração.	Decorações incisas: com traços horizontais e intervalos com traços verticais.	Borda plana; base arredondada.
Tipo 8	Ângulo não informado; Forninho grosso; forma dos lados convexos (bulboso); forninho grosso, redondo com decoração.	Decorações incisas: linhas e divisas com expressão de roletes.	Base quebrada.

3.2.3 Na Ásia: Artefatos de consumo de Cannabis e tabaco

Embora a Ásia deva a planta tabaco à América, ela não deve em nada à América com relação aos utensílios para fumar. Os asiáticos exerceram a sua própria engenhosidade e produziram os seus próprios aparelhos para fumar, a partir dos seus próprios recursos (Laufer et al., 1930, p. 3).

Na Ásia, entre os artefatos para o consumo de ervas, ressalta-se o narguilé, o qual, chegou na África pelo Egito, e em outras áreas pelos árabes e nela fumavam o cânhamo, às vezes, misturado com o tabaco (Laufer, 1930, p. 16).

O narguilé já existia antes da introdução do tabaco no Velho Mundo. Foi usado para fumar, não só o tabaco, mas, também, flores, especiarias, frutas, café, marijuana, *Cannabis* e haxixe. Dependendo da tradição local, é também conhecido como *narguile*, *narguilé*,

narghile, arghile, sisha, shisha, hookah, waterpipe e até cachimbo de água (2019, p. 13). Sua origem é um pouco nebulosa, mas sabe-se que as rotas de comércio pela Índia e pela China ajudaram a disseminar a prática em todas as partes da Ásia, do Oriente Médio e da África. Uma forma de narguilé usada na Índia, no século XVI, era feita com uma casca de coco que servia de reservatório de água, com uma vara de bambu em cima (Instituto Nacional de Câncer José Alencar Gomes da Silva, 2017, p.12-13).

No geral, encontra-se na constituição do narguilé um forninho ou vaso para o tabaco, um vaso para água, uma mangueira e um bocal. Os furos em baixo do forninho permitem a fumaça passar pelo canal central do corpo e submerso em água (ou álcool), enchendo o vaso de água pela metade. Com uma mangueira percorre do topo ao vaso de água e termina com um bocal, o qual, é usado pelo fumante para inalar. Uma pedra de carvão é instalada na parte superior do forninho cheio de tabaco, geralmente separado do tabaco por uma folha de alumínio perfurada. Depois do forninho ser carregado e o carvão aceso, o fumante inala pela mangueira, aspirando o ar de dentro e ao redor do carvão. O ar quente resultante produz uma combustão do carvão, passando pelo tabaco ou outra erva; e ao ser aquecido, proporciona uma fumaça principal. No final, a fumaça percorre o corpo do narguilé, depois borbulha na água do vaso e segue pela mangueira até o fumante (Instituto Nacional de Câncer José Alencar Gomes da Silva, 2017, p.12-13).

Há diferenças regionais e culturais nas características de *design* (desenho) do narguilé, como o tamanho do forninho ou do vaso de água, além do número de bocais. Contudo, todos os narguilés têm água onde a fumaça passa, antes de chegar ao fumante (Instituto Nacional de Câncer José Alencar Gomes da Silva, 2017, p.12-13).

A figura 18 representa modelos de narguilés e uma mulher persa fumando um modelo distinto de narguilé.



Fonte: Sevruguin (1840-1933).

3.3 CACHIMBOS CERÂMICOS

Além das variedades de consumo de tabaco e ervas alucinógenas, encontra-se entre os artefatos de fumar, o cachimbo cerâmico. A cerâmica é um artefato constituído pelo mineral argiloso e queimado.

3.3.1 A Cerâmica

O cachimbo inserido como um artefato cerâmico, encontra-se na história, na composição química e no consumo da cultura material cerâmica.

Cerâmica: origem e denominação

Na história da fabricação de ferramentas, provavelmente, o ser humano começou com a pedra, o osso, a madeira e, depois, descobriu os metais. Ao longo do tempo, a cerâmica, através do “barro”, despertou seu interesse e nutriu sua curiosidade. O “barro” se transformou em diferentes tipos de artefatos, tendo várias qualidades, como a utilidade, a durabilidade e a beleza, que são determinadas pelo material e pelo método de fabricação (Shepard, 1985, p. 2-5).

A cerâmica representa, de longe, a maior classe de artefatos recuperados durante as escavações em locais históricos. Ela sobreviveu ao solo, o que não aconteceu com outros materiais, além de ser fácil em datação, por fornecer dados da colonização, de identidades de grupos e outros atributos (Barker; Majewski, 2014, p. 205).

Quimicamente, a cerâmica corresponde ao processo do barro submetido a aquecimento a uma determinada temperatura, provocando alterações na estrutura molecular, ou seja, expulsando a água das moléculas do mineral argiloso. Um vaso cerâmico não foi feito com argila ou barro puro; teve mistura ou foi temperado com material arenoso, pó de palha, conchas e até cacos cerâmicos reduzidos a pó. Quanto à natureza da temperatura, é possível extrair indicações úteis sobre a antiguidade, a proveniência e as condições culturais dos seus fabricantes (Childe, 1961, p. 128).

A cerâmica também pode ser denominada de terracota e definida como argila cozida ao fogo, artificialmente (Brancante, 1981, p. 710). O termo cerâmica provém do étimo grego “*keramos*”, chifre oco de animal, servindo como copo ao homem primitivo. Existe, também, uma versão de que se origina do termo *Keramik*, que designa argila. E, ainda, segundo J.

Vasconcellos, a palavra seria originária do nome *Ceramus*, na mitologia grega, filho do Deus Bacco e de Ariana, protetor dos oleiros (Brancante, 1981, p. 704).

Ao estudar a cerâmica, buscando a natureza da pasta, da tinta, da evidência do método de conformação, do acabamento, da decoração, da queima e suas variações, existem quatro pontos a serem ressaltados: a matéria-prima; seu endurecimento; sua impermeabilidade e sua decoração (Brancante, 1981, p. 2).

A seguir, destacam-se a composição química, baseada na cor branca e avermelhada, como, também, da invenção e da produção cerâmica.

Composição química da cerâmica avermelhada e branca

A cerâmica é constituída essencialmente pela argila e suas propriedades são trabalhadas pelos oleiros. A composição da cerâmica indica as técnicas com as quais o oleiro usou e analisou a argila crua, testando as propriedades de trabalho, como também a queima. Após a queima, a argila fica desidratada, a plasticidade é destruída, as evidências são escassas, tornando-se uma classe diferente da argila crua (Shepard, 1985, p. 148).

George Fontaine, da Escola de Belas Artes, da França, descreveu a argila como sendo uma terra gorda e compacta que, diluída na água, torna-se plástica, permanecendo resistente e podendo se tomar todas as formas que se queira. A argila é maleável, quando fria e úmida, mas adquire uma dureza sob a ação do fogo, tornando-se uma obra quase inalterável, devido ao cozimento (Brancante, 1981, p. 2).

A argila é difícil de ser definida porque se aplica a uma variedade de materiais que diferem em origem e composição. Amplamente apresentada como material terroso de grãos finos, a argila desenvolve uma plasticidade quando misturada com água. O termo também designa o tamanho de partícula para a menor fração do solo (Shepard, 1985, p. 6).

Os ceramistas classificam a argila por suas propriedades de aquecimento, como queima branca, vermelha, alta e baixa refratária, ou por seus usos, como argila de porcelana, argila de fogo, argila cerâmica. Na Geologia, ela é classificada, de acordo com sua origem, ocorrência residual e transporte: marinha, aluvial, glacial, eólica e outras (Shepard, 1985, p. 7-8). Além disso, a argila possui componentes químicos, como sílica, alumina, água e, geralmente, contém ferro e alcalino terroso (Shepard, 1985, p. 6). A composição do material de origem, as condições de formação e a existência de argilas sedimentares e residuais são fatores que afetam sua constituição (Shepard, 1985, p. VI). As argilas sedimentadas podem ser observadas através de partículas de carbonatos, óxido de ferro e quartzo em lâminas finas.

A maioria se encontra em camadas marinhas e varia em textura, composição, dependendo do transporte da costa e é depositada em grandes profundidades (Shepard, 1985, p.VI,11).

As argilas residuais são de alta qualidade, utilizadas na fabricação de louças brancas e porcelana. A argila vermelha ou marrom, com alta concentração de micácia e baixo grau comercial, era usada pelos índios na confecção de potes e cachimbos (Shepard, 1985, p. 11).

Há uma complexidade na composição da argila, uma vez que, não possui única substância mineral. Existe uma variedade ou mistura de minerais carregados de impurezas que afetam suas propriedades. Em termos mineralógicos, existem três classes importantes de argila: caulinita, montmorilonita e ilita (Shepard, 1985, p. 5-8).

A Caulinita corresponde a uma substância argilosa branca, incluída na composição da porcelana composta de feldspato, alumina, quartzo e outros minerais. (Brancante, 1981, p.704). Possui uma constituição de cristais finos e é identificada como sendo o principal mineral de porcelana de argila. Os microscópios não revelam sua forma. As impurezas modificam sua propriedade e tornam-se difíceis de separar (Shepard, 1985, p. 6-7).

A caulinita é o principal mineral do grupo do caulim e constitui a maioria das argilas de alta qualidade. Pela sua estrutura atômica, absorve água entre suas moléculas e, quando molhada, absorve sais solúveis (Shepard, 1985, p. 8-10). A caulinita é o principal constituinte e o mais pobre em ferro. Apresentando coloração branca, é usada em louças brancas. É empregada também na indústria de refratários, devido à sua alta proporção de alumina (Shepard, 1985, p. 375).

As ilitas ou micas possuem estrutura essencial e semelhante à mica, à moscovita e ao potássio. São eletronicamente balanceados e não expansivos. São comuns em muitas argilas e especialmente em sedimentos que antecedem o Mesozoico, sedimentos marinhos e xistos (Shepard, 1985, p. 377).

As cores da argila devem-se principalmente a duas classes de impurezas: a matéria orgânica e os compostos de ferro. Argilas livres de impurezas são brancas. Matéria orgânica torna a argila cinza e preta, dependendo também da qualidade e da condição (Shepard, 1985, p. 16).

Os minerais argilosos possuem diferentes proporções de sílica-alumínio, mas o teor de sílica da argila é sempre superior ao da caulinita (Shepard, 1985, p. 150). Na argila cozida devem ser identificados os minerais argilosos como classificação primária. As análises térmicas, método de difração de raios X, fornecem informação após a destruição do cristalino. Na prática, a cor e a refratariedade têm sido critérios para determinar o produto, ao qual, a

argila é adequada. Três faixas de cores são reconhecidas: branca, amarela e vermelha, incluindo, marrom (Shepard, 1985, p. 153-154). Para o presente trabalho utilizaremos duas cores: a branca e a avermelhada.

As argilas brancas são subdivididas em calcárias e não calcárias, diferindo das argilas amarelas e vermelhas, considerando a plasticidade e a refratariedade, ao comparar com as pastas e a queima entre a cerâmica pré-histórica e a histórica (Shepard, 1985, p. 153-154).

Para este trabalho, denominam-se argilas avermelhadas aquelas constituídas de cores vermelhas, marrons e amarelas. Anna Shepard (1985) descreveu as argilas avermelhadas como sendo compostos no mais alto grau de oxidação, constituídos por hematitas e as formas hidratadas de óxido férrico, goethita e limonita (Shepard, 1985, p. 16).

O composto não ferroso, não totalmente oxidado, confere uma cor cinza. São magnetitas (óxidos de ferro-férricos), piratas (sulfatos ferrosos) e sideritas (carbonos ferrosos) (Shepard, 1985, p. 16). Além das cores brancas e avermelhadas, é possível encontrar cores azuis, verdes e vermelhas. A exemplo do mineral silicato, contendo ferro no estado ferroso como a glauconita e o clorito, produzem uma cor esverdeada e os fosfatos de ferro geram cores azuis, verdes e vermelhas, considerados compostos raros nas argilas. Os óxidos e hidroxilos são comuns na argila. Sem eles, a argila seria excepcional. No entanto, não deverão determinar a quantidade de ferro na argila devido a sua cor. Duas argilas da mesma cor poderão ter ferros diferentes (Shepard, 1985, p. 16). A aparência de uma argila crua não indica uma cor confiável quando atingir determinada queima. A matéria carbonácea, quando presente, pode mascarar o efeito do ferro e ser modificada com a queima. Uma argila preta, devido à presença de matéria orgânica, quando totalmente oxidada na queima, muda para a cor creme, marrom-avermelhada ou branco, dependendo da composição (Shepard, 1985, p. 16).

Na Tabela 4, pode-se conferir a relação entre a cor da argila e a da cerâmica.

Tabela 4 - Relação entre a cor da argila e a da cerâmica		
Cerâmica	Cor da argila (antes da queima)	Cor da cerâmica (queima)
Branca	Branca	Branca, cinza e preto
	Creme	Creme, amarelão, cinza, preto, castanho, marrom
Avermelhada	Vermelha ou marrom	Vermelho, amarelo, marrom, cinza, preto
	Cinza escuro e preto	Todas as cores

Fonte: Shepard (1985).

A invenção e a produção da cerâmica

Difícilmente se poderia dizer de forma precisa quando a cerâmica foi inventada. Provavelmente, a resposta está no Paleolítico Superior, porque o humano já sabia como cozer no forno objetos de barro; e no Neolítico, em torno de 6.500 a.C. começou a ser fabricada regularmente. Supõe-se que a cerâmica surgiu, devido ao sedentarismo humano e à queima do barro pelo calor do sol (Celoria, 1978, p. 50-51).

Há várias técnicas ou maneiras de produzir um artefato cerâmico com a argila convenientemente temperada, destacando-se três: a modelada ou feita à mão, em torno ou roda de oleiro, e por meio de moldes (Childe, 1961, p. 128-133).

O surgimento técnico de fabricação de objetos cerâmicos, através do torno ou da roda, ocorreu por volta de 3.500 a.C., na região da Mesopotâmia. Tais objetos cerâmicos não foram usados pelos indígenas na América antes da chegada dos europeus (Celoria, 1978, p. 50-51; Shepard, 1985, p. 61).

O cachimbo no formato de vaso cerâmico poderia ser estudado sob ponto de vista da função, estética ou da taxonomia (da classificação), no entanto, enquanto a forma do vaso indicava a função do artefato, no caso do cachimbo e, em regra geral, havia apenas uma função: a de fumar (Shepard, 1985, p. 224-225).

Existem similaridades na técnica de formação de vasos cerâmicos com a produção de cachimbos e, sobre isso, Anna Shepard (1985, p. 391-392) destacou:

1. Deve-se observar a maneira como o oleiro manipula a argila, as ferramentas empregadas, o método de girar ou contornar o vaso, as etapas de construção e a ordem de acabamento das partes do vaso;
2. Deve-se determinar, na classificação, a maneira da manipulação da argila na construção do vaso;
3. Desconsiderando o processo de lançamento da roda e a fundição por deslizamento, deve-se estabelecer a diferença entre a moldagem à mão livre e a moldagem pressionando a argila sobre um molde;
4. Na moldagem à mão livre, o vaso poderá ser construído: a) pela manipulação de um pedaço sólido de argila; ou b) pela união de elementos, como bobinas (roletes), filetes ou placas.

Geralmente, moldagem é um processo mais avançado do que a modelagem. Pressionar a argila em uma forma é simples de fazer. Há vantagem na velocidade de produção, empregando-se a decoração plástica. Existem vasilhas moldadas no Peru e no México com vários moldes côncavos e convexos (Shepard, 1985, p. 63-65).

O acabamento da vasilha poderá ocorrer imediatamente após a modelagem enquanto a argila estiver plástica. Consideram-se acabamentos: aplicação de textura, transmissão de brilho, modificação da cor e remoção das irregularidades da superfície (Shepard, 1985, p. 65).

Existem técnicas de acabamentos suaves, utilizando ferramentas com movimento rotativo ou, simplesmente, a própria mão, como alisar a superfície com a mão molhada, manipular espiga de milho, casca de cabaça e seixos desgastados pela água, finalizando com um pano molhado (Shepard, 1985, p. 66).

Os ceramistas pré-roda, que não usavam o esmalte, conseguiam dar brilho ao aplicar polimento no vaso. Seria necessário que a superfície estivesse uniforme e lisa para não tocar em buraco, ranhuras, depressões. A umidade ideal varia em diferentes argilas. Na América, o acabamento era feito com costelas, seixos lisos, haste, pedaço de madeira, pedaço de pano ou pele macia, esfregando com o dedo, raspador da casca de cabaça, espiga de milho. Os ceramistas molhavam depois de raspar para servir como novo alisamento (Shepard, 1985, p. 66-67).

Sob o ponto de vista de produção decorativa, é possível manipular a cerâmica através de diversas técnicas, como: goivagem (cortes), pontuação, estampagem, moldagem, aplique, incisão e efeitos de textura e de relevo. A pintura pode ser à mão livre.

Na Mesoamérica e no Peru, encontram-se pinturas policromadas e resistentes. A técnica europeia de envidraçamento se espalhou, mesmo além da roda, muitas vezes tornando-se difícil diferenciar as práticas nativas das práticas europeias (Shepard, 1985, p. 67-69).

A decoração ocorreu por simples incisão, sulcando, canelando, imprimindo. Desenhos impressos rolando com uma espiga de milho sobre a superfície produzem uma textura. Nos artefatos modernos, há bordas fresadas de moeda, ganchos de sapatos, pedaços de arame, ferramentas de nativos com mexilhões, cabaça, faca de cana afiada, desenhos com tubos, existindo pequenos moldes para aplicar na decoração dos vasilhames. Técnicas pré-históricas sugerem linhas lustrosas sobre a superfície fosca. Incluem pontuação, estampagem, modelagem, moldagem, incisão e escultura. Os métodos de incisão e escultura à mão livre são adaptáveis aos desenhos geométricos simples ou representacionais. A estampagem é um método mecânico com variedade de texturas e padrões impressos, podendo ter uma matriz utilizada. A impressão de estampagem enrolada em cordão ou tecido com impressão sucessiva também é um método mecânico, com rolete sobre a argila plástica (Shepard, 1985, p. 70-194).

Quanto à queima, deve-se observar o forno, que não só retém o calor, mas permite o seu controle e o da atmosfera no local aquecido. Entre ceramistas pré-roda, o forno

permanente era raro. Eles faziam a queima numa cova ou acima do solo. (Shepard, 1985, p. 75).

Anna Shepard apontou para a existência de um cronograma seguindo três fases distintas na queima: desidratação, oxidação e vitrificação. A desidratação ocorre quando a água é retida em fogo baixo para evitar a formação de vapor; a oxidação acontece após a queima da matéria carbonácea da argila, quando o ferro e outros compostos forem totalmente oxidados; e, a vitrificação surge quando os constituintes da cerâmica começaram a amolecer e a cimentar (Shepard, 1985, p. 81).

Deve-se também considerar que, às vezes, a cerâmica é aquecida antes da queima, e a temperatura afeta a oxidação. Os oleiros primitivos só abasteciam o fogo uma vez. O tamanho do combustível influenciou o método de queima. O tempo estimado para o combustível ser reduzido a carvão é de 45 minutos. Além do mais, a cerâmica indígena era queimada sem forno e, portanto, encontrava variação na queima, que poderia ser num poço ou numa grelha acima do solo. A variação também ocorre no tipo e na qualidade do combustível (Shepard, 1985, p. 82, 213).

Toda a técnica de fabricação descrita para a cerâmica poderá ser aplicada na produção do cachimbo cerâmico.

3.3.2 Os cachimbos

Primeiramente, o cachimbo é uma palavra com advento na África, da língua Kimbundu do termo *kixima*, significando “tanque de água ou cisterna” (Assis Júnior, 1930, p. 151). Na América do Sul, o artefato de fumar ou o cachimbo era denominado na língua do tupi antigo de petymbûaba, petimbabo, catimbaba, catimbaua, catimbu e catimbó (Navarro, 2013, p. 380). Sua produção se desenvolveu acompanhado por materiais diversos, como madeira, osso, pedra, barro (Brancante, 1981, p. 419).

O cachimbo cerâmico está inserido no contexto produtivo das cerâmicas. No entanto, os vasos cerâmicos revelaram diversas formas e funcionalidades. Os cachimbos cerâmicos, também com variedades morfológicas, foram produzidos para servir de instrumento de fumar (Hissa, 2018, 2020; Shepard, 1985).

Sob o ponto de vista das variedades de cachimbos cerâmicos, a classificação foi estabelecida no contexto arqueológico ou de coleta dos artefatos de fumar, como também, através das análises de publicações destinadas às coleções desses artefatos (Becker; Schimitz, 1969; Cooper, 1986; Duco, 2003; Higgins, 1981; Hissa, 2018; Oswald, 1969; Ott, 1944;

Serrano, 1937). Além disso, concebe-se o cachimbo como sendo um artefato para fumar tabaco e outras ervas alucinógenas (Sangirardi Jr, 1983, p. 1), fabricado manualmente ou usando moldes com um instrumento auxiliar na produção. Sua constituição e terminologia, encontram-se representadas por *fornilho*, onde se queima o tabaco ou outras ervas; *boca ou borda do fornilho*, cavidade na qual deposita a erva; *haste ou piteira*, tipo de bastão ligado ao fornilho por onde aspira a fumaça produzida pelo fumo; *furo da haste*, cavidade por onde a fumaça aspirada percorre; *ponta da haste ou boquilha*, extremidade da haste, local de fixação da boca para aspiração da fumaça; com *apêndices* denominados por pedúnculos, tipos planos, pontudos, triangulares e, até, sem pedúnculos (Higgins, 2017; Hissa, 2018; Serrano, 1937).

Para este estudo, os cachimbos cerâmicos se apresentam com uma classificação baseada na constituição argilomineral. Além de tomar por referência o estudo de Anna Shepard (1985), este trabalho utilizou a classificação de cachimbos baseados em cores após a queima da cerâmica. São atribuídas para os cachimbos avermelhados, as faixas de cores amarela, vermelha e marrom, provenientes de argila sedimentada e com partículas de carbonatos, óxido de ferro e quartzo em lâminas finas. Enquanto para os cachimbos brancos, serão consideradas as argilas residuais, de alta qualidade, utilizadas na fabricação de louças brancas e porcelana (Shepard, 1985, p. 11-17; 153-154).

Desta forma, a classificação iniciou com a nomenclatura de cachimbos avermelhados de uma só peça e de duas peças consumidos por colonos; e o cachimbo branco holandês de uma só peça usados por holandeses, descritos, ilustrados e reconstituídos a partir de artefatos analisados, conforme pranchas 1 e 2, a seguir.

Prancha 1 - Terminologia de cachimbo cerâmico avermelhado

Cachimbo avermelhado de uma só peça
consumido por colonos de Pernambuco, século XVII

FORNILHO

Borda do Fornilho

Decoração incisa no Fornilho

Decoração incisa na Haste

HASTE

Ponta da Haste

Furo da Haste

Sem Pedúnculo

Cachimbo de duas peças
consumidos por colonos de Pernambuco, século XVII

FORNILHO

Borda do fornicho em alto relevo

Decoração ponteadada, em alto relevo, abaixo da borda do fornicho

Decoração floral, no fornicho e em alto relevo

Apêndice triangular com furo no meio, em baixo do fornicho

SUPORTE

Furo de encaixe na borda do suporte

Alto relevo na borda do suporte

HASTE DE ENCAIXE

Ponta da haste com o furo

Furo de encaixe na borda do suporte

Nível de encaixe da haste

Decoração em alto relevo na borda do suporte

Reconstituições de cachimbos a partir de artefatos de sítios da capitania de Pernambuco –
Ilustrações de Roberta Cime, setembro/2024.

Fonte: Cirne (2024).

Prancha 2 - Terminologia de cachimbo cerâmico branco em Pernambuco, no século XVII

FORNILHO

Borda do Fornilho

Decoração inciso serrilhado abaixo da borda do Fornilho

Pedúnculo Plano

HASTE

Decoração Carimbada com flor de lis

Ponta da Haste

Furo da Haste

Reconstituições de cachimbos a partir de artefatos de sítios da capitania de Pernambuco –
Ilustrações de Roberta Cime, setembro/2024.

Fonte: Cirne (2024).

3.3.3 Cachimbos indígenas no Brasil Colônia

A referência de análises para os cachimbos indígenas, diferenciados dos demais do período colonial em diante, seguirá a abordagem, quanto à morfologia apontada por Carlos Ott (1944), John Cooper (1986), Fernando La Sáva e José P. Brochado (1989), Ítala Becker e Pedro Schimitz (1969), Antônio Serrano (1937).

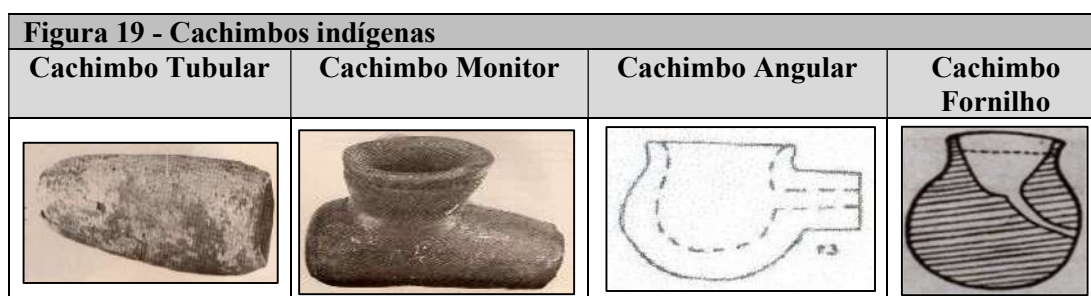
Carlos Ott (1944) apontou, inicialmente, a existência de três tipos de cachimbos indígenas: o tubular, o angular e o monitor. Depois de analisar coleções de cachimbos indígenas de madeira, cerâmica e pedra, sob guarda de museus públicos e de coleções de particulares, destacou na Bahia e no Norte de Minas Gerais, o tubular e o angular, com a ocorrência de antropomorfismo (Ott, 1944, p. 30-37).

John Cooper (1986) apontou para a existência de cachimbos indígenas feitos de caniços, bambu (taquara), frutos secos endurecidos, ossos, barro (cerâmico) ou pedra em forma tubular, de cotovelo, monitor e composto (Cooper, 1986, p. 103).

La Sáva e José P. Brochado (1989) descreveram e expuseram dois tipos de cachimbos: o primeiro tubular, denominado de trocular; e o outro, com formato em “T” e forninho no centro da haste para o encaixe de outra haste (La Sáva; Brochado, 1989, p. 16).

Ítala Becker e Pedro Schimitz (1969) estabeleceram uma classificação e comparação para os cachimbos indígenas no Rio Grande do Sul. Consideraram dois aspectos: a forma e o material dos cachimbos. Para a forma, utilizaram a classificação de Antônio Serrano (1937) e designaram outras subdivisões, considerando as características das peças e suas particularidades.

Os autores destacaram o tipo de forninho e o seu formato, porta-boquilha (tubo de aspiração). Quando não semelhantes, colocaram no tipo que mais se aproximava, como por exemplo o subtipo “piriforme”, posicionado entre os angulares e o tipo tubular. Além do tipo forninho, acrescentaram na classificação mais três tipos: tubular, monitor e angular (Becker; Schimitz, 1969, p. 140), podendo ser visto na Figura 19, a seguir.



Fonte: La Sáva; Brochado (1989); Becker; Schimitz (1969).

Quanto à caracterização das decorações de cachimbos indígenas, destaca-se o acabamento cerâmico com alisamentos, apêndices (Becker; Schimitz, 1969; Serrano, 1937) e configurações de antropomorfo e zoomorfos (Cooper, 1986; Panachuk; Carvalho, 2010).

3.3.4 Cachimbos avermelhados

Antes de tudo, como referência para os cachimbos avermelhados são discutidas as terminologias utilizadas no Brasil, evidenciando as morfologias para os cachimbos revelados no contexto do Brasil Colônia do século XVII, de sítios de Portugal, destacando os denominados chibuques, provenientes do Império Otomano.

Termos usados para cachimbos avermelhados

A princípio, os cachimbos avermelhados são aqueles com terminologias atribuídas como: neobrasileiro, de barro, de contato e luso-brasileiro. O Pronapa relacionou a produção de cachimbos avermelhados à tradição ceramista como “neobrasileira” do século XVI. Eles foram qualificados como resultante de técnicas indígenas de manufatura e de decoração com elementos de forma europeu, desenvolvidos no litoral brasileiro, considerando os cachimbos angulares de cerâmica, elaborados e esculpidos como os característicos (ARQUEOLOGIA, 1969, p. 23).

Marcony Alves (2015) utilizou a denominação de cachimbo “de barro” os artefatos de produção colonial e pós-colonial, referindo-se a contextos de influência europeia e não ameríndias, datadas de antes da invasão europeia. Esses artefatos eram feitos de argilas vermelhas e, geralmente, com a morfologia angular (Alves, 2015, p. 1101).

José Aylton e Nuno Rêgo (2011) descreveram cachimbos de cerâmica vermelha como sendo do período de “contato”, ou seja, de origem portuguesa (Mello; Rêgo, 2011, p. 51, 68). Suely Luna e Ana Nascimento (2009) utilizaram o termo “luso-brasileiros” para o reconhecimento de vestígios arqueológicos do período colonial de sítios do litoral pernambucano, próximo ao porto de Suape (Luna; Nascimento, 2009, p. 183).

Marcos Albuquerque (2014) ressaltou a recorrência de artefatos de cachimbos avermelhados em sítios arqueológicos luso-brasileiro, e reconheceu a necessidade de estudos desses artefatos, devido às associações das decorações nos cachimbos aos grupos africanos ou indígenas (Albuquerque, 2014, p. 203).

Cachimbos avermelhados no Brasil Colônia

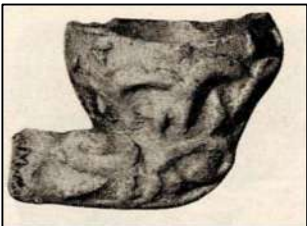
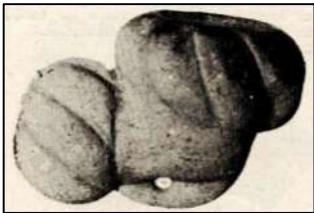
Quanto à morfologia dos cachimbos avermelhados para o período do Brasil Colônia, destacam-se as publicações de Frederico Barata (1951) e Sarah Hissa (2022a, b).

Frederico Barata (1951) caracterizou os cachimbos de Santarém, no Amazonas, da seguinte forma: a) Cachimbo cerâmico angular para o encaixe da haste (piteira); b) Sem apêndice e com apêndice, sempre com um orifício; c) Decorações com inspiração europeia, imitação europeia e só indígena com ornatos em relevo: zoomorfo (aves), antropomorfos, face humana, corpo de mulher, vegetal, floral (duas rosas), ponteados, rústicos simples e tipo canelados; d) Sua fabricação com moldes (duas bandas) e modelado (manual); e) A queima e as cores dos cachimbos como a maioria bem queimado, variando de tonalidades clara à escura, sendo preto, marrom, amarelo, vermelho, pardo; f) Com medidas de comprimento de 2,5 cm a 5 cm e altura do forninho de 2,5 cm a 3,8 cm.

Nesse contexto, o autor classificou os cachimbos em 5 tipos principais:

- 1º) Ornatos de inspiração vegetal, com tradição europeia, feitos pelos primeiros missionários nos fins do século XVII;
- 2º) Ornatos de inspiração vegetal e sem os mesmos apuros técnicos, idêntica inspiração vegetal, menos perfeitos e imitativos, atribuídos ao período do início do século XVIII;
- 3º) Estilo Tapajoara, com formas de antropomorfos e zoomorfos, correspondentes ao período do fim do século XVII e início do século XVIII;
- 4º) Decoração muito singela e de origem vegetal, sempre angulares, no período dos indígenas aldeados ou dos caboclos do século XIX;
- 5º) Cachimbos com ornamentação muito simples ou sem decoração (Barata, 1951).

A Figura 20 representa cachimbos de Santarém, no Amazonas.

Figura 20 - Cachimbos de Santarém no Amazonas		
1º) Inspiração vegetal Primeiros missionários	2º) Inspiração vegetal Indígenas imitativos	3º) Antropomorfo e zoomorfo
		
4º) Singela		5º) Angular, com apêndice e orifício
		

Fonte: Barata (1951).

Sarah Hissa (2022 a; 2022b) revisitou a ampla categoria de cachimbos referida como barroco, desde Frederico Barata (1944, 1951) até Edino Brancante (1981). Em seguida, destacou os motivos estilísticos atribuídos na Arqueologia como sendo barroco. Discutiu os elementos formais e estéticos desses artefatos de fumar e elementos simbólicos do etos, ou seja, dos costumes e traços culturais do barroco colonial que poderiam ter feito do ato (o sentido teatral) fumageiro. Observou nesses cachimbos uma diversidade formal e simbólica, cujos motivos se afastaram do barroco religioso e do barroco acadêmico europeu, aproximando-se do rococó, integrado ao movimento de estetização do cotidiano popular e necessidade da vida (Hissa, 2022a, p. 55). A autora também elaborou comparações estilísticas com os cachimbos barrocos dos Países Baixos, seguindo os aspectos da sua produção, tais como: a mão de obra artífice, que teria sido produzida, a partir de um levantamento do território brasileiro, podendo indicar algo sobre a distribuição de produtos ou circulação de modos de fazer do território (Hissa, 2022a, p. 55). Quanto aos cachimbos feitos no Brasil, destacou as associações do estilo artístico barroco. Ressaltou Frederico Barata (1944, 1951) como sendo o primeiro que remeteu à inspiração para alguns cachimbos amazônicos, de decoração rebuscada ao estilo barroco. Eldino Brancante (1981) destacou as associações de cachimbos feitos em Minas Gerais. Observou a ampla dispersão desses artefatos de fumar no território brasileiro e os motivos neles empregados. Comparou o cachimbo barroco “brasileiro” com o barroco neerlandês, discutindo elementos estéticos/cosmológicos

associados a uma matriz africana e a aspectos da própria vida social barroca (Hissa, 2022a, p. 57).

Com relação aos cachimbos afrodescendentes, autores diversos associam e interpretam cachimbos com figuras e motivos da cultura africana, apontando para as decorações simbólicas da cultura de afrodescendentes no Brasil Colônia e no Império.

Camila Agostini (1998, 2011, 2018) e Leonardo Klink (2024) relacionaram os olhares europeus materializados em gravuras do cotidiano do Brasil escravagista e associaram escarificações existentes em corpos de indivíduos africanos e afrodescendentes com expressões decorativas reveladas em cachimbos e em outros artefatos do cotidiano, principalmente, dos séculos XIII e XIX.

Sarah Hissa (Hissa, 2022) descreveu possíveis cachimbos afrodescendentes com as seguintes características:

1. Existem cachimbos com decoração incisa manual, lembrando a simbologia associada à cosmologia Bakongo;
2. Flores laterais de quatro pétalas e três símbolos Adrinkra (Sociedade Akan e Axante em Gana) feitas por homens;
3. O símbolo Nkuma Kese (o grande quiabo) indicando supremacia e superioridade;
4. Nserewa (concha, búzios) sugere riqueza, troca, abundância e afluência;
5. Símbolos Adrinkra;
6. Incisões duplas com flores de quatro pétalas moldadas, parecidas com motivos elaborados por incisões simples e/ou alongadas. O símbolo de abundância Nserewa correspondia aos búzios, enquanto as conchas representavam o rococó e o barroco para o europeu e luso-brasileiro.

Todos poderiam ter sido introduzidos no Brasil por africanos e seus descendentes, apresentando o barroco com um novo significado. Os búzios foram observados e associados a conchas nos entalhes do altar lateral da Igreja de Santa Ifigênia dos Pretos, em Ouro Preto/MG (Hissa, 2022, p. 64-68).

Nossa pesquisa desenvolveu-se direcionada para o século XVII. Não foi estudada nem estabelecida qualquer relação decorativa dos cachimbos avermelhados com atributos característicos da cultura africana ou como tendo sido fabricados pelos afrodescendentes na Capitania de Pernambuco, no século XVII.

A Figura 21 representa a imagem de um cachimbo avermelhado, moldado e decorado com incisões com motivo “X”, sítio Vale do Macacu, sudeste brasileiro, atribuído aos afrodescendentes (Souza; Lima, 2022).



Fonte: Souza; Lima (2022).

Cachimbos avermelhados em Portugal

Em recentes publicações, e procedentes de intervenções arqueológicas ocorridas em núcleos urbanos de Portugal, como em Lisboa, foram recolhidos artefatos de fumar, na sua maioria, brancos de caulinita e com procedência da Holanda e da Inglaterra. Também, nas mesmas coleções, foram juntadas pequenas quantidades de cachimbos avermelhados com procedência duvidosa (Calado et al., 2013a, b; Simão, 2020; Sousa, 2020). Depois das análises resultantes das escavações da Rua Damasceno Monteiro, em Lisboa, foi revelada a existência da Olaria de São Gens, do século XVII, e a produção de cachimbos vermelhos em pequena escala. Entre os materiais recolhidos, encontram-se conjuntos de artefatos de fumar com diferentes estados de produção ou com claros defeitos de fabrico, compreendendo um dos primeiros casos conhecidos de manufatura dessas peças em Lisboa (Oliveira, 2019, p. 67).

Morfologicamente, os cachimbos possuíam perfis cônicos, vazados e de borda reta, haste com seção ovoide ou subcircular, boquilha com seção circular e extremidade alisada; o forninho sem pedúnculos, superfícies lisas, outras brunidas e algumas vitrificadas. Nenhum cachimbo apresentou decoração com a marca do produtor. Além disso, a produção foi modelada manualmente, sendo o forninho e a haste produzidos separadamente e o forninho correspondia a um cone de argila vazado e cortado na base (Oliveira, 2019, p. 68-71).

A descrição acima revela o tipo de cachimbo de uma só peça, com a caracterização de forninho e haste do tipo funil, sem pedúnculo, sem decorações, com altura de 3,0 cm,

comprimento de 9,5 cm, diâmetro da borda do forninho com 2,3 cm, em barro vermelho, registro ML.ARQ.0853 (Museu de Lisboa), o que pode ser conferido na figura 22.

Figura 22 - Cachimbos avermelhados em Portugal

Cachimbos de uma peça, forninho e haste tipo funil, sem pedúnculo, sem decorações, com altura de 3,0 cm, comprimento 9,5 cm e diâmetro da borda do forninho com 2,3 cm.



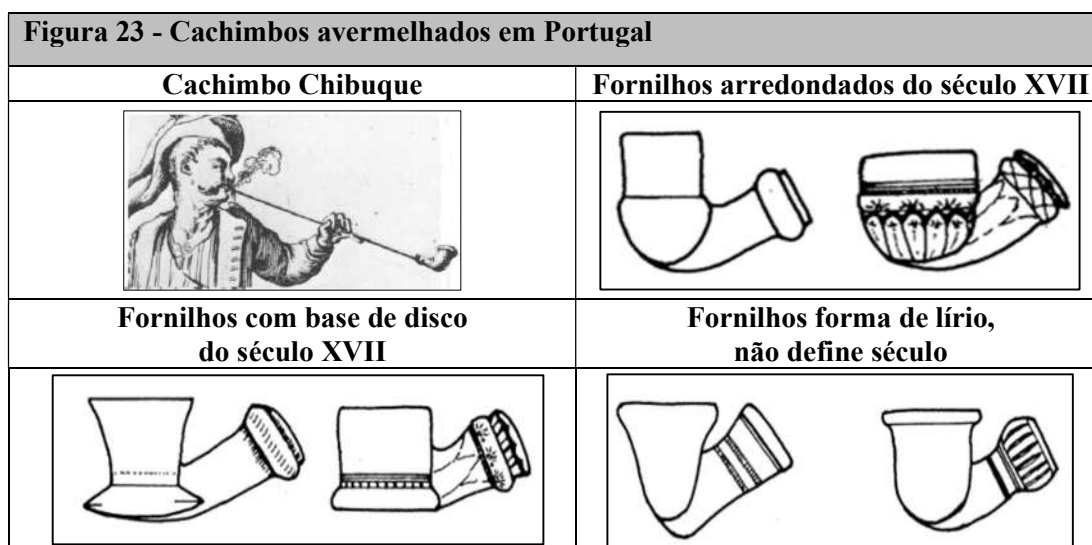
Fonte: MUSEU DE LISBOA (2024).

Cachimbos do Império Otomano

Rebecca Robinson analisou os chibiques, cachimbos turcos ou otomanos como ficaram conhecidos, geralmente, com um metro de tamanho, e hastes compridas para encaixar no forninho, usualmente fabricados em madeira ou cana. Os forninhos podiam ser feitos de pedra, madeira, metal, mas, a argila era o material mais comum. Os chibiques de argila foram produzidos com moldes de pedra ou metal de duas partes, com decorações, polimento, selo, roletes, incisões e assinatura em monograma, vendidos em todo o Império Otomano (Robinson, 1985, p. 156-157).

Os primeiros chibiques, no final do século XVII, começaram sendo confeccionados nas cores branca e cinza claro e eram quase sempre avermelhados ou com cores da terra; os segundos, muito pequenos, aumentaram de tamanho à medida que o tabaco se tornou mais disponível e barato; os terceiros, abertos no encaixe da haste e muito pequenos (menos de 0,01m), ampliando de 0,015 m até 0,02 m no final do século XIX (Robinson, 1985, p. 163-166).

A autora também estabeleceu uma morfologia com três tipos de forninhos para os chibiques: arredondados, com base de disco e em forma de lírio, características inerentes aos cachimbos do Império Otomano (Figura 23).



Fonte: Robinson (1985).

3.3.5 Cachimbos brancos (ingleses e holandeses)

Na Europa, no final do século XVI, ingleses fumavam tabaco em cachimbos de cerâmica com formato de uma pequena concha. Depois, em torno de 1617, o inglês William Baernelts iniciou a fabricação na Holanda, expandindo a produção em série de cachimbos de caulinita, também, no seu país (Oswald, 1960, p. 1-9).

Cachimbos ingleses

A evolução morfológica de cachimbos ingleses, brancos de caulinita, descrita por Atkinson e Adrian Oswald (1969), às vezes, confundia-se com a produção holandesa. No século XVI, os primeiros cachimbos caracterizavam-se por uma letra ou símbolo na haste ou no pedúnculo achatado. No século XVII, o serrilhado na borda se tornou comum, também, com polimento. Os de Londres, apresentavam carimbos incisos nas hastes com motivos de flores-de-lis ou cruzeiros em losangos parecidos com os exemplares da produção holandesa. A decoração moldada não apareceu até 1650, quando, então, se tornou mais frequente nas hastes e, na maior parte, com pouca decoração. Os cachimbos mais decorados desse período são atribuídos à produção holandesa (Atkinson; Oswald, 1969, p. 2-48). Baseando-se numa tipologia de artefatos do Guildhal Museum e da Coleção de Atkinson, os autores estabeleceram uma cronologia (de 1580 a 1850) para os cachimbos ingleses, a partir de associações com datas de agrupamentos de artefatos arqueológicos, com identidades das marcas, variedades, formas e contextos (Atkinson; Oswald, 1969, p. 177-180).

A partir de uma sucessão de refinamentos e composição morfológica nos cachimbos ingleses, Adrian Oswald (1951) estabeleceu uma evolução cronológica. Analisou coleções especialmente produzidas em Londres e considerou cachimbos datados pelos seus contextos arqueológicos, tendo características como: marcas e datas; representações em desenhos e pinturas de época; e, em menor grau, identificou marcas de fabricantes comparadas à documentação primária. Depois, ele estabeleceu uma sequência cronológica (Hissa, 2018, p. 104-106; Oswald, 1975). Tal cronologia associada às características de cachimbos ingleses pode ser verificada na tabela 5.

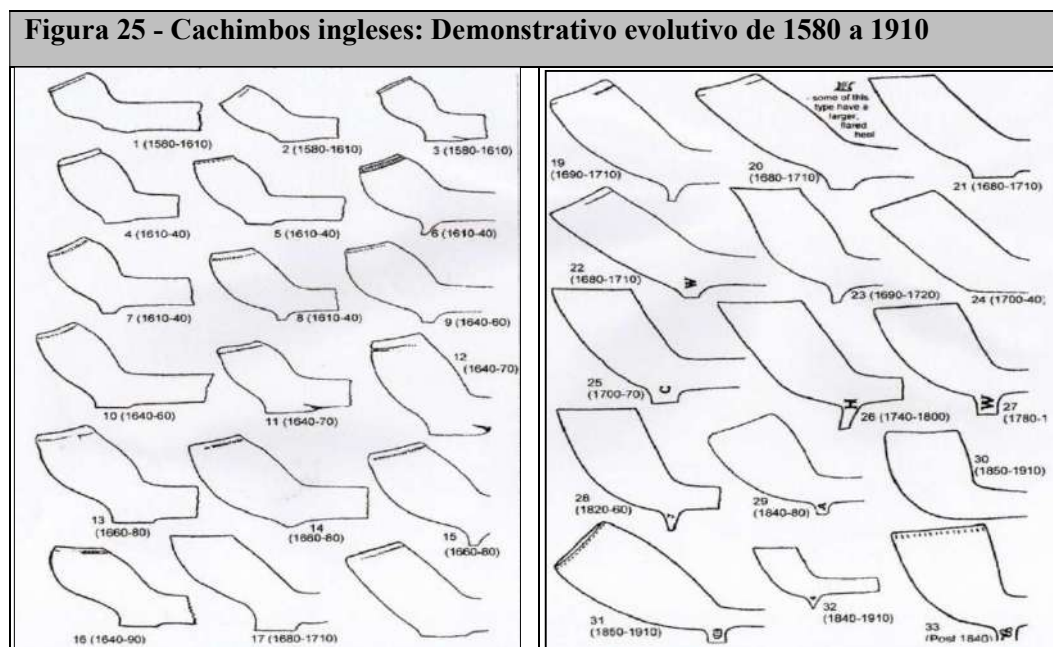
Tabela 5 - Cronologia com características de cachimbos ingleses	
Data	Características da decoração
Século XVI	• Primeiro cachimbo inglês de argila data de 1573, por William Harrison, em Great Chronologie; • Comparou a forma do cachimbo à de uma concha de servir alimentos líquidos.
Século XVII	• Fornilho maior, com uma ‘barriga’ às vezes bastante pronunciada; • Transformações formais ocorreram durante os séculos; • Fornilhos muito pequenos, com uma circunferência central maior que a borda, tanto nos cachimbos com pedúnculo achatado, quanto os com pedúnculo pontudo; • A altura dos forninhos aumentou gradativamente.
Século XVIII	• O ângulo entre o fornilho e a haste se tornou mais reto e o formato dos forninhos, mais cilíndricos; • Melhor qualidade, com acabamento mais liso, hastes e paredes mais finas; • O topo da borda passou a ser cortado paralelamente à haste.
Século XIX	• O ângulo formado entre o fornilho e a haste diminuiu com o tempo. Na metade do século XIX chega perto de um ângulo reto.

David Higgins (1981) produziu o desenho de um cachimbo inglês com decorações típicas (Figura 24).



Fonte: Higgins (1981).

A evolução morfológica dos cachimbos ingleses estabelecida por David Atkinson e Adrian Oswald (1969) é exibida na figura 25.



Fonte: Atkinson; Oswald (1969).

Cachimbo holandeses

No século XVII, produtores ingleses se instalaram nos Países Baixos. Vários centros urbanos logo se tornaram produtores e os principais competidores dos britânicos (Hissa, 2018, p. 123-124). Gouda se tornou o maior centro produtor de cachimbos do século XVII e do final do século XVIII. William Baernets foi o seu primeiro fabricante, introduzindo a rosa Tudor coroada, em 1617 (Hissa, 2018, p. 115, 292).

Ainda nesse século, eram fabricados na Holanda cachimbos brancos de caulinita de alta qualidade, como os *bourtanges* (decorados e com muitos atributos); e outro de menor qualidade, como os *schoonhoves* (sem atributos e sem decoração). Entre os cachimbos *bourtanges*, destaca-se a produção denominada de barrocos, rebuscados, classificados em quatro tipos: o primeiro: fitomorfo, decorado no forninho, na haste e no pedúnculo com marca de flor, datado de 1625 a 1640; o segundo, também fitomorfo, porém menos decorado, datado de 1630 a 1645; o terceiro, com um arranjo floral e sem pedúnculo, sendo os forninhos com aparência de estarem envolvidos por um corpo em torno da metade dele; e o quarto tipo, com antropomorfos e zoomorfos, o “Jonas” no forninho com a face direcionada para a haste e a “baleia” na haste, datados de 1630 a 1670 (Hissa, 2018, p. 123-124).

Os cachimbos holandeses no século XVII, seguiram dois tipos morfológicos: os da Primeira Geração; e os Bicônicos, semelhantes aos artefatos ingleses. Entretanto, mudanças ocorreram, sendo observados os atributos típicos holandeses pelas seguintes características: Amsterdã e Gouda se tornaram principais centros produtores com marcas e seus brasões.

As marcas somente em hastes e em pedúnculos; não havia inscrição em forninhos; nas hastes existiam marcas com bandas anelares do final do século XVII até o século XIX; forninhos sem inscrições de fabricantes, como nos cachimbos ingleses; marcas nas laterais, típico holandês, como a flor-de-lis e a rosa Tudor (Hissa, 2018; Baar, 2020). A morfologia dos cachimbos holandeses pode ser revelada, a partir de vários fatores, ao longo dos anos, determinada pela habilidade do fabricante, pelo preço do tabaco, mas, também, pela moda. Baseado em forninhos, Baar (2020) indicou quatro formas evolutivas para os cachimbos holandeses e com uma cronologia: Fornilho Cônico, Fornilho de Funil, Fornilho Oval e Fornilho Reto (Figura 26).

Figura 26 - Cachimbos holandeses	
Fornilho Cônico (de 1600 a 1670)	Fornilho de Funil (a partir de 1670)
	
Fornilho Oval (de 1710 a 1870)	Fornilho Reto (de 1720 a 1880)
	
Fonte: Baar (2020)	
Haste de Cachimbo Barroco (decoração zoomorfa)	Haste de Cachimbo Barroco (decoração floral)
	
Marca no pedúnculo de cachimbo branco: com duas letras K.P coroado	
	

Fonte: Baar (2020); adaptado pelo Autor (2016).

Sarah Hissa descreveu os cachimbos holandeses, brancos de caulinita, com as seguintes características: marcas com numerais, com ou sem coroa; marcas decorativas com leiteira, moinho de ventos, às vezes com coroa; marcas com símbolos de cruz, roda; marcas com letras com uma, duas ou três, ou sem coroa (raros nos ingleses); marcas nas laterais ou nos pedúnculos do tipo pontuado (típico holandesa). Localização das marcas de fabricantes: no século XVII, carimbadas na base do pedúnculo; no século XVIII, ocorriam nos pedúnculos (eram mais comuns) ou moldado na lateral do forninho; e no século XIX, apareciam nas laterais dos pedúnculos (devido à diminuição do tamanho) ou moldado na lateral do forninho (HISSA, 2018, p. 115).

Ilustrações registram que o cachimbo era consumido na vida cotidiana na Europa do século XVII (Figura 27).

Figura 27 - Imagem do cotidiano com consumo de cachimbo branco



A Família dissoluta (1663-1664)

The Metropolitan Museum of Art, Nova York, EUA. Jan Havicksz. STEEN (1626-1679) – <https://arteref.com/artigos-academicos/cenas-de-genero-na-holanda-do-seculo-de-ouro/>

Fonte: Steen (1626-1679).

3.3.6 Cachimbos da Capitania de Pernambuco: pastas cerâmicas.

Pastas de 6 (seis) artefatos de cachimbos denominados de brancos e avermelhados, foram analisadas como parte integrante do estudo e de pesquisa dos cachimbos e sua história. Todos procedentes de escavações arqueológicas do sítio denominado de Forte do Arraial do Bom Jesus, atual território do Recife, realizadas pela equipe do professor Marcos Albuquerque, do Laboratório de Arqueologia (LA), da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), em períodos distintos, durante os anos de 1980 até 2015.

As análises preliminares tiveram como finalidade, identificar as similaridades e diferenças existentes nas pastas brancas e avermelhadas de três tipos de artefatos de cachimbos.

A escolha das amostras foi aleatória, no entanto, representativa entre 6 (seis) artefatos de cachimbos da referida fortificação. Sendo 2 (dois) de cachimbos brancos de uma só peça e quatro avermelhados, 2 (dois) de uma só peça e mais 2 (dois) de duas peças ou do tipo com forninho e suporte para o encaixe da haste, conforme ilustração na Prancha 3, a seguir.

Prancha 3 - Ilustrações dos três tipos de cachimbos analisados		
Cachimbo branco	Cachimbos avermelhados	
De uma só peça	De uma só peça	De duas peças
		
Ilustrações de Roberta Cirne, baseadas em amostras de artefatos de cachimbos do sítio Forte do Arraial do Bom Jesus		

Fonte: Cirne (2024).

Os referidos artefatos de cachimbos que se encontram-se sob a guarda do referido Laboratório de Arqueologia foram cedidos para os aludidos exames. As análises ocorreram no Laboratório do Instituto Multiusuário de Nanofotônica e Óptica Avançada (IMNOVA), do Programa de Pós-graduação em Engenharia Física, da Universidade Federal Rural de Pernambuco (UFRPE), no campus da Unidade Acadêmica do Cabo de Santo Agostinho (UACSA), sob a coordenação de Albert Stevens Reyna Ocas, em março de 2025. Além das análises do IMNOVA, as interpretações dos resultados foram efetivadas pelo doutor Henri Socrates Lavalles Sullas, do Programa de Pós-Graduação em Arqueologia, da UFPE.

O método de análise ocorreu por meio de Microscopia Eletrônica de Varredura (MEV), técnica que utiliza um feixe de elétrons para escanear a superfície de uma amostra, criando imagens de alta resolução com detalhes microestruturais. A técnica é utilizada, frequentemente, para avaliar a morfologia, topografia e composição química de materiais, especialmente em áreas como a Biologia e Ciência de Materiais (PUC-Rio)¹⁰.

¹⁰ PUC-Rio – Fonte: <https://greo.mec.puc-rio.br/servicos/microscopiaeletronica/varredura>.

O sítio Forte do Arraial do Bom Jesus, é destacado na história da Capitania de Pernambuco, em razão de ter sido um local de batalhas, resistência e conflitos, durante o período de ocupação holandesa, no século XVII, entre os anos de 1630 a 1635.

Descrição das seis amostras analisadas

As análises foram extraídas de 6 amostras de artefatos de cachimbos procedentes do sítio Forte do Arraial do Bom Jesus, sendo dois de cachimbos brancos e quatro de cachimbos avermelhados, conforme descrição a seguir.

Artefatos de Cachimbos brancos

As características das amostras extraídas de dois artefatos fragmentados de cachimbos brancos poderão ser vistas nos quadros abaixo. Um registrado no Laboratório de Arqueologia sob o nº LA 115-2 e classificado como forninho de cachimbo branco de uma só peça (Prancha 4); e o outro de LA 95 de forninho com pedaço da haste de cachimbo branco, também de uma só peça, conforme Prancha 5.

Prancha 4 - Forte do Arraial – Forninho de cachimbo branco de uma só peça

Quatro imagens do artefato nº LA 115-2 procedente do Forte do Arraial



Caracterização

Morfologia	Angular funil, abaulado, com 50°.
Técnica de fabricação	Uso de instrumentos na área interna do forninho e de moldes, evidenciadas marcas de encontros de moldes.
Decoração	Forninho com decoração serrilhado na borda, haste quebrada, marca do fabricante embaixo do pedúculo.
Pedúculo	Com pedúculo plano e com indicativo de marca do fabricante em baixo dele.
Forninho	Com altura de 3,1 cm, da base a borda do forninho; diâmetro de 1,3 cm da borda interna do forninho.
Haste	Haste quebrada.
Furo da haste	Furo próximo ao forninho com 0,3 cm.
Queima	Completa
Cor da Pasta	Cores semelhantes, externa e interna; branco 1000 Munsell N 9,5.
Fabricação	Holanda

Prancha 5 - Forte do Arraial – Fornilho com pedaço da haste de cachimbo branco de uma só peça

Quatro imagens do artefato nº LA 95 procedente do Forte do Arraial



Caracterização

Morfologia	Angular funil, abaulado, com 40°.
Técnica de fabricação	Uso de instrumentos na área interna do fornilho e de moldes, evidenciadas marcas de encontros de molde
Decoração	Sem decoração no fornilho e na haste, também sem identificar a marca do fabricante embaixo do pedúculo, mas poderia ter existido devido ao desgaste
Pedúculo	Pedúculo plano, no nível da haste, sem identificar a marca do fabricante abaixo dele.
Fornilhos	Fornilho com altura de 1,6cm, da base a borda do fornilho; diâmetro 1,2 cm, interna, no início da borda do fornilho
Hastes	Haste com tendência levemente funil, com 1,0 cm, próxima do fornilho e com 0,9 cm na direção da ponta da haste
Furo da Haste	Furo com 0,3 cm de espessura e descentralizado
Queima	Incompleta
Cor da Pasta	Cor semelhante: externa e interna; bege 8300 beges, 10 YR 7/6 (externo) e cinza 2450 (interno), Tabela de cores Munsell
Fabricação	Holanda

Artefatos de Cachimbos avermelhados

As características das amostras extraídas de quatro artefatos fragmentados de cachimbos avermelhados podem ser vistas nas pranchas adiante. O primeiro, registrado no Laboratório de Arqueologia sob o nº LA 4807-255, classificado como fornilho com haste de cachimbo avermelhado de uma só peça (Prancha 6); o segundo, com o nº LA 4827-302 de fornilho quebrado de cachimbo avermelhado de uma só peça (Prancha 7); o terceiro como nº LA 4814-296 de fornilho com suporte para o encaixe da haste ou de duas peças (Prancha 8); e o quarto, como LA 118 de Suporte de encaixe da haste, fornilho quebrado, de cachimbo avermelhado de duas peças (Prancha 9).

Prancha 6 - Forte do Arraial – Fornilho com haste de cachimbo avermelhado de uma só peça

Duas imagens do artefato nº LA 4807-255 procedente do Forte do Arraial


Caracterização

Morfologia	Angular com 90° e funil no fornilho e na haste.
Técnica de fabricação	Manual, indicado pela falta de simetria, furo descentralizado, falta de marca de moldes, com uso de instrumentos na área interna do fornilho.
Decoração	Alisado, polido e inciso com baixo relevo. Fornilho: incisos, com dois triângulos invertidos na frente e área oposta a haste; entre eles com traços alternados no fornilho; plano na borda; Haste com incisões com dois triângulos invertidos e alongados e entre traços inclinados, todos em cima da haste.
Pendúculos ou apêndices	Sem pedúnculo ou apêndice.
Fornilho e haste	Fornilho com altura de 3,4 cm, da base a borda do fornilho; diâmetro 1,9 cm, interna, no início da borda do fornilho; comprimento de 14 cm, da base do fornilho a ponta quebrada da haste.
Furos das hastes	Furo com 0,3 cm de espessura e descentralizado.
Queima	Incompleta
Cor da Pasta (Munsell)	Cor diferente externa e interna: Camurça 8400 - 7,5Y R 5/6(externo) e Cinza 2450 10 Y 6/1 (interno), de acordo com a Tabela de cores Munsell.
Local de fabricação	Desconhecida

Prancha 7 - Forte do Arraial – Fornilho quebrado de cachimbo avermelhado de uma só peça

Quatro imagens do artefato nº LA 4827-302 procedente do Forte do Arraial



Caracterização

Morfologia	Angular com 90° e funil no fornilho e na haste, por analogia.
Técnica de fabricação	Manual, indicado pela falta de simetria, furo descentralizado, falta de marca de moldes; com uso de instrumentos na área interna do fornilho.
Decoração	Alisado, polido, e inciso com baixo relevo. Fornilho: incisos, com dois triângulos invertidos na frente e área oposta a haste; entre eles com traços alternados no fornilho; plano na borda.
Pedúnculos ou apêndices	Sem pedúnculo ou apêndice, por analogia.
Fornilho	Fornilho com altura imensurável, devido à quebra; diâmetro 1,7 cm, interna, no início da borda do fornilho.
Furos das hastes	Furo imensurável devido à quebra.
Queima	Completa
Cor da Pasta (Munsell)	Cor semelhante externa e interna: Camurça 8400 Munsell 7,5 Y 5/6, de acordo com a Tabela de cores Munsell.
Local de fabricação	Desconhecida

Prancha 8 - Forte do Arraial – Fornilho com suporte de encaixe de cachimbo avermelhado de duas peças

Quatro imagens do artefato nº LA 4814-296 procedente do Forte do Arraial



Caracterização

Morfologia	Angular com 90°, funil no fornildo e suporte de encaixe.
Técnica de fabricação	Uso de instrumentos, devido as marcas na área interna do fornildo e uso de moldes, com indicativo de encontros dos moldes.
Decoração	Alisado, polido, alto relevo nas bordas do fornildo e no suporte, com depressões alternados; localizados nas bordas do fornildo e da haste.
Pedúnculos ou apêndices	Com apêndice triangular e com furo no meio.
Fornildo	Fornildo com altura de 3,2 cm, da base a borda; diâmetro com 2,1 cm, na área interna, no início da borda; comprimento com 3,6 cm, do fornildo a ponta do suporte de encaixe.
Furo do suporte de encaixe	Diâmetro do furo com 8,0 cm, centralizado.
Queima	Completa
Cor da Pasta (Tabela Munsell)	Cor semelhante externa e interna: Bege 8300, Munsell 10 Y-R 7/6. De acordo com a Tabela de cores Munsell.
Local de fabricação	Desconhecida

Prancha 9 - Forte do Arraial – Suporte de encaixe da haste, forninho quebrado de cachimbo avermelhado de duas peças.					
Cinco imagens do artefato nº LA 118 procedente do Forte do Arraial					
					
					
Caracterização					
Morfologia		Angular com 90° e funil no forninho; suporte de encaixe (mensurável por analogia).			
Técnica de fabricação		Uso de instrumentos, devido as marcas na área interna do forninho e uso de moldes, com indicativo de encontros dos moldes.			
Decoração		Alisado com alto relevo no encaixe, com duas linhas paralelas curtas e sinuosas, em cima do alto relevo do suporte e na área próxima do forninho.			
Pedúculo ou apêndice		Com apêndice triangular e com furo no meio.			
Forninho		Forninho quebrado e imensurável.			
Suporte		Diâmetro do furo com 8,0 cm, centralizado; largura do suporte de 1,7 cm; comprimento 3,4 cm.			
Furo do suporte de encaixe		Furo para o encaixe do suporte de 0,8 cm, centralizado.			
Queima		Completa			
Cor da Pasta (Tabela Munsell)		Cor semelhante externa e interna: Camurça 8400 Munsell 7,5 Y 5/6, de acordo com a Tabela de cores Munsell.			
Local de fabricação		Desconhecida			

Resultados das análises das pastas das seis amostras

Diante dos resultados das análises das pastas de cachimbos realizadas em laboratório, ressaltou o processo de metalização, na qual as amostras de cachimbos foram submetidas as análises e levadas a microscopia eletrônica de varredura (MEV). Os revestimentos condutores metálicos são comumente aplicados à superfície de materiais isolantes ou sensíveis ao feixe de elétrons, como nas amostras, geralmente, utilizadas para dissipar o acúmulo de carga e reduzir os danos estruturais resultantes da interação com o feixe de elétrons. Desta forma, há uma grande variedade de materiais de revestimento disponíveis, incluindo metais como ouro

(Au), platina (Pt), irídio (Ir), Crômio (Cr) e outros não metálicos tal como o carbono (USP, 2025).

Os revestimentos metálicos são ideais para imagens de alta resolução. Fornecem apenas um caminho de condução, mas auxiliam na dissipação de calor com amostras sensíveis ao feixe. Assim, os revestimentos metálicos também proporcionam um rendimento de elétrons secundários mais alto podendo melhorar o sinal-ruído ao gerar imagens em alta resolução. O processo de metalização compreende uma etapa no preparo das amostras para que não gere interferências em seus detalhes estruturais. Mas quase sempre revelam interferências desses revestimentos metálicos utilizados (USP, 2025).

Como parte resultante das nossas análises de cachimbos, revelou a interferência da presença de ouro (Au) nas seis amostras de cachimbos submetidos aos testes, atribuído aos revestimentos metálicos, conforme apresentado nos quadros abaixo das análises de cachimbos brancos e avermelhados.

Análises de cachimbos brancos

As análises das amostras dos artefatos de cachimbos brancos LA 115-2 e LA 95 apresentaram as seguintes características visuais: superfície mais homogênea e compacta, em comparação às pastas avermelhadas; menor quantidade de porosidade visível, sugerindo uma maior temperatura de queima ou melhor refino da pasta; presença de grãos finos bem integrados à matriz, algumas imagens com aumento de até 1000 vezes, permitindo visualizar a textura microgranular e zonas de fusão parcial.

Em relação à análise dos elementos químicos detectados com maior frequência, destacam-se: o sílico (Si) presente em alta concentração; componente de quartzo e filossilicatos (caulinita, ilita); o alumínio (Al), presente em níveis de moderado a alto, compatíveis com argilas refinadas ricas em alumínio, como caulinita. Constatou-se a presença de carbono (C), possivelmente, resíduo orgânico ou absorção superficial, comum em materiais arqueológicos, o magnésio (Mg), indicado como impurezas ou contaminação mineral.

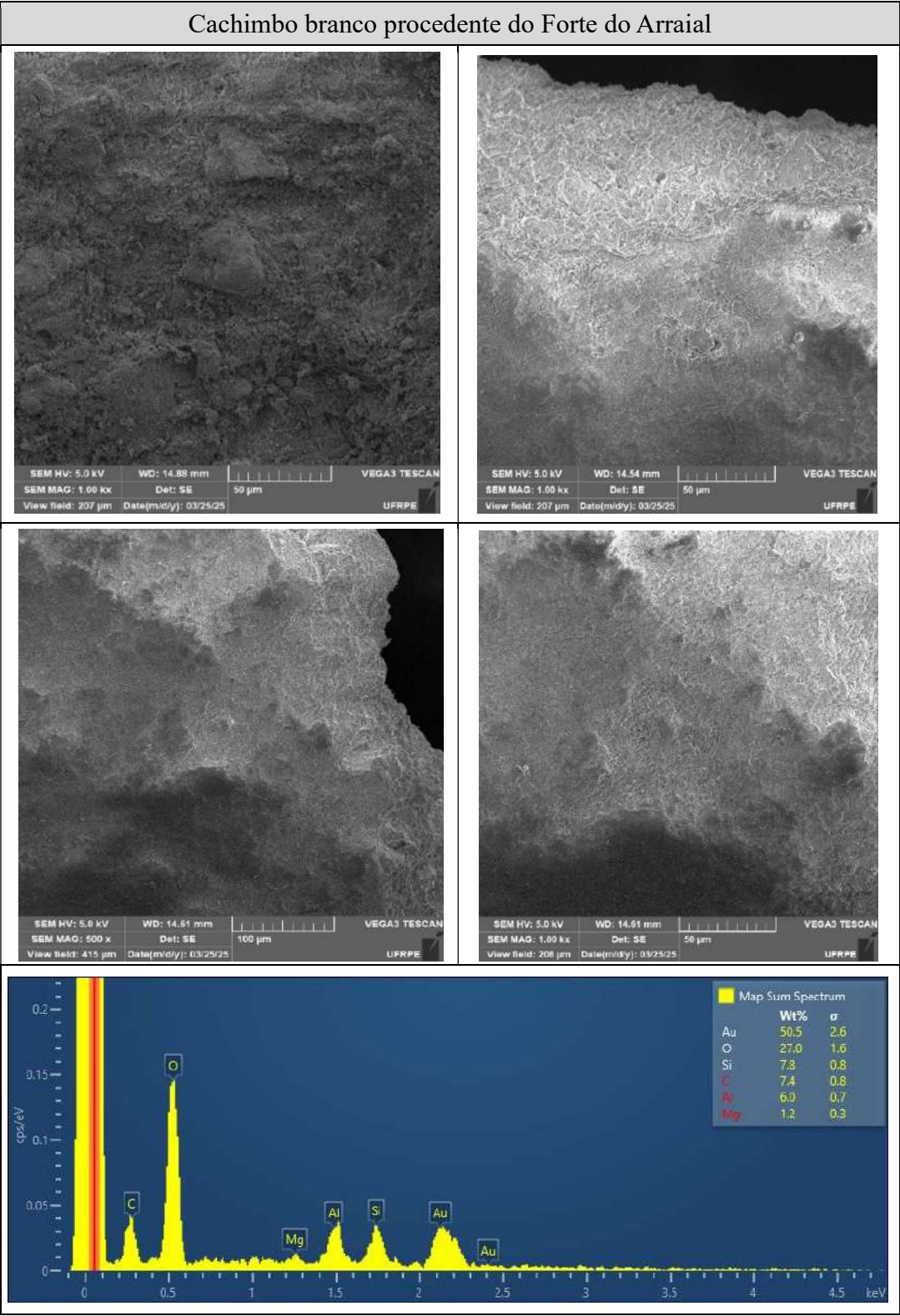
A partir dos resultados apresentados, indicou o uso de argilas refinadas com baixo teor de óxidos de ferro, provavelmente caulinita, típica de produções cerâmicas mais elaboradas. A homogeneidade da matriz e a baixa porosidade sugerem uma queima controlada, em ambiente oxidante e temperatura elevada (900-1100 °C).

A hipótese apontada pelas características observadas, sugere indicar a presença de cachimbos mais refinados ou fabricados seguindo os padrões de produção dos centros

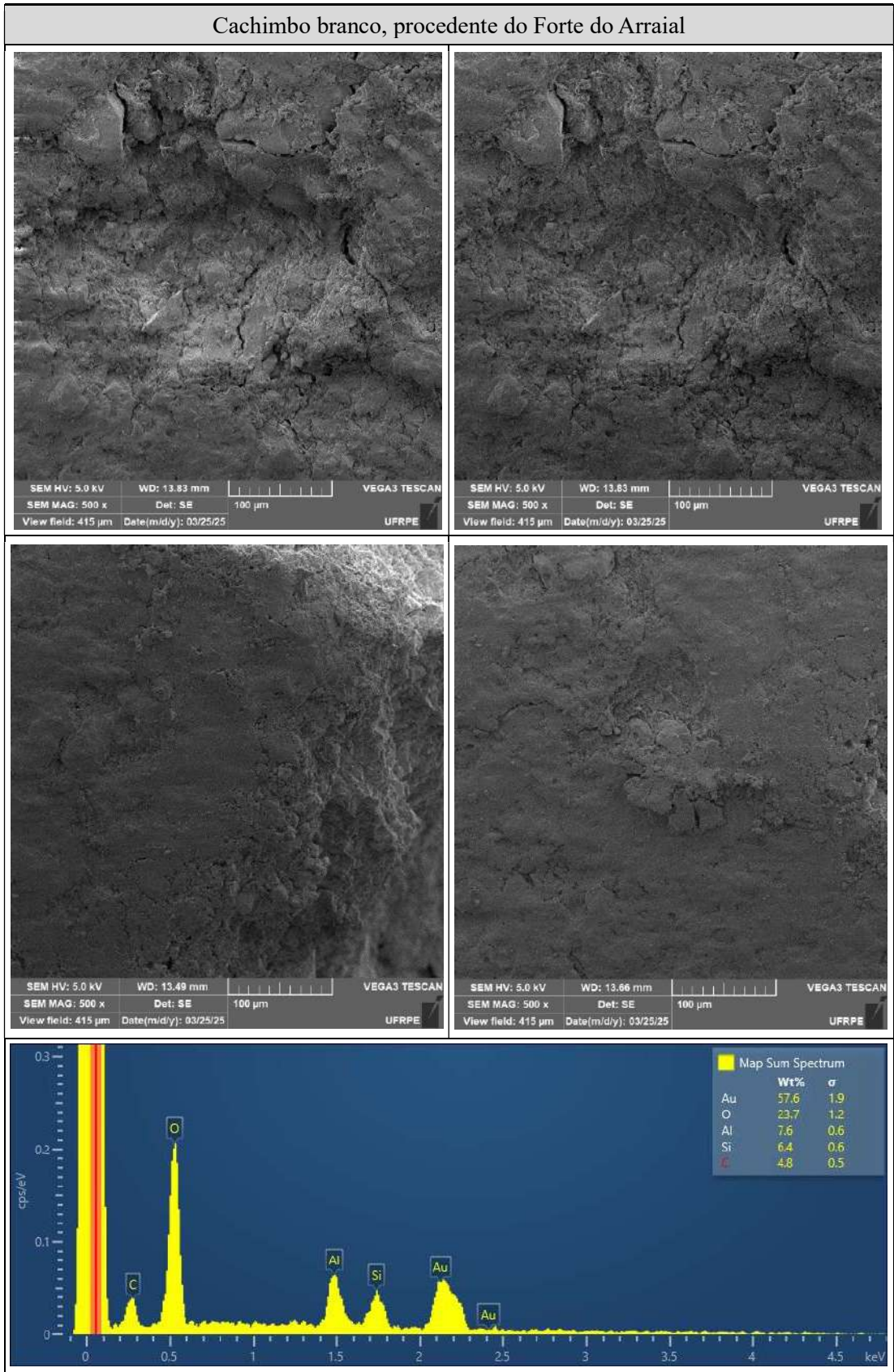
produtores dos Países Baixos.

Os resultados das análises com as imagens das amostras dos artefatos de cachimbos brancos apresentados segundo o tipo de amostra: LA 115-2 (Quadro 1) e LA 95 (Quadro 2).

Quadro 1- Forte do Arraial – Imagens da amostra do artefato nº LA 115-2



Quadro 2 - Forte do Arraial – Imagens da amostra do artefato nº LA 95



Análise de cachimbos avermelhados

As análises das 4 amostras dos artefatos de cachimbos avermelhados LA 4807-255, LA 4827-302, LA 4814-296 e LA 118, demonstraram as seguintes composições químicas, detectando com maior frequência, os seguintes elementos: Silício (Si), fortemente presente, associado à presença de quartzo (SiO_2) ou filossilicatos (argilas); Alumínio (Al), presença significativa, compatível com minerais de argila (como caulinita, illita ou montmorilonita); Oxigênio (O), comum em compostos silicatos e pequenos traços de ouro (Au), provavelmente, interferência do revestimento metálico aplicado na amostra para condução elétrica durante a análise MEV.

A presença marcante de Si e Al com Oxigênio (O) indica o uso de matrizes argilosas comuns, compatíveis com argilas, naturalmente ricas em alumino-silicatos. A cor avermelhada, provavelmente, está relacionada à oxidação de óxidos de ferro (não diretamente detectados nas amostras analisadas, mas inferíveis pela coloração e pelo uso típico em pastas cerâmicas avermelhadas). A composição revela ser típica de cerâmicas com argilas pouco refinadas, e a sua queima ter sido, provavelmente, em ambiente oxidante, promotora da coloração avermelhada.

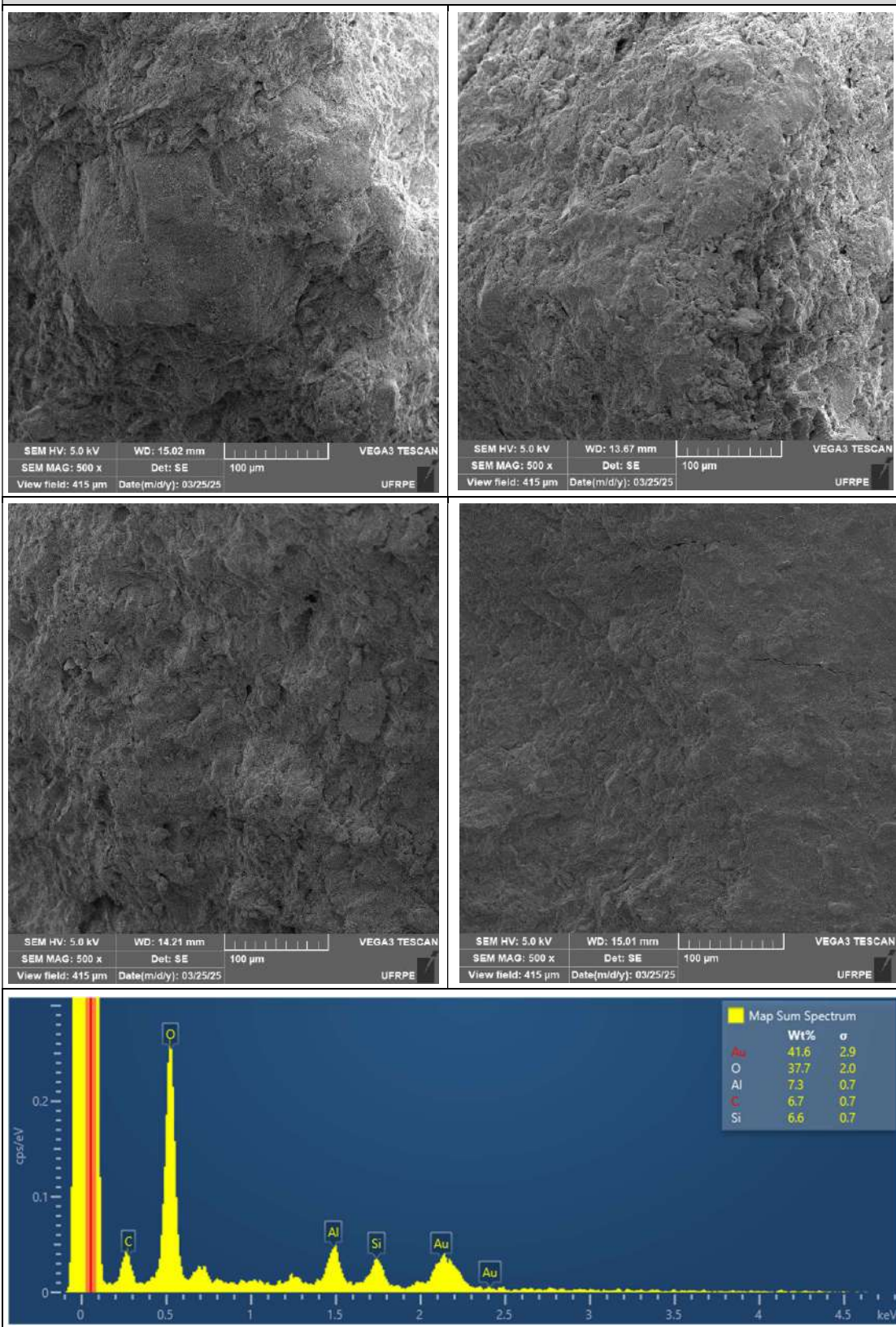
A temperatura de queima demonstrou ter sido de moderada a alta (estimada de 800 a 1000 °C), suficiente para sinterizar a matriz, porém, sem vitrificação total.

Em relação às imagens, podemos ver uma superfície granular e heterogênea, comum em pastas pouco refinadas, poros ou vazios (intergranulares), indicativos de queima incompleta ou compactação limitada. Algumas regiões apresentam fissuras ou microfraturas, talvez causadas por choques térmicos ou processos de intemperismo pós-deposicional. Inclusões não fundidas ou mal integradas à matriz, sugerindo baixa temperatura de queima ou mistura heterogênea. A superfície não apresenta características de vidrado natural ou vitrificação parcial, o que reforça a hipótese de uma queima em temperaturas abaixo de 1000 °C.

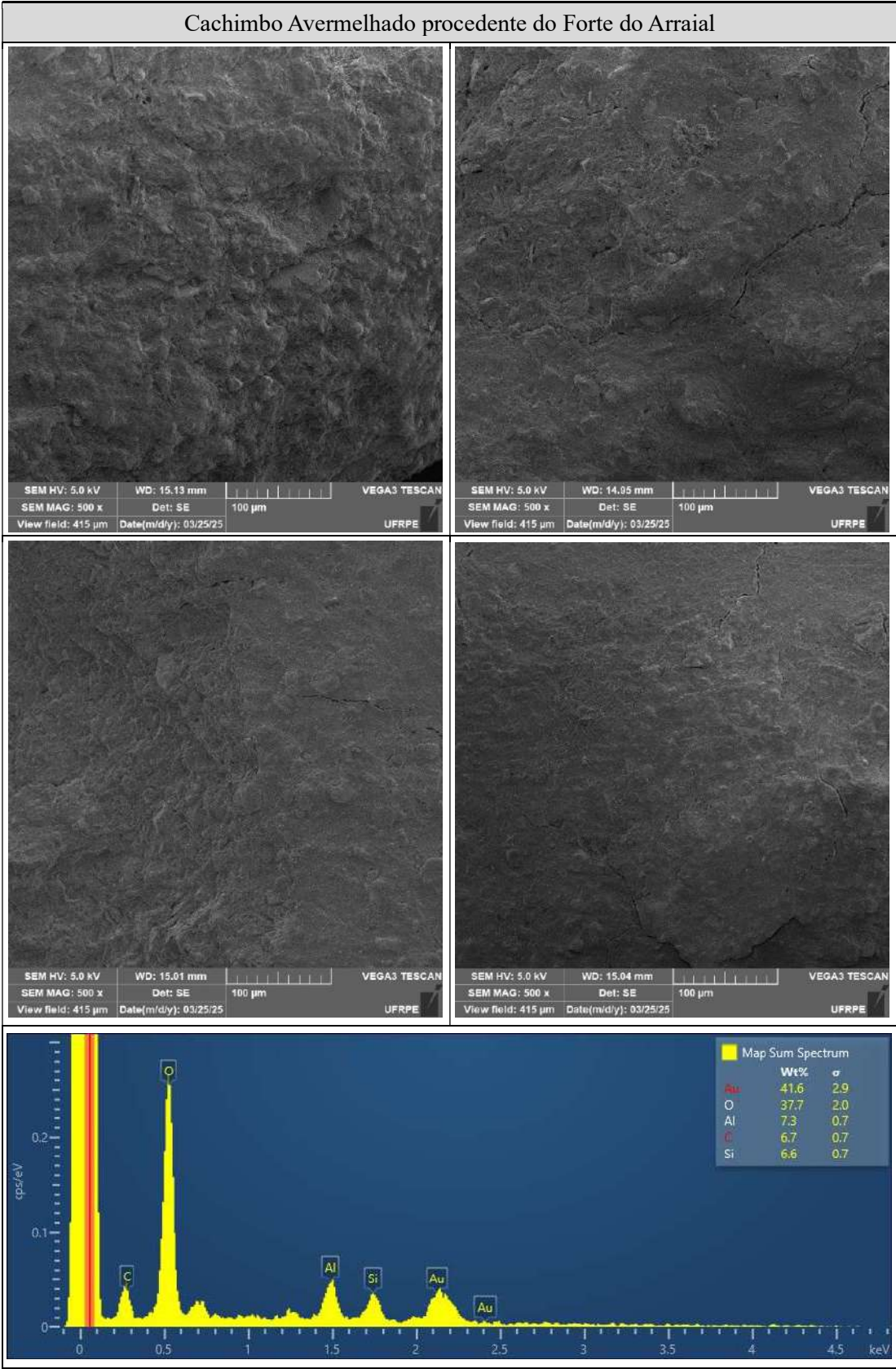
Os resultados das amostras analisadas são assim apresentados: no Quadro 3, amostra LA 4827-302; no Quadro 4, LA 4807-255; no Quadro 5, LA 118; e no Quadro 6, LA 4814-296.

Quadro 3 - Forte do Arraial – Imagens da amostra do artefato nº LA 4827-302

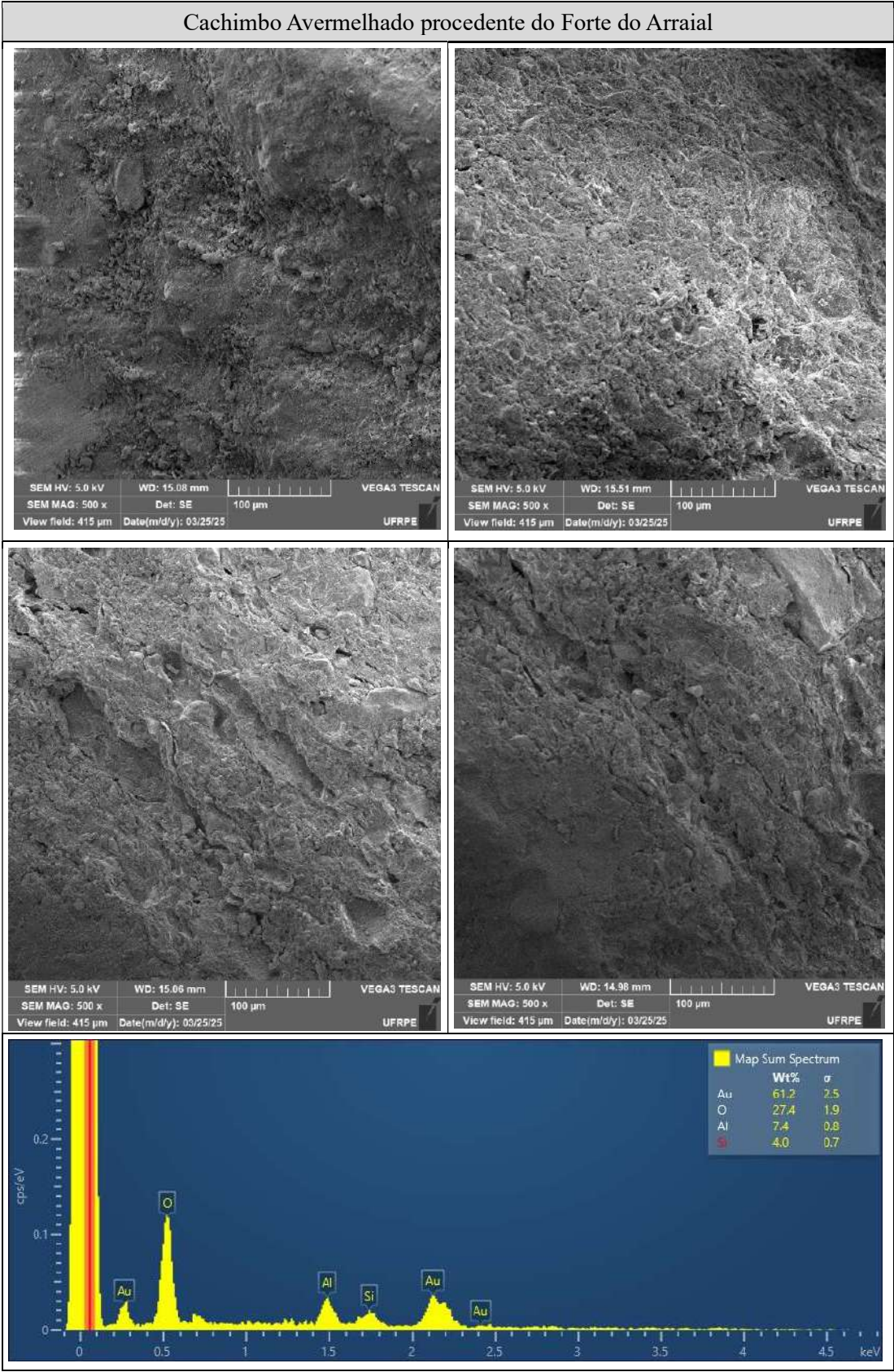
Cachimbo Avermelhado procedente do Forte do Arraial



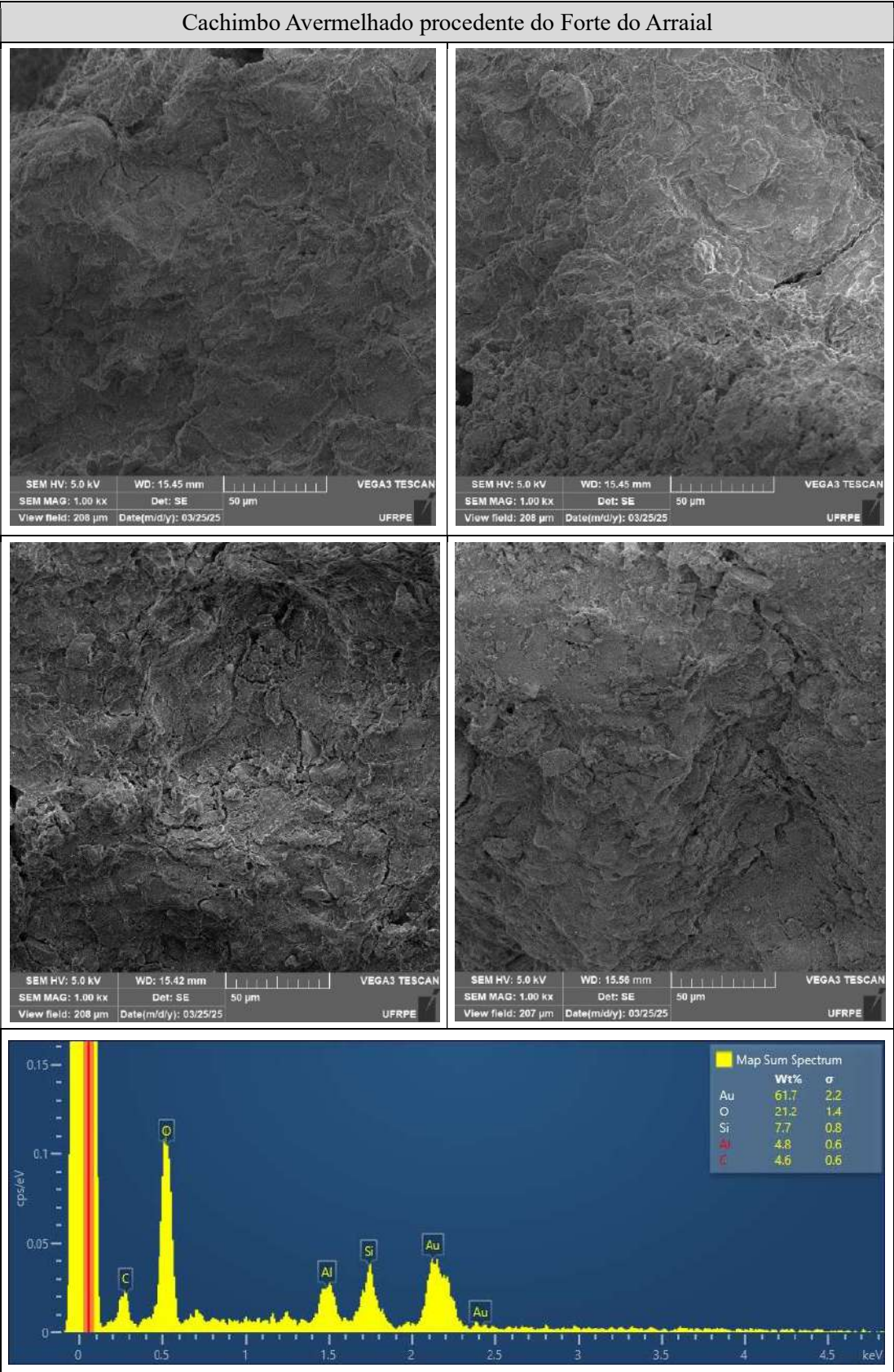
Quadro 4 - Forte do Arraial – Imagens da amostra do artefato n° LA 4807-255



Quadro 5 - Forte do Arraial – Imagens da amostra do artefato n° LA 118



Quadro 6 - Forte do Arraial – Imagens da amostra do artefato n° LA 4814-296



Síntese das análises das pastas dos artefatos de cachimbos brancos e avermelhados

A análise comparativa entre as pastas brancas e avermelhadas permite observar as diferenças na superfície, na porosidade, na textura e na cor, devido à presença de alto ou baixo teor de óxido de ferro. Foram encontradas similaridades na temperatura próxima de 1.000°C, entretanto, observou-se distinção da queima em ambiente controlado ou em locais oxidantes, como, também, nos elementos químicos, podendo ser constatado divergências na alta ou baixa proporção da presença de óxido de ferro, refletindo na coloração dos artefatos de cachimbos.

Apresentamos, de forma sintetizada, uma análise comparativa entre as pastas de cachimbos brancos e avermelhados referente à caracterização da superfície, porosidade, temperatura, textura com grãos minerais, elementos químicos, cor e presunção de localização de fabricação (Tabela 6).

Tabela 6 - Síntese das análises comparativas das pastas de cachimbos brancos e avermelhados

Caracterização	Amostras dos dois cachimbos brancos (LA 115-2 e o LA 95)	Amostras dos quatro cachimbos avermelhados (LA 4807-255, LA 4827-302, LA 4814-296 e LA 118)
Superfície	Mais homogênea e compacta, com refino.	Granular e heterogênea, comum em pastas pouco refinada.
Porosidade	Baixa porosidade visível, homogeneidade da matriz.	Porosidade ou vazios (intergranulares), regiões com fissuras ou microfraturas.
Temperatura	Queima controlada, em ambiente oxidante e temperatura elevada (de 900 a 1100 °C).	Queima em ambiente oxidante e promotora da coloração avermelhada. Temperatura moderada a alta (estimada de 800 a 1000 °C).
Textura com Grãos minerais	Presença de grãos finos bem integrados à matriz, textura microgranular e zonas de fusão parcial.	Composição revela-se ser típica de cerâmicas com argilas pouco refinadas.
Elementos químicos	Maior frequência: Silício (Si), Quartzo (SiO ₂), Caulinita, illita (filossilicato); Alumínio (Al), Carbono (C), Magnésio (Mg). Baixo teor de óxido de ferro.	Maior frequência: Silício (Si), associado à presença de quartzo (SiO ₂) ou filossilicatos (argilas); Alumínio (Al), como caulinita, illita ou montmorilonita; Alta teor de Oxigênio (O), ouro (Au).
Cor	Branca: devido ao baixo teor de óxido de ferro.	Avermelhado: relacionado a oxidação de óxidos de ferro.
Sugere fabricação	Fabricação típica dos Países Baixos	Fabricação local.

4 ANÁLISES DOS CACHIMBOS DA CAPITANIA DE PERNAMBUCO

A exposição anterior de dados e evidências de cachimbos colaboraram para o norteamento do estudo dos artefatos de fumar das coleções procedentes de sítios da Capitania de Pernambuco. Suas análises apontaram para o consumo e identidades de cachimbos usados por grupos sociais no século XVII na referida Capitania.

4.1 CLASSIFICAÇÃO PARA ANÁLISE DE CACHIMBOS

Para o estudo do consumo e identidades de cachimbos por grupos sociais foi considerada a área territorial da Capitania de Pernambuco do século XVII, seguindo a hipótese, a ser testada, do consumo de cachimbos avermelhados e brancos por colonos e holandeses. Acreditando no uso entre os dois grupos, atribuindo o consumo dos cachimbos avermelhados, em maior incidência, pelos colonos; enquanto que os cachimbos brancos, pelos holandeses e sua gente, todavia, o consumo estava condicionado a o acesso e disponibilidade.

No meio da cultura material, encontram-se objetos de cerâmica, representando, de longe, a maior classe de artefatos recuperados durante as escavações em locais históricos. O material cerâmico sobreviveu e resistiu melhor ao desgaste do contato com o solo, o que não sucedeu com objetos produzidos por outros materiais. A cerâmica, além de ser fácil em datação, fornece dados da colonização, de identidades de grupos sociais e outros atributos (Barker; Majewski, 2014, p. 205).

De acordo com as abordagens ocorridas no item 3 desta tese, o cachimbo cerâmico está inserido no contexto produtivo das cerâmicas. Os vasos cerâmicos revelaram-se em diversas formas e funcionalidades, enquanto que os cachimbos cerâmicos, também com variedades de cores e morfologias, foram produzidos com a funcionalidade de servir apenas como instrumento de fumar (Hissa, 2018, 2020; Shepard, 1985).

Dentro das variedades de cachimbos cerâmicos, seguem-se a classificação, o contexto arqueológico, a coleta dos artefatos de cachimbos e as análises de publicações destinadas a cada coleção de artefatos de fumar (Becker; Schimitz, 1969; Cooper, 1986; Duco, 2003; Higgins, 1981; Hissa, 2018; Oswald, 1969; Ott, 1944; Serrano, 1937). De modo geral, o cachimbo cerâmico encontra-se constituído por duas partes: o forninho, por onde queima o tabaco; e a haste com o furo, por onde se aspira a fumaça (Serrano, 1937; Higgins, 1981, 2017).

Quanto ao manuseio de cachimbos cerâmicos, as coleções de artefatos de fumar do contexto da Amazônia, do Sul e Sudeste brasileiro, da Europa, com destaque para os acervos

de Portugal, Turquia, Inglaterra e Países Baixos, serviram para nortear a classificação e as análises de cachimbos resultantes de intervenções arqueológicas, ocorridas em cerca de 11 sítios do território de Pernambuco, no século XVII.

Quanto à escolha dos sítios para este estudo, baseia-se em três fatores: a localização territorial dentro da Capitania; o aparecimento de artefatos de cachimbos; e a ocupação dos grupos sociais em assentamentos urbanos e canavieiros. As análises dos artefatos e a exposição dos resultados serão reveladas por meio de relatórios disponíveis do IPHAN/PE¹¹ e pelas coleções dos sítios.

Considerou-se a ocupação de espaços e das edificações usadas, transitadas em determinados momentos por atividades de grupos civis e militares, agrupados como territórios civis e militares, de acordo com as funcionalidades estabelecidas inicialmente. Na área citada como militar são analisados quatro sítios: Forte do Arraial do Bom Jesus, Forte de Tamandaré, Forte do Brum, e Forte das Cinco Pontas. A área civil encontra-se dividida em dois espaços. O espaço urbano, como o povoado do Recife e a vila de Olinda, onde são analisados os artefatos de cachimbos de quatro sítios: o Lamarão, a Bolsa de Valores, o Pilar no *istmo do Recife e Olinda*¹², sítios de ruas e do entorno da Igreja do Alto da Sé, no Centro Histórico de Olinda; o segundo espaço civil, compreendendo a área canavieira ou de engenhos como o Engenho Monjope, em Igarassu, Sítio do Campo, em Paulista, e o Engenho Madalena, no Recife.

4.2 AS ANÁLISES E CLASSIFICAÇÃO DE CACHIMBOS CERÂMICOS

Na escolha das amostras para análise e classificação de cachimbos cerâmicos, foram agrupados os artefatos com as similaridades da coloração, por consequência da queima.

Nesse sentido, a classificação proposta mais adequada teve como base a constituição da cor (após a queima) e da morfologia de cachimbos cerâmicos, estabelecida a partir da tipologia de cachimbos indígenas (Becker; Schimitz, 1969; Cooper, 1986; La Salvia; Brochado, 1989; Serrano, 1937), cachimbos avermelhados (Barata, 1951; Hissa, 2018, 2022; Oliveira, 2019; Robinson, 1985) e cachimbos brancos (Atkinson; Oswald, 1969; Baar; Duco, 2003; Oswald, 1960). Para conferir a tonalidade das cores de cada artefato de cachimbo foi utilizada a Tabela Mussel de cores, adaptada, com referência e códigos, conforme tabela 7.

¹¹ Relatórios do Arquivo Documental da Superintendência Regional do Instituto Histórico, Arqueológico Nacional em Pernambuco - SR/IPHAN/PE.

¹² Istmo de Recife e Olinda, corresponde a uma faixa de terra que ligava o porto do Recife à Vila de Olinda, na Capitania de Pernambuco (Cabral; Pontual, 2011).

A escolha dos artefatos de fumar encontrados nas coleções, acompanha os seguintes agrupamentos: o forninho com haste; só o forninho; só a haste; só o suporte do forninho para encaixe da haste. Devido à morfologia variada e ao pequeno número, os cachimbos indígenas foram agrupados separadamente (Becker; Schimitz, 1969; Brochado, 1989; Cooper, 1986; La Salvia; Serrano, 1937).

Para compreender a quantidade, certificando-se dos ambientes de consumo e da identidade tipológica de cachimbos consumidos na Capitania, escolhidos os espaços específicos de vivência, deu-se início à verificação e à conferência dos artefatos de fumar procedentes de 11 sítios assentados em áreas de fortificações, de núcleos urbanos, como do Recife e de Olinda, em áreas de engenho, canavieira, local do plantio da cana e da fabricação de açúcar.

4.3 METODOLOGIA PARA ANÁLISE DE CACHIMBOS

Para análise dos artefatos fragmentados de cachimbos, estabeleceu-se um cronograma de procedimentos: 1º) Levantamento documental histórico (incluindo um breve levantamento populacional) de publicações e relatórios de intervenções arqueológicas ocorridas nos sítios; 2º) Acesso às coleções de cachimbos nas instituições de guarda do acervo; 3º) Proposta para análise e classificação de artefatos de cachimbos; 4º) Análises dos artefatos de cachimbos.

1º) Levantamento documental

Primeiramente, ocorreu o levantamento documental histórico composto por publicações e relatórios de intervenções arqueológicas ocorridas em sítios que servirão para ilustrar a origem e a evolução histórica de ocupação do espaço social, bem como, do contexto no qual estavam inseridos os artefatos arqueológicos.

De acordo com Laurie A. Wilkie (2009), a Arqueologia Histórica contextualiza os materiais arqueológicos com a compreensão dos dados e do domínio de ampla contribuição da história social, no entanto, as possíveis lacunas do registro histórico podem ser preenchidas por meio da observação de comportamentos de indivíduos e de grupos sociais, usando a cultura material e navegando pelos contextos socioculturais e históricos (Wilkie, 2009, p. 333-338).

2º) Acesso às coleções de cachimbos

Os artefatos de cerâmica representam de longe a maior classe de objetos recuperados durante as escavações em locais históricos. Os utensílios cerâmicos sobreviveram ao solo. Tal fato não acontece com objetos feitos de outros materiais. O cachimbo cerâmico, como toda a cerâmica, além de ser de fácil datação, fornece dados da colonização, das identidades de indivíduos, de grupos sociais e de outros atributos (Barker, 2014, p. 205).

Para o efetivo acesso às coleções deve ser considerados os procedimentos estabelecidos para obter autorização para realizar pesquisas e escavações em sítios arqueológicos, conforme a Lei nº 3.924, de 26 de julho de 1961. O Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN) emitiu a Portaria nº 07, de 01 de dezembro de 1988 e o parágrafo 1º do Artigo 5º estabelece como critério de rejeição, os projetos que não apresentarem a garantia quanto à guarda do material recolhido (Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, 1988). Obtida a autorização de acesso ao acervo das coleções de cachimbos, é necessário conferir o tratamento prestado aos artefatos, como higienização, conservação, numeração e acondicionamento. Em seguida, planejar o manuseio e o preenchimento de uma tabela para analisar os dados disponíveis de cachimbos.

3º) Proposta para análise e classificação de artefatos de cachimbos

As análises foram realizadas com fragmentos de quebra de cachimbos avermelhados e brancos de caulinita, separados e, depois, agrupados em até cinco conjuntos: forninho com haste; forninho com suporte para o encaixe de haste; só forninho; só haste; e cachimbo completo. Em seguida, expostos. Analisados os atributos dos artefatos e as tipologias, compiladas em anotações de Planilha Eletrônica Excel, com as sínteses descritas em quadros de cada sítio examinado. Contudo, antes da síntese, será exibida uma prévia contextualização dos sítios em exame.

Para analisar os artefatos, geralmente fragmentados, sugere-se proceder com uma classificação, a partir de agrupamentos de fragmentos de cachimbos, ilustrados numa tabela descritiva, com a finalidade de evidenciar as características, quanto às similaridades e diferenças. Além disso, deve ser considerada a quantificação tipológica de cachimbos consumidos por sítio, revelada pelos agrupamentos desses artefatos de fumar e, posteriormente, relacionada aos dois grupos identitários de fabricação, os luso-brasileiros e holandeses, conforme descrito na tabela 8.

Tabela 8 - Demonstrativo de análise dos artefatos de cachimbos

Tipologia	Atributos considerados	Indicador
Morfologia	a) Mensurável ou imensurável (considerando o grau de conservação, danos, quebra, corte); b) Formato: Tubular, Curvado, Monitor, Angular; c) No Angular: • Grau do ângulo do forninho em relação à haste; Reto, Funil, Abaulado.	Pode relacionar a uma determinada identidade social.
Técnica de fabricação	a) Manual: sem simetria, falta de marca de moldes; b) Uso de instrumentos: marca de instrumento na área interna do forninho; c) Uso de moldes: marca de encontro de moldes, simetria na espessura das paredes em torno dos furos das hastes e borda do forninho.	Pode identificar o padrão tecnológico utilizado para a fabricação de cachimbos por determinada identidade social.
Decoração	a) Alisado; b) Polido; c) Identifica tipologia com decorações: • Alto ou baixo relevo; • Geométricas, florais, antropomorfos, zoomorfos, antropozoomorfos; • Localização.	Pode identificar o padrão tecnológico de decoração utilizado na fabricação de cachimbos por determinada identidade social.
Apêndice ou pedúnculo	a) Sem pedúnculo; b) Com pedúnculo: • Triangular: com ou sem furo; • Plano com altura; • Plano no nível da haste; • Marca do fabricante ou sem indicativo; • Pontudo; • Arredondado.	Pode indicar o fabricante, o uso de moldes ou não, relacionar com a simbologia cultural de determinada identidade social.
Altura e largura do forninho	a) Altura da base e borda do forninho; b) Diâmetro interno, no início da borda do forninho.	Pode indicar o quantitativo de erva consumida por determinada identidade social.
Espessura da haste	a) Espessura, junto da base do forninho; b) Espessura na quebra em direção à boquilha da haste.	Pode estabelecer um indicativo do formato da haste Funil ou Retangular e apontar a preferência de uso por determinada identidade social.
Furo da haste	a) Centralizado; b) Descentralizado; c) Espessura do furo.	Pode apontar a técnica de fabricação, uma padronização de espessura do furo usada por determinada identidade social.
Queima	a) Completa; b) Incompleta.	Pode estabelecer o grau de temperatura da queima, sugerir o estabelecimento de valor do consumo e do preço no comércio por determinada identidade social.
Cor	a) Cor igual nas partes externa e interna; b) Cor diferente nas partes externa e interna; c) Diferença na cor interna; d) Uso de Tabela de cores Munsell como referencial (CLELAND, 1937).	Estabelecer o grau de temperatura da queima, identificar a mineralogia da pasta da cerâmica, a disponibilidade da argila e o uso desses componentes por determinados grupos sociais.

4º) Análises dos Artefatos de cachimbos

Considerando a proposta de análise e classificação exposta anteriormente, apresenta-se uma descrição de onze (11) sítios arqueológicos, sendo agrupados 4 em áreas de fortificações, 4 em núcleos urbanos e três 3 em engenhos, áreas produtoras do açúcar no território da Capitania de Pernambuco, no século XVII.

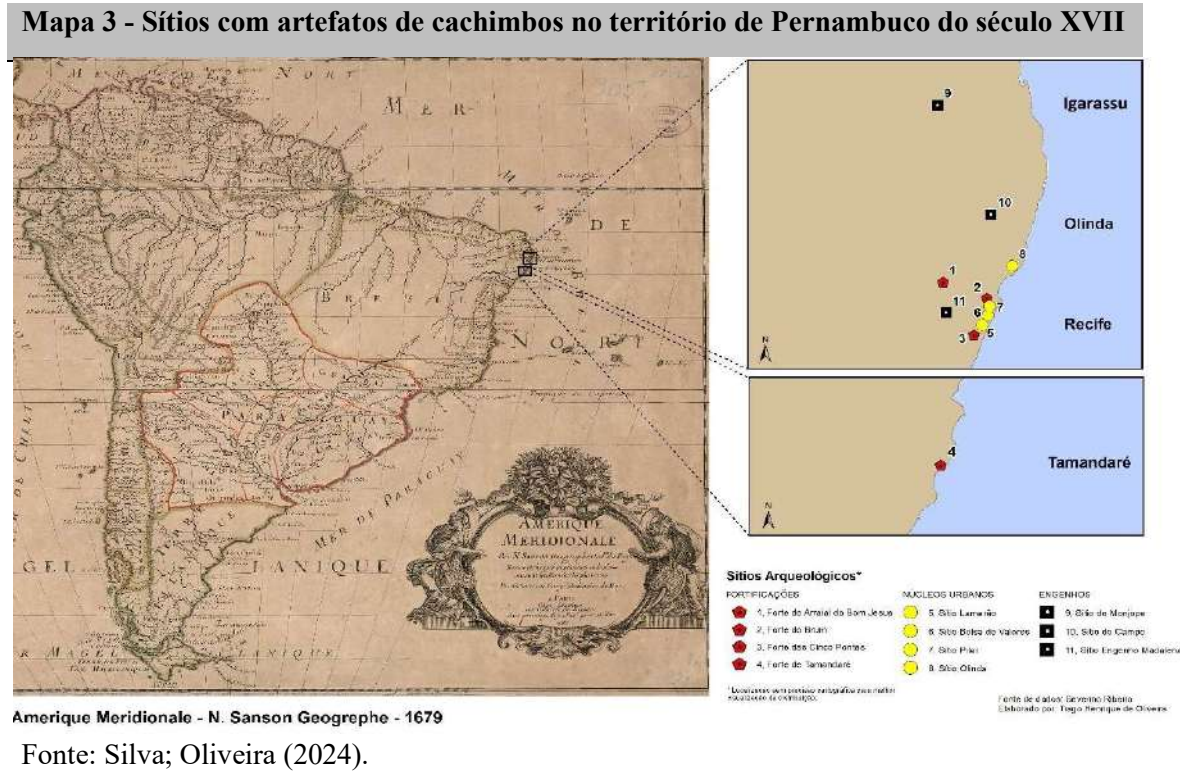
De acordo com os dados históricos, os referidos sítios podem ser classificados como locais ocupados por determinados grupos sociais, em momentos específicos, evidenciados como sítio de ocupação luso-brasileira, holandesa, ou mista, ou seja, compostos por ambos os grupos. A descrição dos sítios e assentamentos apontados, pode ser vista na tabela 9.

Tabela 9 - Sítios e assentamentos com os períodos de ocupação no século XVII				
Sítios	Assentamento	Ocupados por grupos	No século XVII	Histórico de ocupação
Sítios Fortificações	Forte do Arraial (1)	Luso-brasileiro	De 1630 a 1635	Ocupação mista. Construído por luso-brasileiros e demolido pelos holandeses.
		Holandês	De 1635 a 1635	
		Luso brasileiro	Depois de 1654	
	Forte de Tamandaré (2)	Luso-brasileiro	De 1630 a 1645	Ocupação mista. Construído por luso-brasileiros e ocupados por holandeses num curto período no ano de 1645.
		Holandês	De 1645 a 1646	
		Luso-brasileiro	Depois de 1646	
	Forte do Brum – Recife (3)	Luso-brasileiro	De 1629 a 1630	Ocupação mista. Iniciada a construção pelos luso-brasileiros, em 1629; ocupados por holandeses até 1654 e depois retorna aos luso-brasileiros.
		Holandês	De 1630 a 1654	
		Luso-brasileiro	Depois de 1654	
	Forte das Cinco Pontas – Recife (4)	Holandês	De 1630 a 1654	Ocupação mista. Iniciada a construção pelos holandeses em 1630 e em 1654 passou para os luso-brasileiros.
		Luso-brasileiro	Depois de 1654	
	Sítio Lamarão – Recife (3)	Holandês	De 1630 a 1654	Ocupação luso-brasileira com aterros de áreas holandesas.
		Luso-brasileiro	Depois de 1654	
	Sítio Bolsa de Valores – Recife (2)	Luso-brasileiro	Antes de 1630	Ocupação mista. Área portuária de intensa ocupação humana.
		Holandês	De 1630 a 1654	

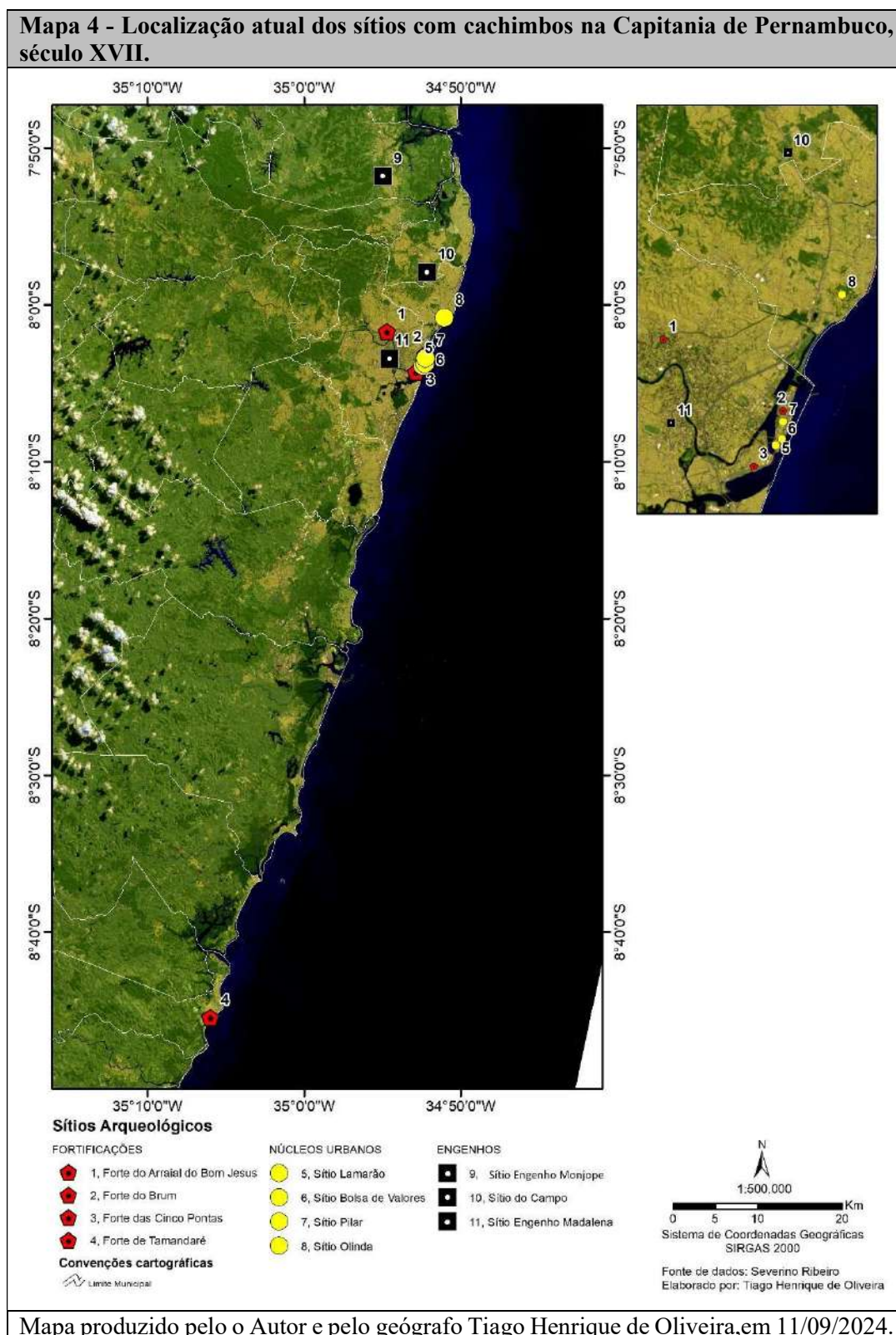
Sítios Núcleos		Luso-brasileiro	Depois de 1654	
	Sítio Pilar – Recife (3)	Luso-brasileiro	Antes de 1630	Ocupação mista. Área portuária de intensa atividade humana.
		Holandês	De 1630 a 1654	
		Luso-brasileiro	Depois de 1654	
	Sítio Olinda – Olinda (2)	Luso-brasileiro	De 1537-1630	Ocupação mista. Área em núcleo urbano, de intensa atividade humana.
		Holandês/Luso-brasileiro	De 1630 a 1654 (mesclado)	
		Luso-brasileiro	Depois de 1654	
Sítios Engenhos	Engenho Monjope – Igarassu (4)	Luso-brasileiro	A partir de 1600	Ocupação luso-brasileira. Área de produção do açúcar.
	Engenho do Campo- Paulista (4)	Luso-brasileiro	De 1650 a 1750	Ocupação luso-brasileira. Área de produção do açúcar.
	Engenho Madalena – Recife (1)	Luso-brasileiro	A partir de 1600	Ocupação luso-brasileira, área de produção do açúcar.

Fontes: (1) Albuquerque, 1999; (2) Victor ,2015; Albuquerque, 1999; (3) Albuquerque, 1999; Mello, 2110; (4) Mello Neto, 1983.

A localização dos 11 sítios com artefatos de cachimbos no século XVII pode ser vista pelo Mapa 3, adaptação do produzido em 1679 por N. Sanson Geogrephe.



A localização dos 11 sítios com artefatos de cachimbos no século XVII, pode ser vista pelo Mapa 4 abaixo, adaptado pelo Sistema de Coordenadas Geográficas SIRGAS 2000.



4.4 CACHIMBOS E SÍTIOS

Há registros de diversas intervenções arqueológicas com incidência e coleta de artefatos de fumar em fortificações, áreas urbanas e canavieira no território da Capitania de Pernambuco, no século XVII.

Este estudo teve como foco a análise das coleções procedentes de sítios escavados do século XVII, delimitando-se como material para análise o que se encontra sob a responsabilidade de instituições de guarda.

Os artefatos analisados e suas características apontaram para as seguintes tipologias: cachimbos avermelhados de uma só peça e de duas peças; e para os artefatos de cachimbos brancos e indígenas, apenas uma peça. Foram escolhidas as descrições dos artefatos de fumar pelos sítios de fortificações, depois os de núcleos urbanos e, por último, os engenhos e áreas canavieiras.

4.4.1 Cachimbos de Fortificações

Foram analisadas coleções de artefatos de cachimbos de quatro sítios, de natureza social militar. São eles: 1º) Forte do Arraial do Bom Jesus; 2º) Forte de Tamandaré; 3º) Forte do Brum; e 4º) Forte das Cinco Pontas, conforme descrição a seguir.

4.4.1.1 Cachimbos do Forte do Arraial do Bom Jesus - Recife

O sítio arqueológico Forte Real do Bom Jesus, Arraial Velho do Bom Jesus¹³, localizado na Estrada do Arraial, número 3259, bairro de Casa Amarela, no município do Recife/PE. O Sítio da Trindade, ocupa uma área de 6,5 hectares de área verde e um chalé em estilo eclético com 600 m². Aberto ao público, a população utiliza o espaço para realização de atividades culturais e passeios, ao longo do ano, com festas nos períodos junino e natalino. A área foi desapropriada em 1952 e tornou-se de utilidade pública. Antes, pertenceu à família Trindade Peretti, daí a denominação de Sítio da Trindade. Tombado pelo IPHAN, o Sítio foi classificado na categoria de conjunto paisagístico, num reconhecimento à importância histórico-social, desde 17 de junho de 1974.

¹³ O sítio arqueológico Arraial do Bom Jesus: Albuquerque, et al, 1999, p.44-48; Prefeitura do Recife. <https://www2.recife.pe.gov.br/servico/sitio-trindade> – <http://www.recife.pe.gov.br/cidade/projetos/historia/Trindade>. Acesso em: 24/05/2023.

O Arraial Velho do Bom Jesus, hoje Sítio da Trindade, por 5 anos foi um foco de resistência luso-brasileira contra os holandeses. No século XVII, era uma localidade cuja história remonta à época da invasão holandesa à Capitania de Pernambuco. Na área, o então governador, Matias de Albuquerque, mandou construir uma fortificação em taipa de pilão, logo após o desembarque holandês em Pernambuco, funcionando como foco de resistência luso-brasileira contra o domínio flamengo. Assim, abrigou, entre 1630 e 1635, o Arraial do Bom Jesus – também designado de Arraial Velho – caindo sob o domínio batavo em 1635. Em seguida, os portugueses construíram uma nova fortificação, ao qual chamaram de Arraial Novo, cujas ruínas ainda existem, na Avenida do Forte, no bairro dos Torrões.

De 1630 a 1635, no Arraial do Bom Jesus, estima-se uma população de aproximadamente mil pessoas, situada em terreno elevado, onde construíram um acampamento, acreditando ser um ponto estratégico para barrar a penetração dos flamengos ao interior, em direção às plantações e engenhos de açúcar, principal fonte de riqueza da Capitania, na época.

A denominação Bom Jesus originou-se da capela de mesmo nome, erigida no local pelos padres jesuítas que integravam a resistência luso-brasileira. A Capela já não existe, mas ainda se encontram vestígios do fosso que serviu à antiga fortificação. Na figura 28 pode ser vista a planta do Forte e imagens do entorno, no século XVII; e na figura 29, as ruínas da fortificação e de edificações atuais.

Figura 28 - Forte do Arraial – Planta do Forte e imagens do entorno no século XVII



Fonte: Albuquerque (1999, 2009)



Fonte: Albuquerque (1999).

As pesquisas e escavações arqueológicas realizadas pela equipe do Laboratório de Arqueologia da UFPE revelaram o local da fortificação, identificaram as muralhas e o fosso que circundavam a edificação.

O fosso tinha aproximadamente 4,5m de profundidade, com uma muralha no formato de ângulos salientes e reentrantes. Em torno da fortificação, logo se instalaram um aglomerado de casas (de 1630 a 1635), cujos moradores buscavam, na proximidade do forte, a sua proteção (Albuquerque, et al., 1999, p. 45).

A fortificação serviu como partida para muitas das emboscadas que mantiveram os holandeses confinados à estreita faixa no litoral. Após 1631, a Resistência perdeu, aos poucos, seus postos avançados e, com a queda do Passo dos Afogados, local de impedimento do acesso dos holandeses através do Rio Capibaribe, criou condições para os invasores atuarem maciçamente contra o Arraial (Albuquerque, et al., 1999, p. 44-48).

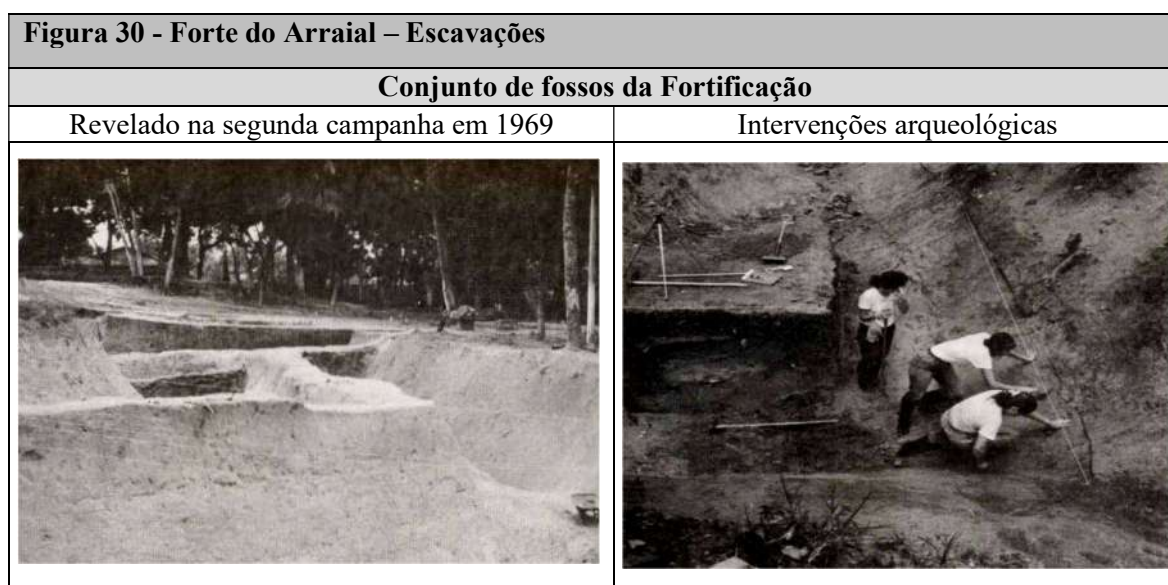
Vários contingentes foram enviados e tomaram de assalto pontos estratégicos, cercando a fortificação e seus arredores. Suas muralhas de terra começaram a ruir e a rendição apontava ser inevitável, devido ao intenso bombardeio. O Forte se rendeu em 1635. Logo depois, os holandeses derrubaram suas muralhas e entulharam seus fossos, restando apenas uma vaga lembrança de sua localização na memória coletiva, até ser revelado com as escavações arqueológicas ocorridas no ano de 2009 (Albuquerque, 2009; Albuquerque et al., 1999, p. 44-48).

As atividades arqueológicas foram coordenadas pelo professor Marcos Albuquerque, junto com sua equipe do Laboratório de Arqueologia (LA/UFPE). As intervenções arqueológicas ocorreram em três campanhas: as primeiras, ocorreram nos anos de 1968 e 1969 com o objetivo de localizar o monumento, do qual não restavam vestígios superficiais, e ampliar o trecho do fosso, recuperado arqueologicamente. Ao longo dos anos, acumulou no local um entulhamento da área escavada, resultante de ações conjugadas de gênese natural e antrópica. O espaço escavado do fosso que circundava a fortificação foi preenchido por lixo urbano, restos orgânicos e inorgânicos, resultantes das festas populares que habitualmente são realizadas no local, atual "Sítio da Trindade", e por carreamento de material sedimentar, oriundo das partes mais elevadas da colina. A conjugação desses elementos, não apenas, preencheu o espaço escavado do fosso, mas, também, alterou sua estrutura original. A erosão pluvial conjunta com efeitos eólicos e de insolação alteraram alguns dos ângulos e saliências do fosso, bem como, de sua escarpa e contraescarpa. O início do processo pedogenético interferiu em suas dimensões. Diante das peculiaridades inerentes ao próprio monumento, a retirada do entulho existente deveria ter ocorrido por meio de procedimentos arqueológicos, em virtude da reconstituição do setor, das cotas, ângulos e inclinações já identificadas. A terceira campanha teve por objetivo resgatar trecho do fosso escavado anteriormente e avaliar os efeitos erosivos ao qual o monumento foi submetido durante o período. Nessa campanha ocorreu a escavação total do monumento (Albuquerque; Lucena, 1988, p.7-12).

A abordagem metodológica para a escavação seguiu com o tratamento dado para sítio arqueológico histórico, considerando a fortificação como um elemento funcional do sistema cultural constituído por unidades de subsistema que definem seu grau de integração com a sociedade local e cultural de forma mais ampla, congregando sob sua defesa, externa e internamente, contingentes da população civil, supondo a presença de outras unidades associadas às funções militares. O sítio foi abandonado após prolongado cerco e pelo intenso fogo de artilharia submetido por seus opositores.

No século XX, do ponto de vista das estruturas, restou, apenas, aparente nível do solo e uma localização imprecisa na documentação histórica. Desse modo, a pesquisa arqueológica se desenvolveu com as prospecções para a localização da fortificação. Depois, ocorreu a abertura das trincheiras, no sentido Sul/Norte para localizar o fosso que circundava a fortificação e a pequena elevação apontada através dos estudos históricos como provável local da fortificação, com níveis artificiais de 20cm e a escavação total do sítio (Albuquerque; Lucena, 1988, p.13-14).

Na figura 30 são apresentadas imagens das escavações em espaços da fortificação.



Fonte: Albuquerque; Lucena (1988).

A conferência das análises dos artefatos de cachimbos cerâmicos iniciou com a verificação documental do relatório da intervenção arqueológica (MARCOS, 2009) e prosseguiu com o método de quantificar e classificar os artefatos de fumar quanto a sua morfologia, cor, decoração, ângulo, queima com a finalidade de verificar as similaridades e as diferenças.

Do total dos 114 artefatos do Sítio Forte do Arraial do Bom Jesus, foram examinados 85 artefatos de cachimbos avermelhados, incluindo 3 indígenas e apenas 26 cachimbos brancos, todos agrupados em: Fornilho com Haste; só Fornilho; Hastes; Fornilho com suporte para o encaixe de haste.

No entanto, seguindo os dados e a classificação apresentada por Becker e Schimitz (1969), os três cachimbos avermelhados foram enquadrados como indígenas, sendo um completo (denominado tubular rabo de peixe); o segundo, Angular; e o terceiro, como Tubular Cônico Encurvado.

Dos 114 artefatos de cachimbos analisados, são apresentadas abaixo algumas imagens dos avermelhados, indígenas e brancos do sítio Forte do Arraial do Bom Jesus.

Dos 88 artefatos de cachimbos avermelhados analisados e descritos abaixo, a caracterização é a seguinte: uma só peça (fornilho e haste juntos) e de duas peças (com fornilho e um suporte para o encaixe de uma haste).

Analizados 79 artefatos de cachimbos com a composição de uma só peça, conforme descrição a seguir:

1. Morfologia de cachimbos com uma só peça, com ângulo de 90°, o forninho e a haste com formatos de funil;
 - a) A técnica de fabricação com indicativos de fabricação manual, devido à falta de simetria e sem marcas de moldes, com uso de instrumentos, indicados pelas marcas desses instrumentos na área interna do forninho;
 - b) A decoração com alisamento e polimento, decorados do tipo: 1) incisos, com traços e triângulos no forninho e na haste; 2) no forninho: traços e triângulos incisos abaixo da borda do forninho; com dois triângulos invertidos na frente e no lado oposto do forninho, alternados por traços inclinados; na borda, decoração variada, com alisamento, plana, inclinada e com traços sinuosos, triangulares; 3) na haste, geralmente em cima, com traços inclinados e até em ziguezagues, alternados por triângulos incisos variados, como uns enfileirados, duplo paralelo invertidos e até em quatro dentro de um losango; figuras geométricas;
 - c) Sem pedúnculos ou apêndices;
 - d) Forninhos mensurados com altura, da base à borda, variação de 3,3 a 5,3 cm e diâmetro interno da borda dos forninhos com variação de 0,9 a 2,3 cm; comprimento de 2,6 a 13,6 cm;
 - e) Hastes do funil, quebradas com tamanhos variados de 2,1 a 11,9 cm, espessuras próximas da base do forninho com variação de 0,7 a 2,2 cm e na direção da boquilha de 0,9 a 1,9 cm;
 - f) Os furos das hastes, descentralizados na sua maioria e pouquíssimo centralizados; medidos na quebra, incluindo na base do forninho, com variação de 0,2 a 0,3; 0,4 a 0,45 cm;
 - g) Queima da pasta avermelhada, com variação quase igual, um pouco mais de 50% para a queima incompleta;
 - h) Cor avermelhada com variações na sua maioria para a cor camurça (8400 - Munsell 7,5 Y - R 5/6); Bege (8300, Munsell 10 Y, R 7/6); também com a cor marrom (8409 RAL 3009); interna com a cinza (2450, Munsell 10 Y 6/1).

Na Prancha 10 cachimbos avermelhados de uma peça do Forte do Arraial.

Prancha 10 - Forte do Arraial Cachimbos avermelhados de uma só peça	
Imagens de cachimbos avermelhados de agrupamentos de uma só peça	
Fornilho angular: funil com 90°, sem pedúnculos, queima completa e incompleta, decoração incisos no fornilho e em cima da haste afunilada.	
Dois triângulos invertidos e entre eles traços em ziguezagues	Quatro triângulos invertidos e entre eles traços em ziguezagues
	
Borda do fornilho com traços na vertical, quatro triângulos incisos nos dois lados das laterais da haste.	Triângulos incisos circundando a borda do fornilho; quatro triângulos incisos, e intercalados com traços na vertical.
	
Fornilhos quebrados com marca de uso interno de Instrumentos na produção	
Nas hastes com fileiras de triângulos incisos.	Nas hastes incisas linhas duplas circundando as hastes e, entre elas, decoração florais.
	

Fonte: O Autor (2023).

Foram analisados 9 artefatos de fornilho com o suporte de encaixe ou de duas peças, conforme descrição a seguir:

- A morfologia de cachimbos de fornilho, com suporte de encaixe, apresenta ângulos de 90°C, forninhos com formato de funil;
- A técnica de fabricação dos 9 artefatos indicou ter sido manual, devido à falta de simetria, sem marcas de moldes e encontros das formas de moldes; com marca de uso de instrumentos na área interna do fornilho;
- Todos os 9 artefatos com decorações em cima da haste e próximo da borda; alisamento interno e externo, com marca de instrumento para moldar o fornilho interno; polido, alto relevo com linhas; fornilho na borda com inclinação, em alto relevo, inclinado na borda; suporte de encaixe com alto relevo e linhas; decoração com relevo no encaixe, traços

horizontais no relevo e traços verticais na haste junto do relevo; três traços circundados entre o relevo do suporte e do forninho;

d) Todos com apêndices triangulares abaixo do forninho, sendo 08 apêndices com furos e apenas um sem furo;

e) Os forninhos foram mensurados da base à borda, sendo um com 3,4 cm e os outros 8, quebrados; diâmetro interno da borda de um forninho com 1,9 cm e os outros 8, quebrados; comprimento de 2 forninhos com suportes, tendo 3,2 cm e 3,4 cm;

f) Os seis analisados possuíam suporte com larguras de 1,3 a 1,6 cm; comprimento do suporte 3,4 a 4,1 cm e furos com diâmetro para o encaixe do suporte; quase todos com 0,8 cm, variação de 0,6 a 0,8 cm;

g) Queima da pasta avermelhada, com indicação de 09 analisados, sendo 05 com queima completa e 4 incompletas;

h) Cor avermelhada com variações na sua maioria para a cor Bege (8300 Munsell 10 Y - R 7/6) e camurça (8400 - Munsell 7,5 Y - R 5/6); na cor interna com a cinza (240 Munsell 10 Y 6/1).

Na Prancha 11 abaixo, cachimbos avermelhados de duas peças do Sítio Forte do Arraial.

Prancha 11 - Forte do Arraial – Cachimbos avermelhados de duas peças		
Três cachimbos decorados em alto relevo nas bordas dos forninhos e dos suportes e apêndices com furos		
Decorações com depressões alternadas	Decorações com duas linhas encurvadas	Decorações com depressões inclinadas e nelas duas linhas.
		

Fonte: O Autor (2023).

Entre os 114 artefatos de cachimbos do Forte do Arraial encontram-se três peças classificadas como de produção indígena devido às características similares às informações fornecidas pelas referências de Ítala Becker e Pedro Schimitz (Becker; Schimitz, 1969).

Os três cachimbos distintos, apontados como sendo de produção indígena, encontram-se com suas características descritas no quadro 7 do Forte do Arraial.

Quadro 7 - Forte do Arraial – Descrição dos três artefatos de cachimbos indígenas			
Cachimbo Indígena	1.Cachimbo tubular funil curvado (LA/RG nº 4835-244)	2. Cachimbo tubular “rabo de peixe” (LA/RG nº 4846-259)	3. Fornilho Angular com haste no meio (LA/RG nº 4837.295)
Técnica de fabricação	Manual, devido à ausência da simetria na espessura das paredes; furos descentralizados; falta de marcas de moldes ou de instrumentos na fabricação.	Manual, devido à ausência da simetria na espessura das paredes; furos descentralizados; falta de marcas de moldes ou de instrumentos na fabricação.	Manual, devido à ausência da simetria na espessura das paredes; furos descentralizados e falta de marcas de moldes; marcas de instrumentos na área interna do fornilho.
Morfologia	Tubular, funil, encurvado.	Tubular reto com achatamento em uma extremidade.	Fornilho: ângulo de 90°; angular reto; fornilho reto com haste curta, tendência funil.
Decoração	Decoração com alisado, polido, decoração de incisos, traços geométricos localizados em cima e nas laterais da haste.	Sem decoração, alisado e polido.	Sem decoração, alisado e polido.
Espessura	Formato funil, com tamanho de 4,6 cm de diâmetro no ponto em direção do fornilho 2,6 cm e na direção da boquilha ou ponta da haste com 1,4 cm.	Formato retangular, com tamanho de 13,9 cm; Diâmetro no ponto em direção do fornilho 3,4 cm e na direção da boquilha ou ponta achatada com 3,4 cm.	Medidas do fornilho (quebrado): Altura (da base à borda do fornilho) 3,9 cm; Diâmetro (interno, no início da borda do fornilho), interno com 1,5 cm (mensurável); Comprimento 4,0 cm.
Furo para aspiração da fumaça	Furo descentralizado e com espessura de 0,4 cm.	Furo centralizado e com espessura de 0,7 cm.	Furo centralizado e com espessura de 0,4 cm.
Queima da cerâmica	Incompleta	Incompleta	Incompleta
Cores da cerâmica	Diferença externa e interna, predominante com a variação da cor camurça (Tabela: 8400, Munsell 7,5 Y, R 5/6).	Diferença externa e interna, predominante com Vermelho (Tabela 424, Óxido de ferro, Munsell 10 Y, R 3/6).	Cores similares externa e interna, predominante com a cor Marrom (Tabela 8500, Munsell 2,5 Y, R 2/4).
Apêndice ou Pedúnculo	Sem apêndice ou pedúnculo.	Sem apêndice ou pedúnculo.	Com pedúnculo plano achatado, formado devido à haste no meio do fornilho.

Imagens dos dois cachimbos avermelhados indígenas coletado no Forte do Arraial, vistos na Prancha 12 abaixo.



Fonte: O Autor (2023).

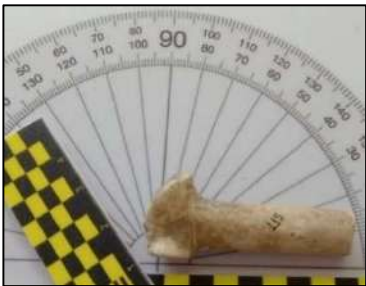
As análises das características descritas abaixo apontaram para o consumo dos cachimbos brancos com as seguintes caracterizações:

- Morfologia de cachimbos com uma só peça, ângulo de 40° e 50°, com forninho no formato cônico abaulado;
- A técnica de fabricação indica uso de instrumento na área interna do forninho; uso de moldes, com as marcas de encontro;
- Decoração com alisamento e polimento na maioria dos artefatos serrilhado na borda do forninho, com marca do fabricante na base plana do pedúculo, sem decoração e com decoração variada: incisa, triangular (com floral no centro), ramo floral (em alto relevo);
- Os forninhos foram mensurados com altura, da base à borda, com variação de 2,9 a 3,2 cm e o diâmetro interno da borda dos forninhos com variação de 1,1 a 1,3 cm;
- Hastes com tendência levemente funil, quebradas com tamanhos variados de 1,3 a 8,1 cm e as espessuras próximas da base do forninho com variação de 0,7 a 1,0 cm; e na direção da boquilha, de 0,6 a 0,8 cm;

- f) Pedúnculos planos com altura na sua maioria e pouco planos no nível da haste; encontra-se na base plana a marca do fabricante, algumas desgastadas ou ilegíveis;
- g) Os furos das hastes na maioria descentralizados; medidos na quebra, incluindo na base do forninho com variação de 0,2 a 0,3 cm;
- h) Queima da pasta de caulinita com variação, na sua maioria, para a queima completa com indicação da cor branca (1000 Munsell N 9,5 - interno e externo); e quando incompleta, com cinza (2432 RAL 7032- interno).

Com referência às informações fornecidas no Capítulo 3 (Dados e evidências), a caracterização, descrita acima, dos cachimbos brancos do Forte do Arraial Velho do Bom Jesus enquadra-se, na sua maioria, na tipologia dos artefatos de fumar produzidos em centros urbanos dos Países Baixos do século XVII, indicando ser especificamente da época e do local, devido ao forninho cônico abaulado, à decoração barroca e com a flor de lis. A marca do fabricante está embaixo dos pedúnculos planos. Na Prancha 13 abaixo, imagens de cachimbos brancos holandeses.

Prancha 13 - Forte do Arraial – Cachimbos brancos holandeses
Um forninho com haste

Angular com 50°	Marca do fabricante embaixo do pedúnculo	Furo com 0,2 a 0,3 cm
		

Fornilhos com serrilhados na borda, angular abaulados de 40° a 50°

Com ângulo de 50°	Com ângulo de 40°
	

Dois forninhos com queimas incompletas

	
---	--

Nove artefatos de hastes: destaque de uma com decoração carimbada em losango e a flor de lis

	
--	---

Fonte: O Autor (2023).

O Sítio Forte do Arraial, assentamento de ocupação mista, construído pelos luso-brasileiros a partir de 1630 e demolido pelos holandeses em 1637. De acordo com relatos documentais (Mello, 2010), provavelmente pouco ocupado por tropas comandadas pelos neerlandeses, havia evidências de maior número de cachimbos avermelhados do que de artefatos de fumar branco.

Dos 114 artefatos de cachimbos encontrados, o Sítio do Forte do Arraial aponta ser um assentamento misto, distribuídos com 85 (74,5%) de cachimbos avermelhados e 3 (2,6%) de cachimbos indígenas, revelando uma predominância do consumo de cachimbos avermelhados e consumidos, possivelmente, por colonos. Em conformidade com o Quadro abaixo, observa-se que dos 114 artefatos analisados, subtraindo 67 fragmentos de hastes, contam-se 47 forninhos incluindo os indígenas. Entre eles, foram evidenciados 9 cachimbos avermelhados de duas peças, com furos nos apêndices, de possível serventia para fixá-lo em parte do corpo ou do vestuário com peça de cordame para evitar a perda e facilitar o uso.

Por outro lado, observou-se um número menor de cachimbos brancos holandeses e, entre os 26 (22,8%) analisados, considerados como artefatos de fabricação holandesa do século XVII. Na Tabela 10 abaixo encontra-se uma síntese dos agrupamentos dos artefatos do Forte do Arraial.

Tabela 10 - Forte do Arraial – Síntese dos agrupamentos dos artefatos			
Agrupamentos	Artefatos de Cachimbos Brancos	Artefatos de Cachimbos Avermelhados	Artefatos de Cachimbos Indígenas
Fornilho com haste	02	15	00
Forninhos	04	14	00
Hastes (67 artefatos)	20	47	00
Fornilho com suporte para encaixe (fornilho ou suporte)	00	09	00
Cachimbo completo	00	00	03
Total = 114	26 (22,80%)	85 (74,56%)	03 (2,60%)



4.4.1.2 Cachimbos Forte de Tamandaré

O sítio arqueológico Forte de Tamandaré ou de Santo Ignácio de Loyola está situado na Rua Catorze, números 107-331, município de Tamandaré/PE.

Em 2015, o arqueólogo Plínio de Araújo Victor apresentou o Projeto de prospecção, resgate, monitoramento arqueológico e educação patrimonial da restauração do Forte de Santo Inácio de Loyola em Tamandaré, Pernambuco, promovido pelo Prodetur Nacional/Secretaria Estadual de Turismo de Pernambuco, com o objetivo de atender a execução do Projeto de restauração e requalificação da fortificação. Prevvia o funcionamento de um projeto Museológico e Museográfico nas dependências do próprio monumento após a sua restauração. O endosso institucional foi emitido pelo Museu da Cidade do Recife e a guarda do acervo ficaria nas próprias dependências da edificação restaurada (Victor, 2015, p. 5).

A área de pesquisa envolveu o Forte e seu entorno, porque uma fortificação não se resume aos limites de suas muralhas. A fortificação de defesa compreendia os demais elementos da arquitetura militar, como a existência do fosso, a muralha, o campo de batalha direcionado ao mar e os espaços de convivência do cotidiano que ocorreram no Forte de Tamandaré, como as batalhas contra os holandeses, guerra dos Cabanos e a Segunda Guerra Mundial (Victor, 2015, p. 6).

As escavações arqueológicas ocorreram no período de dezembro de 2015 a abril de 2016, sob a coordenação do arqueólogo José Aylton de Mello. No entanto, não foi possível ter o acesso aos relatórios de escavações arqueológicas ocorridas nos espaços da Fortificação. Nenhum relatório foi depositado ou encontrado nos arquivos do IPHAN/PE. Depois de certa dificuldade, em contato com a Prefeitura local, foi possível o acesso ao acervo de artefatos de cachimbos e sob a guarda da Secretaria Municipal de Meio Ambiente de Tamandaré/PE.

O Forte de Tamandaré, anteriormente chamado de Fortaleza de Barra Grande, recentemente denominado de Forte de Santo Inácio de Loyola, devido à devoção principal de sua capela central, construída em 1780. A construção inicial remonta ao século XVII pelos luso-brasileiros. Em 1630, existia uma pequena fortificação denominada de Santa Cruz, depois sua construção em pedra com quatro baluartes, fossos deve-se ao engenheiro Francisco Correia Pinto, com a missão de defender a Barra, que era um dos melhores portos da Capitania de Pernambuco. A fortificação constituía um dos poucos exemplares da arquitetura militar remanescente construído na Capitania de Pernambuco (Albuquerque, 1999. p. 165-172).

Durante a Guerra de Restauração iniciada em 1645, a Fortaleza chegou a ser ocupada pelos holandeses em 1646, mas logo foi recuperada pelos colonos luso-brasileiros. Finalizada

a guerra em 1654, a fortificação passou, por um tempo, abandonada. Em 1677, ainda sob a responsabilidade de João Fernandes Vieira, Superintendente de Fortificações, foi iniciada a reconstrução com grande ajuda dos moradores locais que forneceram materiais, trabalhadores, carros, animais, concluindo as obras por volta de 1679. Em 1780, construíram a capela (Victor, 2015, p. 5-12; Albuquerque, 1999, p. 169).

Diante do quantitativo de artefatos de cachimbos avermelhados recolhidos durante as escavações, nos espaços internos da fortificação, a fortificação demonstrou ser um sítio português com quase exclusividade de assentamento luso-brasileiro.

Na Figura 31 abaixo, imagens da fortificação em Tamandaré.



Em julho e agosto de 2024 foram realizadas as análises dos artefatos de fumar, totalizando 221 artefatos de cachimbos cerâmicos, sendo 1 branco de caulinita, 218

avermelhados e 1 indígena. Todos enquadrados aos agrupamentos de forninho com haste, só forninho, hastes, forninho com suporte para o encaixe de haste.

No entanto, seguindo os dados e a classificação apresentada por Becker e Schimitz (1969), uns cachimbos avermelhados foram classificados como indígena e enquadrados na tipologia de funil.

Dentro de toda a coleção examinada, encontra-se apenas um fragmento de cachimbo branco, indicado como de possível origem britânica ou holandesa, devido às características descritas abaixo:

- a) Morfologia retangular com tendência levemente funil, com 2,5 de tamanho, 0,8 cm no ponto quebrado na direção do forninho e 0,7 na direção da ponta da haste;
- b) Técnica de fabricação com indicativo de marca de instrumentos na área interna da haste e uso de moldes indicando o encontro deles;
- c) Decoração com alisamento, bem como polimento sem decoração;
- d) Furo da haste descentralizado com 0,2 cm;
- e) Queima completa com a cor branca 1.000 Munsell N,9,5.

Na Prancha 14 abaixo, imagem do único artefato de cachimbo branco coletado no Forte de Tamandaré.



Fonte: O Autor (2024).

Dos 219 artefatos de cachimbos avermelhados analisados e descritos abaixo, a caracterização foi a seguinte: 195 artefatos de uma só peça (forninho e haste juntos) e 24 artefatos de duas peças (com forninho e um suporte para o encaixe de uma haste). Para os cachimbos avermelhados de uma só peça foram caracterizados:

1. Morfologia de cachimbos de uma só peça, todos com ângulo de 90°C, o forninho e a haste no formato de funil;
2. A técnica de fabricação com indicativos de processo manual, devido à falta de simetria e sem marcas de moldes; com uso de instrumentos, indicados pelas marcas desses instrumentos na área interna do forninho;

3. Sem pedúnculos ou apêndices;
4. Os fornilhos foram mensurados com altura da base à borda e variação 2,5 a 3,2cm; diâmetro interno da borda dos fornilhos com variação de 1,6 a 2,1 cm, comprimento 3,2 a 9,6 cm;
5. As hastes funil, quebradas com tamanhos variados de 2,7 a 8,7 cm, espessuras próximas da base do fornilho com variação de 0,8 a 1,4 cm e na direção da boquilha de 0,6 a 1,2 cm;
6. Os furos das hastes, descentralizados na sua maioria e pouquíssimo centralizados, medidos na quebra, incluindo na base do fornilho com 0,3 cm na maioria e alguns, pouquíssimos, com 0,2 cm, 0,25 cm e 0,4 cm;
7. Queima da pasta avermelhada, maioria com queima completa;
8. Cor avermelhada com variações na sua maioria para a camurça (8400 - Munsell 7,5 Y - R 5/6); Bege (8300, Munsell 10 Y, R 7/6); também, com marrom (8409 RAL 3009); e interna com a cinza (2450, Munsell 10 Y 6/1);
9. A decoração com alisamento e polimento, do tipo:
 - a) Incisos com traços e triângulos, no fornilho e na haste;
 - b) No fornilho: traços e triângulos incisos abaixo da borda do fornilho com dois triângulos invertidos na frente e oposto do fornilho, alternados por traços inclinados; na borda, decoração variada, com alisamento, plana, inclinada e com traços sinuosos, triangulares; às vezes, incisos ponteados e fileiras acompanhando os contornos dos triângulos;
 - c) Na haste, geralmente em cima, traços inclinados e em ziguezagues, alternados por triângulos incisos variados, como uns enfileirados, duplo paralelo invertidos e até em quatro dentro de um losango; figuras geométricas;
 - d) Dois traços incisos circundando a haste e, entre eles, figuras geométricas do tipo floral, localizadas em cima, nas laterais das hastes e embaixo do fornilho;
 - e) Linhas geométricas circundando a haste, desenhos geométricos tipo floral com seis (06) pétalas em cima da haste.

Na Prancha 15 abaixo, imagens de cachimbos avermelhados de uma só peça no Forte de Tamandaré.

Prancha 15 - Forte de Tamandaré – Imagens de cachimbos avermelhados de uma só peça

Incisos com dois triângulos invertidos, traços intercalados no forninho e na haste traços em ziguezagues



Artefatos de cachimbos de uma só peça e sem decoração: queima incompleta



Borda do forninho com depressões triangulares alternadas e uma haste com mordida de dentes



Decoração no forninho com triângulos incisos, seguidos por linhas e ponteados; na haste com incisos de figuras geométricas florais entre duas linhas circundando a haste.



Hastes com decorações: incisos florais; triângulos acompanhados por traços e de um só triângulo em fileiras



Fonte: O Autor (2024).

Os cachimbos avermelhados de duas peças encontram-se com as seguintes características:

- a) Morfologia de cachimbos de forninho com suporte de encaixe, apresentando ângulos de 90°C, fornilhos e suportes com formatos de funil;
- b) Técnica de fabricação com indicação do uso de instrumento na área interna do forninho e marcas da linha de encontros dos moldes;
- c) Presença de apêndices, quase todos com furos no meio triangular embaixo do forninho, tendo apenas um forninho arredondado com apêndice retangular embaixo dele;
- d) Os fornilhos com suporte foram mensurados com altura da base à borda de 2,7 a 3,6 cm e diâmetro interno da borda dos fornilhos de 1,9 a 2,1 cm;
- e) Furos para o encaixe do suporte, maioria centralizados e diâmetros de 0,7 a 0,9 cm;
- f) Queima da pasta avermelhada quase todas completas e poucos incompletos;
- g) Cores avermelhadas com variações na maioria para camurça (8400 - Munsell 7,5 Y - R 5/6), sendo poucas com cores bege (8300 Munsell 10 Y - R 7/6) e marrom (424 – Munsell 10 R 3/6);
- h) Há artefatos sem decoração e outros com decoração. Existe uma riqueza de detalhes nas decorações dos cachimbos fornilhos com suportes, revelando-se na forma incisa e em alto relevo, localizada tanto no forninho quanto no suporte.

A tabela 11 e a prancha 16 apresentam dados e imagens das decorações nos cachimbos de duas peças do Forte de Tamandaré.

Tabela 11 - Forte Tamandaré – Cachimbos avermelhados de duas peças	
Decorações nos Fornilhos com suporte de encaixe	
Local	Decorações em alto relevo e inciso em cima do relevo
No forninho	- Dois traços incisos, retos ou inclinados, verticais, horizontais, alternados, nas depressões do alto relevo e nas bordas dos fornilhos; - Traços incisos circundando e inclinados na borda do forninho; - Dois traços horizontais na base do forninho, oposta ao suporte; - Traços florais e geométricos circundando incisos na borda do forninho em alto relevo; - Traços incisos inclinados na borda do forninho; - Borda inclinada do forninho e sem decoração; - Borda em alto relevo, traços em triângulos, duas linhas circundando, linhas em espiral na base do forninho.
Suporte: Alto relevo na borda, às vezes bordas inclinadas.	- Traços geométricos, duas linhas paralelas cruzadas no relevo da borda do suporte; - Suporte sem relevo, com decoração tipo espiral; - Traços florais e geométricos circundando incisos na borda do suporte em alto relevo; - Traços incisos geométricos na borda do suporte com alto relevo com três linhas na vertical e no meio com linhas curvadas no formato de um “S”; - Suporte entre o forninho e a borda, desenho floral, com flor de três pétalas, tronco (duas linhas) e folhas (um traço), indicando continuidade na base do forninho. - Depressões alternadas no alto relevo na borda do suporte e no baixo relevo alternados; traços na depressão alternados.

Prancha 16 - Forte de Tamandaré – Imagens de cachimbos avermelhados de duas peças		
Decoração das bordas do forninho do suporte em alto relevo, com apêndice e furo		
1. Com depressões	2. Florais	3. Espirais
		
4. Depressões inclinadas	5. Incisões inclinadas	6. Depressões retas
		
7. Incisões traços geométricos	8. Depressões linhas retas	9. Depressões com linhas incisas
		
10. Borda do suporte em alto relevo e sem decoração	11. Borda do suporte sem relevo, depressão e linhas circundando	
		
12. Fornilho com suporte: furo de 0,8 e apêndice retangular		
		

Fonte: O Autor (2024).

Um artefato de cachimbo do sítio do Forte de Tamandaré exibiu feições da tradição tipológica da produção indígena, seguindo dados fornecidos por Ítala Becker e Pedro Schimitz (Becker; Schimitz, 1969, p. 159), podendo ser conferido através das características abaixo:

- a) Registro de ocorrência RG: G1-35, recolhido em trincheira;
- a) Morfologia funil com borda aberta;
- b) Espessuras com tendência funil, altura 3,2 cm, borda do forninho 2,5 cm e na ponta 1,0 cm;
- c) Técnica de fabricação manual, uso de instrumento indicado na área interna e do furo;
- d) Sem decoração, alisado e polido;
- e) Furo da haste descentralizado e diâmetro de 0,3 cm;
- f) Queima completa;
- g) Cor da cerâmica e da pasta na tabela de cores Munsell ou RAL: camurça (8400, Munsell 7,5 Y-5/6).

A prancha 17 apresenta imagens de um cachimbo avermelhado indígena do tipo funil coletado no Forte de Tamandaré.

Prancha 17 - Forte de Tamandaré – Imagens de um cachimbo indígena funil



Fonte: O Autor (2024).

O Sítio Forte de Tamandaré, assentamento de ocupação portuguesa, construído pelos luso-brasileiros a partir de 1630, teve uma rápida ocupação das tropas holandesas em 1646, período da restauração e logo recuperado pela resistência luso-brasileira. (Albuquerque, 1999).

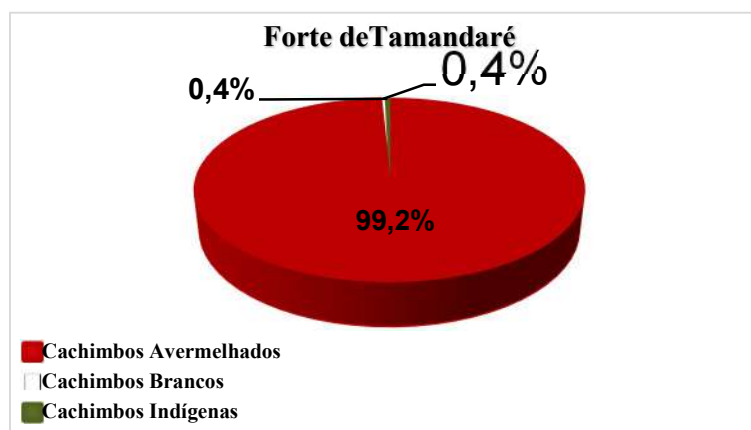
Os 222 artefatos de cachimbos procedentes do Forte de Tamandaré apontam se tratar de um assentamento português, em decorrência da quase exclusivamente de artefatos de cachimbos avermelhados encontrados e apenas uma peça de cachimbo branco.

Quanto aos agrupamentos de cachimbos, houve o registro de 220 artefatos (99,2%) de cachimbos avermelhados, de um total de 222, tendo uma peça de cachimbo indígena (com 0,4%) e uma outra, de cachimbo branco (com 0,4%), possivelmente de fabricação holandesa.

Desse total, subtraindo 142 artefatos de hastes, há 80 forninhos incluindo o indígena. Entre eles, 24 são cachimbos avermelhados de duas peças, de furos nos apêndices, com a possível serventia de fixá-lo em parte do corpo ou do vestuário com peça de cordame para evitar a perda e facilitar o uso. Na tabela 12 uma síntese dos agrupamentos dos artefatos de cachimbos no Forte de Tamandaré.

Tabela 12 - Forte de Tamandaré – Síntese dos agrupamentos dos artefatos

Agrupamentos	Artefatos de Cachimbos Brancos	Artefatos de Cachimbos Avermelhados	Artefatos de Cachimbos Indígenas
Fornilho com haste	00	35	00
Forninhos	00	20	00
Hastes (142 artefatos)	01	141	00
Fornilho com suporte para encaixe	00	24	00
Cachimbo completo	00	00	01
Total = 222	01 (0,4%)	220 (99,2%)	01 (0,4%)



4.4.1.3 Cachimbos do Forte do Brum - Recife

O Sítio denominado Forte do Brum, erguido no istmo que liga Olinda a Recife, encontra-se no atual Bairro do Recife, próximo à Prefeitura da Cidade, funcionando, no momento, o Museu Militar do Exército Brasileiro.

No ano de 1629, o serviço de inteligência da época informou ao Rei da Espanha e de Portugal, que a Companhia das Índias Ocidentais (WIC) da Holanda pretendia atacar a Capitania de Pernambuco. Na iminência do ataque, o rei enviou imediatamente para a Colônia o experiente Matias de Albuquerque. Foi providenciada de forma emergencial a construção

de um forte que triangularia fogo com os dois existentes, guarnecendo, dessa maneira, a entrada do porto. No fim de 1629, iniciou-se a construção em frente à barra do porto, sendo a principal entrada para o Recife. Diogo Paes, homem nobre e rico da Capitania, incumbiu-se da construção do forte, financiando a obra, entretanto, ele não teve oportunidade de ver a sua obra concluída, devido à consumação da invasão holandesa no ano de 1630. O novo forte estava ainda em fase de construção, não havendo muito mais do que seus alicerces. Logo, o coronel Diederik van Waerdemburch, comandante das tropas holandesas, resolveu construir um forte no local de sua bateria, aonde ocupava os alicerces do Forte de Diogo Paes que, posteriormente, seria conhecido pelos luso-brasileiros como Forte do Brum, em referência ao nome do conselheiro político Johan Bruyne. A ação holandesa, quanto à defesa, foi muito mais enérgica do que a encontrada na Capitania por Matias de Albuquerque. No entanto, não foram poucas as dificuldades enfrentadas pelos holandeses, devido ao início da construção no período das chuvas, desconhecimento do território, ataques luso-brasileiros e as demolições do que construíam (Albuquerque, 2007, p. 43-46).

O coronel Waerdemburch determinou o levantamento imediato de um forte estacado. No entanto, a construção consistiu na colocação de estacas de madeira, nas quais foram pregadas tábuas em ambos os lados e preenchido o espaço interior com areia. Além dessa obra de defesa, também colocaram outras estacas pontiagudas na parte externa da construção. Assim, o Forte do Brum foi construído em tempo de guerra e, conseqüentemente, em ritmo acelerado. Concluídas as obras, a edificação estava armada com dois canhões de vinte e quatro libras, um de dezoito, um de dezesseis, um de dez libras, além de duas bombardas. A partir de 1645 houve constante reação luso-brasileira e a troca de bandeira no Forte do Brum aconteceu em 1654, após os holandeses terem sido derrotados na segunda batalha nos Montes Guararapes. Em 1667, os luso-brasileiros iniciaram a restauração do forte em pedra, concluindo em 1690 (Albuquerque, 2007, p.47-48).

As intervenções arqueológicas realizadas em 1985 tiveram a coordenação do professor Marcos Albuquerque e equipe do Laboratório de Arqueologia da UFPE. As escavações ocorreram na área central da fortificação, principalmente, na Praça das Armas, identificando as alterações ocorridas durante as diferentes ocupações. Além de revelar o piso original, a escavação exibiu detalhes da cacimba, espaços para captação de água, artefatos holandeses e luso-brasileiros, como restos de pisos holandeses, cachimbos brancos e avermelhados (Albuquerque, 2007, p. 45-47).

A figura 32 exibe imagens de escavações ocorridas no Forte do Brum.

Figura 32 - Forte do Brum – Escavações

Intervenções arqueológicas no piso interno da Praça das armas



Fonte: Albuquerque (2007).

A coleção de cachimbos encontra-se sob a guarda do Laboratório de Arqueologia, da UFPE. No período de julho a agosto de 2023, foram analisados 3.104 artefatos do Sítio Forte do Brum. Suas características indicaram 2.584 cachimbos brancos, seguindo o agrupamento de artefatos de forninhos com hastes, só forninhos e hastes. Quanto aos artefatos de cachimbos avermelhados, somaram 520, sendo 518 cachimbos de colonos e dois classificados como indígenas. Todos descritos e agrupados no formato da quebra do cachimbo em forninho com haste, só forninho, só hastes, forninho com o suporte para o encaixe de haste (duas peças), sendo que um dos dois indígenas foi classificado como angular, seguindo os dados e a classificação apresentada por Becker e Schimitz (1969).

Dos 518 artefatos de cachimbos avermelhados analisados e descritos abaixo, a caracterização é a seguinte: de uma só peça (forninho e haste juntos) e de duas peças (com forninho e um suporte para o encaixe de uma haste).

Caracterização dos cachimbos avermelhados de uma só peça:

- a) Morfologia de cachimbos com uma só peça, ângulo de 90°C, forninho e haste com os formatos de funil;
- b) Técnica de fabricação com indicativo de confecção manual, devido à falta de simetria; sem marcas de moldes, com uso de instrumentos indicados na área interna do forninho;
- c) Sem decoração com alisamento e polimento, com decorações do tipo: 1) incisos, com traços e triângulos, inciso em baixo relevo, com pontos no formato de triângulos, sequenciados e de

duas linhas paralelas no forninho e na haste; 2) no forninho: traços e triângulos, incisos abaixo da borda do forninho; com dois triângulos invertidos na frente e oposto do forninho, alternados por traços inclinados; na borda, decoração variada, com alisamento, plana, inclinada e decorada com traços sinuosos, triangulares; 3) na haste, geralmente em cima, traços inclinados ou retos e até em ziguezagues, alternados por triângulos incisos variados, como uns enfileirados, duplo paralelo invertidos, até em quatro dentro de um losango; desenhos geométricos tipo floral, linhas duplas e circulares nas hastes e debaixo delas;

d) Sem pedúnculos ou apêndices;

e) Os forninhos foram mensurados com altura da base à borda, variação de 1,8 a 3,7 cm e diâmetro interno da borda dos forninhos com variação de 1,3 a 2,2 cm;

f) As hastes funil, quebradas com tamanhos variados e espessuras próximas da base do forninho com variação de 1,0 a 2,0 cm, na direção da boquilha de 1,1 a 1,5 cm;

g) Furos das hastes descentralizados na sua maioria e poucos centralizados; considerando a quebra, incluindo o furo da base do forninho quebrado, com variação de 0,2 a 0,6 cm e na sua maioria de 0,3 e 0,4 cm;

h) Pasta avermelhada com variação, na predominância, para a queima completa;

i) Cores avermelhadas com variações na sua maioria para as cores bege (8300-Munsell 10 Y – R 7/6) e camurça (8400 - Munsell 7,5 Y - R 5/6). Também aparecem outras cores, como marrom (8409 RAL 3009), amarelo (5400 -Munsell 5Y-R8/12) e quebra interna com a cinza (2432 RAL 7032).

A prancha 18 exhibe cachimbos avermelhados de uma só peça do Forte do Brum.

Prancha 18 - Forte do Brum – Cachimbos avermelhados de uma só peça
Fornilhos com hastes

Fornilhos quebrados com hastes e com marcas de instrumentos no interior do forninho, decorados incisos com traços em ziguezagues e dois triângulos alongados invertidos em cima da haste



Hastes decoradas, incisos com traços em ziguezagues, dois triângulos alongados, invertidos em cima da haste, tamanho próximo dos 10 cm e marcas de mordidas na ponta ou boquilha da haste



Fornilhos: Artefatos de forninhos, incisos decorados com dois triângulos invertidos, na frente e mais dois na área oposta, alternados por traços horizontais



Fonte: O Autor (2023).

No Forte do Brum também foram encontrados cachimbos avermelhados de uma só peça (Prancha 19).

Prancha 19 - Forte do Brum – Cachimbos avermelhados de uma só peça**Fornilhos**

Fornilho funil, decorados incisos do tipo carimbado nos quatro lados, Formato arredondado interno e na borda, lados planos assemelhando-se a um quadrado.



Fornilho com borda tendência fechada, sem dobra na borda, formato abaulado com incisões de fileira ponteadas e traços incisos.



Artefato de cachimbo avermelhado, sem decoração, com pedúnculo e tendência pontuda, incisão retangular em cima da haste, próximo do fornildo, possível marca ou símbolo do fabricante.



Fonte: O Autor (2023).

Caracterização de cachimbos avermelhados de duas peças:

- Um artefato com o formato antropomorfo. Fornilho com suporte para encaixe, com decoração antropomorfa, n° LA/RG n° 659.452, ângulo de 90°, angular funil, uso de moldes, alisado interno, polido, decoração em relevo; imagem de figura antropomorfa localizada na frente da borda do fornildo, lado oposto ao suporte para encaixe da haste, ou seja, com feições direcionadas opostas ao fumante, com traços de dois olhos, nariz, boca, bochechas, queixo e o cabelo como o relevo da borda do fornildo;
- Morfologia de cachimbos de fornildo com suporte de encaixe apresenta ângulo de 90°C, com os fornildos no formato de funil;
- Técnica de fabricação com indicativos de fabricação manual, devido à falta de simetria e sem marcas de moldes; moldes em artefatos indicados pelas marcas de encontros deles; uso

de instrumentos, devido à marca na área externa da entrada do suporte para a haste, circundando o furo;

d) Com e sem apêndices. Com apêndices, quase todos com furos no meio do apêndice triangular, localizados embaixo do forninho; os sem apêndice são minorias. Também, registram-se os artefatos sem apêndices e sem pedúnculos e fornilhos com suporte apresentando uma “marca X do fabricante” e do “antropomorfo”;

e) Os fornilhos com suportes foram mensurados com altura da base à borda, de 2,5 a 3,9 cm, e diâmetro interno da borda dos fornilhos, de 1,3 a 3,6 cm, comprimento de 1,5 a 4,3 cm;

f) Os suportes possuíam larguras de 1,4 a 2,6 cm, comprimentos dos suportes de 1,1 a 3,5 cm e furos para o encaixe do suporte de 0,5 a 0,10 cm;

g) Pasta avermelhada com predominância para queima completa e poucos com incompleta;

h) Cores avermelhadas com variações na sua maioria para as cores bege (8300 Munsell 10 Y - R 7/6) e camurça (8400 - Munsell 7,5 Y - R 5/6). Em menor incidência para as cores internas com o cinza (2432 RAL7032) e cinza gelo (3000 - Munsell N 8); cores externas, como o marrom (424 - óxido - de ferro Munsell 10 R 3/6) e o preto (0010 - Munsell N 3,5; 3000 Munsell 1,0)

i) Sobre a decoração, há uma riqueza de detalhes dos cachimbos de fornilhos com suporte, revelando forma incisa e em alto relevo, localizados tanto no forninho quanto no suporte, destacando-se:

Fornilhos com suporte de encaixe:

- Bordas abertas dobradas em quase todos os artefatos;
- Bordas fechadas ou retas pouco recorrentes no sítio;
- Apêndices triangulares embaixo do forninho e em quase todos os artefatos, na sua maioria com furos no meio; pouquíssimos sem apêndices ou pedúnculos;
- Alisados interno e externo do forninho e do suporte;
- Na borda do forninho e no suporte encontram-se com alto relevo e, em alguns, sem relevo;
- Decorações nas depressões de alto relevo e, em alguns, só decorações em alto relevo e traços incisos; às vezes, decorações juntas com alto relevo e traços incisos;
- Um artefato com decoração antropomorfa;
- Marca de um “fabricante ou símbolo” em um forninho, inciso indicando um "X", no lado oposto da frente do fumante.

Decorações em alto relevo:

- Alto relevo arredondado na borda do suporte, com traços e linhas incisos no baixo relevo, alternadas no suporte;

- Com alto relevo e traços triangulares, depressões retangulares na borda do forninho e na entrada do suporte para o encaixe da haste;
- Com alto relevo e traços inclinados, depressões amassadas na borda do forninho e traços inclinados na entrada do suporte para o encaixe da haste;
- Com traços inclinados, depressões retangulares na borda do forninho e na entrada do suporte para o encaixe da haste.

Decorações só de traços incisos no artefato:

- Dois, três e até quatro traços incisos circundando o suporte para o encaixe;
- Traços incisos paralelos na base do forninho;
- Traços incisos na área oposta ao fumante, no meio do suporte de encaixe, próximo da borda do furo do suporte de encaixe, inclinado, embaixo do forninho, na frente do forninho do lado oposto ao fumante;
- Traços circulares na borda do suporte de encaixe;
- Traços retos e inclinados juntos; nas depressões amassados, com formatos circulares na entrada do suporte para o encaixe da haste;
- Traços incisos canelados no forninho na área oposta e laterais; incisos em cima do alto relevo na forma de triângulos, meio círculo, linhas ao redor de todo o forninho e suporte;
- Traços tipo floral entre o relevo e o forninho.

Traços em cima do relevo e depressões intercaladas:

- Linhas geométricas no alto relevo do forninho;
- Traços incisos no alto relevo com triângulos e dois traços nos dois lados, circundando os triângulos;
- Traços incisos no alto relevo com triângulos e picoteamento ao redor dos triângulos;
- Decoração em alto relevo arredondado na entrada do suporte: três traços alternados no suporte e quatro traços incisos do relevo do suporte em direção ao forninho;
- Decoração em alto relevo arredondado na entrada do suporte, junto com traços e linhas no suporte.

Decoração em alto relevo pelo forninho e suporte de encaixe:

- Pontuados, ramos com flores, folhas por todo forninho e suporte de encaixe; arredondado na entrada do suporte. Alto e baixo relevos alternados na entrada do suporte;
- Algumas decorações em alto relevo apresentam dificuldade de descrição e se espalham por todo o forninho e suporte de encaixe;

No Forte do Brum também foram descobertos cachimbos avermelhados de duas peças (Prancha 20).

Prancha 20 - Forte do Brum – Cachimbos avermelhados de duas peças	
Decorações em alto relevo floral em dois artefatos: um de forninho e o outro em um suporte.	
	
Decoração com traços incisos, sem alto relevo, depressão na borda do suporte e do forninho; um forninho com alto relevo na borda e decorações nas depressões alternadas em traços incisos inclinados com apêndice e furo.	
	
Traços incisos geométricos, semicírculos com traços, alto relevo na borda do suporte de encaixe.	
	
Decoração em alto relevo com depressões alternadas nas bordas dos forninhos e do suporte	
 	

Fonte: O Autor (2023).

Na Prancha 21 abaixo, mostra cachimbos avermelhados de duas peças com morfologias variadas, inclusive, um antropomorfo procedente do Forte do Brum.

Prancha 21 - Forte do Brum – Cachimbos avermelhados de duas peças com decorações e figura antropomorfa

Decoração antropomorfa com apêndice e sem furo



Incisões nos forninhos com suporte para o encaixe sem apêndice, decoração com incisos triangulares, meio círculo, com “marca ou símbolo com um X circulado do fabricante” e sem apêndice



Decoração inciso do tipo acanelado e sem apêndice



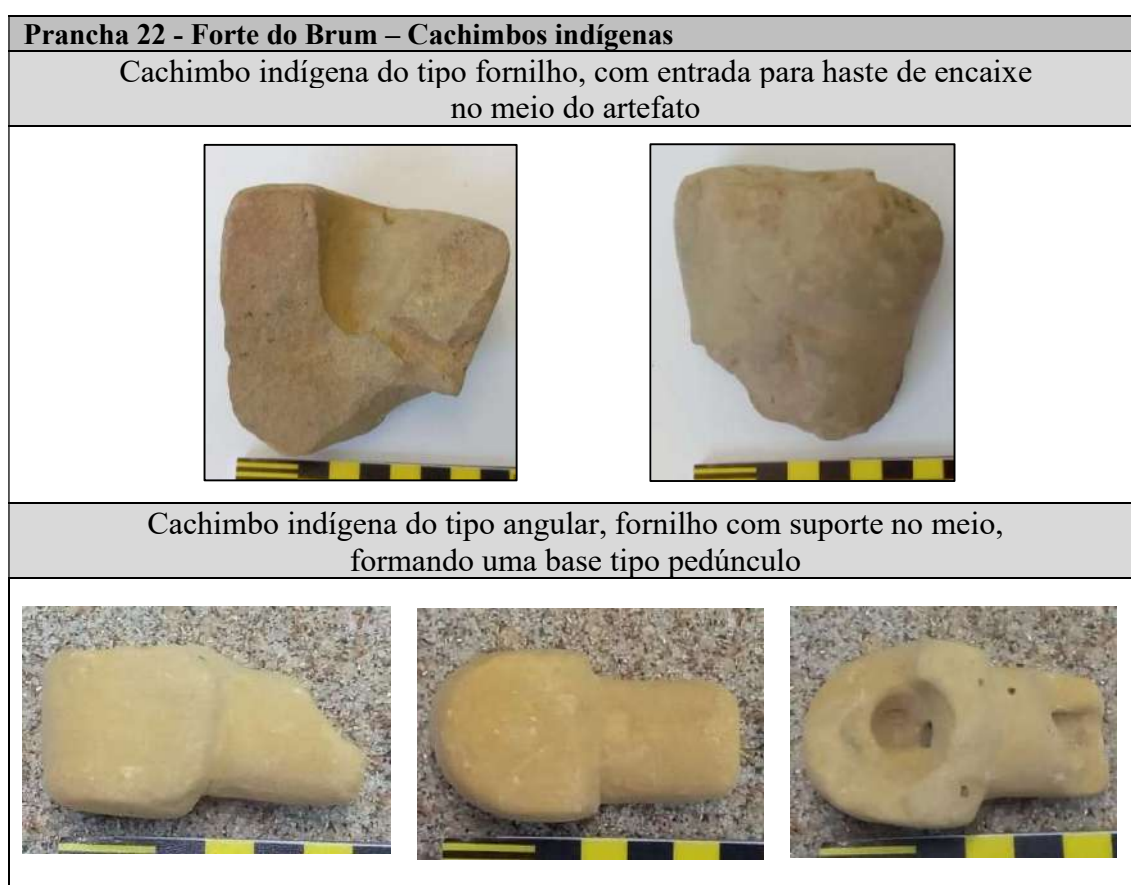
Artefato com suporte para encaixe, pedúnculo arredondado, achatado, decorações ilegíveis (possíveis florais), marcas de fabricação com moldes, alto relevo com depressão na borda do suporte para o encaixe da haste



Fonte: O Autor (2023).

Quanto aos cachimbos indígenas do Forte do Brum, do total dos 520 artefatos de examinados, dois apontaram para as características tipológicas de terem sido produzidos por grupos indígenas, revelados por duas morfologias: um classificado por cachimbo “tipo forninho” com um furo para a entrada da haste; e o outro, cachimbo angular, forninho com suporte no meio para o encaixe da haste, conforme dados fornecidos por Ítala Becker e Pedro Schimitz (Becker; Schimitz, 1969, p. 159).

Na Prancha 22 abaixo, apresenta imagens dos dois cachimbos avermelhados indígenas procedentes do Forte do Brum.



Fonte: O Autor (2023).

Quanto aos cachimbos brancos do Forte do Brum, foram examinados 2.589 artefatos de cachimbos e agrupados em fragmentos de forninho com haste (287), só forninho (560) e só haste (1.742). A apreciação das análises da coleção de cachimbos brancos apresenta a seguinte caracterização:

a) Morfologia angular com uma só peça, ângulo de 40° a 60°, forninho no formato cônico abaulado e haste com leve inclinação funil;

b) A técnica de fabricação indica uso de instrumento na área interna, tanto do forninho como da haste, uso de moldes com as marcas de encontro deles;

c) A decoração dos artefatos brancos de caulinita revelou as seguintes características:

- com alisamento e polimento, na maioria dos artefatos serrilhado na borda do forninho;
- com marca do fabricante na base plana do pedúnculo;
- decoração variada: incisa, alto relevo, carimbada; no formato fitomorfa, antropomorfo, zoomorfo; estilo barroco; predomínio da flor de lis nos dois lados do forninho, em alto relevo e, principalmente, em cima das hastes com a indicação do carimbo. Na sua maioria, não há decoração ou pouca, apenas com o serrilhado na borda do forninho e o carimbo da marca do fabricante embaixo do pedúnculo plano.

Decoração alto relevo

- Geralmente há marcas do encontro de moldes pré-fabricados para determinados tipos de decoração em relevo;
- Decoração antropozoomorfa, em alto relevo: figuras “Jonas com baleia”. No forninho “Jonas”, olhando para a haste, com olhos, nariz, cabelos, orelhas, bigode, traços serrilhados na borda do forninho cônico abaulado e na haste com imagem da “baleia”, com a boca aberta, língua, dentes, olhos e “escamas”, sugerindo engolir “Jonas”;
- Decoração fitomorfa, em alto relevo, tipo ramos florais, folhas, pontuações, círculos ao redor do forninho; flores, como a flor de lis, rosa tudor, posicionadas nos dois lados do forninho, próximo dos pedúnculos e sem indicação na decoração da haste; folhas e ramos, traços alternados e circundando a haste;
- Artefatos de cachimbos sem decoração, na maioria, como também os cachimbos com apenas serrilhados na borda e a marca do fabricante embaixo do pedúculo.

Decoração carimbado

- Decoração de flor de lis em losangos, carimbada em cima e nos lados da haste, em quantidades variadas;
- Marca do fabricante carimbada embaixo do pedúculo plano.

Decoração incisa

- Traços denominados de serrilhados na borda dos forninhos, em quase todos, às vezes completos e incompletos; serrilhados circundando hastes, em um, dois, três e até quatro círculos.

d) Os forninhos foram mensurados com altura da base à borda com variação de 2,1 a 3,5 cm e diâmetro interno da borda dos forninhos com variação de 0,9 a 1,2 cm;

e) As hastes apresentaram tendência retangular nas proximidades do forninho, depois segue funil até a ponta da boquilha. Artefatos quebrados com tamanhos variados de 1,2 a 9,7 cm e espessuras próximas da base do forninho com variação de 0,6 a 1,2 cm; na direção da ponta e na boquilha, de 0,5 a 1,2 cm;

f) Todos com pedúnculos planos e, na maioria, com variação na altura, planos no nível da haste e com pouca altura; encontra-se na base plana a marca do fabricante, algumas desgastadas ou ilegíveis;

1. Os furos das hastes, centralizados e descentralizados, medidos na quebra, na base do forninho e ponta da haste, com variação de 0,2 a 0,3 cm;

2. A pasta de caulinita indicou queima completa e incompleta, com variação, na sua maioria, para a queima completa. Quanto às cores da pasta, com indicação predominante de cor branca (1000 Munsell N 9,5 - interno e externo), e quando incompleta, com cor cinza - interno (2432 RAL 7032; 2300 Munsell 0,8 B – 127 – Pérola). Apresentou também uma dezena de artefatos com variação da cor bege, interno e externo. (8300 – Munsell N 9,5; 8300 – Munsell 10 Y R 7/6)

Na Prancha 23 abaixo, imagens de cachimbos brancos holandeses procedentes do Forte do Brum.

Prancha 23 - Forte do Brum - Cachimbos brancos holandeses

Fornilhos com hastes. Decoração em alto relevo, antropozoomorfo (“Jonas Baleia”), olhando para a haste; figura fitomorfa, flor de lis nos dois lados do forninho, geralmente com cinco pontos circundando um central; morfologia angular abaulada com 50°



Fornilhos de cachimbos brancos e beges, destaques aos cônicos abaulados, com ângulos de 40° a 60°; e os incisivos serrilhados na borda, furos de 02 a 03 cm, decoração com rosa tudor e flor de lis dos dois lados do forninho



Fornilhos, destaques: queima completa e incompleta; cores brancas e beges externamente, cinza interna; com marca de fabricante carimbada embaixo dos pedúnculos



Fonte: O Autor (2023).

Na Prancha 24 abaixo, imagens de cachimbos brancos holandeses procedentes do Forte do Brum

Prancha 24 - Forte do Brum – Cachimbos brancos holandeses

Hastes de cachimbos brancos e beges com decorações carimbadas: marca de fabricante, flor de lis em losangos, letras e outras marcas de fabricantes embaixo dos pedúnculos.



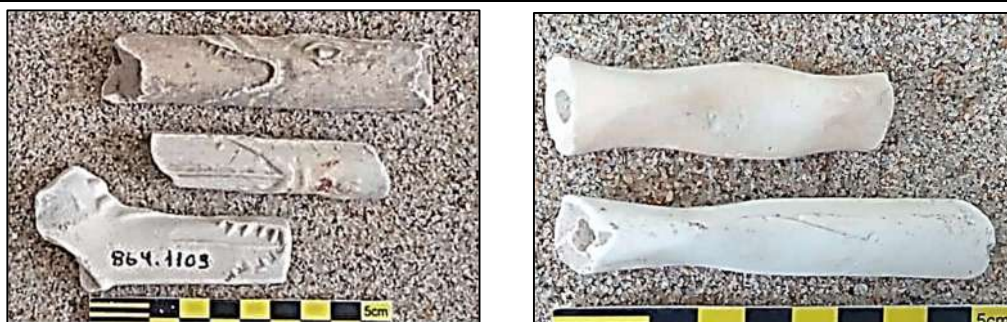
Hastes brancas e beges com decorações carimbadas: Flor de lis em losangos, em cima e dos lados das hastes, serrilhados com um, dois e três círculos ao redor da haste.



Hastes com decorações em alto relevo fitomorfa: ramos de folhas, flores, sementes, ponteados, círculos ao redor da haste e, no meio, figura em alto relevo tipo acanelada



Hastes com decorações Antropozoomorfas: a “baleia” da figura “Jonas e a baleia” e sem decoração, do tipo amassada



Fonte: O Autor (2023).

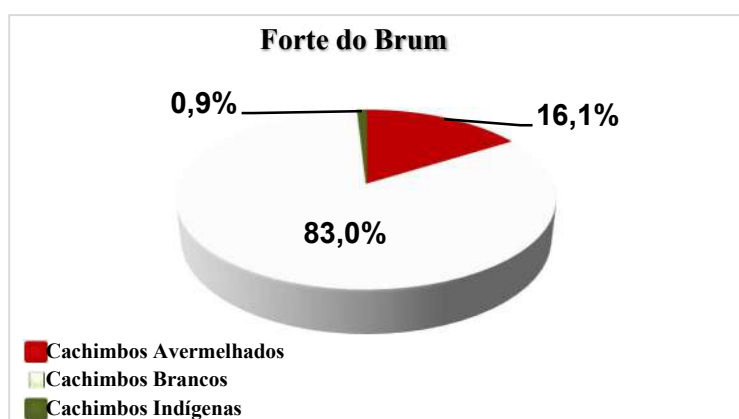
O Sítio Forte do Brum representa um assentamento de ocupação mista, iniciada e construída pelos luso-brasileiros a partir de 1629; depois ocupado pelas tropas holandesas de 1630 a 1654, posteriormente, reocupado e reconstruído pelos luso-brasileiros (MELLO, 2010).

Os 3.104 artefatos de cachimbos coletados do Forte do Brum revelaram se tratar de um assentamento misto e com intensa ocupação no século XVII, evidenciada através dos quantitativos de artefatos de fumar distribuídos: 2.589 (83%) com predominância de cachimbos brancos de fabricação holandesa; 520 (16,1%) de cachimbos avermelhados; e sendo 02 (0,9%) de artefatos classificados como cachimbos de fabricação indígena.

Contudo, em conformidade com o Quadro abaixo, observa-se que, dos 3.104 artefatos analisados, subtraindo os 2.062 fragmentos de hastes, encontram-se 1.042 forninhos incluindo os indígenas. Entre eles, 53 cachimbos avermelhados são de duas peças, com furos nos apêndices devido à possível serventia de fixá-lo em parte do corpo ou do vestuário com peça de cordame para evitar a perda e facilitar o uso.

Na tabela 13 abaixo, uma síntese dos agrupamentos dos artefatos de cachimbos brancos do Forte do Brum.

Tabela 13 - Forte do Brum – Síntese dos agrupamentos dos artefatos			
Agrupamentos	Artefatos de Cachimbos Brancos	Artefatos de Cachimbos Avermelhados	Artefatos de Cachimbos Indígenas
Fornilho com haste	287	46	00
Forninhos	560	101	00
Hastes (2.062 artefatos)	1.742	320	00
Fornilho com suporte para encaixe	00	53	00
Cachimbo completo	00	00	02
Total = 3.104	2.589 (83%)	520 (16,1%)	02 (0,9%)



4.4.1.4 Cachimbos do Forte das Cinco Pontas - Recife

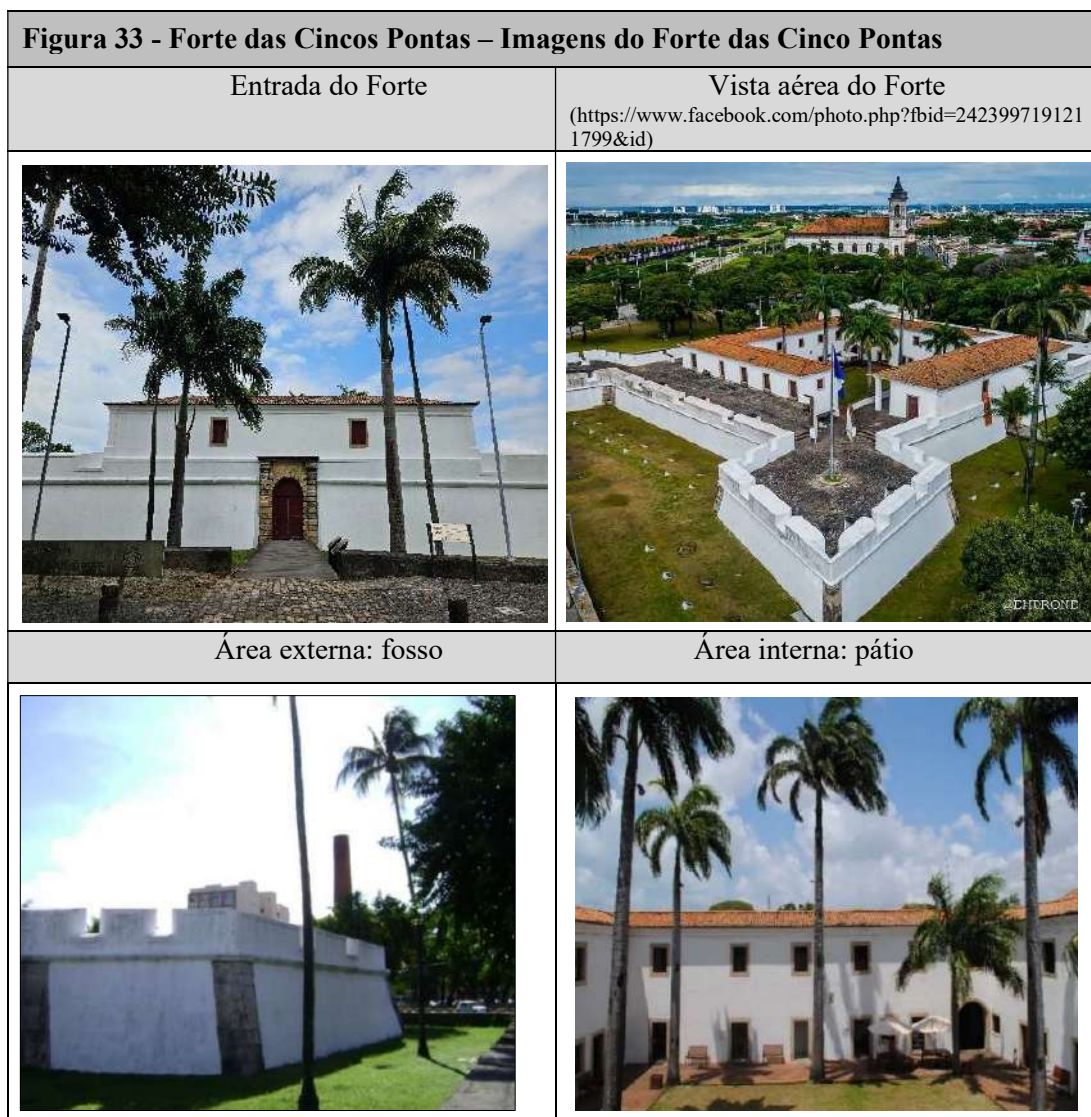
O Forte das Cinco Pontas encontra-se situado no bairro de São José, na primitiva Ilha de Antônio Vaz. Antes, denominava-se Ilha dos Navios, por ter um local de consertos e reparações de embarcações, também conhecida como ilha de Marcos André (fundador do engenho Torre). Depois, assumiu o nome de Antônio Vaz (Galvão, 2006).

Por volta de 1630, o referido território possuía algumas casinhas de pescadores e cinco cacimbas conhecidas por Sítio das Cacimbas de Ambrósio Machado, existindo até 1885. Eram localizadas na frente do atual Forte das Cinco Pontas. Os generais holandeses, desejando defender o lado sul da ilha, construíram o Forte das Cinco Pontas no terreno do Sítio das Cacimbas. A 250 passos ao Sul, levantaram uma outra pequena fortificação (hornavecque) chamada de Amélia, cujos alicerces poderiam ver vistos no período da maré baixa. No local, em 1654, depois de travados combates nas fortificações, os batavos propuseram a rendição (Galvão, 2006, v. 4, p. 60).

A construção iniciada pelos holandeses, em 1630, atribuiu o nome de Cinco Pontas em homenagem a Frederik Hendrik, Príncipe de Orange e capitão geral de cinco, das sete províncias dos Países Baixos. Os neerlandeses projetaram a fortificação através do engenheiro militar Tobias Commersteijn. Inicialmente a fortificação foi projetada sob a forma de pentágono ou de cinco pontas ou baluartes. No entanto, foi construída em forma quadrangular, com quatro pontas, e os portugueses denominaram Forte das Cacimbas. Mas, aos poucos, passaram a chamar o nome vulgar dos holandeses: Forte das Cinco Pontas (Mello Neto, 1983, p. 29-30).

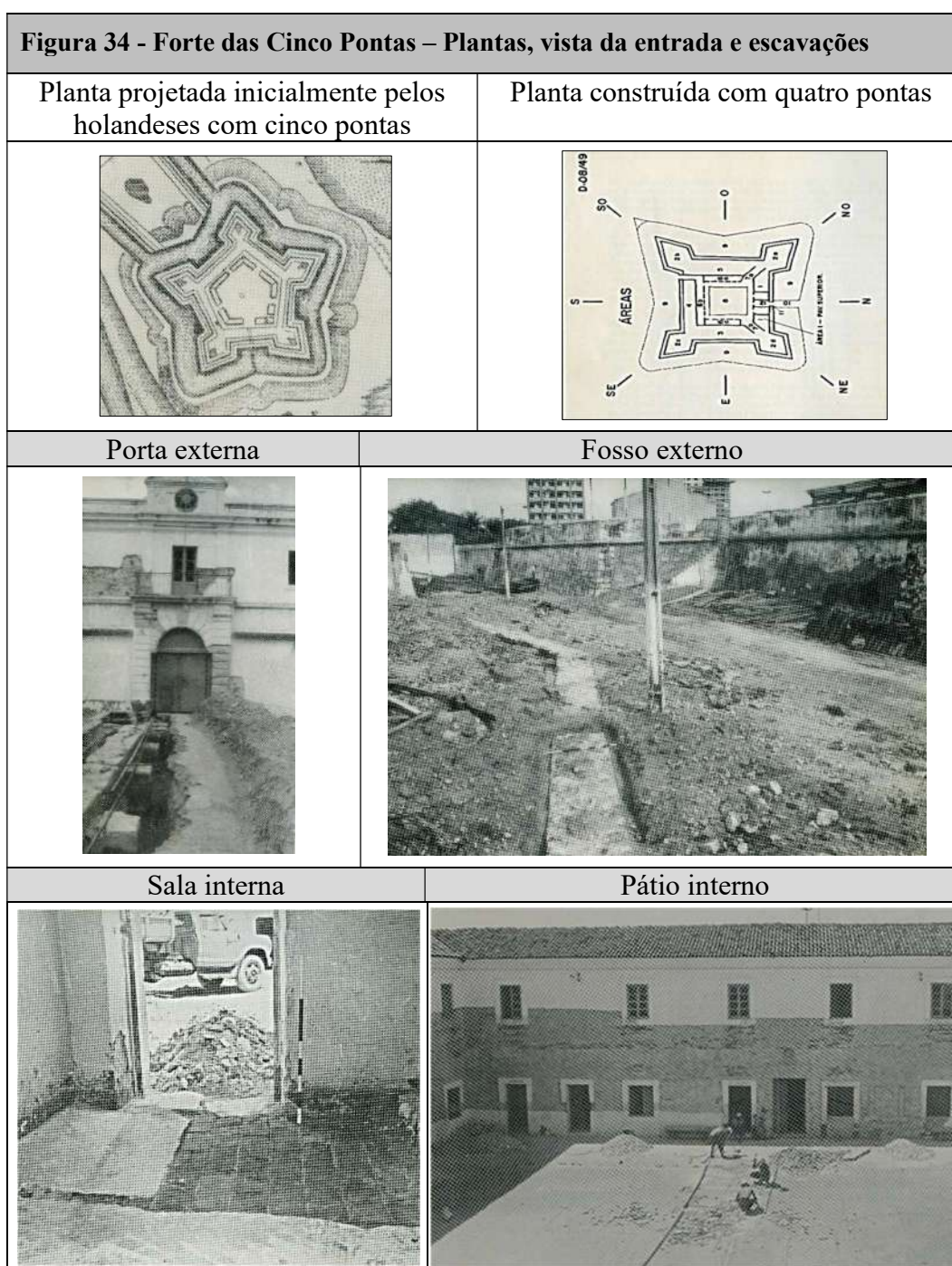
A intervenção arqueológica ocorreu no período de 1978 a 1980, com a publicação de um manual e sob a coordenação de Ulisses Pernambucano de Mello Neto. Além das descrições das escavações, expôs mapas, plantas e locais de intervenções arqueológicas ocorridas no pátio interno, em espaços de salas e corredores internos, na área externa do fosso da fortificação, conforme imagens no quadro 48 abaixo (Mello Neto, 1983).

A seguir, imagens atuais do Forte das Cinco Pontas (Figura 33).



Fonte: O Autor (2024);

A Figura 34 abaixo, mostra imagens de plantas e de intervenções arqueológicas ocorridas no Forte das Cinco Pontas.



Fonte: Mello Neto (1983).

Foram analisados 1.441 artefatos de cachimbos brancos do Forte das Cinco Pontas, de um total não informado pelos relatórios de escavações e nem pela administração do Museu da Cidade do Recife, instituição depositária da guarda do acervo. Desse total, apenas um fragmento de haste de cachimbo avermelhado, de uma só peça; as demais, de cachimbos brancos, agrupados em 33 forninhos com hastes, 117 só forninhos e 1.290 de hastes.

A apreciação da análise dessa coleção de cachimbos brancos apresenta a seguinte caracterização:

1. Morfologia angular com uma só peça, com ângulo de 40° a 50°, forninho no formato cônico abaulado e haste com leve inclinação funil;
2. A técnica de fabricação indica uso de instrumento na área interna, tanto do forninho como da haste e uso de moldes com as marcas de encontro deles;
3. Os forninhos foram mensurados com altura da base à borda com variação de 2,4 a 3,6 cm e diâmetro interno da borda dos forninhos com variação de 1,1 a 1,4 cm;
4. As hastes têm tendência retangular nas proximidades do forninho e depois segue funil até a ponta da boquilha. Artefatos quebrados com tamanhos variados de 1,6 a 7,1 cm e espessuras próximas da base do forninho com variação de 0,6 a 1,2 cm na direção da ponta, e na boquilha, de 0,5 a 0,9 cm;
5. Todos com pedúnculos planos e, na maioria, com variação na altura, planos no nível da haste, planos com pouca altura do nível da haste; e na base plana, a marca do fabricante, estando alguns desgastados ou ilegíveis;
6. Os furos das hastes, centralizados e descentralizados; medidos na quebra, na base do forninho e ponta da haste com variação de 0,2 a 0,3 cm;
7. A pasta de caulinita indicou queima completa e incompleta, com variação predominante para a queima completa. Quanto às cores da pasta, com indicação da sua maioria de cor branca (1000 Munsell N 9,5 - interno e externo) e, quando incompleta, cor cinza - interno (2432 RAL 7032; 2300 Munsell 0,8 B – 127 – Pérola). Apresentou também uma dezena de artefatos com variação da cor bege, interno e externo (8300 – Munsell N 9,5; 8300 – Munsell 10 Y R 7/6);
8. A decoração dos artefatos brancos de caulinita poderá ser vista nas pranchas 18 e 19, abaixo, e revelou as seguintes características:
 - Com alisamento e polimento, na maioria dos artefatos serrilhado na borda do forninho;
 - Com marca do fabricante na base plana do pedúnculo;
 - Decoração variada: incisa, alto relevo, carimbada; nos formatos fitomorfo, antropomorfo, zoomorfo; estilo barroco; predomínio da flor de lis, nos dois lados do forninho em alto relevo e principalmente em cima das hastes com a indicação do carimbo. Na maioria, não há decoração ou há pouca, apenas com o serrilhado na borda do forninho e o carimbo da marca do fabricante embaixo do pedúnculo plano.

Decoração alto relevo

- Geralmente há marcas do encontro de moldes pré-fabricados para determinados tipos de decoração em alto relevo;
- Decoração antropozoomorfa em alto relevo: figuras “Jonas com baleia”. No forninho “Jonas”, olhando para a haste, com olhos, nariz, cabelos, orelhas, bigode, traços serrilhados na borda do forninho cônico abaulado e na haste com imagem da “baleia”, com a boca aberta, língua, dentes, olhos e “escamas”, sugerindo engolir “Jonas”;
- Decoração fitomorfo, em alto relevo, tipo ramos florais, folhas, pontuações, círculos circundando o forninho; flores, como a flor de lis, rosa tudor, posicionados nos dois lados do forninho, nas proximidades dos pedúnculos e sem indicação na decoração da haste; folhas e ramos, traços alternados e circundando a haste;
- Artefatos de cachimbos sem decoração, na maioria, como também os cachimbos com apenas serrilhados na borda e a marca do fabricante embaixo do pedúculo.

Decoração carimbada

- Decoração de flor de lis em losangos, carimbada em cima e nos lados da haste, em quantidades variadas;
- Marca do fabricante carimbada embaixo do pedúculo plano.

Decoração incisa

- Traços denominados de serrilhados na borda dos forninhos, em quase todos, às vezes completos e incompletos; serrilhados ao redor das hastes, em um, dois, três e até quatro círculos.

Na prancha 25 abaixo, imagens de cachimbos brancos holandeses do Forte das Cinco Pontas.

Prancha 25 - Forte das Cinco Pontas – Cachimbos brancos holandeses	
Fornilhos com hastes: ângulo de 50°, com marca do fabricante embaixo dos pedúnculos planos (um com letras “HS” e o outro, ilegível), queima completa de um branco e o outro incompleta com a cor bege externa e cinza interna.	
	
Fornilhos: Funil abaulado com decorações serrilhadas na borda, um com cinco pontos nos dois lados, marca de fabricante embaixo dos pedúnculos planos. Altura de 2,4 a 3,6 cm e borda interna com variação de 1,1 a 1,4 cm de diâmetro.	
	
Acervo sob guarda do Museu da Cidade do Recife, na edificação do Forte das Cinco Pontas. Fotos do autor, agosto de 2024.	
Artefatos de cachimbos brancos holandeses de caulinita do Forte das Cinco Pontas	
Hastes	
Artefatos de hastes agrupados	Hastes com decoração carimbadas, figuras incisas com a flor de lis em losangos e algumas peças serrilhadas circundando a haste.
	
Acervo sob guarda do Museu da Cidade do Recife, na edificação do Forte das Cinco Pontas.	

Fonte: O Autor (2024).

Na Prancha 26 abaixo, imagens de cachimbos bancos holandeses do Forte das Cinco Pontas.

Prancha 26 - Forte das Cinco Pontas – Cachimbos brancos holandeses		
Hastes de cachimbos com decorações antropozoomorfas, em alto relevo, com figura de Jonas e a Baleia.	Hastes de cachimbos com decorações florais, alto relevo com figuras variadas, ponteadas, folhas, caneladas, triangulares, linhas circundando a haste.	
		
Hastes com nomes: Furos com 0,25 e 0,3cm, queima completa, cor branca.		
Haste com nome em alto relevo: “ERSEN N”	Haste com nome em alto relevo “ IVS D.” corado	
		
Hastes beges		
Sem decoração, com furos de 0,25 a 0,3 cm	Amassada, com furo de 0,3 cm	Encurvada, com furo de 0,5 cm
		
Acervo sob guarda do Museu da Cidade do Recife, na edificação do Forte das Cinco Pontas.		

Fonte: O Autor (2024).

Dos 1.441 artefatos de cachimbos, apenas um de haste avermelhada, de uma só peça, com as análises descritas abaixo:

- a) Morfologia de haste funil com uma só peça;
- b) A técnica de fabricação com indicativos de fabricação manual, devido à falta de simetria e sem marcas de moldes;
- c) Sem decoração com alisamento e polimento;
- e) As hastes funil, quebradas com tamanho de 2,8 cm, espessuras próximas da base do forninho com 0,9 cm e na direção da boquilha de 0,8 cm;
- f) Furo da haste descentralizado e com 0,25 cm;

g) Queima da pasta avermelhada incompleta com a cor camurça (8400-Munsell 7,5 Y - R 5/6).
Na Prancha 27 abaixo, imagens de uma haste de um cachimbo avermelhado procedente do Forte das Cinco Pontas.

Prancha 27 - Forte das Cinco Pontas – Uma haste avermelhada	
Haste funil de cachimbo de uma só peça, pasta avermelhada com tonalidade da cor camurça, queima incompleta, com furo com 0,25 cm e descentralizado.	
	
Acervo sob guarda do Museu da Cidade do Recife, na edificação do Forte das Cinco Pontas.	

Fonte: O Autor (2024).

A documentação histórica descreveu o Forte das Cinco Pontas como sendo uma edificação construída pela engenharia militar holandesa, no início de 1630 e, posteriormente, em 1654, com a rendição batava. O assentamento foi ocupado e reconstruído pelos luso-brasileiros (Mello Neto, 1978).

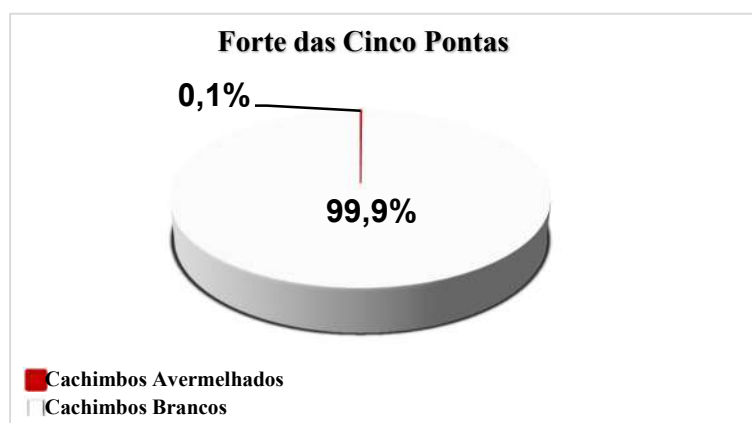
Portanto, no histórico documental, o sítio é uma ocupação mista, holandesa e luso-brasileira. Conforme o Quadro abaixo, do total de 1.441 artefatos de cachimbos coletados, 1.440 (99,9%) são cachimbos brancos holandeses com atributos de fabricação do século XVII; e apenas um artefato fragmentado de haste avermelhada com 0,1% da totalidade.

Diante dos dados revelados, diferentes da documentação histórica, o somatório apresentou uma quase exclusividade de consumo de cachimbos brancos. A ausência quase por completa de artefatos avermelhados pode ser interpretada como parte do consumo tendo sido realizado por grupos luso-brasileiros, ainda no século XVII, mas não pela ausência de escavação em áreas de descartes dos cachimbos avermelhados. Também, devido à falta de informação dos relatórios das escavações arqueológicas, não se sabe, ao certo, em que nível de profundidade as intervenções foram realizadas, na década de 1980, e as dimensões de espaço escavado: total ou parcial da fortificação, nas áreas internas, externas e seu entorno. Pode ser considerado que os cachimbos avermelhados tenham sido consumidos na edificação e no seu entorno, porque a ocupação luso-brasileiro se estabeleceu ainda no século XVII, após a saída holandesa. A história do imóvel prosseguiu com intervenções construtivas, reformas e possíveis remoções de sedimentos de solo, descartando vestígios de artefatos de fumar avermelhados.

Na tabela 14, uma síntese dos agrupamentos de cachimbos do Forte das Cinco Pontas.

Tabela 14 - Forte das Cinco Pontas – Síntese dos agrupamentos dos artefatos

Agrupamentos	Artefatos de Cachimbos Brancos	Artefatos de Cachimbos Avermelhados	Artefatos de Cachimbos Indígenas
Fornilho com haste	33	00	00
Fornilhos	117	00	00
Hastes	1.290	01	00
Fornilho com suporte	00	00	00
Cachimbo completo	00	00	00
Total = 1.441	1.440 (99,9%)	01 (0,1%)	00 (00%)



4.4.2 Cachimbos de Núcleos Urbanos

Foram analisadas coleções de artefatos de cachimbos em quatro sítios de natureza de núcleos urbanos, de Recife e Olinda, sendo eles: 1º) Sítio Lamarão, no Recife; 2º) Sítio Bolsa de Valores, no Recife; 3º) Sítio Pilar, no Recife; e 4º) Sítio em Olinda.

4.4.2.1 Cachimbos do Sítio Lamarão - Recife

O sítio Lamarão encontra-se localizado num espaço do extremo sul do bairro do Recife ou do istmo, área ocupada por diversos aterros programados, onde se encontrava o antigo povoado do Recife, no século XVII. Sua extensão compreende desde os atuais pontos da rua Marquês de Olinda até a Ponte Dois de Setembro (Ponte Giratória). No entanto, as intervenções arqueológicas e as coletas dos artefatos de cachimbos referem-se às quadras dos quarteirões de número 271, 320 e 321, conforme relatório das pesquisas arqueológicas do Extremo Sul do Bairro do Recife, intitulado de “Sítios Arqueológicos Forte do Matos e do

Lamarão”, elaborado em novembro de 2006. As atividades foram coordenadas pelos professores Ana Lúcia Nascimento Oliveira, Suely Cristina Albuquerque Luna e Luiz Severino da Silva Junior; registradas no IPHAN/PE sob o processo nº 01498.000077/2003-59 (Oliveira, et al., 2006, p. 4).

A extremidade sul do bairro do Recife teve uma ocupação a partir do surgimento do banco de areia formado na região, desde a segunda metade do século XVII. Do banco de areia até o limite da antiga margem sul da vila do Recife, ocorreram sucessivos aterros e construções por mais de 250 anos, como a edificação do Forte do Matos e do Convento dos Padres Oratorianos, sendo os primeiros eventos históricos construtivos que provocaram a ocupação daquela área. (Oliveira, 2006, et al., p.4-6)

Até a saída dos holandeses do povoado do Recife, a área não passava de um grande banco de areia. Em 1680, foi erguida uma casa de moradia dos padres oratorianos, ao lado da cabeceira da ponte, possivelmente, em cima de uma cerca de paliçada que circundava o povoado do Recife (Oliveira, et al., 2006, p. 18-20). O Forte do Matos, chamado também de Fortaleza de Madre de Deus e de São Pedro, tinha um formato semicircular. Chegou a ter mais de 24 canhões, mas nunca participou de guerra, tendo apenas a serventia, por um período, como depósito de mercadorias da alfândega. O custeio de sua construção deve-se a Antônio Fernandes Matos, que em troca teve o direito de explorar e construir nas novas terras que surgissem no extremo sul do istmo. Fernandes Matos faleceu em 1701 e, antes de sua morte, só recebeu elogios. Depois apareceram críticas e defeitos na fortificação apontados por engenheiros militares, tais como: piso mais baixo causando alagamento; ângulos de artilharia inadequados; e o assoreamento do rio devido à construção no local. Em 1847 o forte foi demolido e na área construíram armazéns com estrutura de madeira (Oliveira, 2006, et al., p. 18-24).

Depois de erguido o forte, em 1684, surgiram, em torno dele, novos aterros. Até 1720 os padres oratorianos ampliaram seu dormitório com a construção de três casas e da igreja ao lado de um convento já existente. Assim surgiu o extremo sul do istmo, com formação de bancos de areia, depósitos de aterros, inclusive externos, e areia enlameada passando a ser chamado de Sítio Lamarão (Oliveira, et al., 2006, p. 24-26; Silva Júnior, 2006, p. 74).

As pesquisas foram desenvolvidas na área de intervenção do “Projeto Paço Alfândega”, que implantou um Shopping numa edificação histórica do século XIX e sobre as estruturas construtivas de um convento existente no século XVIII, conforme relatório protocolado no IPHAN/PE com o nº 01498.000077/2003-59 de 2006 (Oliveira et al., 2006).

As pesquisas arqueológicas ocorreram no extremo sul do bairro do Recife no ano de 2003, numa área tombada. O bairro é constituído por um solo de camadas arqueológicas, com prévia intervenção de obras de engenharia. As intervenções arqueológicas ocorreram em duas etapas nos quarteirões 271, 320 e 321 e totalizando 12 mil m². Nas áreas do quarteirão 271 (atual edifício garagem de saída) e dos quarteirões 320 e 321 (edifício garagem de entrada do Paço Alfândega) foram constatados aterros programados, estendendo-se da Rua Marques de Olinda até a atual Ponte Dois de Setembro (antiga Ponte Giratória) (Oliveira, 2006, et al., p. 4-6). Assim, a área surgiu de um banco de areia, aterrada desde a segunda metade do século XVII e com sucessivos aterros por mais de 250 anos, conforme o quadro 49, abaixo.

No quarteirão de número 271, contíguo ao prédio da Alfândega, entre as várias estruturas encontradas, houve a inesperada descoberta de um cais de pedra, com pouca profundidade e um lamarão do século XVIII. Tal cais não possuía registro histórico ou arqueológico e parte do seu aterro ocorreu com sedimentos do lamarão. Quanto aos outros dois quarteirões, de números 320 e 321, foram encontrados vestígios das fundações do Forte do Matos, registrado na documentação como sendo a última grande fortificação construída na cidade do Recife (Oliveira, et al., 2006, p.4-6).

As escavações nos quarteirões 320 e 321 (área do Forte do Matos) e no quarteirão 271 (área do Lamarão) foram realizadas a partir de aberturas de sondagens com quadriculas de 2 x 2m, com decapagem de até 4 níveis e profundidade de 3,10m. Foram recolhidos artefatos de cachimbos avermelhados em pacotes de aterros no nível 2, com 0,80 m de profundidade. Quanto à presença dos artefatos de cachimbos brancos holandeses, em menor quantidade, denota ser de procedência de aterros de sedimentos externos, ocorridos no século XVIII (Oliveira, 2006, et al., p. 30-54).

Contudo, conforme descrição, observa-se que a área do extremo sul do bairro do Recife surgiu de aterros, seja de depósitos sedimentares externos, seja de lama do próprio espaço e do entorno. Sua ocupação com aterros e construções ocorreu na segunda metade do século XVII, mas a presença de vestígios arqueológicos, como os artefatos de cachimbos, aponta a possibilidade de terem sido depositados nas camadas estratigráficas a partir dos descartes nos locais do lamarão por usuários que viviam ou passaram pelo entorno. As camadas sedimentares tiveram sucessivos depósitos procedentes de outros espaços, de descartes e aterros ocorridos ao longo dos séculos. Assim, os cachimbos avermelhados e os cachimbos brancos são vestígios procedentes de possíveis consumidores do período de ocupação

- a) A técnica de fabricação com indicativos de fabricação manual, devido à falta de simetria e sem marcas de moldes; com uso de instrumentos, indicados pelas marcas desses instrumentos na área interna do forninho e 36 hastes com indicação de marcas de moldes;
- b) A maioria sem pedúnculos e 02 com pedúnculos planos;
- c) Os fornilhos foram mensurados com altura da base à borda, com variação de 2,4 a 4,5 cm e o diâmetro interno da borda dos fornilhos com variação de 1,9 a 2,5 cm;
- d) As hastes do tipo funil, quebradas com tamanhos variados de 1,6 a 9,6 cm; espessuras próximas da base do forninho com variação de 0,6 a 1,5 cm e na direção da boquilha de 0,5 a 1,6 cm;
- e) Os furos das hastes, todos descentralizados; considerando a quebra, incluindo na base do forninho com variação de 0,15 cm; 0,2 a 0,4 cm e, na sua maioria, de 0,3 a 0,4 cm;
- f) Pasta avermelhada, com variação, na predominância, para a queima completa;
- g) Cores avermelhadas, com variações na sua maioria para as cores camurça (8400 - Munsell 7,5 Y - R 5/6) e marrom 8500 – Munsell 7,5Y R2/4; poucas com bege (8300-Munsell 10 Y – R 7/6) e cinza (2300 Munsell 0.84 B 6.06 1,27);
- h) Sem decoração, pedaços de artefatos com alisamento e polimento, alguns em alto relevo na ponta da haste ou da boquilha, com marcas de mordidas na ponta da haste;
- i) Com decorações, apresentando características com triângulos incisos, depressões, florais, linhas, e traços incisos.

Nos Fornilhos

- Com inciso na borda do forninho em alto e baixo relevo com depressão; nas depressões picotados com formas de pequenos triângulos incisos; no meio do forninho, com dois traços localizados próximo da borda e no forninho;
- Com decoração em alto relevo sem identificar o tipo, com marcas de encontro de moldes.

Fornilhos triângulos incisos

- Triângulos incisos invertidos, junto da borda, na frente da haste e no lado oposto;
- Triângulos incisos na borda do forninho com triângulos, seguidos por três traços horizontais embaixo da borda;
- Triângulos incisos na borda do forninho e quatro dentro de um quadrado, na frente da haste e no lado oposto, seguidos por traços cruzados;
- Triângulos incisos invertidos num quadrado, sequenciados e nos lados, intercalados por traços horizontais embaixo da borda do forninho.

Fornilhos com depressões

- Amassados, com depressões na borda do fornildo em formato de losango e com traços circulares incisos.

Fornilhos florais

- Incisos na forma de espiral, tipo floral, na borda e embaixo da borda e no fornildo;
- Alto relevo floral, na borda do fornildo, com dois traços incisos circulares; em seguida, ramos florais em alto relevo.

Fornilhos com linhas e traços incisos

- Linhas incisas, circundando o fornildo funil, localizadas na borda do fornildo;
- Linhas, na borda do fornildo, inclinadas e decoração incisa com figuras de losangos circundando; na base do fornildo, traços inclinados;
- Traços incisos cruzados e formando losangos, circundado e preenchidos com traços cruzados internos, em fornildos;
- Traços incisos horizontais circundando o fornildo e, entre eles, traços incisos inclinados na vertical, em fornildos;
- Traços incisos em espiral, tipo “folha” com traços inclinados;
- Traços incisos nas horizontais;
- Traços incisos, com dois traços paralelos inclinados ao redor do fornildo e traços incisos abaixo do fornildo;
- Traços incisos horizontais no fornildo e alguns inclinados sobrepostos.

Nas Hastes

- Triângulos incisos invertidos, em cima da haste, iniciando próximo do fornildo e intercalados, seguido por traços inclinados ou em ziguezagues e sem apêndice;
- Triângulos incisos, em cima da haste, com um triângulo inciso ou uma fileira de triângulos incisos, com um, dois, três e quatro sequenciados;
- Triângulos incisos, em cima da haste, iniciando com traços próximos do fornildo, depois quatro triângulos dentro de um retângulo;
- Triângulos incisos, em cima da haste e laterais, com fileira de losangos no meio e acompanhados por triângulos nas laterais e traços lineares;
- Triângulos incisos, em cima e nas laterais de haste, preenchidas por traços e até cruzados, em cima e dos lados da haste;
- Quatro triângulos alternados, invertidos, e um traço separando os triângulos;
- Triângulos incisos, em cima e nas laterais de hastes.

Triângulos, traços, florais, linhas espirais, ponteados juntos em hastes

- Triângulos incisos, em cima da haste e laterais, folhas preenchidas por traços e até cruzados, em cima, dos lados da haste e com espiral;
- Três traços incisos horizontais e entre eles ponteados incisos, na ponta da haste ou da boquilha;
- Traços com figuras geométricas circulares incisas, fechadas com traços internos, linhas circulares divisórias e outras sinuosos, em artefatos de haste;
- Triângulos, traços, ponteados todos incisos, em cima da haste;
- Traços, linhas e triângulos incisos circundando a haste.

Na prancha 28, imagens de cachimbos avermelhados de uma só peça do Sítio Lamarão.

Prancha 28 - Sítio Lamarão – Cachimbos avermelhados de uma só peça	
Hastes de cachimbos de uma só peça - Fornilho com haste sem decorações	
	
Hastes	
Ponta com alto relevo 	Amassada na ponta da haste 
Ponta de haste com mordidas 	Furos na ponta das hastes: maioria com 0,3 e 0,4 cm de diâmetro 

Fonte: O Autor (2024).

Registro de cachimbos avermelhados de uma só peça do Sítio Lamarão (Prancha 29.)



Fonte: O Autor (2024).

Na prancha 30, imagens de cachimbos avermelhados de uma só peça com decorações incisas do Sítio Lamarão.

Prancha 30 - Sítio Lamarão – Cachimbos avermelhados de uma só peça com decorações incisadas em cima da haste

Hastes decoradas incisadas com triângulos em cima da haste, em fileira com um, dois, três e quatro triângulos sequenciados



Hastes decoradas incisadas com figuras geométricas, linhas, traços e florais



Fornilhos decorados incisados

Com dois triângulos invertidos e alternados com traços na horizontal, perto da borda; quatro triângulos juntos formando um “X”; traços e linhas florais; figuras geométricas em espiral.



Fonte: O Autor (2024).

Cachimbos Avermelhados de duas peças com a caracterização abaixo e poderá ser visto detalhes das decorações na Tabela 15 e imagens dos cachimbos nas Pranchas 31 e 32:

- a) Morfologia de cachimbos de forninho com suporte de encaixe, apresentando ângulos de 90°C, fornilhos e suporte com formatos de funil;
- b) Técnica de fabricação com indicação do uso de instrumento na área interna do forninho e, na maioria, com marca de linhas de encontros dos moldes;
- c) Com apêndices triangulares e pedúnculos planos. Os apêndices triangulares, na predominância, com furos no meio, localizados embaixo do forninho;
- d) Os fornilhos com suporte foram mensurados com altura da base à borda, de 2,7 a 3,8 cm e diâmetro interno da borda dos fornilhos de 1,8 a 2,7 cm, comprimento de 3,2 a 4,7 cm;
- e) Os furos para o encaixe do suporte, muitos centralizados com diâmetro do furo de 0,6 a 1,0 cm, maioria parte com 0,8 cm;
- f) Pasta avermelhada predominando a queima completa e, poucos, incompleta;
- g) Cores avermelhadas com variações na sua maioria para camurça (8400 - Munsell 7,5 Y - R 5/6), algumas com cor marrom (424 – Munsell 10 R 3/6), preto (3000 – Munsell N 1,0) e Cinza (2600 Munsell N);
- h) Sobre a decoração, dos 117 artefatos analisados, há uma riqueza de detalhes dos cachimbos de forninho com suporte, na forma incisa e em alto relevo, tanto no forninho quanto no suporte, com apêndice e sem furos, conforme destacado no quadro abaixo.

Na tabela 15 abaixo, características de decorações de cachimbos avermelhados de duas peças do Sítio Lamarão.

Tabela 15 - Sítio Lamarão – Cachimbos avermelhados de duas peças	
Decorações nos fornilhos com suporte de encaixe de peças	
Decorações nos cachimbos	Tipos de Decorações
<u>Decorações em alto relevo e incisos em cima do relevo</u> No fornilho	- Alto relevo na borda do fornilho e com depressões alternadas; - Traços inclinados em alto relevo pelo fornilho; - Traços em ziguezagues ao redor da borda do fornilho em alto relevo; - Círculos de ponteados abaixo da borda do fornilho; - Quatro ponteados dos dois lados do fornilho; - Depressões em losangos, circundando embaixo da borda fornilho; - Bordas do fornilho com alto e baixo relevos, e depressões inclinadas ou retas, com dois traços circundando no meio do fornilho.
<u>Decorações em alto relevo e incisos em cima do relevo</u> No suporte: Com alto relevo na borda, às vezes bordas inclinadas	- Alto relevo na borda do suporte e com depressões; - Três círculos em alto relevo circundando o suporte em alto relevo; - Bordas do suporte e do fornilho em alto relevo, decorações florais em alto relevo espalhadas no fornilho e no suporte, com ponteados; - Borda do suporte sem alto relevo, com decoração de traços em alto relevo, entre os dois traços incisos circundando o suporte; - Dois pontos incisos paralelos circundando toda a borda do suporte; - Traços incisos circulares em alto relevo e no meio do suporte.
<u>Decoração Incisos:</u> No fornilho (na área sem alto relevo)	- Traços incisos na borda do fornilho com círculos e triângulos; - Traços incisos horizontais; - Um traço circular na borda do fornilho; - Traços circulares ao redor da borda, traços verticais e alternados com depressões semicirculares; - Linhas cruzadas em alto relevo; - Traços incisos inclinados, circundados na borda, linhas horizontais e verticais; - Triângulos incisos circundando a borda do fornilho e com traços paralelos ao redor da borda do fornilho; - Dois traços verticais no meio do fornilho, na área oposta à haste.
<u>Decoração Incisos:</u> No suporte (na área sem alto relevo)	- Traços incisos na borda do suporte; ponteados e em forma de “S”, depressão e alto relevo; - Quatro traços incisos circundando o suporte; - Três círculos circundando o suporte, entre a borda e o fornilho; - Traços incisos inclinados na borda do suporte em alto relevo; - Traços incisos horizontais; - Traços incisos e ponteados na borda do suporte; - Dois traços incisos em ziguezagues no alto relevo e no suporte, com traços ponteados no meio dos dois; - Borda do suporte com alto relevo, decorações e três traços incisos circundando o suporte; traços incisos longos cruzados, marcas de moldes; - Borda do suporte com alto relevo, incisos, amassados do tipo losangos enfileirados na borda de fornilhos, intercalados por traços verticais, entre traços horizontais, em cima e embaixo dos amassados; - No suporte com alto relevo e intercalados com dois traços incisos; - Traços incisos com 03 a 06 traços incisos intercalados no alto relevo circundando o suporte; - Traços incisos nas bordas das depressões inclinadas; - Ponteados incisos nas depressões alternadas da borda do suporte.

Cachimbos avermelhados de duas peças com e sem decorações do Sítio Lamarão (Prancha 31).

Prancha 31 - Sítio Lamarão Cachimbos avermelhados com forninho e suporte para encaixe

Fornilho e suporte: sem decoração



Artefatos com decorações, pedúnculos achatados, planos com decorações em alto relevo acima do pedúnculo (desgastado); alto relevo na borda do suporte e com depressões alternadas; marcas de moldes com linhas de encontros das formas.



Artefatos com decorações incisas:

linhas, traços, ponteados, triângulos e com apêndices, com furo e sem furo.

No forninho: com depressões em “losangos” circundando a borda do forninho; uma ou duas linhas ao redor da borda do forninho; linhas paralelas e no meio preenchidas com traços inclinados. **No suporte:** dois artefatos com borda sem alto relevo, com traços incisos inclinados. Os três artefatos com apêndices triangulares e com furos.



Artefatos com decorações incisas

Linhas, traços, ponteados, triângulos e apêndices, com furo e sem furo; borda do forninho e borda do suporte em alto relevo e depressões na vertical; apêndice com e sem furo.



Acervo do Núcleo de Pesquisas Arqueológicas NEPARQ/UFRPE

Fonte: O Autor (2024).

Na Prancha 32 abaixo, cachimbos avermelhados de duas peças com decorações do Sítio Lamarão.

Prancha 32 - Sítio Lamarão Cachimbos avermelhados com forninho e suporte para encaixe

No forninho: borda em alto relevo, com depressões alternadas na vertical e dentro delas; incisos circulares e triangulares, duas linhas paralelas no lado oposto do suporte. Um com decoração sinuosa tipo ramo floral; outro com linhas incisadas na borda. **No suporte:** borda em alto relevo e depressões horizontais com incisos de círculos e traços; um com linhas na borda, apêndice e furo.



Artefatos com decorações em alto relevo:

Bordas do forninho e do suporte em alto relevo, marcas do uso de moldes; ramos florais, ponteados, apêndices com e sem furo.



Fonte: O Autor (2024).

Caracterização dos cachimbos brancos do Sítio Lamarão

Os cachimbos brancos analisados nas intervenções arqueológicas do Sítio Lamarão somaram 334 artefatos. Foram identificados 329 holandeses e 05 britânicos, conforme caracterização abaixo, na tabela 16 e nas imagens das pranchas 25, 26 e 27.

Os 334 artefatos de cachimbos analisados de fabricação holandesa e britânica revelaram as seguintes características:

- a) A morfologia de cachimbos de uma só peça, na predominância com ângulos de 40° e 50°, sendo maior parte no formato cônico abaulado e poucos com 30° e 70°, exibindo forninhos angulares do tipo funil;
- b) A técnica de fabricação indica uso de instrumento na área interna do forninho e o uso de moldes, com as marcas de encontro em forninhos e hastes;
- c) Os forninhos foram mensurados com altura da base à borda, variação de 2,9 a 4,2 cm e diâmetro interno da borda dos forninhos com variação de 1,7 cm, a maioria quebrados;
- d) As hastes com tendência levemente funil, quebradas com tamanhos variados de 2,3 a 7,8 cm e espessuras próximas da base do forninho com variação de 0,4 a 1,1 cm, e na direção da boquilha de 0,4 a 1,1 cm;
- e) Sobre os pedúnculos, os artefatos holandeses eram planos com altura no nível da haste, típicos do século XVII e um sem pedúculo, típico do século XIX. Encontra-se, na base plana, a marca do fabricante, como “HS” e outros desgastados ou ilegíveis; dos britânicos, havia um pontudo; um outro sem pedúculo (com marca “TW” na frente para a haste); e um terceiro, com marca incisa e figura redonda no meio do forninho, frente virada para a haste;
- f) Os furos das hastes, na maioria descentralizados, medidos na quebra, incluindo na base do forninho, com variação de 0,15 a 0,3 cm, a maioria de 0,2 a 0,3 cm. Destaque para um artefato de haste curvada com furo de 0,4 cm;
- g) Pasta de caulinita, com variação, na predominância, para a queima completa com indicação maior na cor branca (1000 Munsell N 9,5 - interno e externo); quando incompleta, com cinza (2400 Munsell N 6.5 - interno) e pouquíssimos na cor bege (8300 Munsell 10 Y R7/6);
- h) A decoração dos cachimbos holandeses:
 - Sem decoração: com alisamento; polimento; na ponta da haste ou da boquilha com alto relevo; haste do tipo dois amassados e dos dois lados; haste do tipo encurvado dos dois lados.

No Forninho

- Com decoração: incisos, carimbos e alto relevo;
- Serrilhados na borda do forninho e marca do fabricante no pedúnculo plano;
- Com marca do fabricante na base plana do pedúnculo; marca das letras “HS” e outras ilegíveis;
- Um cachimbo reto holandês do século XIX, com serrilhado na borda e sem pedúnculo.

Na Haste

- Flor de lis carimbada; flor de lis em losangos, carimbados;
- Incisos com pequenos círculos circundando a haste; serrilhados circundando a haste, às vezes incompletos; quatro círculos acompanhados por meio triângulo de um lado e de outro, com nomes nas extremidades de um lado " L.DE. ROO" e do outro "INGOU";
- Alto relevo com ramos florais, pontuações, traços circundando a haste;
- Incisos com pequenos círculos circundados na haste; no meio, com círculos e traços em ziguezagues ou serrilhado;
- Alto relevo, ramos florais no encontro dos moldes na haste;
- Incisos ponteados circundando a haste e acompanhado com o nome: "GOUDA".

Na Prancha 33 abaixo, cachimbos brancos holandeses do Sítio Lamarão.

Prancha 33 - Sítio Lamarão – Cachimbos brancos holandeses	
Fornilho abaulado com haste: serrilhado na borda do fornilho, na base plana, a marca do fabricante “HS”.	
	
Fornilho funil com haste: serrilhado na borda do fornilho, na base plana a marca do fabricante	
	
Artefato de cachimbo reto holandês do século XIX, com serrilhado na borda, sem decoração e sem pedúnculo	
	

Fonte: O Autor (2024).

A Prancha 34 a seguir, mostra hastes de cachimbos brancos holandeses do Sítio Lamarão.

Prancha 34 - Sítio Lamarão – Hastes de cachimbos brancos holandeses		
Hastes de cachimbos sem decoração		
Haste encurvada	Haste amassada	Haste com ponta em alto relevo
		
Duas hastes adaptadas em apitos		
		
Hastes com decorações: incisos com pequenos círculos na haste; no meio, com círculos e traços em ziguezagues ou serrilhados		
		
		

Fonte: O Autor (2024).

Diversas características dos cachimbos atribuídos aos britânicos (ingleses, escoceses) do Sítio Lamarão podem ser conferidas na tabela 16.

Tabela 16 - Sítio Lamarão – Características dos cachimbos britânicos				
Artefato de cachimbo	Decoração	Pedúnculo	Furo da haste	Ângulo
Fornilho com haste (01 artefato) RG: camada 2, nível 1	Com decoração: marca incisa com figura redonda, no meio do fornilho, na frente virada para a haste	Com pedúnculo: sem marca, curto, fino, plano com altura e sem marca do fabricante	0,2 cm	Angular Funil, com 30°
Fornilho com haste (01 artefato) RG: P23-camada 1 e 2	Com decoração: marca nos lados do pedúnculo	Com pedúnculo pontudo	0,2 cm	Imensurável devido ao dano, quebra, corte
Fornilho (01 artefato) RG: Q-14/15	Marca "TW" circulado, na frente para a haste	Sem pedúnculo	0,2 cm	Angular Funil com 50°
Haste (01 artefato)	com nome "GLASGOW" carimbado nos dois lados da haste e alto relevo no formato de uma "flor"	-	0,15cm	Tendência Funil
Haste (01 artefato)	Nome em alto relevo, nos dois lados da haste: "... INCI..."	-	0,2 cm	Tendência Funil

Fonte: O Autor (2024).

Na Pancha 35 abaixo, imagens dos cachimbos atribuídos aos britânicos (ingleses, escoceses) do Sítio Lamarão.

Prancha 35 - Sítio Lamarão – Cachimbos brancos britânicos	
Fornilhos com haste	
Marca carimbada duas letras: TW situado de frente para a haste. 	Figura carimbada redonda no fornilho, situado de frente para a haste. 
Hastes: Nome carimbado nos dois lados da haste: “GLASGOW”	
	

Fonte: O Autor (2024).

Estabeleceu-se a seguinte síntese para os cachimbos brancos do Sítio Lamarão: dos 905 artefatos de cachimbos do Sítio Lamarão, 334 (36,9%) são de cachimbos brancos de fabricação holandesa e britânica; e 571 (63,1%) de cachimbos avermelhados em maior predominância.

Os cachimbos brancos, com percentual de 36,9% evidenciam artefatos de holandeses, na sua maioria de fabricação do século XVII, como também, a presença de cachimbos britânicos, possivelmente, devido à influência comercial, a partir do século XVIII.

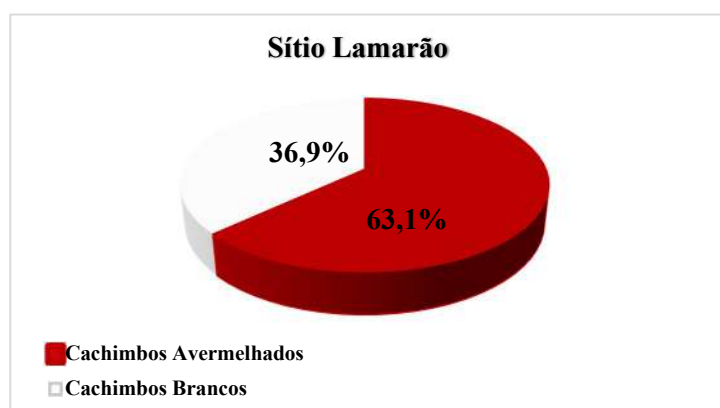
Para os cachimbos avermelhados com percentual maior que 63,1%, devido à continuidade e à variedade da produção, pode-se inferir que seu consumo ocorreu por séculos.

Em conformidade com a tabela 17, abaixo, observa-se que, dos 905 artefatos analisados, subtraindo os 696 fragmentos de hastes, encontram-se 209 forninhos, sendo 117 artefatos de duas peças, utilizando forninhos para encaixe, furos nos apêndices e com a possível serventia de fixá-lo em parte do corpo ou do vestuário com peça de cordame para evitar a perda e facilitar o uso.

Na tabela 17 abaixo, apresentamos uma síntese dos agrupamentos dos cachimbos do Sítio Lamarão.

Tabela 17 - Sítio Lamarão – Síntese dos agrupamentos dos cachimbos		
Agrupamentos	Artefatos de Cachimbos Brancos	Artefatos de Cachimbos Avermelhados
Fornilho com haste	23 (21 h + 02 b)	23
Forninhos	05 (04 h + 01 b)	41
Hastes (696 artefatos)	306 (304 h + 02 b)	390
Fornilho com suporte para encaixe (ou duas peças)	00	117
Cachimbo completo	00	00
Total = 905	334 (36,9%)	571 (63,1%)

Legenda: **h** = holandês; **b** = britânico



4.4.2.2 Cachimbos do Sítio Bolsa de Valores - Recife

A coleção de cachimbos se encontra sob a guarda da Caixa Cultural Recife, situada na Avenida Alfredo Lisboa, nº 505, Praça do Marco Zero, Bairro do Recife, área portuária. No relatório final, produzido por Aylton Mello (2000), há o registro de 333 fragmentos de cachimbos, sendo 29 avermelhados e 304 brancos (Mello, 2000). Porém, nas análises realizadas de julho a agosto de 2023, encontravam-se nas caixas, 311 artefatos, sendo 21 avermelhados e 290 brancos. Houve uma intervenção com a finalidade de restaurar o imóvel para abrigar um centro cultural, denominado de Caixa Cultural.

Além disso, a intervenção arqueológica ocorreu na área interna da edificação, no período de 2010 e 2011, através do projeto intitulado de Relatório de Arqueologia do Edifício da Bolsa de Valores de Pernambuco e Paraíba, situado na Avenida Alfredo Lisboa, número 505, Avenida Barbosa Lima e a Rua do Bom Jesus. O prédio abriga a Caixa Cultural, no bairro do Recife, em frente ao Marco Zero, no Porto do Recife, sob o processo do IPHAN/PE nº 01498.001032/2010-21, Portaria nº 30, publicada no Diário Oficial da União em 19/09/2011.

Do total dos 311 artefatos do Sítio Bolsa de Valores, analisou 21 avermelhados, agrupados em cachimbos de uma só peça: forninho com haste; só forninhos, hastes; e em cachimbos de duas peças: forninhos com suporte para o encaixe de haste.

Quanto aos artefatos de cachimbos brancos, analisou 290 agrupados em forninhos com hastes, forninhos e hastes. A caracterização dos cachimbos com as análises pode ser conferida abaixo. Primeiro, os cachimbos avermelhados, e depois, os cachimbos brancos.

As análises dos 21 artefatos de cachimbos avermelhados apontaram para o consumo de cachimbos com a seguinte caracterização:

- a) A morfologia de cachimbos com uma só peça, ângulo de 90°C, forninho e haste com formatos de funil;
- b) A técnica de fabricação com indicativos de confecção manual, devido à falta de simetria e sem marcas de moldes; com uso de instrumentos, indicados pelas marcas deles na área interna do forninho;
- c) Sobre a decoração, com alisamento e polimento, do tipo: a) incisos, com traços e triângulos, no forninho e na haste; b) no forninho: traços e triângulos incisos embaixo da borda do forninho; com dois triângulos invertidos na frente e no lado oposto ao forninho, alternados por traços inclinados; na borda, decoração variada, com alisamento, plana, inclinada e decorada com traços sinuosos, triangulares; c) na haste, geralmente em cima, com traços inclinados e até em

zigzagues, alternados por triângulos incisos variados, como uns enfileirados, duplo paralelo invertidos e até em quatro dentro de um losango.

d) Sem pedúnculos ou apêndices; forninhos mensurados com altura da base à borda, variação de 2,8 a 3,5 cm e diâmetro interno da borda dos forninhos com variação de 1,4 a 2,1 cm;

e) As hastes do tipo funil, quebradas com tamanhos variados de 3,6 a 6,6 cm, espessuras próximas da base do forninho com variação de 1,0 a 2,1 cm e na direção da boquilha de 0,9 a 1,9 cm;

f) Os furos das hastes, descentralizados na sua maioria e pouquíssimos centralizados; medidos na quebra, incluindo na base do forninho com variação de 0,2 a 0,4 cm.

g) Pasta avermelhada, com variação predominante para a queima completa.

h) Cor avermelhada com variações, na sua maioria, para a cor camurça (8400 - Munsell 7,5 Y - R 5/6), também com cores marrom (8409 RAL 3009) e interna com a cinza (2432 RAL 7032).

Na Prancha 36 abaixo, imagens de cachimbos avermelhados de uma só peça do Sítio Bolsa de Valores.

Prancha 36 - Sítio Bolsa de Valores – Cachimbos avermelhados de uma só peça	
Forninhos com hastes: com decorações incisas triangulares e traços em cima da haste, linhas horizontais perto da borda do forninho.	Só forninho: Decoração incisa com dois triângulos invertidos produzidos sobre linhas horizontais circundando o forninho.
	
Hastes com decoração incisas em cima da haste	
Dois triângulos invertidos e traços em zigzagues.	Fileira de triângulos invertidos e juntos.
	
Pontas de hastes e sem decoração	
	

Fonte: O Autor (1024).

Caracterização de cachimbos avermelhados de duas peças:

As características dos cachimbos avermelhados de duas peças, também representado no formato de forninho com o suporte de encaixe, são descritas a seguir:

1. A morfologia de cachimbos de forninho com suporte de encaixe apresenta ângulo de 90°C e os forninhos com formatos de funil;
2. A técnica de fabricação com indicativos de confecção manual em três artefatos, devido à falta de simetria e sem marcas de moldes; com moldes em 3 artefatos indicados pelas marcas de encontro deles;
3. A decoração incisa e em alto relevo, localizada no forninho no suporte; com exibição em todos os artefatos; alisados interno e externo do forninho e do suporte; alguns, sem relevo na borda do suporte, porém, com dois traços incisos circundando o suporte; com alto relevo arredondado na borda do suporte e com traços e linhas incisas de baixo relevo alternadas no suporte;
4. Com apêndices. Quase todos com furos, dos seis analisados, apenas um sem identificar devido à quebra do apêndice;
5. Dos forninhos, 6 foram mensurados: altura da base à borda, constava um com 3,3 cm e os demais quebrados; quanto ao diâmetro interno da borda dos forninhos, constava um com 1,9 cm e os outros 5, quebrados;
6. Os suportes. Os seis analisados possuíam larguras de 1,5 a 2,0 cm; comprimento do suporte 2,5 a 3,5cm; e os furos para o encaixe do suporte de 0,9 cm;
7. Pasta avermelhada, com indicação dos seis analisados: 3 com queima completa e 3, incompleta;
8. Cor avermelhada com variação predominante da cor bege (8300 Munsell 10 Y - R 7/6), apenas 1 camurça (8400 - Munsell 7,5 Y - R 5/6) e internamente com a cinza (2432 RAL 7032).

Prancha 37 ilustrando cachimbos avermelhados de duas peças do Sítio Bolsa de Valores.

Prancha 37 - Sítio Bolsa de Valores Cachimbos avermelhados de duas peças		
Fornilho em alto relevo, traços nas depressões e na área oposta ao suporte	Suporte sem alto relevo com depressões circundadas, indicação de furo no apêndice	Suporte em alto relevo com depressões alternadas e furo no apêndice
		

Fonte: O Autor (2024).

Caracterização de cachimbos brancos da Bolsa de Valores:

A análise dos 290 artefatos de cachimbos brancos resultou na seguinte caracterização:

- Morfologia de cachimbos com uma só peça, ângulo de 50°C, fornilho no formato cônico abaulado;
- A técnica de fabricação indica uso de instrumento na área interna do fornilho e o uso de moldes, com as marcas de encontro deles;
- A decoração com alisamento e polimento, na maioria dos artefatos serrilhados na borda do fornilho, com marca do fabricante na base plana do pedúnculo, decoração variada: incisa, relevo, carimbada; nos formatos fitomorfo, antropomorfo, zoomorfo; estilo barroco; predomínio da flor de lis nos dois lados de fornilhos em alto relevo e, principalmente, em cima das hastes com a indicação do carimbo; uma haste com nome (GLASGOW) de origem da Escócia;
- Os fornilhos foram mensurados com altura da base à borda, variando de 2,9 a 3,3 cm e diâmetro interno da borda dos fornilhos com variação de 0,9 a 1,2 cm;
- As hastes com tendência levemente funil, quebradas com tamanhos variados de 1,2 a 10,5cm, espessuras próximas da base do fornilho variando de 0,6 a 1,1 cm e na direção da boquilha, de 0,9 a 1,0 cm;
- Pedúnculos planos com altura, na sua maioria, e poucos planos no nível da haste; base plana da marca do fabricante, alguns desgastados ou ilegíveis;
- Os furos das hastes, descentralizados e, na maioria, centralizados; medidos na quebra, incluindo na base do fornilho, com variação de 0,2 a 0,3 cm e poucos de 0,4 a 0,6 cm;

h) Pasta de caulinita, com variação, na predominância, para a queima completa com indicação da cor branca (1000 Munsell N 9,5 - interno e externo) e, quando incompleta, com cinza (2432 RAL 7032- interno).

Com referência às informações fornecidas no Capítulo 3 (Dados e evidências), a caracterização descrita dos cachimbos brancos da Bolsa de Valores enquadra-se, na sua maioria, na tipologia dos artefatos de fumar produzidos em centros urbanos dos Países Baixos, do século XVII, indicando ser especificamente da época e do local, devido ao forninho cônico abaulado; a decoração barroca e a flor de lis; marca de fabricantes locais embaixo dos pedúnculos planos.

Dos 311 artefatos de cachimbos analisados, exibimos abaixo algumas imagens de artefatos de cachimbos brancos e avermelhados do sítio Bolsa de Valores.

Imagens de cachimbos brancos britânicos (ingleses e escoceses) do Sítio Bolsa de Valores podem ser conferidas na prancha 38.



Fonte: O Autor (2024).

Na prancha 39, imagens de cachimbos brancos holandeses do Sítio Bolsa de Valores.

Prancha 39 - Sítio Bolsa de Valores – Cachimbos brancos holandeses		
Fornilhos com haste		
Morfologia funil abaulado, serrilhados nas bordas dos fornilhos com pedúnculos planos		
		
Fornilho com haste, serrilhado na borda, pedúculo plano, decoração na haste em alto relevo		
		
Fornilhos		
Decoração em alto relevo, floral, tipo barroca, com indicativoda linha do encontro dos moldes		
		

Fonte: O Autor (2024).

Registro de imagens de cachimbos brancos holandeses do Sítio Bolsa de Valores (Prancha 40).

Prancha 40 - Sítio Bolsa de Valores – Cachimbos brancos holandeses

Três hastes carimbadas com fileiras em losangos e flor de lis no interior deles



Duas hastes em alto relevo, zoomorfo (parte da haste de cachimbos “baleia com Jonas”)



Uma haste em alto relevo floral



Uma haste encurvada de cachimbo

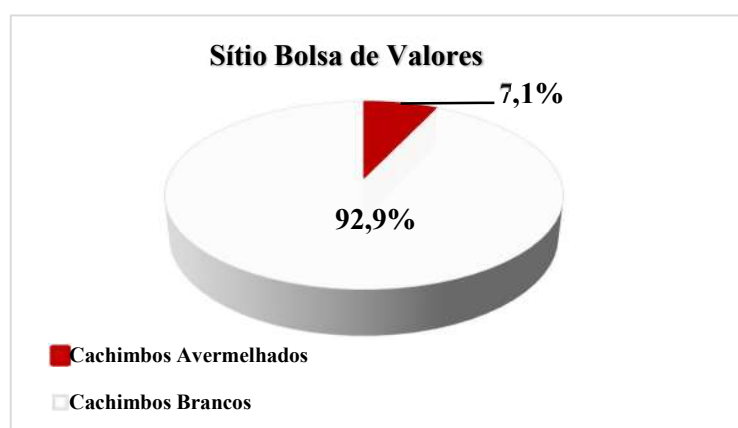


Fonte: O Autor (2024).

Os estudos sobre os artefatos de cachimbos do Sítio da Bolsa de Valores demonstraram que, dentre os itens analisados, não foram encontrados cachimbos completos, avermelhados ou brancos, assim como, nenhum indígena. A seguir (Tabela 18), apresentamos uma síntese, demonstrando um resumo geral do agrupamento dos artefatos de cachimbos com o quantitativo analisado, indicando a predominância do consumo de 92,94% de brancos e apenas 7,05% de avermelhados. Pode-se considerar, portanto, uma ocupação mista. Dos avermelhados, ressalta-se a predominância dos artefatos de cachimbos de uma só peça. Entre os 22 artefatos analisados, apenas 6 foram considerados de duas peças (do forninho e/ou do suporte de encaixe).

Na tabela 18 pode ser conferida a síntese dos agrupamentos de cachimbos do Sítio da Bolsa de Valores.

Tabela 18 - Sítio Bolsa de Valores – Síntese dos agrupamentos dos artefatos			
Agrupamentos	Artefatos de Cachimbos Brancos	Artefatos de Cachimbos Avermelhados	Artefatos de Cachimbos Indígenas
Fornilho com haste	6	5	0
Fornilhos	11	2	0
Hastes	273	9	0
Fornilho com suporte para encaixe (ou duas peças)	0	6	0
Cachimbo completo	0	0	0
Total = 312	290 (92,94%)	22 (7,05%)	0 (0%)



4.4.2.3 Cachimbos do Sítio Pilar - Recife

O Sítio denominado Pilar encontra-se localizado no meio do istmo que liga Olinda a Recife, atual Bairro do Recife, entre as antigas muralhas do povoado do Recife e o Forte do Brum.

A localização das intervenções arqueológicas do Sítio Pilar abrange a área do Projeto arqueológico executado na Comunidade do Pilar, bairro do Recife, conforme imagens do quadro 50.

O projeto habitacional do Pilar foi implantado numa área urbana com extensão de 32.880m², abrangendo 6 quadras e parte do espaço urbano ao seu redor. Quadra 40 – 10.650 m; Quadra 60 – 6.010 m; Quadra 55 – 4.590 m; Quadra 46 – 4.190m; Quadra 45 – 4.700 m; Quadra 25 – 2.750m, delimitada pelo polígono de amplitude da Rua Edgar Werneck, Rua Primavera, Rua do Brum e Rua de São Jorge.

No Sítio Pilar, assim como o núcleo original do Recife, havia no século XVI e XVII, o Forte de São Jorge, local onde se encontra a Igreja Nossa Senhora do Pilar. Com o crescimento populacional na segunda metade do século XVIII, ocorreram edificações próximas da igreja, na Rua de São Jorge. No momento, as construções estão em ruínas e outras desabaram, dando lugar a construções de casebres (Luna, 2017; Martin, 2014).

Além das estruturas construtivas, objetos vestigiais e dos artefatos de cachimbos, encontraram, inicialmente, no contexto, 51 esqueletos na área do istmo original, numa distância de 15 metros da igreja do Pilar e a 450 metros do Portal da Terra, hoje, nas mediações do Arsenal da Marinha. As indicações evidenciam indivíduos sepultados, enterrados no mesmo período da construção da igreja do Pilar, em torno de 1680 (Martin, 2014).

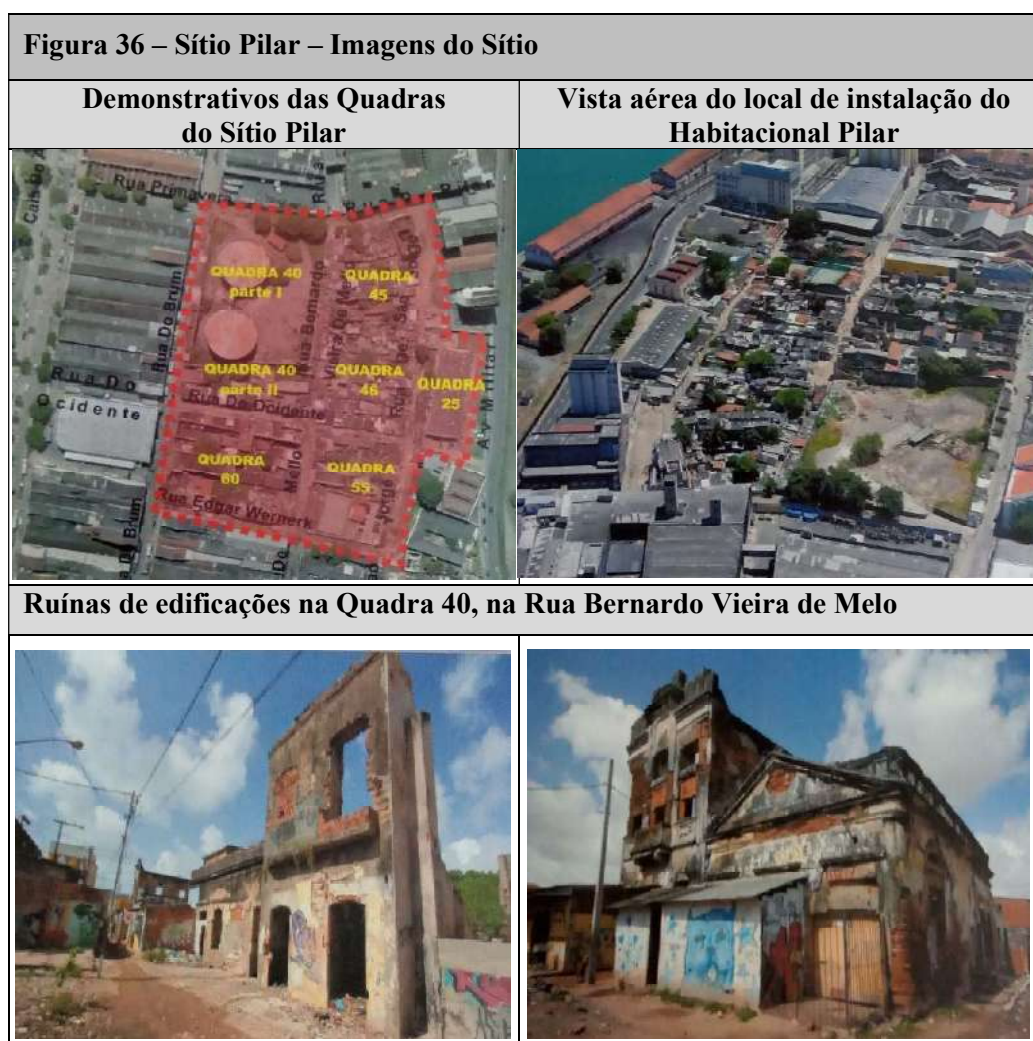
As primeiras intervenções arqueológicas ocorreram na quadra 40 e 55 através da equipe de Arqueologia da Fundação Seridó/UFPE, em 2010, e sob a coordenação da Prof.^a Dra. Gabriela Martin, em 2013, conforme processo e relatório no IPHAN/PE sob os números Quadra 40, com partes I e II e a Quadra 55 (Processos números 01498.002606/2009-44; 01498.0034002013-10 e 01498.000375/2014-00 (Martin, 2014). Depois, em 2016, ocorreram outras escavações, dando continuidade na Quadra 40 e seguindo para a Quadra 55, com a equipe da Fundação Apolônio Sales/UFRPE, sob a coordenação das Professoras Dra. Suely Luna e a Dra. Ana Nascimento, conforme protocolo do IPHAN/PE, com os números 01498.001625/2016-82 e 01498.000134/2016-14.

O acompanhamento das obras nas quadras 40-1 e 40-2 (10.650 m²), delimitadas pelas Ruas Primavera e do Ocidente (Norte e Sul), do Brum e Vieira de Mello, antiga Rua dos

Guararapes (Oeste e Leste), depois na Quadra 55. Além dos vestígios arqueológicos, evidenciaram contínuo revolvimento da terra, como, também, o uso de material construtivo da vizinhança (Luna, 2017, p. 15).

No acompanhamento arqueológico da Quadra 40, durante os serviços de construção da Escola e Creche para a Comunidade do Pilar, no bairro do Recife/PE, protocolado no IPHAN/PE com os números: 01498.001625/2016-82 e 01498.000134/2016-14, destacaram-se as atividades de prospecção, pesquisa e monitoramento das obras civis, revelando artefatos e estruturas arquitetônicas correspondentes ao século XVI e XVII. O espaço foi gradativamente ocupado como moradia pelos portugueses e holandeses no século XVII e, séculos posteriores, como habitação de parte da crescente população do Recife (Luna, 2017, p. 7-15).

A Figura 36 retrata imagens do Sítio Pilar.



Fonte: Martin (2017).

A coleção de cachimbos se encontra sob a guarda de três laboratórios: NEA/UFPE, Laboratório de Arqueologia para Conservação e Restauração e de Educação Patrimonial (LACOR)/UFPE e o NEPARQ/UFRPE.

Nos referidos laboratórios, manuseou, em janeiro de 2024: 159 no NEA/UFPE; 04 no LACOR/UFPE e 909 no NEPARQ/UFRPE, totalizando 1.072 artefatos de cachimbos analisados. Desse total examinado, suas características indicaram 725 cachimbos brancos, seguindo o agrupamento de artefatos de forninhos com hastes, só forninhos e hastes. Quanto aos artefatos de cachimbos avermelhados, somaram 346 de colonos e um (01) classificado como indígena. Os 346 descritos e agrupados no formato da quebra do cachimbo em forninho com haste; só forninho, só haste, forninho com o suporte para o encaixe de haste (duas peças); e indígena, classificado como angular, conforme os dados e a classificação apresentada por Becker e Schimitz (1969).

Abaixo seguem as tabelas 19, 20, 21 e 22, descritos das análises dos artefatos de cachimbos do Sítio Pilar.

Tabela 19 - Análises de artefatos de cachimbos Laboratório NEA/UFPE

Agrupamentos	Artefatos de Cachimbos Brancos	Artefatos de Cachimbos Avermelhados	Artefatos de Cachimbos Indígenas
Fornilho com haste	1	08	0
Forninhos	1	10	0
Hastes	23	102	0
Fornilho com suporte para encaixe (fornilho ou suporte)	0	14	0
Cachimbo completo	0	0	0
Total = 159	25	134	0

Legenda: b = britânico; h = holandês

Tabela 20 - Sítio Pilar – Análises de artefatos de cachimbos Laboratório LACOR /UFPE

Agrupamentos	Artefatos de Cachimbos Brancos	Artefatos de Cachimbos Avermelhados	Artefatos de Cachimbos Indígenas
Fornilho com haste	00	00	00
Forninhos	00	00	00
Hastes	04	00	00
Fornilho com suporte para encaixe (fornilho ou suporte)	00	00	00
Cachimbo completo	00	00	00
Total = 04	04	00	00

Tabela 21 - Sítio Pilar – Análises de artefatos de cachimbos Laboratório NEPARQ/UFRPE

Agrupamentos	Artefatos de Cachimbos Brancos	Artefatos de Cachimbos Avermelhados	Artefatos de Cachimbos Indígenas
Fornilho com haste	32 (30 h + 02 b)	8	0
Fornilhos	50	22	0
Hastes	614 (608 h + 06 b)	115	0
Fornilho com suporte para encaixe (fornilho ou suporte)	0	68	0
Cachimbo completo	0	0	1
Total = 909	696	213	01

Tabela 22 - Sítio Pilar – Síntese das análises de cachimbos

Coleções de artefatos de cachimbos	Artefatos de Cachimbos Brancos	Artefatos de Cachimbos Avermelhados	Artefatos de Cachimbos Indígenas	Total
Laboratório NEA / UFPE	25	134	0	159
Laboratório LACOR / UFPE	4	0	0	04
Laboratório NEPARQ / UFRPE	696	213	1	910
Total	725	347	1	1.073

Dos 346 artefatos de cachimbos avermelhados descritos abaixo, a análise apontou para o consumo dos cachimbos por colonos da capitania de Pernambuco com a caracterização de uma só peça (fornilho e haste juntos) e de duas peças (com fornilho e um suporte para o encaixe de uma haste), conforme descrição a seguir.

Caracterização de cachimbos avermelhados de uma só peça:

A morfologia de cachimbos de uma só peça, com ângulo, quase todos de 90°C, e um com ângulo de 70°; todos os forninhos e as hastes com formatos de funil, exceto, dois forninhos bicônicos abaulados, com marcas de encontro de moldes, com ângulos de 90° (RG – PL 46-1942 e PL 45-78);

- a) A técnica de fabricação com indicativos de fabricação manual, devido à falta de simetria sem marcas de moldes; com uso de instrumentos, indicados pelas marcas desses instrumentos na área interna do fornilho; uma haste com marca de encontro de molde (RG – PL 45-1938)
- b) Sem pedúnculos ou apêndices;

- c) Os forninhos foram mensurados com altura, da base à borda, variando de 2,8 a 3,9 cm e o diâmetro interno da borda dos forninhos com variação de 0,9; 1,2; 1,7 a 2,3 cm; comprimento do forninho com haste, de 4,9; 6,4 cm;
- d) As hastes do tipo funil, quebradas de tamanhos variados de 1,4 a 11,7 cm, espessuras próximas da base do forninho com variação de 0,7 a 1,7 cm e na direção da boquilha, e na ponta da boquilha, de 0,6 a 1,2 cm;
- e) Os furos das hastes, descentralizados, na predominância, e poucos centralizados; considerando a quebra, incluindo na base do forninho, variação de 0,2 a 0,5 cm e na sua maioria 0,3 e 0,4 cm;
- f) Pasta avermelhada, com variação predominante para a queima completa;
- g) Cores avermelhadas com variações na sua maioria para a cores bege (8300-Munsell 10 Y – R 7/6) e camurça (8400 - Munsell 7,5 Y - R 5/6). Também aparecem outras cores: marrom (8409 RAL 3009); preto (3000 – Munsell N 1,0); vermelho (424 Munsell 10R 5/6); e, na quebra interna, a cor cinza (2600 Munsell N 5.0);
- h) A maioria dos artefatos apresenta-se sem decoração, mas com alisamento e polimento. Os decorados são poucos em alto relevo e com depressões. Predominantemente, encontra-se o modo de incisões (com traços, triângulos em baixo relevo, pontuações e até florais), conforme descrições das decorações no quadro abaixo.

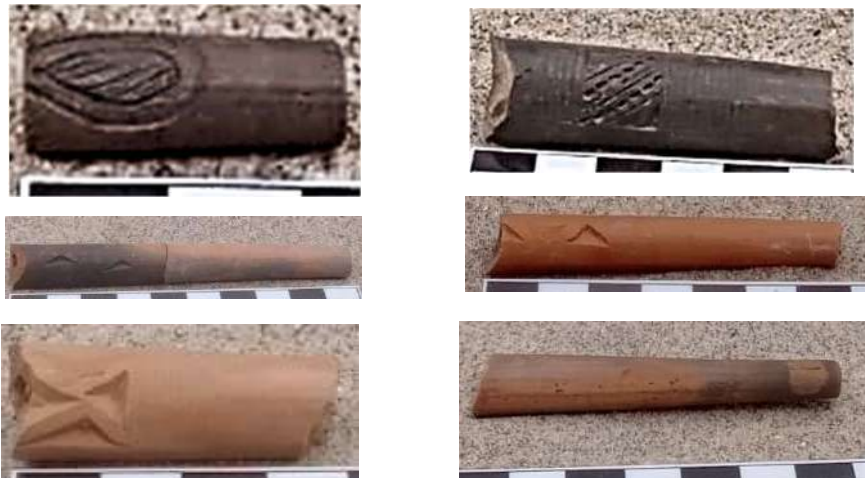
Na tabela 23 abaixo, segue a caracterização de cachimbos avermelhados de uma só peça com as descrições das decorações do Sítio Pilar.

Tabela 23 - Sítio Pilar: Decorações incisadas de artefatos de cachimbos avermelhados de uma só peça		
Decorações	Local	Características das decorações
Decorações Incisas	Fornilhos	- Traços incisados inclinados ao redor da borda alisada do fornildo; - Traços e triângulos incisados abaixo da borda do fornildo; com dois triângulos invertidos na frente e opostos ao fornildo, alternados por traços inclinados; na borda, decoração variada; - Decoração na borda do fornildo: com alisamento, plana, inclinada e decorada com traços sinuosos, triangulares; - Traços incisados cruzados no fornildo; - Traços incisados circundando a haste; - Dois traços ao redor da haste, com ponteados no meio e entre eles, triângulos incisados em baixo relevo: um com dois triângulos e outro com quatro, todos em cima da haste; - Linhas incisadas em forma de espiral, na borda e embaixo dela, curvada em direção à base; - Um fornildo bicônico abaulado com traços incisados, na horizontal, ponteados em fileira e inter cruzados abaixo da borda e na base do fornildo; - Traços florais e linhas florais, com folhas e ramos na base do fornildo e na haste; - Quatro ponteados incisados, nos lados e embaixo do fornildo.
	Hastes	- Traços inclinados ou retos, a maioria em ziguezagues, as vezes até 13 traços, alternados por triângulos, ocasionalmente alongados, em baixo relevo duplos e invertidos, incisados variados; três enfileirados; duplo paralelo invertidos e até em quatro triângulos dentro de um losango; sequência ponteados; geralmente em cima; - Traços e linhas florais, com folhas e ramos na base do fornildo e na haste; - Inciso floral, ao redor do relevo floral, geométrico, ponteados e com depressões; - Triângulos incisados em baixo relevo: em fileira com um ou dois, três, quatro e às vezes invertidos; - Traços incisados picotados; - Três traços incisados inclinados, seguindo triângulos e fileira de ponteados nos traços, em cima da haste; - Traços incisados, intercalados por dois triângulos em baixo relevo e picotados dos lados; - Incisos dos dois lados da haste: de um lado com nomes, número e “trevos”: nome “DP PATENT”; número “15” e o trevos “****” e do outro lado um furo inciso, semelhante ao furo de haste; (RG PL 25 -967-5).

Na prancha 41 abaixo, pode ser visto cachimbos avermelhados de uma só peça do Sítio Pilar.

Prancha 41 - Sítio Pilar – Cachimbos avermelhados	
Fornilhos com hastes: incisões de dois triângulos invertidos, na frente e atrás do fornilho com traços intercalados e na horizontal; também com traços intercalados em ziguezagues em cima da haste, com tamanho variado de 11,7 cm.	Fornilhos cônicos abaulados com decorações incisas de traços, linhas cruzadas, inclinadas, horizontais e ponteados.
	

Fonte: O Autor (2024).

Prancha 42 - Sítio Pilar – Artefatos de Hastes de cachimbos avermelhados	
Decorações incisas em cima de hastes dos tipos: figuras geométricas, com traços no meio; linhas inclinadas seguidas por ponteados; uma fileira de triângulos; quatro triângulos; ponta da haste sem decoração, com marcas de mordidas de dentes	
	
Hastes com decorações florais, linhas circundando a haste; haste amassada com figuras geométricas e dentro com traços inclinados. Fornilho: uma decoração incisa em espiral, perto da borda.	
	

Fonte: O Autor (2024).

Caracterização de cachimbos avermelhados de duas peças:

- a) Morfologia de cachimbos de forninho com suporte de encaixe, apresentando ângulo de 90°C com fornilhos e suporte no formato de funil;
- b) Técnica de fabricação com indicação do uso de instrumento na área interna do forninho e com marcas da linha de encontros dos moldes;
- c) Apêndices, quase todos com furos no meio triangular, localizados embaixo do forninho; os artefatos sem apêndice são minoria;
- d) Os fornilhos com suportes foram mensurados com altura da base à borda, de 2,2; 2,6; 3,1 a 3,3; 3,8; 3,9 cm e o diâmetro interno da borda dos fornilhos de 1,5; 1,8 a 2,3; 2,6; 2,7 cm, comprimento de 2,9; 3,6 a 4,1; 4,7; 4,8 cm;
- e) Os furos dos suportes para encaixe, predominantemente centralizados; diâmetro dos furos de 0,6 a 1,0 cm, a maioria com 0,8 cm;
- f) Pasta avermelhada, maioria com queima completa e poucos, com incompleta;
- g) Cores avermelhadas com variações na sua maioria para bege (8300 Munsell 10 Y - R 7/6), camurça (8400 - Munsell 7,5 Y - R 5/6), marrom (424 – Munsell 10 R 3/6) e algumas de cor preta (3000 – Munsell N 1,0);
- h) Há uma riqueza de detalhes nas decorações dos cachimbos de fornilhos com suporte, na forma incisa e em alto relevo, localizados tanto no forninho quanto no suporte, conforme destaques no quadro abaixo de decorações.

A tabela 24 expõe a caracterização de cachimbos avermelhados de duas peças com decorações do Sítio Pilar.

Tabela 24 - Sítio Pilar – Decorações nos fornilhos de cachimbos avermelhados de duas peças

Tipo de decoração	Local	Decorações
	No fornilho	- Dois traços incisos, retos ou inclinados, verticais, horizontais, alternados, nas depressões do alto relevo e nas bordas dos fornilhos; - Linhas incisas semicirculares e ligadas por losangos na borda do fornilho; - Traços incisos circundando a borda do fornilho; - Traços florais e geométricos incisos ao redor da borda do fornilho em alto relevo; - Traços incisos inclinados na borda do fornilho;
Decorações em alto relevo e incisos em cima do relevo	No suporte: Com alto relevo na borda, às vezes bordas inclinadas	- Dois traços incisos, retos ou inclinados, verticais, horizontais, alternados, nas depressões do alto relevo e nas bordas dos suportes; - Dois traços incisos nas depressões do alto relevo nas bordas do suporte; - Triângulos incisos ao redor da borda do fornilho inclinado; - Traços incisos circundando o alto relevo na borda do suporte; - Dois, três traços incisos entre alto relevo; - Três traços horizontais na borda do alto relevo, na borda do suporte e traços incisos circundando a base do relevo do suporte; - Depressões alternadas no alto relevo na borda do suporte e baixo relevo; traços na depressão; - Dois traços paralelos alternados e circundando a borda do suporte; - Incisos com linhas semicirculares e ligados por losangos na borda do suporte; - Traços incisos cruzados no relevo da borda do suporte, circundando todo relevo; inciso com um espiral dos dois lados do suporte; - Traços florais e geométricos, ponteados, circundando incisos na borda do suporte em alto relevo;
Incisos	No fornilho: na área sem alto relevo	- Três traços incisos duplos no formato de serrilhados, na base e no meio do fornilho; - Incisos com linhas semicirculares na frente do fornilho (oposto ao suporte); - Dois traços incisos, tipo do início do espiral com uma "semente" no meio, com pequenos traços atrás do fornilho, no pé;
	No suporte: na área sem alto relevo	- Suporte sem alto relevo: possui traços incisos e depressões por todo suporte; traços retos e circundando o suporte; traços serrilhados circundando a borda do suporte; traços incisos inclinados na borda do suporte; - Linhas incisas com figura de “S” acompanhadas por traços serrilhados, em cima do suporte; - Dois traços incisos semicírculos e o mais interno preenchido com pequenos traços inclinados: um em cima do relevo da boquilha e os dois nas laterais entre o relevo da boquilha e a base do fornilho; também indicativo na base da frente do fornilho.

Na prancha 43 abaixo, pode ser visto cachimbos avermelhados de das peças com decorações do Sítio Pilar.

Prancha 43 - Sítio Pilar – Cachimbos avermelhados	
Fornilho com suporte para encaixe	
Decorações em cima do alto relevo com depressões, incisos nas bordas dos forninhos e dos suportes	
Depressões alternadas no alto relevo das bordas do fornilho e do suporte; com apêndice sem furo e com furo (NEPARQ/UFRPE)	
	
Depressões ou amassos alternados na borda do fornilho; linhas horizontais no fornilho e no suporte; suporte sem relevo na borda; apêndices com furos (NEPARQ/UFRPE)	
	
Fornilho quebrado com três linhas incisadas ponteadas, na área oposta ao suporte; suporte sem alto relevo, linhas incisadas ponteadas circundando, e entre elas uma depressão circundando; apêndice com furos (NEPARQ/UFRPE)	Fornilho quebrado, com decorações indicando leve alto relevo, traços cruzados em todo artefato; sua base com pedúnculo plano achatado (NEPARQ/UFRPE)
	

Fonte: O Autor (2024).

Na prancha 44 abaixo, pode ser visto cachimbos avermelhados de das peças com decorações e uma haste para o encaixe do Sítio Pilar.

Prancha 44 - Sítio Pilar – Cachimbos avermelhados	
Fornilho com suporte para encaixe	
Decorações e alto relevo floral com ponteados; ponteados circundado embaixo da borda do fornilho; sem apêndices; fabricação indicada pela marca do encontro de moldes.	
Decoração em alto relevo floral por todo o cachimbo 	Depressões alternadas ou incisões nas bordas do fornilho e do suporte do cachimbo 
Cachimbo com fornilho e suporte de encaixe Bordas do fornilho e suporte com alto relevo; decorações em alto relevo ponteadas circundando área embaixo da borda do fornilho; indicação de linhas de moldes; furo do suporte com 0,8 cm. 	Haste de encaixe para os cachimbos com suporte RG: PL 46-2113; mordida na ponta da haste achatada; constituído de madeira ou cerâmica; sem decoração; retangular com tamanho de 5,7 cm; no ponto em direção ao fornilho 1,2 cm e na direção da boquilha, ponta da haste (achatada) 0,6; furo centralizado com 0,25 cm; dois níveis de encaixes com 0,6 e 0,8 cm; com a cor avermelhada camurça 8400 - Munsell 7,5 Y R 5/6;6. 
Fornilho com suporte e encaixe da haste	
	

Fonte: O Autor (2024).

Caracterização de um cachimbo indígena do sítio Pilar:

Um artefato de cachimbo do sítio Pilar exibiu feições da tradição tipológica da produção indígena, segundo dados fornecidos por Ítala Becker e Pedro Schimitz (Becker; Schimitz, 1969, p. 159), que podem ser conferidos através das características abaixo.

- i) O registro de ocorrência RG: PL46-2007, recolhido em trincheira;
- j) Morfologia funil com borda aberta;
- k) Espessuras com tendência funil: altura 4,0 cm; borda do forninho 1,8 cm e no meio 1,8 cm;
- l) Técnica de fabricação manual e uso de instrumento indicado na área interna e no furo;
- m) Sem decoração, alisado e polido;
- f) Furo da haste descentralizado e diâmetro de 0,3 cm;
- h) Queima completa, com diferença de tonalidade da pasta cerâmica;
- i) Cor da cerâmica e da pasta na tabela de cores Munsell ou RAL: preto (3000 – Munsell N 3,5).

Na prancha 45 abaixo, pode ser visto cachimbos avermelhados indígena tipo funil do Sítio Pilar.



Fonte: O Autor (2024).

Caracterização dos cachimbos brancos do Sítio Pilar:

Os cachimbos brancos analisados nas três intervenções arqueológicas do Sítio Pilar somaram 725 artefatos, sendo 712 holandeses, 11 britânicos e 02 franceses, revelados conforme caracterização abaixo.

Das 712 peças de cachimbos holandeses do sítio Pilar encontram-se caracterizados a abaixo:

- a) Morfologia de cachimbos de uma só peça, na sua maioria com ângulos de 40° e 50° e alguns com 60°, exibindo forninhos no formato cônico abaulado;

- b) A técnica de fabricação indica uso de instrumento na área interna do forninho e uso de moldes com as marcas de encontro dos moldes em fornilhos e hastes;
- c) Os fornilhos foram mensurados com altura da base à borda, variando de 2,5 a 4,1cm e diâmetro interno da borda dos fornilhos com variação de 0,9 a 1,7 cm;
- d) As hastes com tendência levemente funil, quebradas com tamanhos variados de 1,5 a 7,4 cm, espessuras próximas da base do forninho com variação de 0,5 a 1,3 cm, na direção da boquilha de 0,5 a 1,1cm;
- e) Pedúnculos planos com altura na sua maioria e poucos planos no nível da haste. Três fornilhos com hastes sem pedúnculos e sem apêndice (RG PL 40-1128), holandês, dos séculos XVIII ao XX;
- f) Encontra-se, na base plana, a marca do fabricante, algumas desgastadas ou ilegíveis;
- g) Os furos das hastes, na maioria descentralizados; medidos na quebra, incluindo na base do forninho, com variação de 0,1 a 0,3 cm, a maioria de 0,2 a 0,3 cm; destaque para 09 artefatos de hastes curvadas com furos de 0,3 a 0,8 cm;
- h) Pasta de caulinita, com variação predominante para a queima completa e indicação da cor branca (1000 Munsell N 9,5 - interno e externo); e quando incompleta, com cinza (2432 RAL 7032- interno) e cor bege (8300 – Munsell 10 Y R 7/6);
- i) A decoração

- Com alisamento e polimento;
- Com marca do fabricante na base plana do pedúnculo;
- Artefatos sem decoração e os com decoração variada: inciso, alto relevo, serrilhado, carimbado, marca do fabricante, curvados, ramos florais, flor de lis, rosa Tudor, antropozoomorfos, nomes, letras.

Decoração no forninho

- Serrilhado na borda, carimbada ou incisa;
- Marca do fabricante embaixo do pedúnculo, carimbada;
- Rosa Tudor, com seis ponteados dos dois lados do forninho, em alto relevo;
- Antropomorfo (Jonas), em alto relevo.

Decoração na haste

- Flor de lis, em quatro losangos sequenciados (até mais), carimbada na haste;
- Flor de lis dois lados da base do forninho, em alto relevo;
- Serrilhados ou traços retos, inclinados, ziguezagues, um ou dois, ao redor da haste, incisos ou carimbados;

- Alto relevo na ponta da haste ou boquilha;
- Flor, folhas, florais, ponteados, dois espirais aos lados, circundando a haste, em alto relevo;
- Zoomorfo (do cachimbo Jonas), em alto relevo;
- Florais entre círculos ponteados, circundando a haste, todos em alto relevo.

Na Prancha 46 abaixo, pode ser visto cachimbos brancos holandeses do Sítio Pilar, inclusive um sem pedúnculo produzidos a partir do século XVIII.

- Flor, folhas, florais, ponteados, dois espirais aos lados, circundando a haste, em alto relevo;

Na prancha 46 abaixo, pode ser visto cachimbos brancos holandeses do Sítio Pilar, inclusive, um sem pedúnculo, produzidos a partir do século XVIII.

Prancha 46 - Sítio Pilar – Cachimbos brancos holandeses	
Fornilhos com hastes	
Funil cônico abaulado do século XVII com pedúnculo plano (NEPARQ/UFRPE) 	Fornilho abaulado com haste angular, serrilhado na borda e furo da haste com 0,3 cm (NEA/ UFPE) 
Fornilhos de cachimbos holandeses do início do século XVIII	
Fornilho angular funil alongado, serrilhado na borda e com marca do fabricante embaixo do pedúnculo plano; linha indicando a fabricação com moldes (NEA/ UFPE). 	Fornilho funil, levemente abaulado, do século XVIII e sem pedúnculo (NEPARQ/UFRPE). 

Fonte: O Autor (2024).

A prancha 47 representa cachimbos brancos holandeses do Sítio Pilar. Trata-se de peças pertencentes aos acervos do Laboratório de Arqueologia para Conservação e Restauração e de Educação Patrimonial (LACOR), do Núcleo de Estudos Arqueológicos (NEA), da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE) e do Núcleo de Pesquisas Arqueológicas (NEPARQ), da Universidade Federal Rural de Pernambuco (UFRPE).

Prancha 47 - Sítio Pilar – Cachimbos brancos holandeses	
Hastes brancas	
Hastes brancas, levemente afunilada em direção à ponta; fabricação com indicação de linhas do encontro de moldes, furo 0,1 cm (LACOR/UFPE)	
	
Haste com marca do fabricante embaixo do pedúnculo plano e indicação de fabricação com a linha do encontro de moldes (NEA/ UFPE)	Haste com decoração zoomorfo (cachimbo “Jonas e a baleia”), em alto relevo (NEPARQ/UFRPE)
	
Hastes com decorações florais, em alto relevo (NEPARQ/UFRPE)	
	
Hastes com decorações em baixo relevo (carimbadas ou incisas), florais (flor de lis em losangos) serrilhados circundando a haste (NEPARQ/UFRPE)	
	
Hastes curvadas e sem decorações	
	

Fonte: O Autor (2024).

Na prancha, registro de cachimbos brancos holandeses com hastes beges do Sítio Pilar.

Prancha 48 - Sítio Pilar – Cachimbos brancos holandeses com hastes beges	
Hastes beges com decorações em baixo relevo (carimbadas ou incisas); Florais (flor de lis em losangos) e serrilhados circundando a haste, similares aos dos cachimbos holandeses (NEPARQ/UFRPE)	
	
Hastes beges , sem decoração afunilada em direção à ponta; fabricação com indicação de linhas do encontro de moldes, furo com 0,3 cm; similar aos dos cachimbos holandeses (LACOR/UFPE)	
	

Fonte: O Autor (2024).

Quanto às peças de cachimbos britânicos e franceses do Sítio Pilar

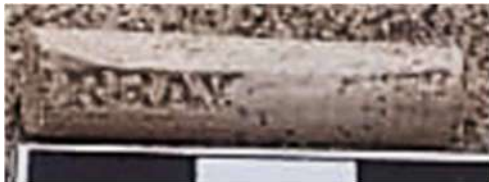
Entre os 725 artefatos de cachimbos analisados, identificaram-se 13 artefatos diferentes dos holandeses, sendo: 11 artefatos de cachimbos britânicos (08 enquadrados como de procedência inglesa e 03 escoceses) e mais 02 franceses, conforme descrição na tabela 25 e nas imagens da prancha 4, abaixo.

Na tabela 25 podem ser conferidas as características de cachimbos brancos da produção britânica (ingleses e escoceses) e francesa do Sítio Pilar.

Tabela 25 - Sítio Pilar – Cachimbos brancos com características de produção britânica e francesa

Características	Cachimbos	Britânicos (11)	Cachimbos franceses
	Inglese (08)	Escoceses (03)	(02)
A morfologia	Angular funil, com ângulo de 40° a 60°.	Hastes com tendência levemente funil.	Hastes com tendência levemente funil.
Técnica de fabricação	Uso de instrumento na área interna do forninho e marcas de encontros de moldes.	Uso de instrumento na área interna da haste e marcas de encontros de moldes.	Uso de instrumento na área interna da haste e marcas de encontros de moldes.
Fornilhos	Altura: 3,6 cm; diâmetro interno de 1,9cm	Nenhum forninho	Nenhum forninho
Hastes	Tendência levemente funil: próximo do forninho com 1,0 cm e na direção da ponta da haste com 0,9 cm.	Hastes com Tamanhos: de 3,6 a 3,9 cm; diâmetro na direção do forninho: de 0,8 a 0,9 cm; e na direção da ponta: 0,6 a 0,7 cm.	Hastes com Tamanhos: de 3,8 e 7,1 cm; diâmetro na direção do forninho: de 0,7 e 0,9 cm; e na direção da ponta: 0,6 e 0,8 cm.
Pedúnculos	Sem pedúnculo; com pedúnculo plano e altura ao nível da haste.		
Furos das hastes	Descentralizados, todos com 0,2 cm.	Descentralizados, todos com 0,2 cm	Descentralizados: um com 0,2 e o outro com 0,15 cm.
Queima da pasta	Completa	Completa	Completa
Cores da pasta	Branco 1000 Munsell N 9,5 (interno e externo)	Branco 1000 Munsell N 9,5 (interno e externo)	Branco 1000 Munsell N 9,5 (interno e externo)
Decoração	Fornilhos (02): Letra em alto relevo: - Marca com “T”, nos dois lados do forninho, sem pedúnculo; Letra alto relevo: “W”, nos dois lados do pedúnculo plano (tipo 27 de 1760-1800); Hastes (03): - Alto relevo, circundando a haste, traços na horizontal da haste; - Com número e nome de um lado e nome do outro, inciso tipo carimbados: “73___” e “GLASGOW”; - Com nomes dos lados e um “X” nos dois lados do pedúnculo reto e plano: nomes “GLASGOW e MCDUGA...”; - Com nomes dos dois lados: “GRASG... RRAV”.	Hastes (03): - Alto relevo, circundando a haste, traços na horizontal da haste; - Com número e nome de um lado e nome do outro, inciso tipo carimbados: “73___” e “GLASGOW”; - Com nomes dos lados e um “X” nos dois lados do pedúnculo reto e plano: nomes “GLASGOW e MCDUGA...”; - Com nomes dos dois lados: “GRASG... RRAV”.	Hastes (02): - Nomes: “GISELE M E à Paris”; - Nome: “L Fiolet Sioner”.

A seguir, imagens de cachimbos britânicos e franceses do Sítio Pilar (Prancha 49).

Prancha 49 - Sítio Pilar – Cachimbos britânicos e franceses	
Fornilhos de cachimbos ingleses (decorações em alto relevo)	
Fornilho com haste e letra “W”, nos dois lados e pedúnculo plano. 	Fornilho com letra “T”, nos dois lados e sem pedúnculo. 
Cachimbo bege inglês	
Haste com decorações em alto relevo, ramos florais e um zoomorfo (“raposa”), com similaridade de fabricação inglesa. 	
Cachimbos escoceses	
Hastes com decorações indicando nomes em baixo relevo, incisos ou carimbados.	
Nome “GLASG...” com pedúnculo pontudo 	Nome “...RRAY” 
Cachimbos franceses	
Hastes com nomes, em baixo relevo, incisos ou carimbados, circundando o artefato.	
Nomes: “GISELE M E à Paris”; 	
Nome: “L Fiolet Sioner”; 	

Fonte: O Autor (2024).

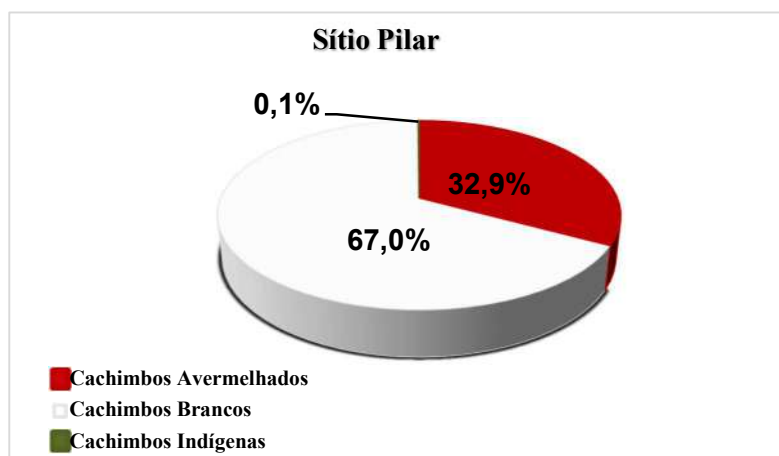
O Sítio Pilar pode ser classificado como um assentamento misto, de intensa ocupação humana, desde o período holandês. No total de 1.072 artefatos de cachimbos coletados, foram revelados atributos característicos do século XVII, vistos através dos quantitativos de artefatos de fumar distribuídos: 725 (67,6%) com predominância de cachimbos brancos e de fabricação holandesa, incluindo 11 de fabricação britânica e dois franceses; 346 (32,3%) cachimbos avermelhados; e 1 (0,1%) classificado como cachimbo de fabricação indígena.

Conforme a tabela síntese de nº 26, dos 1.072 artefatos analisados, 857 são fragmentos de hastes e 215 são forninhos, incluindo, o indígena. Entre eles, 82 cachimbos avermelhados são de duas peças, com furos nos apêndices, de possível serventia para fixá-lo em parte do corpo ou do vestuário com peça de cordame para evitar a perda e facilitar o uso.

Tabela 26 - Sítio Pilar – Síntese geral por agrupamento de artefatos decachimbos

Agrupamentos	Artefatos de Cachimbos Brancos	Artefatos de Cachimbos Avermelhados	Artefatos de Cachimbos Indígenas
Fornilho com haste	33 (31 h + 02 b)	16	00
Forninhos	51	32	00
Hastes (857 artefatos)	641 (634 h + 09 b + 02 f)	216	00
Fornilho com suporte para encaixe (fornilho ou suporte)	00	82	00
Cachimbo completo	00	00	01
Total = 1.072	725 (67,6%)	346 (32,3%)	01(0,1%)

Legenda: h = holandês, b = britânicos, f = franceses.



4.4.2.4 Cachimbos de Olinda

O surgimento do núcleo urbano de Olinda ocorreu em 1537, quando o donatário Duarte Coelho construiu seu “castelo” no Alto da Sé, cuja localização visualizava toda a Várzea do Capibaribe e a calha do Rio Beberibe, para a proteção dos ataques indígenas. Os alojamentos dos colonos foram estabelecidos ao seu redor. Entretanto, nas imediações da povoação, entre o mar, a localização era desfavorável à atracação de embarcações. Porém, uma légua em direção ao sul, na extremidade do istmo arenoso, encontrou um excelente porto natural abrigado por muralha de arrecifes, onde começou a fundação do porto de Olinda. O transporte de mercadoria era feito pelo istmo ou em canoas pelo rio Beberibe. Depois, Duarte Coelho iniciou a construção de uma ermida passando a ser a igreja do Salvador do Mundo, a Sé de Olinda (Rêgo, 2008, p. 6).

Olinda, até o século XVII, tornou-se um importante centro urbano do Brasil e seu porto, Recife, o mais próximo da Europa e da África. A cidade tinha tanto destaque quanto Salvador, que era a sede do Governo Geral, conforme poderá ser visto nas ilustrações no

Na época, foram construídas muitas residências, imponentes igrejas, confirmando a suntuosa vida que levavam os colonizadores, que usufruíam da prosperidade da capitania de Pernambuco. Os materiais para as edificações foram extraídos das vizinhanças, como: barro, areia, cal e madeira das matas. As mais primitivas construções foram de taipa, devido à abundância do barro. Depois, com o surgimento das olarias, passou a construir com tijolos (alvenaria). As pedras vinham de Jaboatão, e o telhado era constituído da palha de coqueiro (Rêgo, 2008, p. 6).

Em 1580, Olinda possuía cerca de 700 casas e, aproximadamente, 3.500 moradores. Em 1630 foi incendiada pela invasão holandesa, sendo destruída em sua quase totalidade. A partir de 1631, as feições de ruas e logradouros de Olinda apresentavam-se conforme descrito, a seguir: no alto, havia o Paço do Governador e a Igreja do Salvador do Mundo (Sé de Olinda) e, a partir dela, descia a Rua Nova, depois do Paço (atual Azeredo Coutinho); entre o Carmo e os Quatro Cantos, a Rua do Serralheiro, com travessa para a Rua de São Pedro; a Rua do Salvador, depois Coelho (entre São Pedro e Quatro Cantos); a do Rocha; a dos Banes; a de São Pedro e Santo Antônio; da Ponte; a da Conceição; a da Janianes (hoje, Bonfim); a da Biquinha (do Varadouro a São Pedro); a da Direita; a da Palhais; a do Carapina e a do Figueira. Também havia a Matriz, Alfândega e, no Varadouro, o Porto das Canoas que navegavam pelo Rio Beberibe até o Porto do Recife (Rêgo, 2008, p. 6).

Olinda no século XVII representada na figura 37.

Figura 37- Olinda, Recife, o istmo e os arredores em 1654, data da rendição holandesa

Olinda, Recife, o istmo e os arredores em 1654, data da rendição holandesa



Fonte: Exército Brasileiro (2024)

Vista de Olinda em 1651



Fonte: Arquivo Nacional (2024)

Fonte: Exército Brasileiro (2024); Arquivo Nacional (2024)

As análises dos artefatos de cachimbos aconteceram a partir de duas intervenções arqueológicas ocorridas como acompanhamentos de obras de requalificação urbana no Sítio Histórico de Olinda, no entorno da igreja do Alto da Sé, em ruas e logradouros.

De 2008 a 2009 ocorreram intervenções arqueológicas no entorno da igreja do Alto da Sé e descritas a partir de quatro relatórios do “Projeto Arqueológico do Alto da Sé, Olinda, Pernambuco”, registrado no IPHAN/PE sob o nº 01498.001732/2008-09. Os trabalhos arqueológicos foram realizados na frente da igreja, na Praça do Observatório, no Mercado do Artesanato, na Escadaria da Ladeira e na Rua Bispo Coutinho de Baixo, sob a coordenação do arqueólogo Nuno José de Souza Rêgo (Rêgo, 2008, p. 3-4).

No período de 2018 a 2019 houve as intervenções arqueológicas como parte das atividades desenvolvidas durante toda a obra de infraestrutura urbana do “Projeto de Avaliação de Impacto ao Patrimônio Arqueológico” em ruas e logradouros do Sítio Histórico de Olinda. E, para atender ao empreendimento Olinda mais Água, Sistema de abastecimento de água, ocorreram as etapas de abertura de vala para trocas e assentamento de novas tubulações. O acompanhamento das intervenções arqueológicas aconteceu sob a coordenação

da arqueóloga Gleyce da Conceição Lopes dos Santos e poderá ser conferida pelos relatórios, cujo processo está depositado no IPHAN/PE com o nº 01498.900583/2017-45 (Lopes, 2019).

As atividades de escavação foram realizadas em diversas ruas e logradouros no Sítio Histórico, como: Rua Nova do Monte, Travessa Bartolomeu de Medeiros, Praça Conselheiro Miguel Canuto, Rua Cândida Luiza, Rua Severino José Ramalho, Rua Bispo Coutinho, Saldanha Marinho, Ladeira da Sé, Ladeira da Misericórdia, Rua do Bonfim, Rua Henrique Dias, Estrada do Bonsucesso, Rua São João, Rua Bernardo Vieira de Melo, Avenida da Saudade, João Ubaldo de Miranda, Rua São Miguel, Avenida Mário Melo, Rua 13 de Maio, Rua da Boa Hora, Rua Coronel Joaquim Cavalcante, Rua José Martiniano com a Rua João Carneiro Beltrão, Bica dos Quatro Cantos, Rua Ilma Cunha, Rua Dom Carlos Coelho, Rua José Lacerda Filho, Avenida Professor Manoel Regueira, Rua Alto do Monte, Rua dos Tocos, Rua Santo Elias, Rua Ataulfo Alves, Rua Presidente Kenedy, Rua Francisco Batista Bezerra, Rua Carlos Gomes, Rua Sebastião Lopes, Rua da Nação, Rua Belmonte, Ladeira da Sé (Lopes, 2019). Podendo ser vista abaixo no Quadro 52, imagens de ruas e logradouros de Olinda, inclusive momento de uma escavação com o recolhimento de uma peça de cachimbo.

Na figura 38 é possível observar imagens de Olinda contemporânea e das intervenções arqueológicas realizadas no ano de 2019.

Figura 38 - Sítio Olinda – Imagens de ruas e logradouros de Olinda	
Igreja e pátio do Alto da Sé	Rua Bispo Coutinho, no Alto da Sé
	
Foto do Autor (2024).	
Ruas do entorno da Igreja N. S. de Guadalupe	Intervenção arqueológica na Rua Bispo Coutinho (artefato de uma haste de cachimbo avermelhado)
	
Foto de Santos (2019)	

Fonte: O Autor (2024); Santos (2019).

Os cachimbos analisados nas duas intervenções arqueológicas somaram 394, sendo das ruas e logradouros, juntou 148 sendo 129 artefatos de cachimbos avermelhados (agrupados em 23 forninhos com hastes, 11 forninhos, 89 hastes e 6 forninhos com suportes), 19 artefatos de cachimbos brancos (agrupados em 01 forninho e 18 hastes). No Alto da Sé, totalizou 246, sendo 215 artefatos de cachimbos avermelhados (agrupados em 14 forninhos com hastes, 12 forninhos, 177 hastes e 12 forninhos com suportes) e 31 artefatos de cachimbos brancos (agrupados em 3 forninhos com hastes e 28 hastes), conforme descrição abaixo.

Caracterização de cachimbos de uma só peça e imagens de peças de cachimbos conforme Pranchas 42 e 43, abaixo:

- A morfologia de cachimbos com uma só peça, com ângulo, quase todos de 90°;
- A técnica de fabricação com indicativos de fabricação manual para os cachimbos de uma só peça, devido à falta de simetria sem marcas de moldes; com uso de instrumentos, indicados pelas marcas desses instrumentos na área interna do forninho;
- Sem pedúnculos ou apêndices;

- d) Os forninhos foram mensurados com altura, da base à borda, variando de 2,3 a 3,8 cm e diâmetro interno da borda dos forninhos com variação de 1,4 a 2,0 cm;
- e) As hastes funil, quebradas com tamanhos variados de 2,3 a 10,9 cm, as espessuras próximas da base do forninho com variação de 0,9 a 2,3 cm e na direção da boquilha e na ponta da boquilha, de 0,7 a 1,8 cm;
- f) Os furos das hastes, descentralizados na sua maioria e poucos centralizados; considerando a quebra, incluindo na base do forninho, variação de 0,2 a 0,4 cm, maioria 0,3 cm;
- g) Pasta avermelhada, com variação predominante para a queima completa;
- h) Cores avermelhadas com variações na sua maioria para as cores camurça (8400 - Munsell 7,5 Y - R 5/6) e bege (8300-Munsell 10 Y – R 7/6). Também aparecem outras cores, como o marrom (8409 RAL 3009); preto (3000 – Munsell N 1,0); e, na quebra interna, com cinza (2600 Munsell N 5.0);
- j) Os artefatos apresentam-se, na maioria, sem decorações, mas com alisamento e polimento; todos com decorações no modo de incisões (traços, triângulos em baixo relevo, pontuações e até florais), conforme descrição das decorações no quadro abaixo.

- Alisado, polido e inciso com baixo relevo;

Forninhos

- a) Num forninho: duas linhas incisadas circundando-o; em cima deles arcos semicírculos e dentro deles outros arcos semicírculos preenchidos por traços;
- b) Haste com traços incisados geométricos, circundados, florais, traços fechados nas folhas na base do forninho e na haste;
- c) Haste: inciso com dois, quatro triângulos invertidos e traços horizontais entre eles e abaixo da borda do forninho.

Hastes

Com decorações: incisados e baixo relevo em cima da haste:

- Hastes sem decorações e pontas de hastes com afunilamento até a borda, com afunilamento e abertura na borda;
- Haste: inciso com uma fileira de triângulos invertidos em cima da haste, e alguns com linhas incisadas entre os triângulos;
- Haste: inciso com dois triângulos invertidos e traços horizontais entre eles;
- a) Traços incisados em ziguezagues, seguidos por dois triângulos alternados, paralelos e seguidos, novamente, por traços horizontais. Destaque para a borda de um forninho com cortes retos formando seis lados;

- b) Traços incisos, seguido por quatro triângulos incisos, separados por um traço e depois mais quatro triângulos incisos, separados por um traço, entre traços na horizontal, em cima da haste;
- c) Triângulos incisos em baixo relevo, seguindo na borda deles, fileiras ponteadas.

Na Prancha 50 abaixo, pode observar imagens de cachimbos avermelhados de uma só peça do Sítio Olinda.

Prancha 50 - Sítio Olinda – Cachimbos avermelhados		
Cachimbos de uma peça: Hastes		
Uma fileira de triângulos invertidos	Dois triângulos invertidos e traços horizontais separados por dois triângulos alternados.	Quatro triângulos incisos, separados por traços e mais quatro triângulos incisos.
		
Fileira de triângulos invertidos em cima da haste; alguns com linhas incisas entre os triângulos.	Triângulos incisos em baixo relevo, formando um losango; na borda, fileiras ponteadas e uma linha interligando-os.	Ponta afunilada sem decoração
		
		Ponta afunilada e abertura na borda
		

Fonte: O Autor (2024).

Na Prancha 51 abaixo, pode observar imagens de cachimbos avermelhados de uma só peça do Sítio Olinda.

Prancha 51 - Sítio Olinda – Cachimbos avermelhados		
Cachimbos de uma peça: Fornilho com haste		
Sem decoração, sem pedúnculo	Uma fileira de triângulos invertidos	Fornilho quebrado, na haste com traços incisos circundados, florais, traços fechados nas folhas na base do fornilho e na haste
		
Fonte: O Autor (2024).		
Fornilho com haste: amassado na borda do fornilho, haste sem decoração	Fornilho com haste: triângulos invertidos, ponteados e traços abaixo da borda do fornilho	
		
Fonte: O Autor (2024).		
Cachimbos de uma peça: forninhos		
Traços incisos horizontais, seguidos por dois triângulos alternados, paralelos e por traços horizontais. Destaque para a borda de um fornilho com cortes retos formando seis lados.		Traços incisos com dois triângulos invertidos e traços horizontais entre eles, abaixo da borda do fornilho.
		
		
Cachimbos de uma peça: hastes		
Duas linhas incisadas circundando o fornilho; em cima deles, arcos semicírculos; dentro deles, outros semicírculos preenchidos por pequenos traços incisos.		Duas linhas incisadas circundando o fornilho; em cima deles, arcos semicírculos; dentro deles, outros arcos semicírculos preenchidos por traços.
		
		

Fonte: O Autor (2024).

Caracterização de cachimbos avermelhados de duas peças do Sítio Olinda:

- a) Morfologia de cachimbos de forninho com suporte de encaixe, apresentando ângulos de 90°C, fornilhos e suporte com formato de funil;
 - b) Técnica de fabricação com indicação do uso de instrumento na área interna do forninho e com marcas da linha de encontros dos moldes;
 - c) Apêndices, todos com furos no meio triangular, localizados embaixo do forninho;
 - d) Dos seis fornilhos com suportes, cinco quebrados e imensuráveis, apenas um mensurado com altura, da base à borda, de 3,2 cm e diâmetro interno da borda dos fornilhos de 2,3 a 3,9 cm;
 - e) Os furos dos suportes para encaixes, na maioria, centralizados e o diâmetro dos furos com 0,8 e 0,9 cm;
 - f) Queima da pasta, cinco completas e apenas uma incompleta;
 - g) Cores avermelhadas todas com a cor camurça (8400 - Munsell 7,5 Y - R 5/6) e um interno com a cor cinza (2300 0- Munsell 0,84 B 6,06/1,27);
 - h) Há uma riqueza de detalhes nas decorações dos cachimbos de fornilhos com suportes, revelando uma forma incisa e em alto relevo, localizada tanto no forninho quanto no suporte, conforme destaques no quadro abaixo de decorações.
- No forninho e no suporte com alto relevo na borda, depressões inclinadas e, dentro delas, dois traços incisos; duas linhas no forninho na horizontal e no lado oposto ao suporte;
 - Suporte com alto relevo na borda, com inciso em triângulos circundando o alto relevo da borda;
 - Forninho quebrado: suporte com alto relevo na borda e linhas incisas na horizontal, leve inclinação, circundando todo o alto relevo; duas linhas incisas circundando a área baixa do suporte; com cinco apêndices, o do meio com furo, os dois de cada lado sem furos;
 - Forninho quebrado: suporte com alto relevo na borda e depressões alternadas no alto relevo; com apêndices e o furo no meio;
 - Forninho quebrado: suporte com alto relevo na borda e base do forninho com decoração floral; apêndice triangular com furo no meio, em cima do relevo do suporte.

Na prancha 52 abaixo, pode-se observar imagens de cachimbos avermelhados de duas peças, do Sítio Olinda.

Prancha 52 - Sítio Olinda – Cachimbos avermelhados			
Cachimbos de duas peças (fornilho e suporte)			
No fornilho e no suporte com alto relevo na borda, depressões inclinadas e, dentro delas, dois traços incisos; duas linhas no fornilho na horizontal e no lado oposto ao suporte		Suporte com alto relevo na borda, com inciso em triângulos circundando o alto relevo da borda	
			
Fornilho quebrado: suporte com alto relevo na borda e linhas incisas na horizontal; leve inclinação, circundando todo o alto relevo; duas linhas incisas circundando a área baixa do suporte; cinco apêndices, o do meio com furo, os dois de cada lado sem furos		Fornilho quebrado: suporte com alto relevo na borda e depressões alternadas no alto relevo; com apêndices e o furo no meio	
			
Suporte com alto relevo na borda e base do fornilho com decoração floral; apêndice triangular com furo no meio			
			

Fonte: O Autor (2024).

Caracterização dos cachimbos brancos de Olinda:

Os cachimbos brancos analisados numa intervenção arqueológica ocorrida em Ruas e no Alto da Sé, o Centro Histórico de Olinda, somaram 148 artefatos e entre eles identificaram-se 50 de cachimbos brancos, revelados conforme caracterização abaixo:

1. A morfologia de cachimbos de uma só peça, um fornilho analisado possuía um ângulo mensurado em 50°, exibindo um formato de funil;
2. A técnica de fabricação indica uso de instrumento na área interna do fornilho e o uso de moldes, com as marcas de encontro dos moldes em fornilhos e hastes;
3. O fornilho mensurado com 4,6 cm de altura, da base à borda; e com 1,9 cm do diâmetro interno da borda;

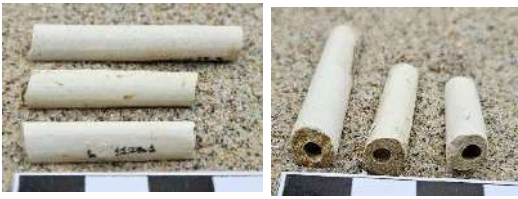
4. As hastes com tendência levemente funil, quebradas com tamanhos variados de 2,0 a 6,2 cm e as espessuras próximas da base do forninho com variação de 0,6 a 1,1 cm e na direção da boquilha de 0,6 a 1,0 cm;
5. Pedúnculos não identificados devido à quebra e à falta de evidência do único forninho;
6. Os furos das hastes, na maioria descentralizados; medidos na quebra, incluindo na base do forninho, com variação de 0,2 a 0,3 cm e um com 0,4 cm;
7. Pasta de caulinita, com variação predominante para a queima completa com indicação da cor branca (1000 Munsell N 9,5 - interno e externo) e, quando incompleta, com cinza (2432 RAL 7032- interno);
8. A decoração:
 - com alisamento e polimento;
 - artefatos sem decoração e os com decoração variada: inciso, alto relevo, serrilhado, carimbado;
 - Decoração no forninho: inciso serrilhado na borda do forninho;
 - Decoração na haste:
 - Carimbado em cima da haste em losangos sequenciados e com a flor de lis;
 - Alto relevo na ponta da haste ou boquilha;
 - Flor, folhas, florais, ponteados, dois espirais aos lados, circundando a haste, em alto relevo, com marcas de encontro de moldes, área de alto relevo no meio da haste com fileira de ponteados e círculos;
 - Florais entre círculos ponteados, circundando a haste, duas linhas, todos em alto relevo.

Na Prancha 53 abaixo, pode observar imagens de cachimbos brancos do Sítio Olinda.

Prancha 53 - Sítio Olinda – Cachimbos brancos	
Fornilho com haste: Angular funil, levemente cônico abaulado serrilhado na borda do forninho, com marca do fabricante em baixo do pedúnculo	Fornilho: Angular funil, levemente cônico abaulado; serrilhado na borda do forninho; área do pedúnculo quebrado
	

Fonte: O Autor (2024).

Na Prancha 54 abaixo, pode observar imagens de cachimbos brancos do Sítio Olinda.

Prancha 54 - Sítio Olinda – Cachimbos brancos			
Hastes			
Hastes decoradas: em alto relevo florais ponteadas; linhas, círculos, marcas do encontro de moldes; queima completa; furos com 0,3 cm			
Florais: flor, folhas, com ponteados dentro de círculos, linhas circundando a haste; área de alto relevo no meio da haste com fileira de ponteados e círculos		Florais: ponteados e linhas partindo de ponto	
			
Hastes decoradas: losangos carimbados, sequenciados com a flor de lis internamente		Artefatos de hastes sem decoração	
			

Fonte: O Autor (2024).

Uma Síntese de cachimbos de Olinda

O sítio Vila de Olinda, do século XVII, apresenta-se como área de intensa ocupação mista, construída pelos luso-brasileiros em 1630. Foi destruída e incendiada pelos holandeses. Depois, com a saída das tropas neerlandesas para o Recife, voltou a ser reconstruída e povoada, inclusive com a presença de mercadores holandeses (Mello, 2010).

Conforme tabela 27 abaixo e os dados procedentes de escavações em Ruas e na praça da igreja do Alto da Sé, ainda do período da antiga vila de Olinda do século XVII, poderá ser observado o total de 394 artefatos de cachimbos coletados, revelando atributos característicos do século XVII. Foram registrados os seguintes quantitativos de artefato de fumar: 50 ou 12,7% de cachimbos brancos, característicos de fabricação holandesa e do século XVII; e 344 ou 87,3% de cachimbos avermelhados.

Dos 394 artefatos analisados, subtraindo 312 fragmentos de hastes, encontram-se 82 forninhos. Entre eles, haviam 18 cachimbos avermelhados de duas peças com furos nos

apêndices, e possível serventia para fixá-lo em parte do corpo ou do vestuário, com peça de cordame para evitar a perda e facilitar o uso.

A seguir, pode-se observar uma síntese dos agrupamentos de cachimbos do Sítio Olinda (Tabela 27).

Tabela 27 - Sítio Olinda – Síntese Geral por agrupamento de artefatos de cachimbos						
Agrupamentos	Artefatos Cachimbos Brancos			Artefatos Cachimbos Avermelhados		
	Ruas	Alto da Sé	Total	Ruas	Alto da Sé	Total
Fornilho com haste	0	3	3	23	14	37
Fornilhos	1	0	01	11	12	23
Hastes (312 artefatos)	18	28	46	89	177	266
Fornilho com suporte	0	0	0	6	12	18
Cachimbo completo	0	0	0	0	0	0
Total (50 +344) = 394	19	31	50 (12,7%)	129	215	344 (87,3%)



4.4.3 Cachimbos de Engenhos

Foram analisadas coleções de artefatos de cachimbos de três sítios e de natureza social de áreas produtoras de açúcar, denominados de engenhos, sendo: 1º) Engenho Monjope, em Igarassu/PE; 2º) Engenho do Campo, em Paulista/PE; 3º) Engenho Madalena, em Recife, conforme descrição a seguir.

4.4.3.1 Cachimbos do Engenho Monjope – Igarassu/PE

A primeira intervenção arqueológica ocorreu em 2005 sob a coordenação da professora doutora Gabriela Martin, com o Projeto intitulado “Engenho de Monjope: pesquisa arqueológica da moita, processo no IPHAN/PE com o nº 01498.000251/2003-63. O projeto fez parte de um programa de recuperação e restauração do conjunto de edifícios do antigo Engenho Monjope, na antiga vila de Igaráu, numa área de 78.390 m², localizado no atual município de Igarassu. Trata-se do único engenho que ainda mantém os quatro elementos arquitetônicos, ainda que em estado precário de manutenção. A casa grande, a capela, a senzala e a moita estão dispostas em torno de um pátio retangular, cortado por um aqueduto de grande impacto visual que servia como abastecimento de água para a roda da moenda. A casa grande encontra-se numa colina e, apesar de seu abandono, guarda características originais construtivas. A capela, situada ao lado da casa grande, encontra-se mais conservada com suas características originais e continua sendo usada pela comunidade local, para cultos religiosos. A moita situa-se numa cota altimétrica inferior à da casa grande, com estrutura construtiva preservada, apesar de algumas ruínas em seu entorno. A senzala, também situada em cota altimétrica inferior à da casa grande, guarda as características construtivas originais e com alguns acréscimos, cômodos transformados em banheiros. A moita, área de produção do açúcar e seus derivados, foi o primeiro espaço para uma intervenção arqueológica (Martin, 2005, p. 2-3).

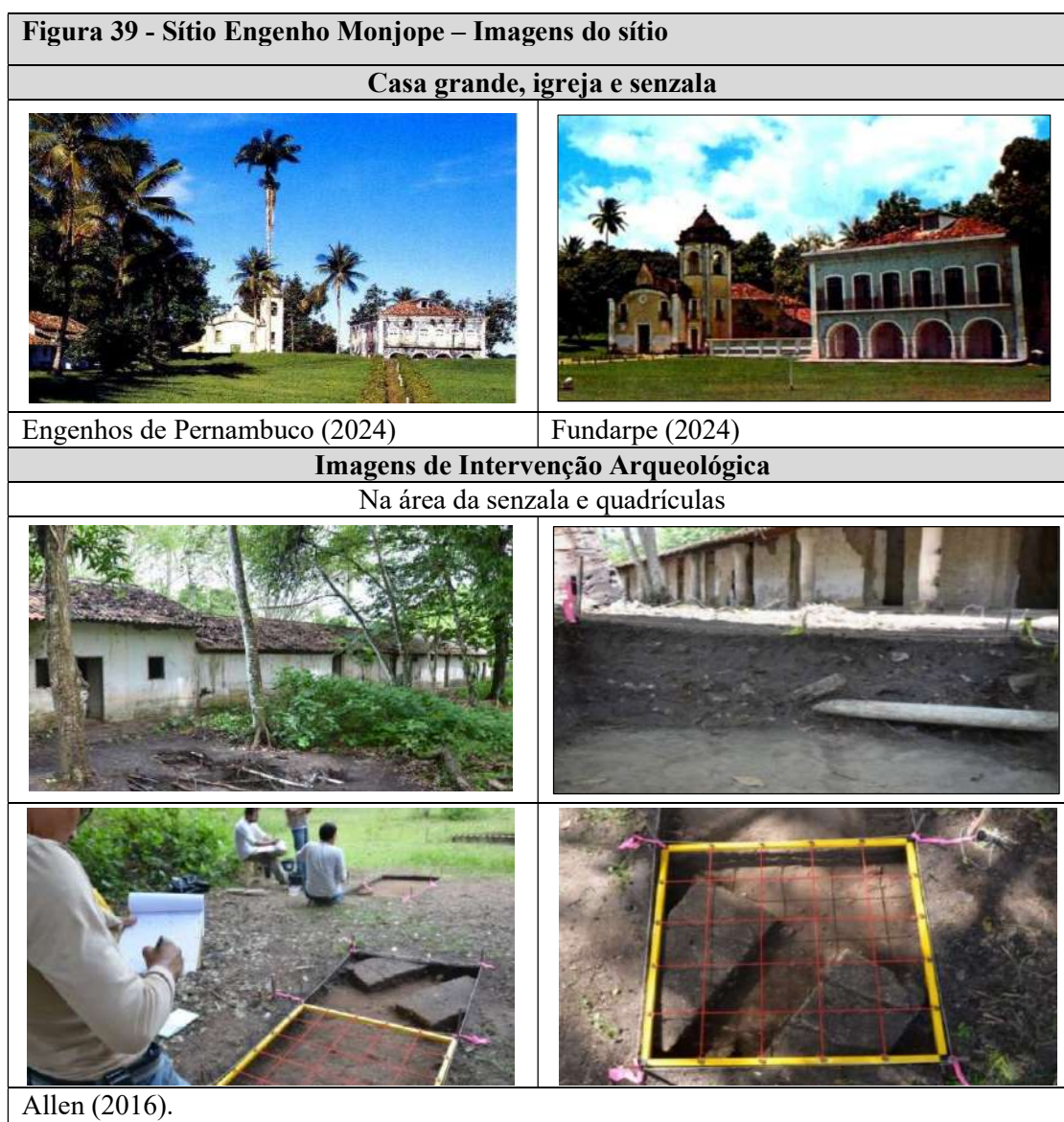
Outras intervenções arqueológicas ocorreram a partir de 2011, sob a coordenação do Professor Dr. Scott Joseph Allen. O “Projeto Arqueológico Monjope: Etapa 1: A Senzala” foi iniciado com sondagem e depois escavação ampla (Alen, 2011).

As primeiras menções escritas acerca do Engenho Monjope surgiram por volta de 1600, em um documento de doação de terras aos jesuítas do Colégio de Olinda, por parte de Antônio Jorge e Maria Fernanda Farinha, proprietários do Engenho Inhamã (Allen, 2011).

O Engenho Monjope começou com atividade artesanal de açúcar, no século XVII. Sabe-se que, por volta de 1666, já existia uma propriedade e em 1679 tornou-se uma residência dos padres jesuítas do Colégio de Olinda, no qual cerca de 100 escravos trabalhavam na produção agrária (Martin, 2005, p. 2-3). Essas terras eram conhecidas como Tajepe e se situavam nos limites de Igarassu, conhecidas como terras dos jesuítas até a invasão holandesa. Quanto ao domínio holandês nos engenhos, além da produção de açúcar, relatam a produção de tijolos (Alen, 2011).

De acordo com os relatórios, as intervenções arqueológicas ocorreram em áreas externas e no entorno das edificações denominadas de senzala, de casa grande e da moita, local de fabricação do açúcar do Engenho Monjope.

Imagens de edificações do Sítio Engenho Monjope no ano de 2024 e de intervenções arqueológicas em 2016 podem ser observadas na figura 39.



Fontes: Allen (2016); Engenhos de Pernambuco (2024); Fundarpe (2024); Allen (2016).

O material recolhido nas escavações encontra-se sob a guarda do Núcleo de Estudos Arqueológicos, do Curso de Arqueologia/UFPE. Foram disponibilizados e analisados apenas 5 artefatos de cachimbos, identificados como: um forninho com suporte para encaixe, um forninho com haste e três hastes, conforme as características descritas abaixo.

Caracterização de um forninho com haste:

Um forninho com haste (RG: MJ-A- 1284.1) procedente da escavação do Engenho Monjope, pode ser enquadrado como artefato de fumar do século XVII, conforme caracterização abaixo:

- a) Morfologia angular de 90°;
- b) Técnica de fabricação manual, devido à falta de simetria, furo descentralizado e sem marca de moldes;
- c) Quanto à decoração: alisado, polido e inciso com baixo relevo. Fornilho: quebrado, com três traços incisos seguindo a borda do fornilho, sem apêndice; Haste: quebrada e sem decoração;
- d) Sem pedúnculo e sem apêndice;
- e) Fornilho mensurável com altura da base à borda de 3,1 cm; diâmetro (interno) com de 2,1 cm (quebrado);
- f) Furo descentralizado com 0,3 cm de diâmetro;
- g) Queima da pasta incompleta;
- h) Cor da pasta cerâmica diferente, interna e externamente, seguindo a tabela de cores Munsell ou RAL: Camurça (8400 - Munsell 7,5Y R 5/6) e Cinza (2600 - Munsell N 5,0).

Na Prancha 55 abaixo, pode observar imagens de um cachimbo avermelhado de uma só peça do Sítio Engenho Monjope.

Prancha 55 - Engenho Monjope – Cachimbos avermelhados		
Um forninho com haste		
Fornilho quebrado indicando traços incisos próximos da borda; uso de instrumento na área interna; queima incompleta; furo descentralizado		
		

Acervo sob guarda do Laboratório de Estudos Arqueológicos - NEA/UFPE

Fonte: O Autor (2023).

Caracterização de um forninho para encaixe ou de duas:

Um forninho com suporte foi coletado numa escavação no Engenho Monjope, se registrado (com o número RG: MJ-A- 1285.1) se enquadra aos do século XVII e descrito abaixo com a seguinte caracterização:

- a) A morfologia imensurável devida à quebra;
- b) Com técnica de fabricação manual devido à falta de marca de moldes, sem simetria e furo descentralizado; também se verificam marcas de uso de instrumentos na área interna do forninho;
- c) Quanto à decoração, alisado interno, polido, com dois traços incisos paralelos no alto relevo da borda da boquilha do suporte de encaixe;
- d) Sem identificar o pedúnculo ou o apêndice, devido à área quebrada;
- e) Altura e diâmetro imensuráveis, devido à quebra;
- f) Furo do suporte com diâmetro de 0,8 cm;
- g) Queima incompleta;
- h) Diferença na cor interna e tabela de cores Munsell ou RAL: com bege 98300- Munsell 10 YR 7/60.

Observa-se nas imagens abaixo um cachimbo avermelhado de duas peças do Sítio Engenho Monjope (Prancha 56).



Acervo sob guarda do Laboratório de Estudos Arqueológicos - NEA/UFPE

Fonte: O Autor (2023)

Caracterização das três hastes de cachimbos:

De acordo com as análises dos três artefatos de cachimbos e com referência aos dados de cachimbos de outros sítios, como o do Arraial do Bom Jesus, observa-se que dois artefatos se apresentam com hastes de encaixes do suporte de forninho e roscas. Portanto, não pertencem

ao século XVII. Enquanto o terceiro (com RG: MJ - J- 675) se enquadra como haste avermelhada do referido século, revelando decoração incisa, com um triângulo em cima da haste e o furo com 0,4 cm.

A Tabela 28 representa a caracterização dos três artefatos do demonstrativo correspondentes às três hastes de cachimbos avermelhados do Sítio Monjope.

Tabela 28 - Sítio Monjope – Demonstrativo das três hastes avermelhadas			
Artefatos de cachimbos: Hastes	PL-Caixa 46 -RG4370-Q-E 7-Camada 5 (01 artefato)	RG: MJ - A- 2217 (01 artefato)	RG: MJ - J- 675 (01 artefato)
Morfologia	Haste tipo funil	Haste tipo funil	Haste tipo funil
Técnica de fabricação	Uso de instrumentos, identificado pelas marcas de instrumentos na área interna do forninho e pela linha de encontro de moldes.	Uso de instrumentos, identificado pelas marcas de instrumentos na área interna do forninho e pela linha de encontro de moldes	Manual, devido à falta de simetria, furo descentralizado, falta de marca de moldes
Decoração	Sem decoração: Haste com rosca para encaixar no suporte do forninho	Sem decoração: Haste com achatamento, rosca para encaixar no suporte do forninho	Decoração: inciso com um triângulo em cima da haste
Espessuras	Tendência funil com tamanhos de 3,5 cm; com dois níveis de encaixes, no ponto em direção do forninho 0,9 cm e na direção da boquilha ponta da haste 0,6 cm	Tendência funil com tamanho de 7,7 cm; com dois níveis de encaixes no ponto em direção do forninho 1,2 cm e na direção da boquilha ponta da haste 1,2 cm	Tendência Funil com tamanho de 3,3 cm; no ponto em direção do forninho 1,4 cm e na direção da boquilha ponta da haste 1,3 cm
Furo	Descentralizado e com diâmetro de 0,2 cm	Descentralizado e com diâmetro do furo (achatado) de 0,7cm	Descentralizado e com diâmetro do furo de 0,4 cm
Queima	Completa	Completa	Completa
Cor	Cor diferente: externa e interna, Tabela de cores Munsell ou RAL: bege (8300 Munsell 10 YR 7/6)	Cor diferente: externa e interna, Tabela de cores Munsell ou RAL: Preto (3000 – Munsell N 1,0)	Cor semelhante: externa e interna; Tabela de cores Munsell ou RAL: Camurça (8400 - Munsell 7,5 Y R 5/6)

A Prancha 57 corresponde a imagens de um cachimbo avermelhado de duas peças, inclusive, duas hastes de encaixe do Sítio Engenho Monjope.

Prancha 57 - Engenho Monjope – Cachimbos avermelhados	
Hastes	
Haste camurça (RG: MJ - J- 675) (8400 - Munsell 7,5 Y R 5/6)	
	
Hastes para o encaixe no suporte de forninho	
Haste bege (8300 Munsell 10 YR 7/6)	Haste preta (3000 – Munsell N 1,0)
	

Fonte: O Autor (2024).

De acordo com a documentação histórica, o território do Engenho Monjope pertencia, inicialmente, à família de outro engenho, o Inhamã, desde 1600. Depois, foi doado aos padres jesuítas do Colégio de Olinda e, a partir de 1630, no período holandês, continuou fabricando açúcar e tijolos (Allen, 2011; Martin, 2023).

Conforme Tabela 29 abaixo, foram analisados cinco (05) artefatos disponíveis no laboratório NEA/UFPE. Os atributos são os seguintes: quatro (04) deles de uma só peça; e apenas 1 (uma) de duas peças. Dessa forma, aponta-se para a distribuição e consumo desses dois tipos avermelhados pelo território da Capitania. Quanto aos cachimbos brancos, não se encontrou nenhum fragmento de artefato.

Na tabela 29 abaixo, pode ser conferida uma síntese dos agrupamentos dos cachimbos do Sítio Monjope.

Tabela 29 - Sítio Monjope – Síntese dos agrupamentos dos artefatos			
Agrupamentos	Artefatos de cachimbos Brancos	Artefatos de cachimbos Avermelhados	Artefatos de cachimbos Indígenas
Fornilho com haste	0	1	0
Fornilhos	0	0	0
Hastes	0	3	0
Fornilho com suporte para encaixe (fornilho ou suporte)	0	1	0
Total = 5	0 (0%)	5 (100%)	0 (0%)



4.4.3.2 Cachimbos do Sítio do Campo - Paulista/PE

O sítio denominado de “Sítio do Campo” encontra-se situado na divisa entre os atuais municípios de Olinda e Paulista/PE. Uma parte dele está o Cemitério Morada da Paz, no Bairro Cidade Tabajara, Paulista/PE, podendo ser visto imagens no Quadro 54 abaixo. O sítio caracterizou-se por uma ocupação cotidiana rural de Olinda colonial e apresentou duas áreas: uma indígena, área I; e outra histórica, área II. A área I encontra-se totalmente destruída, em decorrência da obra de empreendimento construtivo Cemitério Morada da Paz (Borges, 2005, p. VIII).

A pesquisa teve a finalidade de identificar a continuidade tecnológica e morfológica entre as duas áreas. A ocupação indígena pré-histórica, as ruínas de engenhos, pequenas propriedades fizeram parte do Sítio do Campo, numa região fora do núcleo urbano de Olinda do século XVII. Após análise dos artefatos cerâmicos, identificou a contemporaneidade entre as duas áreas de ocupação, indígena e histórica, como também estabeleceu uma cronologia a partir dos vestígios históricos datados de 1650 a 1750 (Borges, 2005, p. 20-32).

Na Figura 40, imagens de 2024 da área do Sítio do Campo, no qual, atualmente, encontra-se instalado o cemitério Morada da Paz, município de Paulista/PE. No século XVII, aquela região fazia parte do território oeste de Olinda.

Figura 40 - Sítio do Campo – Imagens do Cemitério Morada da Paz

Fonte: Cemitério Morada da Paz (2024)

De acordo com os relatórios, a monografia de Fábio M. Borges (2005) e as intervenções arqueológicas ocorridas no Sítio do Campo resultaram na identificação de estruturas construtivas e de artefatos arqueológicos recolhidos sob a guarda do NEA/UFPE. Dentre o material coletado de ferro, restos construtivos como telhas, tijolos e fragmentos de louças (faiança portuguesa e porcelanas), encontram-se 19 artefatos de cachimbos de uma só peça, sendo: 3 forninhos com hastes; 4, só forninhos e 12 fragmentos de hastes, conforme as características descritas a seguir.

Caracterização dos artefatos de cachimbos do Sítio do Campo:

- a) Morfologia funil dos forninhos e das hastes com ângulo de 90°;
- b) Técnica de fabricação manual devido à falta de simetria, do furo descentralizado e sem marca de moldes;
- c) Furos das hastes, a maioria, descentralizados e com diâmetros dos furos na espessura de 0,25 a 0,4 cm;
- d) Sem pedúnculos e sem apêndices;
- e) Queima da pasta completa;
- f) Cores da cerâmica e da pasta, a maioria semelhantes, externas e internas, e tabela de cores Munsell ou RAL: quase todas com cor camurça (8400 - Munsell 7,5 Y R 5/6) e apenas uma marrom (8500 – Munsell 2,5 Y R 2/4);
- g) Decoração: alisados, polidos e incisos.

Dos Forninhos

- A maioria dos forninhos quebrados, na base indicam sem decoração, sem apêndice;
- Altura e diâmetros dos forninhos imensuráveis, devido à quebra;
- A decoração com traços incisos na horizontal, abaixo da borda inclinada e próximo da borda do forninho.

Das Hastes

- Quanto à decoração: incisos em cima de hastes, com inciso de triângulos e traços em ziguezagues, inclinados antes e depois dos dois triângulos; em cima da haste e próximo do fornilho; com sequência de fileira de triângulos únicos; com duas fileiras de triângulos invertidos únicos, no meio três fileiras de traços na vertical, entre as fileiras de triângulos; floral, espiral, ponteados e traços circundando a haste, em cima e nas laterais de hastes;
- Ponta de hastes com inclinação para aumento da espessura da boquilha;
- Destaques para ervas no furo de uma haste, RG nº 270 e 09 fragmentos de hastes sem decoração;
- Espessuras das hastes com tendência funil: tamanhos variados de artefatos quebrados, de 1,1 a 7,2 cm; no ponto em direção ao fornilho: de 1,0 a 1,6 cm; e na direção da boquilha ponta da haste: de 0,8 a 1,3 cm.

Na Prancha 58, encontram-se imagens de cachimbos avermelhados de uma só peça do Sítio do Campo.

Prancha 58 - Sítio do Campo – Cachimbos avermelhados	
Fornilho com haste	
Decoração: inciso com triângulos invertidos; traços em ziguezagues	
	
Hastes	
Decoração floral, espiral, ponteados e traços circundando a haste, em cima e nas laterais	
	
Decoração: inciso com triângulos invertidos com traços em ziguezagues	Ponta de haste com inclinação para aumento da espessura da boquilha
	
Incisos com sequência de fileira de triângulos únicos	Haste sem decoração, com ponta funil
	

Fonte: O Autor (2023).

No assentamento arqueológico denominado de Sítio do Campo, sem indicativo de referencial documental mais preciso, foi desenvolvida uma pesquisa arqueológica em 2005. Duas áreas de ocupações antrópicas foram identificadas: a primeira, com vestígio indígena pré-histórico ou pré-colonial; e a outra, com ruínas da existência de pequenos engenhos, numa área nas proximidades da vila de Olinda, fora do núcleo urbano, estabelecendo datação pelos indicativos de vestígios históricos do período de 1650 a 1750 (Borges, 2005).

Conforme a Tabela 30 abaixo, foram analisados dezenove (19) artefatos de cachimbos disponíveis no acervo do laboratório. Os atributos são todos procedentes da tipologia de cachimbos avermelhados de uma só peça. Mesmo exibindo outros tipos de vestígios de ocupação indígena, não foi coletado nenhum artefato de fumar desse grupo cultural, nem artefato de cachimbo branco.

Na tabela 30 poderá ser conferida uma síntese dos agrupamentos dos cachimbos do Sítio do Campo.

Tabela 30 - Sítio do Campo – Síntese dos agrupamentos dos artefatos

Agrupamentos	Artefatos de Cachimbos Brancos	Artefatos de Cachimbos Avermelhados		Artefatos de Cachimbos Indígenas
Fornilho com haste	0	03		0
Fornilhos	0	04		0
Hastes	0	12		0
Fornilho com suporte para encaixe	0	0		0
Cachimbo completo	0	0		0
Total = 19	0 (0%)	19 (100%)		0 (0%)



4.4.3.3 Cachimbos do Engenho Madalena - Recife

O Engenho Madalena tem como referência o casarão denominado de Sobrado Grande da Madalena, situado no nº 1150 da praça João Alfredo, no bairro da Madalena, Recife, PE. No momento, abriga o Museu da Abolição (Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, 2023; Albuquerque, 2013).

As terras do engenho, situado nas várzeas do Capibaribe e na área do no atual bairro da Madalena, pertenciam originalmente a Jerônimo de Albuquerque, como parte de doação feita por seu cunhado Duarte Coelho. No final do século XVI, as terras passaram para seus filhos e depois foram vendidas a várias pessoas. No entanto, uma área foi adquirida por Pedro Afonso Duro, casado com Madalena Gonçalves. Eles instalaram um engenho de açúcar denominado de Engenho da Madalena. No seu entorno, gradativamente, estabeleceu-se uma povoação ligada ao engenho. Depois, com o novo proprietário João Mendonça, passou a ser chamado de Engenho Mendonça, mas o nome Madalena persistiu junto à população (Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, 2023; Albuquerque, 2013, p. 24-25).

A intervenção arqueológica ocorreu a partir da execução do Projeto Arqueológico na área das obras de implantação do Túnel da Abolição, no corredor de transporte público de passageiros Leste-Oeste, da cidade do Recife/PE – Fases I e II. Arqueolog Pesquisas, Recife, 2013 (Albuquerque, 2013).

A Figura 41 abaixo, mostra imagens do sobrado do Sítio Engenho Madalena em 2024 e das intervenções arqueológicas em 2013.

Figura 41 - Engenho Madalena – Imagens de edificações**Casa grande do Engenho Madalena
(Abriga o Museu da Abolição)**

Imagem adquirida pelo <https://www.ipatrimonio.org/wp-content/uploads/2017/05/Sobreado-da-Madalena-Imagem-Fundaj-3.jpg>

**Casa grande do Engenho Madalena e o
Túnel da abolição**

Imagem adquirida pelo <https://www.transportes-daniel.blog.br/2015/04/tunel-da-abolicao-inaugurado-finalmente.html>

Imagens das escavações

Imagem adquirida pelo <https://www.cliografia.com/2013/07/22/esqueleto-humano-possivelmente-do-seculo-16-encontrado-nas-obras-do-tunel-da-abolicao-recife>.

Quanto aos cachimbos, entre o material recolhido, apenas três fragmentos de artefatos de fumar foram revelados: dois de hastes com decorações incisas; e um suporte de forninho para o encaixe da haste, com relevo na borda do encaixe, traços incisos e um apêndice triangular com furo, conforme caracterização, imagens na prancha 51 e demonstrativo abaixo.

Características das duas hastes:

- a) Morfologia afunilada;
- b) Técnica de fabricação manual, devido à falta de simetria, furo descentralizado e sem marca de moldes;
- c) Os dois artefatos alisados e polidos; um sem decoração e o outro decorado com um triângulo inciso em cima da haste;
- d) Furos dos dois artefatos, descentralizados e com 0,3 cm de diâmetro;
- e) Hastes com tendência funil e tamanhos de 2,2 cm e 3,8 cm; os diâmetros externos no ponto em direção ao forninho: um de 1,2 cm e o outro de 1,4 cm; e na direção da boquilha ponta da haste, um de 1,1 e o outro de 1,3 cm;
- f) Queima completa das pastas internas e externas;
- g) Cores semelhantes externas, na tabela de cores Munsell ou RAL: Camurça (8400 - Munsell 7,5 Y R 5/6).

Características do suporte de forninho para o encaixe:

- a) Forninho quebrado, mas mensurado como angular afunilado;
- b) Técnica de fabricação manual sem simetria, com furo descentralizado e falta de marca de moldes, porém indica o uso de instrumentos na área interna do forninho;
- c) Quanto à decoração, alisado, com alto relevo na borda do suporte e traços incisos horizontais alternando toda a borda;
- d) Com apêndice triangular, embaixo do forninho e furo no meio;
- e) O furo do suporte com 0,8 cm e centralizado;
- f) Queima completa da pasta, interna e externa;
- g) Cor semelhante externa, na tabela Munsell ou RAL: camurça (8400 - Munsell 7,5 Y R 5/6).

Conforme a Prancha 59 abaixo, imagens de duas hastes de cachimbos avermelhados de uma só peça e um artefato de cachimbo de duas peças do Sítio Engenho Madalena.

Prancha 59 - Engenho Madalena – Cachimbos avermelhados	
Imagens dos três artefatos	
Artefatos de cachimbos de uma só peça	Artefato de cachimbo, suporte do forninho para o encaixe da haste
Duas hastes de cachimbos avermelhados, com destaques para morfologia funil e a decoração incisa no formato de triângulo em cima dos dois artefatos	Suporte com alto relevo na borda, com incisos de linhas alternadas; forninho quebrado revelando apêndice triangular com furo
	

Fonte: o Autor (2023).

O Engenho Madalena teve a origem na propriedade da família Albuquerque, no século XVI, nas várzeas do Capibaribe. Já possuiu diversos proprietários, por herança e por venda. Apesar do quantitativo pequeno de artefatos de cachimbos coletado, a partir do acompanhamento de uma escavação de salvamento arqueológico, três fragmentos de artefatos de fumar foram analisados: dois de hastes com decorações incisadas; e um suporte de forninho para o encaixe. Assim sendo, mesmo com número reduzido, a análise apresentou uma indicação da extensão de consumo em engenhos de cachimbo avermelhado de uma só peça e de duas peças.

A tabela 31 apresenta uma síntese dos agrupamentos de cachimbos do Sítio Engenho Madalena.

Tabela 31 - Engenho Madalena – Síntese dos agrupamentos dos artefatos			
Agrupamentos	Artefatos de Cachimbos Brancos	Artefatos de Cachimbos Avermelhados	Artefatos de Cachimbos Indígenas
Forninho com haste	0	0	0
Forninhos	0	1	0
Hastes	0	2	0
Forninho com suporte para encaixe (forninho ou suporte)	0	0	0
Cachimbo completo	0	0	0
Total = 3	0 (0%)	3 (100%)	0 (0%)



5 CACHIMBOS E IDENTIDADES NA CAPITANIA DE PERNAMBUCO: RESULTADOS E RECONSTITUIÇÕES

O cachimbo como artefato fabricado para fumar e produção comercial, contém atributos característicos típicos de quem os produziu para a finalidade de consumo próprio e de venda. Enquanto os seus produtores encontram-se inseridos em contextos de grupos sociais ou de identidades sociais, portadores elementos culturais de pertencimentos.

5.1 RESULTADOS DAS ANÁLISES DO CONSUMO DE CACHIMBOS

Os resultados das análises de cachimbos, nos três tipos de sítios, abrangendo as 11 coleções de artefatos de cachimbos, da Capitania de Pernambuco, podem ser comparadas e analisadas conforme as seguintes descrições.

5.1.1 Resultados das análises de cachimbos nas Fortificações

Segue abaixo a descrição do resultado dos exames dos cachimbos brancos e avermelhados nas quatro fortificações.

Cachimbos Brancos nas fortificações

Após análise dos artefatos de cachimbos brancos nas quatro fortificações, todos eram de uma só peça e na sua maioria relacionados à fabricação holandesa, consumidos por eles, conforme a tabela 32 das caracterizações descritivas abaixo:

- a) As decorações encontram-se na maioria nos forninhos serrilhados, com marcas dos fabricantes, sem decorações nos fragmentos das hastes;
- b) A morfologia angular, cônica, abaulada com ângulo de 40° a 50°;
- c) Técnica de fabricação com indicativo do uso de instrumentos e moldes de duas bandas;
- d) Todos com pedúnculos planos e marcas dos fabricantes embaixo deles;
- e) Forninhos com altura média de 2,1 a 3,6 cm; diâmetro da borda com média de 0,9 a 1,4 cm;
- f) As hastes com médias variáveis de tamanho de 1,3 a 8,1 cm; espessura em direção do forninho de 0,6 a 1,2 cm; em direção da ponta de 0,5 a 1,1 cm;
- g) Os furos das hastes com variáveis de 0,2 a 0,3 cm; a maioria com 0,3 cm; alguns com 0,2 cm e um com 0,5 cm;
- h) A queima na maioria completa e poucas incompletas;
- i) A cor branca dominante, poucas beges e cinza interna;
- j) Origem de fabricação: quase todas holandesas e pouquíssimas inglesas ou britânicas.

Tabela 32 - Cachimbos Brancos de uma só peça nas Fortificações

Cachimbos Brancos (Caracterização)		Forte do Arraial (26 artefatos)	Forte de Tamandaré (01 haste)	Forte do Brum (2.589 artefatos)	Forte das Cinco Pontas (1.440 artefatos)
1	Com decoração	16	0	791 (01 forninho e 790 hastes)	393 (33 fornilhos com hastes, 117 fornilhos e 243 hastes)
	Sem decoração	10 (03 fornilhos e 07 hastes)	1	1.798 (287 fornilhos com hastes, 559 fornilhos e 952 hastes)	1.047 (hastes)
2	Morfologia	Angular, cônico abaulado de 40° a 50°	Haste levemente angular	Angular, cônico abaulado de 40° a 60°; 1 angular ovoide 60° (sec. XVII)	Angular, cônico abaulado com 50° e poucos com 40°
3	Técnica de fabricação	Instrumentos e Moldes	Instrumentos e Moldes	Instrumentos e Moldes	Instrumentos e Moldes
4	Pedúnculo	Plano com marca do fabricante	-	Plano com marca do fabricante	Plano com marca do fabricante
5	Fornilho	Altura de 2,9 a 3,2 cm; diâmetro de 1,1 a 1,3 cm	-	Altura de 2,1 a 3,5 cm; diâmetro de 0,9 a 1,3 cm	Altura de 2,4 a 3,6 cm; diâmetro de 1,0 a 1,4 cm
6	Haste (funil)	Tamanho de 1,3 a 8,1 cm; espessura em direção do forninho de 0,6 a 0,8 cm; em direção da ponta de 0,7 a 1,0 cm	Tamanho de 2,5 cm; espessura em direção do forninho de 0,7 cm; em direção da ponta de 0,6 cm	Tamanho de 2,4 a 8,1 cm; espessura em direção do forninho de 0,7 a 1,0 cm; em direção da ponta de 0,5 a 1,0 cm.	Tamanho de 1,6 a 7,1 cm; espessura em direção do forninho de 0,6 a 1,2 cm; em direção da ponta de 0,5 a 1,1 cm.
7	Furo da haste	0,2 a 0,3 cm	0,2 cm	0,2 a 0,3 cm	0,2 a 0,3 cm; a maioria com 0,3 cm; alguns com 0,2 cm e um com 0,5 cm
8	Queima	Maioria completa e poucas incompletas	Completa	Maioria completa e poucas incompletas	Maioria completa e poucas incompletas
9	Cor	Branco, cinza quando interna	Branco	Branco, poucas beges e cinza interna	Branco, poucas beges e cinza interna
10	Origem de fabricação	Todos holandeses	1 holandês ou britânico	2.584 holandeses e 5 britânicos	Todos holandeses

Cachimbos avermelhados e indígenas nas fortificações

As análises revelaram duas tipologias avermelhadas: de uma só peça e de duas peças; e os indígenas, de uma só peça.

Cachimbos avermelhados de uma só peça nas fortificações

Quanto às análises dos artefatos de cachimbos avermelhados de uma só peça, nas quatro fortificações foi atribuído o seu consumo aos colonos, conforme caracterização descritiva abaixo:

- a) A maioria dos artefatos com decorações, nos forninhos ou nas hastes;
- b) A morfologia angular funil com 90° e poucos com os formatos abaulados;
- c) Para os cachimbos funil, houve indicação de fabricação manual com evidência do uso de instrumentos; e, para os poucos abaulados, uso de moldes devido à simetria no furo e nas paredes dos forninhos;
- d) Todos sem apêndices e sem pedúnculos, exceto apenas um com pedúculo;
- e) Os forninhos com altura média de 1,8 a 5,3 cm, diâmetro da borda com média de 0,9 a 2,5 cm; comprimento do artefato de forninho com haste de 2,1 a 13,6 cm;
- f) As hastes com médias variáveis de tamanho de 2,1 a 11,9 cm; espessura em direção do forninho de 0,9 a 2,2 cm; e em direção da ponta de 0,8 a 1,9 cm;
- g) Os furos das hastes com variações de 0,2 a 0,4 cm; maioria com 0,3 cm e centralizado;
- h) A queima 50% completa e incompleta;
- i) A cor, maioria camurça; poucos marrom e cinza internos;
- j) Sem identificação da origem de fabricação.

Na Tabela 33 abaixo são vistas as caracterizações de cachimbos avermelhados de uma só peça nas Fortificações.

Tabela 33 - Cachimbos avermelhados de uma só peça nas Fortificações

Cachimbos Avermelhados (Caracterização)		Forte do Arraial (114 artefatos)	Forte de Tamandaré (220 artefatos)	Forte do Brum (520 artefatos)	Forte das Cinco Pontas (01 artefato)
De uma só peça		85 artefatos	196 artefatos	467 artefatos	01 artefato
1	Morfologia	Angular funil 90°	Angular funil 90°	Angular funil 90° e 3 angulares abaulados 90°	Haste funil
2	Técnica de fabricação	Manual com instrumentos	Manual com instrumentos, moldes (03 artefatos com simetria no furo e nas paredes dos fornilhos)	Manual com instrumentos	Manual com instrumentos
3	Apêndice	Sem	Sem	Sem	-
4	Fornilho funil	Altura de 3,3 a 5,3 cm; diâmetro de 0,9 a 2,3 cm; comprimento de 2,6 a 13,6 cm	Altura de 2,5 a 3,1 cm; diâmetro de 1,7 a 2,1 cm; comprimento de 3,2 a 9,6 cm	Altura de 1,8 a 4,0 cm; diâmetro de 1,2 a 2,5 cm; comprimento de 2,1 a 6,3 cm	-
5	Haste	Tamanho de 2,1 a 11,9 cm; espessura em direção do fornilho de 0,9 a 2,2; em direção da ponta de 0,7 a 1,9 cm	Tamanho de 3,6 a 7,3 cm; espessura em direção do fornilho de 1,1 a 1,5; em direção da ponta de 0,9 a 1,2 cm	Tamanho de 3,1 a 9,8 cm; espessura em direção do fornilho de 1,0 a 1,8; direção da ponta de 0,8 a 1,5 cm	Tamanho de 2,8 cm; espessura em direção do fornilho de 0,9 cm; em direção da ponta de 0,8 cm
6	Furo da haste	De 0,2 a 0,4 cm; maioria centralizado com 0,3 cm	De 0,2 a 0,4 cm; maioria centralizado com 0,3 cm	De 0,2 a 0,4 cm; maioria centralizado com 0,3 cm	0,25 cm
7	Queima	50% completa e incompleta	50% completa e incompleta	50% completa e incompleta	incompleta
8	Cor	Maioria camurça; poucos marrom e cinza internos	Maioria camurça e bege; poucos marrom e cinza internos	Maioria camurça e bege; poucos marrom e cinza internos	Camurça e cinza interna
9	Com decoração	61 (15 Fornilhos com hastes + 11 fornilhos + 35 hastes)	105 (27 fornilhos com hastes + 20 fornilhos + 58 hastes)	267 (35 fornilhos com hastes + 1 fornilho + 231 hastes)	-
	Sem decoração	24 (3 fornilhos + 21 hastes).	91 (8 fornilhos com hastes + 0 fornilho + 83 hastes)	200 (11 fornilhos com hastes + 01 fornilho + 88 hastes)	1

Cachimbos avermelhados de duas peças

A análise dos artefatos de cachimbos avermelhados de duas peças, nas quatro fortificações, atribui o seu consumo aos colonos de Pernambuco, conforme tabela 34 e a caracterização descritiva abaixo:

- a) A maioria dos artefatos com decorações, nos forninhos ou nos suportes, e pouquíssimos sem decoração;
- b) Maioria com a morfologia angular funil com 90° e apenas uma peça angular arredondada;
- c) A técnica de fabricação apresentou ser manual com marca de uso de instrumentos e de moldes;
- d) Quase todos com apêndices triangulares e com furos, poucos sem furos; raros com pedúnculos arredondados e planos;
- e) Os forninhos com altura média de 2,5 a 3,9 cm; diâmetro da borda com média de 0,8 a 3,6 cm; comprimento do artefato de forninho com haste de 1,5 a 4,3 cm.;
- f) Os suportes com médias variáveis de tamanho de 1,2 a 2,1 cm; comprimento de 1,1 a 4,1 cm;
- g) Os furos dos suportes com variáveis de 0,5 a 0,8 cm; a maioria com 0,8 cm e centralizado;
- h) A queima 50% completa e incompleta;
- i) A cor, na maioria, camurça; poucos marrom e cinza internamente;
- j) Sem identificação da origem de fabricação.

Tabela 34 - Cachimbos Avermelhados nas Fortificações (de duas peças)

Tabela 34 - Cachimbos Avermelhados nas Fortificações (de duas peças)					
Cachimbos Avermelhados (Caracterização)		Forte do Arraial (114 artefatos)	Forte de Tamandaré (220 artefatos)	Forte do Brum (520 artefatos)	Forte das Cinco Pontas (1 artefato)
De duas peças		9 artefatos	24 artefatos	53 artefatos	0 artefato
1	Com decoração	9	23	52	-
	Sem decoração	0	1	1	-
2	Morfologia	Angular funil 90°	Angular funil 90° e 1 peça angular arredondada de 90°	Angular funil 90°	-
3	Técnica de fabricação	Manual com instrumentos	Manual e com o uso de instrumentos e moldes.	Manual e com o uso de instrumentos e moldes.	-
4	Apêndices e pedúnculos	Com furos: 8 Sem furos: 1	Com pedúnculo: 1 Apêndices com furos: 23 (maioria quebrados) Com furos: 7 Sem furos: 3 Sem identificar: 13	Com furos: 8 Sem furos: 2	-
5	Fornilho	Altura média de 3,4 cm; diâmetro de 0,8 a 1,9 cm; comprimento de 3,2 a 3,4 cm	Altura média de 2,7 a 3,6 cm; diâmetro de 1,6 a 2,1 cm; comprimento de 1,3 a 3,1 cm	Altura média de 2,5 a 3,9 cm; diâmetro de 1,3 a 3,6 cm; comprimento de 1,5 a 4,3 cm	-
6	Suporte	Largura de 1,3 a 1,6 cm; comprimento de 3,4 a 4,1 cm	Largura de 1,2 a 1,5 cm; comprimento de 3,2 a 3,9 cm	Largura de 1,4 a 2,1 cm; comprimento de 1,1 a 3,5 cm	-
7	Furo do Suporte	De 0,6 a 0,8 cm; maioria com 0,8 cm	De 0,7 a 0,9 cm; maioria com 0,9 cm	De 0,5 a 1,0 cm	-
8	Queima	Completa e Incompleta	Completa e incompleta	Completa e incompleta	-
9	Cor	Maioria bege e camurça; cinza interna	Maioria bege e camurça; cinza interna.	Maioria bege e camurça; marrom e cinza interna	-

Cachimbos avermelhados indígenas em Fortificações e em um sítio de área urbana

Os cachimbos atribuídos como indígenas apareceram em três fortificações e em um sítio urbano, no Pilar, totalizando 7 (sete) artefatos, conforme tabela 36 e a caracterização descritiva abaixo:

a) Maioria sem decorações, apenas um, do Forte do Arraial, decorado com traços incisos e geométricos;

- b) Maioria com composição variada de uma só peça e apenas 2 de duas peças, registrados no Forte do Brum;
- c) A morfologia variada: tubular (funil curvado e rabo de peixe); tubular funil e tubular funil curvado;
- d) A técnica de fabricação indicou ser manual;
- e) Maioria sem pedúnculos, apenas um com pedúculo achatado e plano na base;
- f) Tamanhos variados de 3,9 a 13,9 cm; diâmetros da borda de 1,4 a 2,6 cm; altura de 1,8 a 4,0 cm;
- g) Furos variados de 0,3 a 0,9 cm;
- h) Queima completa e incompleta;
- i) A cor, na maioria, camurça; cinza e amarelo; preto e marrom;
- j) Origem de fabricação atribuída aos próprios indígenas.

Na tabela 35 são apresentadas as caracterizações de cachimbos avermelhados indígenas nas fortificações e em núcleo urbano.

Tabela 35 - Cachimbos Indígenas nas Fortificações e Núcleo Urbano					
Cachimbos Indígenas (Caracterização)		Fortificações			Núcleo Urbano
		Forte do Arraial	Forte de Tamandaré	Forte do Brum	Sítio Pilar (Núcleo Recife)
1	Quantidade (7)	3	1	2	1
2	Com decoração	Apenas 1 com traços incisos geométricos	0	0	0
	Sem decoração	2 sem decorações	1	2	1
3	Composição de uma só peça	3	1	0	1
	Composição de duas peças	0	0	2	0
4	Morfologia	Tubular (funil curvado e rabo de peixe); forninho angular	Tubular funil	Forninho angular funil (furo com entrada no meio) angular reto e arredondado	Tubular funil curvado
5	Técnica de fabricação	Manual	Manual	Manual	Manual
6	Apêndice ou pedúnculo	Dois sem e um com pedúnculo achatado e plano na base	Sem	Sem	Sem
7	Tamanho do cachimbo e do diâmetro do forninho	Tamanho de de 3,9 a 13,9 cm; diâmetro da borda do forninho de 1,4 a 2,6 cm	Altura de 3,2 cm; borda de 2,5 cm, ponta de 1,0 cm	Altura de 1,8 cm; diâmetro de 1,9 a 2,0 cm	Altura de 4,0 cm; forninho na borda de 1,8 cm; no meio 2,2 cm
8	Furo da haste	De 0,4 a 0,7 cm	0,3 cm	De 0,5 a 0,9 cm	0,3 cm
9	Queima	Incompleta	Completa	Completa	Completa
10	Cor	Camurça, vermelha e marrom	Camurça	Cinza e Amarelo	Preto

5.1.2 Resultados das análises de cachimbos de Sítios em Núcleos Urbanos

Cachimbos brancos de Núcleos Urbanos

As análises dos artefatos de cachimbos brancos nos quatro núcleos urbanos revelaram cachimbos de uma só peça, na sua maioria, relacionados à fabricação holandesa e consumida pelos colonos, conforme tabela 36 e a caracterização descritiva abaixo:

- a) As decorações encontram-se, na maioria dos forninhos, com serrilhados e marcas dos fabricantes; sem decorações, as de fragmentos de hastes;
- b) A morfologia angular, cônica, abaulada com ângulo de 30° a 70°, a maioria com ângulo de 50°;
- c) Técnica de fabricação com indicativo do uso de instrumentos e moldes de duas bandas;
- d) Todos com pedúnculos planos, com as marcas dos fabricantes embaixo deles e poucos diferentes: 2 pontudos e 5 sem pedúnculos;
- d) Os forninhos com altura média de 2,5 a 4,6 cm e com diâmetro da borda com média de 0,3 a 1,9 cm, a maioria com 1,5 cm;
- e) As hastes com médias variáveis de tamanho: 1,2 a 10,5 cm; espessura em direção do forninho: 0,4 a 1,4 cm; e em direção da ponta: 0,4 a 1,2 cm;
- f) Os furos das hastes com variações de 0,1 a 0,8 cm; a maioria com 0,3 cm;
- g) Queima com a maioria completa e poucas incompletas;
- h) A cor branca dominante, poucas beges e cinza interna;
- i) Origem de fabricação: quase todas holandesas e pouquíssimas inglesas ou britânicas.

Na Tabela 36 abaixo, uma descrição das caracterizações de cachimbos brancos em núcleos urbanos.

Tabela 36 - Cachimbos Brancos em Núcleos Urbanos (Recife e Olinda)

Cachimbos Brancos (Caracterização)		Lamarão e Forte do Matos (334 artefatos)	Bolsa de Valores (296 artefatos)	Pilar (725 artefatos)	Olinda (50 artefatos)
1	Com decoração	52 (20 fornilhos com hastes, 5 fornilhos e 27 hastes)	182 (6 fornilhos com hastes, 11 fornilhos e 165 hastes)	199 (31 fornilhos com hastes, 51 fornilhos e 117 hastes)	09 (2 fornilhos com hastes, 01 fornilhos e 06 hastes)
	Sem decoração	282 (3 fornilhos com hastes e 279 hastes)	114 (hastes)	526 (2 fornilhos com hastes, e 524 hastes)	41 (1 fornilho com haste, 1 fornilho e hastes)
2	Morfologia	Angular, cônico abaulado de 30° a 70°. A maioria com 50°	Angular, cônico abaulado com 50°	Angular, cônico abaulado de 40° a 50°; um angular funil 60°	Angular, cônico abaulado com 50°
3	Técnica de fabricação	Instrumentos e Moldes	Instrumentos e Moldes	Instrumentos e moldes	Instrumentos e Moldes
4	Pedúnculo	Plano com marca do fabricante 1 pontudo e 2 sem pedúnculo	Plano com marca do fabricante	Plano com marca do fabricante; 3 sem pedúnculos e 1 pontudo	Plano com marca do fabricante
5	Fornilho	Altura de 2,9 a 4,2 cm; diâmetro de 0,3 a 1,7 cm; maioria de 1,5 cm	Altura de 2,7 a 3,3 cm; diâmetro de 1,0 a 1,2 cm	Altura de 2,5 a 4,1 cm diâmetro de 0,9 a 1,9 cm	Altura de 2,9 a 4,6 cm; diâmetro de 1,1 a 1,9 cm
6	Haste (funil)	Tamanho de 2,3 a 7,8 cm; espessura em direção do fornilho de 0,4 a 0,1,1 cm; em direção da ponta de 0,4 a 1,2 cm	Tamanho de 1,2 a 10,5 cm; espessura em direção do fornilho de 0,6 a 1,1 cm; em direção da ponta de 0,7 a 1,1 cm	Tamanho de 1,5 a 7,4 cm; espessura em direção do fornilho de 0,5 a 1,4 cm; em direção da ponta de 0,5 a 1,1 cm	Tamanho de 2,0 a 9,1 cm; espessura em direção do fornilho de 0,6 a 1,1 cm; em direção da ponta de 0,6 a 1,0 cm
7	Furo da haste	Maioria centralizado, com 0,1 a 0,4 cm e um com 0,8 cm	Maioria centralizado de 0,2 a 0,3 cm; um com 0,4 cm, outro de 0,6 cm	Maioria centralizado com 0,3 cm; alguns com 0,15 e 0,2 cm	Maioria centralizado com 0,2 a 0,3 cm e apenas 01 com 0,4 cm
8	Queima	Maioria completa e poucas incompletas	Maioria completa e poucas incompletas	Maioria completa e poucas incompletas	Maioria completa, apenas 2 incompletas
9	Cor	Branco, poucas beges e cinza interna	Branco e poucas cinza interna	Branco e bege, cinza interna	Branco, poucas beges e cinza interna
10	Origem de fabricação	Todos holandeses e 4 britânicos	Todos holandeses e 1 britânico	713 holandeses, 11 britânicos e 2 franceses	Todos holandeses

Cachimbos avermelhados de uma só peça em Núcleos Urbanos

Quanto às análises dos artefatos de cachimbos avermelhados de uma só peça, nos quatro sítios de núcleos urbanos foi atribuído seu consumo aos colonos. No entanto, o Sítio Lamarão, no Recife, não seguiu o padrão, conforme Tabela 37 e a caracterização descritiva abaixo:

- a) Em três sítios, a maioria dos artefatos com decorações, seja nos forninhos ou nas hastes; com exceção do Sítio Lamarão, no qual verificaram-se, na predominância, artefatos sem decoração;
- b) Nos quatro predominou a morfologia angular funil com 90°, destacando-se, do total de 1.061 artefatos de uma só peça, apenas 3 de morfologia angular reto encontrados no Sítio Bolsa de Valores e 3 angular abaulado, no Sítio Pilar;
- c) Para os cachimbos funil, evidenciou-se a fabricação manual com destaque do uso de instrumentos e marcas de uso de moldes em 4 hastes, no sítio Lamarão;
- d) Todos sem apêndices e sem pedúnculos, exceto no Sítio Pilar, com apenas um artefato com pedúnculo achatado;
- e) Os forninhos com altura média de 2,3 a 4,2 cm; e diâmetro da borda com média de 0,9 a 2,9 cm; comprimento do artefato de forninho com haste de 3,1 a 7,9 cm;
- f) As hastes com médias variando de tamanho: 1,6 a 12,0 cm; espessura em direção do forninho: 0,8 a 2,1 cm; e em direção da ponta: 0,6 a 1,9 cm;
- g) Os furos das hastes com variáveis de 0,15 a 0,5 cm; a maioria com 0,3 cm e descentralizado;
- h) Queima na maioria completa em 3 sítios, exceto no Sítio Pilar;
- i) A cor, na maioria, camurça; também com bege, marrom, preto e cinza interno;
- j) Sem identificação da origem de fabricação.

A seguir, apresentamos os dados correspondentes aos cachimbos avermelhados, caracterizado como sendo de uma única peça, em núcleos urbanos de Recife e Olinda, a saber: Lamarão, Bolsa de Valores, Pilar e Olinda (Tabela 37).

Tabela 37 - Cachimbos Avermelhados em Núcleos Urbanos de Recife e Olinda (de uma só peça)					
Cachimbos Avermelhados (Caracterização) De uma só peça		Lamarão (571 artefatos) 454 artefatos	Bolsa de Valores (22 artefatos) 16 artefatos	Pilar (347 artefatos) 265 artefatos	Olinda (344 artefatos) 326 artefatos
1	Com decoração	186 (19 Fornilhos com hastes, 40 fornilhos, 127 hastes)	12 (05 fornilhos com hastes, 2 fornilhos e 09 hastes)	153 (13 fornilhos com hastes, 30 fornilhos + 110 hastes)	210 (32 fornilhos com hastes, 23 fornilhos e 155 hastes)
	Sem decoração	268 (4 fornilhos com hastes, 1 forninho, 263 hastes)	4 (hastes)	112 (3 fornilhos com hastes, 2 fornilhos, 107 hastes)	116 (5 fornilhos com hastes, 0 forninho e 111 hastes)
2	Morfologia	Angular funil 90°	04 Angular funil 90°; 3 angular reto de 90°	Angular funil 90°; 3 angular abaulado 90°	Angular funil 90°
3	Técnica de fabricação	Manual com uso de instrumentos; marcas de uso de moldes em 4 hastes	Manual com uso de instrumentos	Manual com uso de instrumentos	Manual com uso de instrumentos
4	Apêndice	Sem	Sem	Sem e 1 com pedúnculo achatado	Sem
5	Fornilho funil	Altura de 2,5 a 4,2 cm; diâmetro de 2,0 a 2,5 cm.	Altura de 2,8 a 3,5 cm; diâmetro de 1,5 a 2,1 cm.	Altura de 2,9 a 4,1 cm; diâmetro de 0,9 a 2,9 cm; comprimento de 3,1 a 6,4 cm	Altura de 2,3 a 3,8 cm; diâmetro de 1,4 a 2,3 cm; comprimento de 3,8 a 7,9 cm.
6	Haste	Tamanho de 1,6 a 9,6 cm; espessura em direção do forninho de 0,8 a 1,5; em direção da ponta de 0,6 a 1,6 cm.	Tamanho de 3,6 a 7,3 cm; espessura em direção do forninho: 1,3 a 2,1; em direção da ponta de 1,0 a 1,9 cm	Tamanho de 2,9 a 8,8 cm; espessura em direção do forninho de 0,8 a 1,7 cm; em direção da ponta de 0,8 a 1,5 cm	Tamanho de 2,1 a 12,0 cm; espessura em direção do forninho de 1,1 a 1,9 cm; em direção da ponta de 0,6 a 1,3 cm
7	Furo da haste	De 0,15 a 0,4 cm; maioria 0,3 cm e descentralizado	De 0,2 a 0,4 cm; maioria com 0,3 e 0,4 cm e descentralizado	De 0,2 a 0,5 cm; maioria centralizado com 0,3 cm	De 0,2 a 0,4 cm; maioria descentralizado com 0,3 cm
8	Queima	50% completa e incompleta	50% completa e incompleta	50% completa e incompleta	A maioria completa
9	Cor	Maioria camurça; poucos com bege, preto, marrom e cinza interno	Maioria camurça e marrom; poucos com bege e cinza interno	Maioria camurça e bege, marrom e cinza internos	Maioria camurça; poucos com bege, marrom e cinza interno

Cachimbos avermelhados de duas peças em Sítios de Núcleos Urbanos

Nas análises dos artefatos de cachimbos avermelhados de duas peças nos quatro sítios de núcleos urbanos, o consumo foi atribuído aos colonos de Pernambuco, conforme tabela 38 e a caracterização descritiva abaixo:

- a) Na maioria dos 223 artefatos encontravam-se decorações, seja nos forninhos ou nos suportes, exceto 09 artefatos sem decoração no Sítio Lamarão;
- b) Maioria com a morfologia angular funil com 90° e apenas uma peça angular reta no Sítio Bolsa de Valores;
- c) A técnica de fabricação apresentou ser manual com marca de uso de instrumentos e de moldes;
- d) Quase todos com apêndices triangulares e furos, poucos sem furos; e apenas um com pedúnculo arredondado e plano no Sítio Pilar;
- e) Os forninhos com altura média de 2,2 a 4,1 cm; diâmetro da borda com média de 1,4 a 3,2 cm; comprimento do artefato de forninho com haste de 3,2 a 4,7 cm;
- f) Os suportes com médias variando de tamanho de 1,2 a 2,3 cm; comprimento de 1,0 a 4,1 cm;
- g) Os furos dos suportes com variações de 0,6 a 1,1 cm; a maioria com 0,8 cm e centralizado;
- h) Queima, na maioria, completa;
- i) A cor dominante camurça; com bege, marrom, preto e cinza internos;
- j) Sem identificação da origem de fabricação.

Os dados referentes à ocorrência de cachimbos avermelhados de duas peças em Núcleos Urbanos em Recife e Olinda, especificamente, são apresentados na tabela 38.

Tabela 38 - Cachimbos Avermelhados de duas peças em Núcleos Urbanos (Recife e Olinda)

Tabela 38 - Cachimbos Avermelhados de duas peças em Núcleos Urbanos (Recife e Olinda)					
Cachimbos Avermelhados (Caracterização)		Lamarão (571 artefatos)	Bolsa de Valores (22 artefatos)	Pilar (347 artefatos)	Olinda (344 artefatos)
De duas peças		117 artefatos	06 artefatos	82 artefatos	18 artefatos
1	Com decoração	108	6	82	18
	Sem decoração	9	0	0	0
2	Morfologia	Angular funil 90°	5 angular funil 90° e 1 angular Reto de 90°	Angular funil 90°	Angular funil 90°
3	Técnica de fabricação	Manual, com uso de instrumentos e moldes	Manual, com uso de instrumentos e moldes	Manual, com uso de instrumentos e moldes	Manual, com uso de instrumentos e moldes
4	Apêndices e pedúnculos	Apêndices com furos: 112; sem furos: 4; pedúnculo plano: 1	Apêndices com furos	2 sem apêndice, os demais com e sem furos	Com furos: 17; Sem furos: 1
5	Fornilho	Altura média de 2,2 a 3,7 cm; diâmetro de 1,4 a 3,2 cm; comprimento de 3,2 a 4,7 cm	Altura média de 3,3 cm; diâmetro de 1,9 cm; comprimento de quebrados	Altura média de 2,6 a 4,1 cm; diâmetro de 1,5 a 3,1 cm; comprimento de 2,8 a 4,8 cm	Altura média de 3,0 a 3,2 cm; diâmetro de 1,9 a 2,4 cm; comprimento de 3,9 a 4,2 cm
6	Suporte	Largura de 1,3 a 1,6 cm; comprimento de 3,4 a 4,1 cm	Largura de 1,5 a 2,0 cm; comprimento de 2,5 a 3,5 cm	Largura de 1,2 a 2,3 cm; comprimento de 1,0 a 3,7 cm	Largura de 1,4 a 2,1 cm; comprimento de 1,1 a 3,5 cm
7	Furo do Suporte	De 0,6 a 1,0 cm; maioria com 0,8 cm e centralizado	De 0,7 a 0,9 cm; maioria com 0,8 cm e centralizado	De 0,6 a 1,1 cm; maioria com 0,8 cm e centralizado	De 0,6 a 1,1 cm; maioria com 0,8 cm e centralizado
8	Queima	Completa e Incompleta	A maioria completa	A maioria completa	A maioria completa
9	Cor	Maioria camurça; marrom, preto e cinza interna	Maioria bege e camurça; cinza interna	Maioria camurça; marrom, preto e cinza interna	Camurça, bege e cinza interna

5.1.3 Resultados das análises de cachimbos dos sítios de Engenhos

De acordo com os relatórios de intervenção arqueológica e as conferências de artefatos de cachimbos, nos locais sob a guarda do acervo, não foi registrada nenhuma peça de cachimbo branco nem indígena nos três sítios de engenhos. As análises revelaram apenas fragmentos de cachimbos avermelhados de uma só peça e de duas peças, conforme descrição a seguir.

Cachimbos avermelhados de uma só peça em Sítios de Engenhos

A análise dos artefatos de cachimbos avermelhados de uma só peça, nos três sítios de engenhos, atribuiu o seu consumo aos colonos de Pernambuco, conforme o Tabela 40 e a caracterização descritiva abaixo:

- a) Nos três sítios, a maioria dos artefatos revelou 15 sem decorações e apenas 9 com decorações;
- b) A morfologia angular funil com 90°;
- c) Os cachimbos funil forninhos e hastes indicaram fabricação manual com evidência do uso de instrumentos; porém, do Engenho Monjope, dois artefatos de hastes apresentaram indicadores de uso de moldes;
- d) Todos sem apêndices e sem pedúnculos;
- e) Não foi possível mensurar a altura dos forninhos devido à quebra. Apenas em um foi possível mensurar um diâmetro de 2,0 cm;
- f) As hastes com médias variando de tamanho de 2,2 a 7,7 cm; espessura em direção do forninho de 0,9 a 2,1 cm; e em direção da ponta, de 0,6 a 1,9 cm;
- g) Os furos das hastes variando de 0,2 a 0,7 cm; a maioria com 0,3 cm e descentralizados;
- h) Queima, na maioria, completa;
- i) A cor dominante: camurça; também com bege e marrom;
- j) Sem identificação da origem de fabricação.

Na Tabela 39, uma descrição das caracterizações de cachimbos avermelhados de uma só peça

Tabela 39 - Cachimbos Avermelhados de uma só peça de Engenhos				
Cachimbos Avermelhados (Caracterização)		Engenho Monjope Igarassu (04 artefatos)	Sítio do Campo Paulista (19 artefatos)	Engenho Madalena Recife (03 artefatos)
De uma só peça (24 artefatos)		03 artefatos	19 artefatos	02 artefatos
1	Com decoração (09)	1 (haste)	7 (03 forninhos com hastes, 03 forninhos e 01 haste)	1 (haste)
	Sem decoração (15)	2 (2 hastes)	12 (01 forninho; 11 hastes)	1 (haste)
2	Morfologia	Funil	Angular funil 90°	Funil
3	Técnica de fabricação	Manual com uso de instrumentos; marcas de uso de moldes nas hastes	Manual com uso de instrumentos	Manual com uso de instrumentos
4	Apêndice	Sem	Sem	Imensurável devido à quebra
5	Fornilho	Imensurável devido à quebra	Altura: imensurável devido à quebra; Diâmetro mensurado em 2,0 cm	Altura média: imensurável devido à quebra;
6	Haste	Tamanho: 3,5 a 7,7 cm; espessura em direção do fornilho de 0,9 a 2,1 cm; em direção da ponta de 0,6 a 1,9 cm	Tamanho: 3,7 a 3,9 cm; espessura em direção do fornilho de 1,0 a 1,1; em direção da ponta de 0,8 a 1,0 cm	Tamanho: De 2,2 a 3,8 cm; espessura em direção do fornilho de 1,2 a 1,4 cm; em direção da ponta de 1,1 a 1,3 cm
7	Furo da haste	De 0,2 a 0,7 cm e descentralizado	De 0,3 a 0,4 cm; maioria com 0,3cm; Centralizado e descentralizado	De 0,3 e descentralizado
8	Queima	Completa	50% completa e incompleta	Completa
9	Cor	Maioria camurça, marrom e bege	Maioria camurça e poucos na cor marrom	Camurça

Cachimbos avermelhados de duas peças em Sítios de Engenhos

Dos três sítios pesquisados, foram coletados apenas dois artefatos de cachimbos de duas peças, um no Engenho Monjope e o outro no Engenho Madalena. No Sítio do Campo, não foi revelado nenhum.

A análise atribuiu o consumo desses artefatos de fumar aos colonos de Pernambuco, conforme o Tabela 41 e a caracterização descritiva abaixo:

- a) Os dois artefatos com decorações;
- b) Técnica de fabricação manual e com uso de instrumentos;
- c) A morfologia imensurável devido à quebra;
- d) Um com apêndice triangular com furo e o outro imensurável devido à quebra;
- e) Os fornilhos imensuráveis devido à quebra;
- f) Os suportes, um com largura de 1,4 cm e comprimento de 2,7 cm; o outro, imensurável devido à quebra;
- g) Os furos dos dois suportes com 0,8 cm;
- h) A queima dos dois completa;
- i) Quanto à cor, camurça; e outro bege;
- j) Sem identificação da origem de fabricação.

Na Tabela 40 abaixo, uma descrição das caracterizações de cachimbos avermelhados de duas peças de engenhos.

Tabela 40 - Cachimbos avermelhados de duas peças de Engenhos				
Cachimbos Avermelhados (Caracterização)		Engenho Monjope Igarassu (04 artefatos)	Sítio do Campo Paulista (03 artefatos)	Engenho Madalena Recife (19 artefatos)
De duas peças (2 artefatos)		1 artefato	0 artefato	1 artefato
1	Com decoração	1 (suporte)	0	1
	Sem decoração	0	0	0
2	Morfologia	Imensurável devido à quebra	0	Imensurável devido à quebra
3	Técnica de fabricação	Manual, com uso de instrumentos	0	Manual, com uso de instrumentos
4	Apêndices e pedúnculos	Imensurável devido à quebra	0	Triangular com furo
5	Fornilho	Imensurável devido à quebra	0	Imensurável devido à quebra
6	Suporte	Imensurável devido à quebra	0	Largura: 1,4 cm; comprimento: 2,7 cm
7	Furo do Suporte	0,8 cm;	0	0,8 cm
8	Queima	Completa	0	Completa
9	Cor	Bege	0	Camurça

5.1.4 Resultados das análises dos cachimbos indígenas

Das 11 coleções analisadas, seguindo os “Dados e Evidências” do item 3, foram identificados e classificados 7 cachimbos relacionados com a fabricação indígena: 3 no Forte do Arraial, 2 no Forte do Brum, 1 no Forte de Tamandaré e 1 no Sítio Pilar.

Considerando as morfologias, evidenciaram quatro tipologias classificadas como: Tubular Reto, Angular Reto, Funil e só Fornilho. Observado, apenas, um Tubular Reto com decorações, incisos e traços geométricos, conforme visto na síntese da tabela 41 e nas imagens da prancha 60 abaixo.

Contudo, a presença dos artefatos de fumar indígenas poderá evidenciar a existência indígena entre os grupos sociais luso-brasileiros e holandeses, conforme o envolvimento deles nos grupos e de acordo com a documentação histórica. No entanto, mesmo com indicações de particularidades tipológicas de fabricação indígena, não seriam necessariamente consumidos pelos indígenas convivendo nos grupos sociais nos quais eles se encontravam.

Tabela 41 - Síntese dos sítios com cachimbos indígenas		
Sítio	Total	Descrição dos Cachimbos
Forte do Arraial	03	02 tubulares e 01 Angular Reto. Apenas um Tubular Reto, com decorações incisadas, traços geométricos.
Forte do Brum	02	01 Angular Reto e 01 do tipo só Fornilho.
Forte de Tamandaré	01	Funil
Sítio Pilar	01	Funil

Prancha 60 - Imagens dos cachimbos indígenas e as tipologias	
Cachimbo Angular Reto	
Forte do Arraial 	Forte do Brum 
Cachimbos Funil	
Forte Tamandaré 	Sítio Pilar 
Cachimbos Tubular	
Forte do Arraial (com decoração) 	Forte do Arraial 
Cachimbo Fornilho	
Forte do Brum 	

Fonte: o Autor (2023; 2024)

5.1.5 Resultados das análises de Cachimbos nos três tipos de sítios

Em conformidade com os resultados das análises anteriores, descrevemos a seguir duas sínteses: uma de cachimbos avermelhados e a outra de cachimbos brancos nos três tipos de sítios.

Cachimbos brancos nos três tipos de sítios

De acordo com as características descritivas abaixo e a Tabela 42, o resultado das análises dos artefatos de cachimbos brancos apontaram para as seguintes similaridades:

- a) Não foi registrado artefato de cachimbo branco em nenhum dos três sítios de engenhos;
- b) A maioria dos artefatos possuía características de fabricação dos centros produtores dos Países Baixos, exceto, pouquíssimos da Grã-Bretanha (da Inglaterra e da Escócia);
- c) A morfologia de cachimbo de uma só peça com o formato angular, cônico, abaulado com maioria de 40° a 50°; outros com 30°, 60° e até 70°;
- d) Técnica de fabricação com o uso de moldes de duas bandas e outros instrumentos;
- e) Fornilhos, medidas próximas, em média de 2,5 a 4,6 cm; diâmetro da borda de 1,1 a 1,7 cm;
- f) As hastes com formato funil, quebradas e com tamanhos variados de 1,1 a 8,1 cm; na quebra próximo à direção do forninho: de 0,6 a 1,2; e na direção próximo à ponta: 0,5 a 0,9;
- g) Furos das hastes com 0,2 e 0,3 na maioria; poucos com 0,15; 0,4 e até 0,6;
- h) As decorações em alto relevo, carimbado, inciso (serrilhado); marca do fabricante, letras, nomes, quase todos holandeses do século XVII, poucos britânicos;
- i) A maioria com pedúnculos planos, marca dos fabricantes embaixo deles; pouquíssimos sem pedúnculos, do séc. XVII e pontudos, típico britânico;
- j) A maioria da queima completa e incompleta;
- k) Além da cor branca dominante, encontram-se algumas peças na cor bege e cinza na pasta interna, evidenciada pela queima incompleta.

Na Tabela 42 abaixo, uma síntese da caracterização de cachimbos brancos nos três tipos de sítios.

Tabela 42 - Síntese dos cachimbos brancos nos três tipos de sítios			
Cachimbos brancos			
Caracterização (de uma peça)	Sítios de Fortificações	Sítios de Núcleos Urbanos	Sítios de Engenhos
Decoração	Alto relevo, carimbado, inciso (serrilhado); marca do fabricante, nomes, letras, quase todos holandeses do século XVII, poucos britânicos	Alto relevo, carimbado, inciso (serrilhado); marca do fabricante, nomes, letras, quase todos holandeses do século XVII e poucos britânicos	Inexistente
Morfologia	Angular, cônico, abaulado, a maioria de 40° a 50°, alguns com 30°, 60° e 70°	Angular, cônico, abaulado, a maioria de 40° a 50°, alguns com 30°, 60° e 70°	Inexistente
Técnica de fabricação	Uso de instrumentos e marcas de encontros de moldes de duas bandas	Uso de instrumentos e marcas de encontros de moldes de duas bandas	Inexistente
Apêndices e pedúnculos	Pedúnculos planos, marcas dos fabricantes embaixo deles; pouquíssimos sem pedúnculos, do séc. XVII	Pedúnculos planos, marcas dos fabricantes embaixo deles; pouquíssimos sem pedúnculos, do séc. XVII e pontudos, típico britânico	Inexistente
Fornilho	Altura de 2,9 a 3,6 cm; diâmetro da borda de 1,1 a 1,4 cm	Altura de 2,5 a 4,6 cm; diâmetro da borda de 0,9 a 1,7cm	Inexistente
Haste (maioria quebrada)	Tamanho de 1,1 a 8,1 cm; na direção do fornilho de 0,6 a 1,2 cm; na direção da ponta de 0,5 a 0,9 cm	Tamanho de 2,0 a 7,8 cm; na direção do fornilho de 0,6 a 1,2 cm; na direção da ponta de 0,5 a 0,9 cm	Inexistente
Furo da haste	Maioria de 0,2 a 0,3 cm; poucos com 0,15; 0,4 e 0,6 cm	Maioria de 0,2 a 0,3 cm; poucos com 0,15; 0,4 e 0,6 cm	Inexistente
Queima	Completa e incompleta	Completa e incompleta	Inexistente
Cor	Branco, cinza interna quando incompleta e algumas peças na cor bege	Branco, cinza interna quando incompleta e algumas peças na cor bege	Inexistente

Cachimbos avermelhados nos três tipos de sítios

De acordo com as características descritivas abaixo na Tabela 44, os resultados das análises dos artefatos de cachimbos avermelhados apontaram para as seguintes similaridades:

a) Foi registrado artefato de cachimbo avermelhados em todos os sítios;

- b) As decorações: incisos em cachimbos de uma peça uma peça; de alto relevo em cachimbos de duas peças;
- c) A morfologia predominante é angular de 90°, com forninho e haste funil, tanto de uma como de duas peças;
- d) Técnica de fabricação manual para cachimbos de uma peça e com uso de moldes e manual para os cachimbos de duas peças; A maioria com apêndices triangulares, embaixo dos forninhos; predominância do furo no meio e poucos sem furos;
- e) Forninhos na maioria no formato funil e de uma só peça: em média altura de 1,8 a 4,5 cm; diâmetro da borda de 0,9 a 2,5 cm; Forninhos de cachimbos de duas peças: em média altura de 2,2 a 3,9 cm; diâmetro da borda de 1,3 a 3,9 cm;
- f) As hastes de cachimbo de uma peça, com formato funil, quebradas e com tamanhos variados de 1,1 a 11,9 cm; na quebra próximo à direção do forninho: de 0,7 a 2,3; e na direção próximo à ponta: 0,6 a 1,9;
- g) Furos das hastes para os cachimbos de uma peça furos descentralizados e a maioria com 0,3cm; e para os cachimbos de duas peças o furo do suporte de encaixe quase todos com diâmetro de com 0,8 cm;
- h) A maioria da queima completa e incompleta;
- i) A cor avermelhada na maioria encontra-se a camurça e bege; outras: marrom e cinza interna e raros amarelo.

Tabela 43 - Síntese dos cachimbos avermelhados nos três tipos de sítios

Cachimbos Avermelhados				
Caracterização	Cachimbos	Sítio de Fortificações	Sítio de Núcleos Urbanos	Sítio de Engenhos
Decoração	Uma peça	Incisos com dois triângulos invertidos, traços e outras variedades geométricas	Incisos com dois triângulos invertidos, traços e outras variedades geométricas	Incisos com dois triângulos invertidos, traços
	Duas peças	Alto relevo no forninho e suporte; às vezes, incisos com traços em cima do alto relevo	Alto relevo no forninho e suporte; às vezes, incisos com traços em cima do alto relevo	Alto relevo no forninho e suporte; às vezes, incisos com traços em cima do alto relevo
Morfologia (semelhança)	Uma peça	Ângulo de 90°, forninho e haste funil; pouquíssimos abaulados	Ângulo de 90°, forninho e haste funil; pouquíssimos abaulados	Ângulo de 90°, forninho e haste funil
	Duas peças	Angular de 90°, forninho e suporte	Angular de 90°, forninho e suporte	Angular de 90°, forninho e suporte
Técnica de fabricação	Uma peça	Manual com instrumentos	Manual com instrumentos; pouquíssimos com marcas de moldes	Manual com instrumentos
	Duas peças	Manual com instrumentos e moldes de duas peças	Manual com instrumentos e moldes de duas peças	Manual com instrumentos e moldes de duas peças
Apêndices e pedúnculos	Uma peça	Sem. Raros com pedúnculos pontudos ou planos	Sem. Apenas dois com pedúnculos planos	Sem
	Duas peças	A maioria com apêndices triangulares, embaixo dos fornilhos; predominância do furo no meio; poucos sem furos e pouquíssimos sem apêndices. Também, um forninho arredondado com apêndice retangular	A maioria com apêndices triangulares, embaixo dos fornilhos; predominância do furo no meio; poucos sem furos	Triangular com furos, embaixo do forninho

Fornilho (Semelhança)		Uma peça	Altura de 1,8 a 3,7 e diâmetro na borda de 1,6 a 2,1 cm	Altura de 2,3 a 4,5 e diâmetro na borda de 0,9 a 2,5 cm	Quebrados
		Duas peças	Altura de 2,5 a 3,9 cm; diâmetro na borda de 1,3 a 3,6 cm	Altura de 2,2 a 3,9 cm; diâmetro na borda de 1,8 a 3,9 cm	Quebrado
Haste		Uma peça (quebrada)	Tamanho de 2,1 a 11,9 cm; direção do fornildo de 0,7 a 2,2 cm; direção da ponta de 0,6 a 1,9 cm	Tamanho de 1,4 a 11,7 cm; direção do fornildo de 0,7 a 2,3 cm; direção da ponta de 0,6 a 1,9 cm	Tamanho: 1,1 a 7,2 cm; direção do fornildo de 1,0 a 1,6 cm; direção da ponta de 0,8 a 1,3 cm
Suporte		Duas peças	Largura de 1,3 a 3,6 cm; comprimento de 1,1 a 4,3 cm	Quebrados	Quebrado
Furo	Haste	Uma peça	Descentralizado, maioria com 0,3 cm; e poucos com 0,2 e 0,4 cm	Descentralizado, maioria com 0,3 e 0,4 cm; e poucos com 0,15 e 0,5 cm	Descentralizado com maioria 0,3; outros com 0,25 e 0,4 cm
	Suporte	Duas peças	Quase todos com 0,8 cm; outros com 0,5; 0,7 e 0,10 cm	Quase todos com 0,8 cm; outros com 0,6 e 1,0 cm	Centralizado com 0,8 cm
Queima (Semelhança)		Uma peça	Completa e incompleta	Maioria completa	Maioria completa
		Duas peças	Maioria completa, poucas incompletas	Maioria completa, poucas incompletas	Completa e incompleta
Cor (Semelhança)		Uma peça	Maioria camurça e bege; outras: marrom e cinza interna e raros amarelo	Maioria camurça seguida por bege; outras: marrom, preto e cinza interno	Camurça
		Duas peças	Maioria camurça e bege; outras: preto, marrom e cinza interno	Maioria camurça e bege; outras: preto, marrom e cinza interno	Camurça e bege

5.1.6 Síntese do resultado do consumo de cachimbos

Um fornildo, mesmo quebrado, aproxima-se e representa melhor os indivíduos consumidores de cachimbos, pois sua fragmentação geralmente é menor do que a quebra das hastes.

Uma haste varia de tamanho com até 15 cm em média para os cachimbos brancos e avermelhados de uma só peça. Depois da quebra, fragmenta-se em diversos pedaços. Retirando as hastes, somente foram analisados os agrupamentos de fornildos de cachimbos de uma só peça e de duas peças.

Observando as Tabelas anteriores de sínteses de cada sítio analisado e os agrupamentos de fornilhos, somou 1.852 fornilhos, que atendeu aos seguintes resultados:

- 1) Fornilhos nas fortificações com 1.326 (71,5%); nas áreas urbanas com 516 (27,8%); e nos engenhos com 10 (0,5%). A maior área de consumo foi a das Fortificações, depois a área urbana e, por último, os engenhos;
- 2) Dentro estes, destacam-se os fornilhos de cachimbos brancos com 61,3%;
- 3) Quanto aos sítios, ressaltaram dois sítios urbanos com número superior de cachimbos avermelhados de duas peças: o sítio Lamarão com 117 peças e o sítio Pilar com 82 fornilhos, ambos com quantidades superiores de quase o dobro dos cachimbos de uma só peça, indicando o consumo maior de cachimbos na área urbana portuária.

A seguir, uma síntese do quantitativo de fornilhos analisados em todas as coleções (Tabela 44).

Tabela 44 - Síntese do quantitativo de fornilhos por sítios						
Áreas dos Sítios		Cachimbos Avermelhados		Cachimbos brancos	Cachimbos indígenas	Total
		Uma só peça	Duas peças	Uma só peça	Uma e duas peças	
Fortes	Forte do Brum	147	53	847	2	1.049
	Forte do Arraial	29	9	6	3	47
	Forte das Cinco Pontas	0	0	150	0	150
	Forte Tamandaré	55	24	0	1	80
Áreas Urbanas	Sítio Lamarão	64	117	28	0	209
	Sítio Bolsa de Valores	7	6	17	0	30
	Sítio Pilar	48	82	84	1	215
	Sítio Olinda	40	18	04	0	62
Engenhos	Engenho Monjope	1	1	0	0	2
	Sítio do Campo	7	0	0	0	7
	Sítio Engenho Madalena	1	0	0	0	1
Total		399 (21,5%)	310 (16,7%)	1.136 (61,3%)	7 (0,3%)	1.852

Considerando a escolha e a disponibilidade do acesso aos artefatos de cachimbos avermelhados, brancos, indígenas, como também as análises dos itens anteriores, em termos quantitativos das 11 coleções examinadas, somaram 7.344 artefatos fragmentados de cachimbos (hastes e fornilhos). Destaca-se em sítios de fortificações, a maior concentração de consumidores fumantes com cachimbos, somando 4.881; depois, nas áreas urbanas, uma soma

de 2.436; e por último, com 27 artefatos em engenhos. Da referida soma, destacou o consumo maior de cachimbos brancos com 5.418 (indicando 73,7%), de cachimbos avermelhados a soma de 1.920 (26,1%) e de cachimbos indígenas somaram 6 peças (0,08%), conforme apresentado na Tabela 45 abaixo.

Tabela 45 - Síntese do consumo de cachimbos brancos e avermelhados									
Sítios	Área	Cachimbos avermelhados		Cachimbos brancos		Cachimbos indígenas		Total	
Forte do Arraial	Fortificação	85	74,5%	26	22,8%	3	2,6%	114	4.881
Forte de Tamandaré	Fortificação	220	99,6%	1	0,4%	1	0,4%	222	
Forte do Brum	Fortificação	520	16,7%	2.584	83,2%	1	0,3%	3.104	
Forte das Cinco Pontas	Fortificação	1	0,1%	1.440	99,9%	0		1.441	
Sítio Lamarão	Núcleo Urbano	571	63,1%	334	36,9%	0		905	2.436
Sítio Bolsa de Valores	Núcleo Urbano	21	6,7%	290	93,2%	0		311	
Sítio Pilar	Núcleo Urbano	346	32,3%	725	67,6%	1	0,1%	1.072	
Sítio Olinda	Núcleo Urbano	129	87,2%	19	12,8%	0		148	
Engenho Monjope	Engenho	05	100%	0	0	0	0	5	27
Sítio do Campo	Engenho	19	100%	0	0	0	0	19	
Engenho Madalena	Engenho	3	100%	0	0	0	0	3	
Total		1.920 (26.1%)		5.418 (73.7%)		6 (0.08%)		7.344	

Levando-se em conta os indicadores, conforme representaos na tabela 46, pode-se constatar em termos de porcentagem, o predomínio dos artefatos de cachimbos avermelhados e brancos nos 11 sítios:

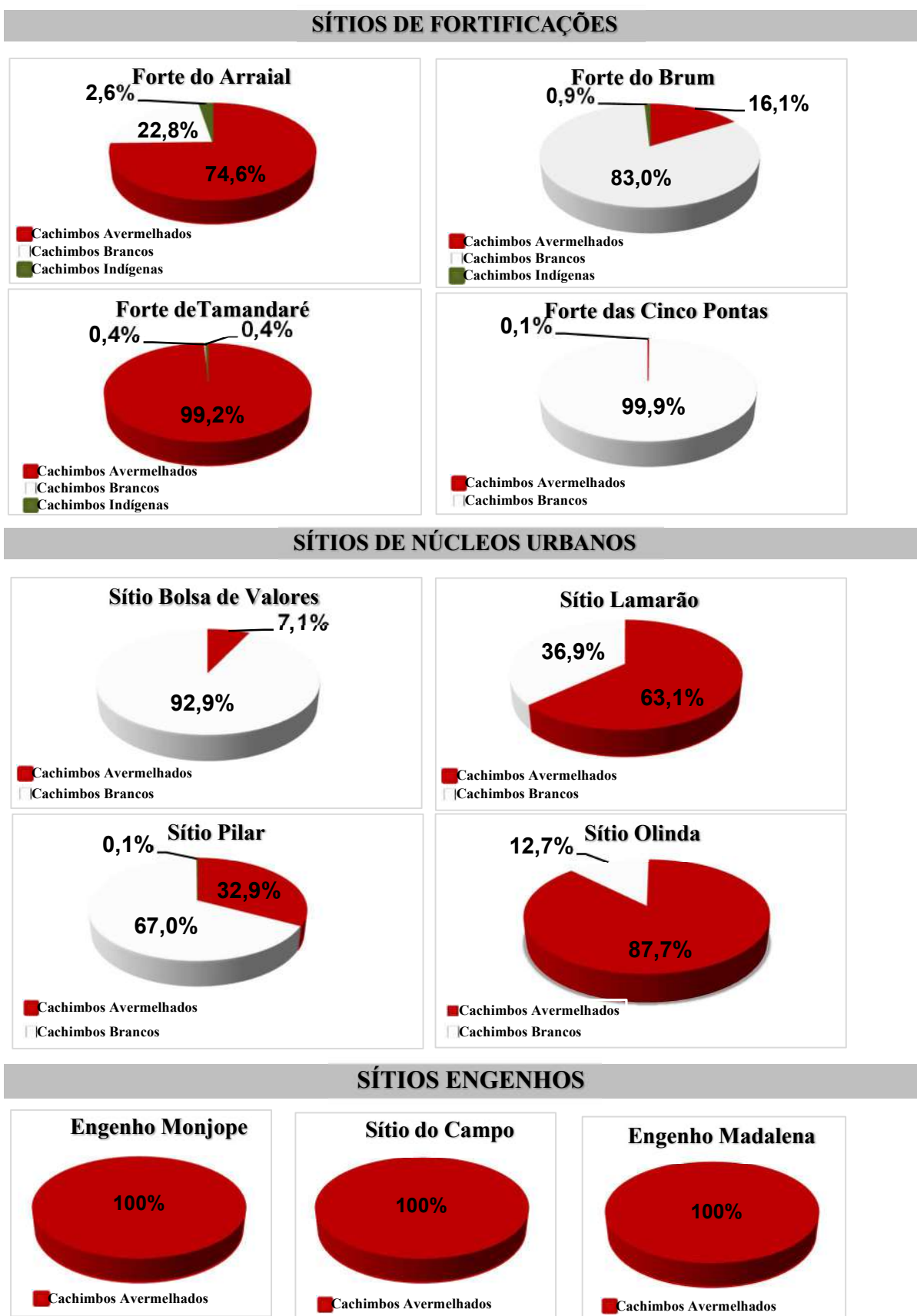
- a) Nas quatro fortificações prevaleceu os cachimbos avermelhados: no Arraial com 74% e em Tamandaré com 99%; quanto aos cachimbos brancos, dominaram no Forte do Brum com 83% e no de Tamandaré com 99%;

b) Nos quatro sítios das áreas urbanas, o consumo dos cachimbos avermelhados foi superior no sítio Lamarão com 63% e no Sítio Olinda com 87%; nos demais sítios, apresentaram números inversos com cachimbos brancos, Bolsa de Valores com 92% e Pilar com 67%;

Nos três engenhos foram identificados apenas cachimbos avermelhados, indicando 100% nos sítios Monjope, do Campo e da Madalena.

Diante dos resultados, destacam-se os sítios de consumo misto, como o das fortificações e nas áreas urbanas. Enquanto o predomínio dos cachimbos avermelhados ocorreu no Forte de Tamandaré com 99%; o inverso no Forte das Cinco Pontas, com 99% de cachimbos brancos. Quanto aos sítios de engenhos com 100% de cachimbos avermelhados e ausência dos cachimbos brancos, requer mais pesquisa de consumo de artefatos nesses assentamentos da área dos engenhos e de canaviais.

Tabela 46 - Síntese do consumo de cachimbos avermelhados, brancos e indígenas



5.2 RECONSTITUIÇÃO DAS IDENTIDADES DE CACHIMBOS NA CAPITANIA DE PERNAMBUCO

As identidades poderão ser reconhecidas a partir dos atributos característicos e existentes nos cachimbos avermelhados e brancos, como também, revelar preferências pelo tipo a ser consumido.

Esses atributos característicos e observados nos artefatos fragmentados, agrupados em forninho com haste, nas hastes, em forninhos e nos forninhos com suportes, possibilitou a reconstituição dos indicadores de identidades sociais.

Ao iniciar a pesquisa, apontava-se para a hipótese que consistia em inferir o consumo de cachimbos avermelhados e brancos aos luso-brasileiros (colonos) e holandeses, respectivamente. Considerando o uso entre esses dois grupos, atribuindo o consumo dos cachimbos avermelhados mais aos colonos, enquanto que os cachimbos brancos, em maior incidência, consumidos pelos holandeses e sua gente.

Após as análises e a caracterização dos artefatos de fumar procedentes dos três tipos de sítios, evidenciou o consumo, o acesso e a disponibilidade pelos dois tipos de cachimbos nos sítios de fortificações e núcleos urbanos; enquanto que nos engenhos e nas áreas canavieiras foram encontrados apenas cachimbos avermelhados.

De uma forma geral, baseado nos artefatos de cachimbos analisados, realizou a reconstituição dos atributos das identidades de cachimbos avermelhados e brancos consumidos por colonos e holandeses em Pernambuco, no século XVII.

5.2.1 Reconstituições das Identidades de cachimbos avermelhados

Portugueses vindos de Portugal e nascidos no Brasil, depois miscigenados com indígenas e escravos africanos ou afrodescendentes, constituíam grupos sociais, podendo ser denominados de colonos, na Capitania de Pernambuco.

A partir de 1630, um século depois da fundação da Capitania por Duarte Coelho, os holandeses invadiram o território de Pernambuco e avançaram na ocupação de núcleos urbanos e de fortificações, saqueando engenhos e queimando canaviais. Os cachimbos avermelhados ou brancos de caulinita possuem atributos de morfologia, decoração, apêndices, coloração típica e da própria identidade social de seus fabricantes.

As identidades de cachimbos avermelhados foram reveladas após análise dos artefatos, a maioria quebrados, de três tipos de sítios, analisados e discutidos anteriormente. A seguir,

apresentações de reconstituições ou representações ilustrativas desses artefatos de fumar avermelhados, com suas características e atributos decorativos.

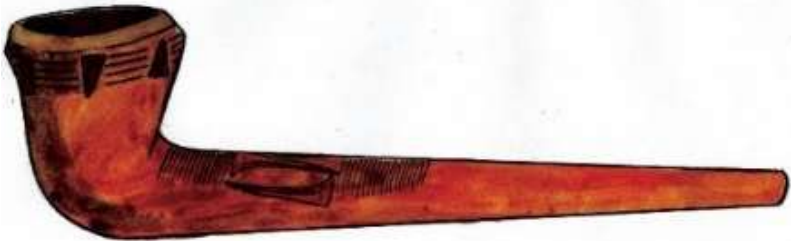
Para as identidades de cachimbos avermelhados de uma só peça, podem ser observadas por meio das seguintes características:

- a) Morfologia angular de 90° com forninho e haste funil;
- b) A técnica de produção manual com instrumentos de fabricação e sem indicativo do uso de moldes;
- c) Na decoração com incisão, destacou-se o tipo com dois triângulos invertidos como também com três, quatro deles e até em fileiras. A maioria delas encontra-se entre traços, às vezes em ziguezagues, posicionados em cima da haste, próximo do forninho. No forninho encontra-se próximo da borda, na frente e atrás, no lado oposto da haste. Outra característica identitária revela-se pela variedade de decorações com traços e desenhos geométricos: traços na horizontal, vertical; linhas retas, em espiral; ponteados; florais com folhas, em espiral e até a planta completa;
- d) Cachimbos sem apêndices ou sem pedúnculo. São raros, mas foram registrados alguns com pedúnculos e com apêndices;
- e) O furo das hastes, a maioria descentralizado, com diâmetro em média de 0,3 cm;
- f) A queima indicada, na maioria, sendo completa, com a coloração dominante do avermelhado do tipo camurça e bege.

Os artefatos de cachimbos cerâmicos, mesmo fragmentados, poderão ser reconstituídos e representados como elemento revelador de identidade social. Além das similaridades e diferenças entre cachimbos avermelhados e brancos, suas identidades sociais podem ser mostradas pela variedade de decorações incisas em baixo relevo ou em alto relevo, em desenhos geométricos, ponteados, florais, em espiral e até em figuras antropomorfas.

Seguem abaixo, ilustrações de cachimbos avermelhados de uma e duas peças, atribuindo sua fabricação aos colonos de Pernambuco, no século XVII.

Na Prancha 61 abaixo, representações de cachimbos avermelhados de uma só peça.

Prancha 61 - Representação de cachimbos avermelhados de uma só peça						
Cachimbo identitário com triângulos invertidos e predominante, produzido e consumido pelos colonos de Pernambuco						
						
Decoração com triângulos incisos invertidos: dois, três e quatro triângulos, acompanhados por traços						
						
Decoração com triângulos incisos invertidos: dois, três, quatro e até triângulos em fileiras, com poucos ou sem traços						
						

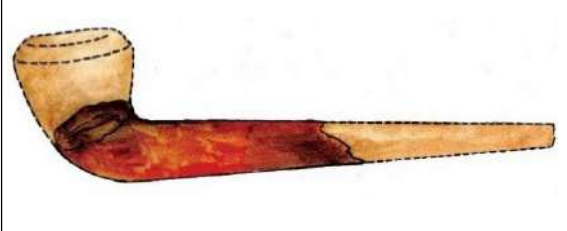
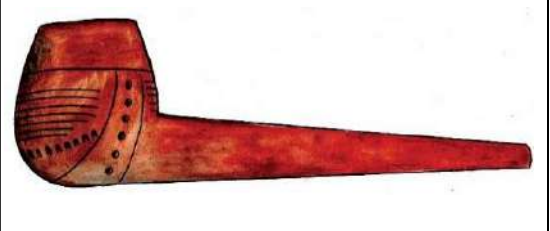
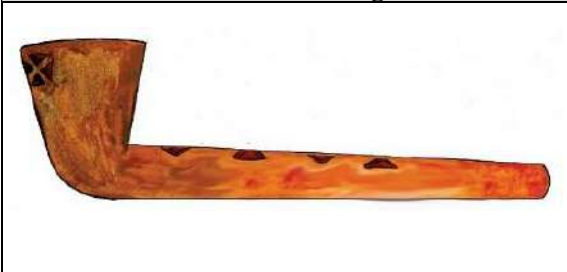
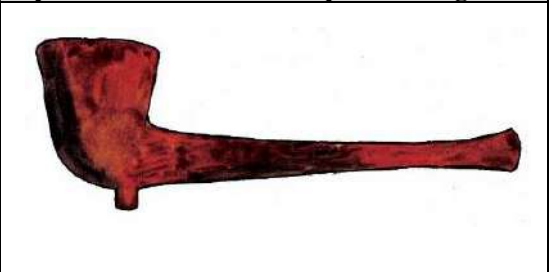
Fonte: Cirne (2024).

Na Prancha 62 abaixo, representações de cachimbos avermelhados de uma só peça.

Prancha 62 - Representação de cachimbos avermelhados de uma só peça					
Decorações incisas em baixo relevo: com variedades florais.					
					
					

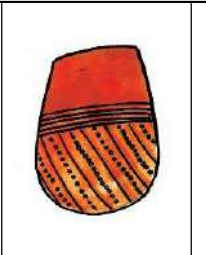
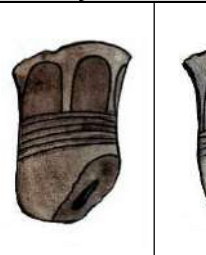
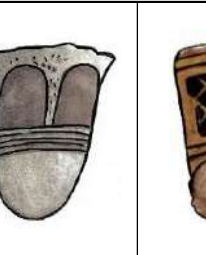
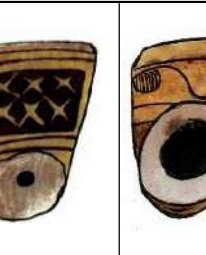
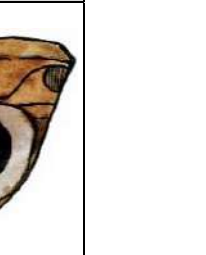
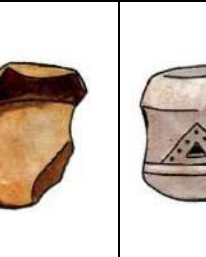
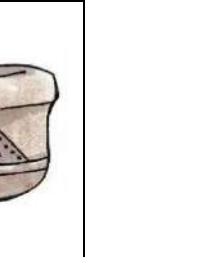
Fonte: Cirne (2024).

Na prancha 63, representações de cachimbos avermelhados de uma só peça.

Prancha 63 - Representação de cachimbos avermelhados de uma só peça	
Cachimbos sem decorações e com decorações	
Cachimbo funil sem decoração	Cachimbo abaulado com decoração: linhas e ponteados
	
Cachimbo funil decorado com 4 triângulos no forninho e fileira de triângulos na haste	Cachimbo funil e sem decoração, com pedúnculo e haste com ponta alargada
	

Fonte: Cirne (2024).

Na Prancha 64 abaixo, representações de cachimbos avermelhados de uma só peça.

Prancha 64 - Representação de cachimbos avermelhados de uma só peça					
Cachimbos avermelhados: decorações incisadas e com variáveis traços geométricos consumidos pelos colonos de Pernambuco.					
Decorações em forninhos					
					
					

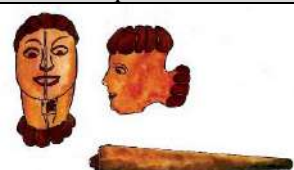
Fonte: Cirne (2024).

Para as identidades de cachimbos avermelhados de duas peças, podem ser observada por meio das características abaixo e das Pranchas 65 e 66 a seguir:

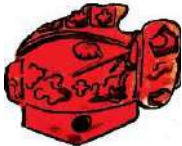
A identidade dos cachimbos de duas peças ou de forninho com suporte para o encaixe da haste pode ser observada com as características e pranchas a seguir:

- a) A morfologia angular de 90° com forninho e suporte;
- b) A técnica de produção manual com instrumentos de fabricação e indicativo do uso de moldes;
- c) A decoração com alto relevo, incluindo, na maioria, alto relevo na borda do forninho e na borda do suporte. Registra-se, também, decoração com incisos junto à decoração em alto relevo e alguns sem o alto relevo na borda do suporte;
- d) Tipos variados de decorações: desenhos geométricos; traços na horizontal, vertical; linhas retas, em espiral; ponteados; amassados no alto relevo das bordas, às vezes com traços em cima desses amassos; ramos florais com folhas, em espiral, planta completa e um artefato antropomorfo;
- e) Cachimbos com apêndices e pouquíssimos sem. Apêndices, na maioria, triangulares com furo no meio e poucos sem furos;
- f) O furo do suporte para o encaixe, a maioria centralizado e com diâmetro em média de 0,8 cm;
- g) A queima indicada, na maioria, sendo completa com a coloração dominante do avermelhado tipo camurça, marrom e bege.

Nas pranchas, classificação das ilustrações de cachimbos avermelhados com alto relevo na borda do forninho e sem bordas.

Prancha 65 - Representação de cachimbos avermelhados de duas peças	
Com alto relevo nas bordas do forninho e do suporte	
Decoração: incisões intercaladas nas bordas, com furo no apêndice	Decoração: depressões intercaladas nas bordas e traços incisos, com furo no apêndice
	
Decoração floral, ponteados e com furo no apêndice	Decoração floral e sem furo no apêndice
	
Sem decoração e com furo na haste	Com decoração incisa, em cima do alto relevo e sem apêndice
	
Com decoração floral e pedúnculo plano	Decoração antropomorfa: feição humana, sem apêndice
	
Sem alto relevo nas bordas do forninho e do suporte	
Decoração incisa no forninho alongado e amassado, alternados na borda do forninho, com furo no apêndice	Decoração incisa com fileira de ponteados e linhas, e furo no apêndice
	
Decoração em baixo relevo, depressões intercaladas na vertical no forninho e sem apêndice	Sem decoração e sem apêndice
	

Fonte: Cirne (2024).

Prancha 66 - Representação de cachimbos avermelhados de duas peças				
Com alto relevo na borda do forninho e do suporte				
Bordas com alto relevo; decorações em alto relevo: florais, ramos, flores, pontilhados de flores; apêndices com furos e sem furos				
				
Fornilhos: bordas em alto relevo; amassados na borda sob a forma de losango; suportes sem alto relevo, linhas incisadas; suportes, apêndices com furos; traços e linhas incisadas				
				
Fornilhos e suportes com alto relevo nas bordas; com baixa depressão circundando as bordas; figuras geométricas incisadas no baixo relevo; linhas paralelas por forninho; apêndice com furos; apêndice sem furos				
				
Decorações variadas				
Alto relevo nas bordas com traços incisados inclinados sobre elas; furos nos apêndices		Alto relevo nas bordas com traços geométricos incisados sobre elas; furo nos apêndices		
				
Decorações variadas: incisados no alto relevo da borda; figuras geométricas; linhas em espirais; apêndices com furos e sem furos				
				
Decorações variadas: incisados nos forninhos e suportes sem alto relevo nas bordas; figuras geométricas; com linhas, traços, pontilhados em fileiras; apêndices com furos e sem furos				
				

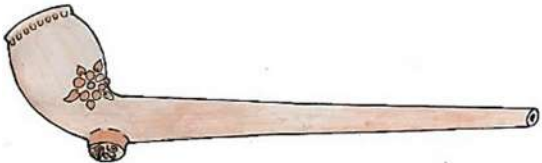
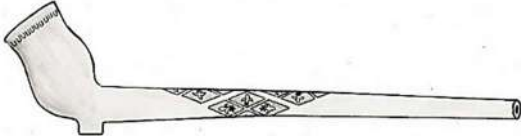
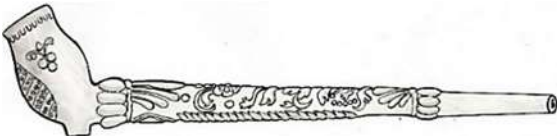
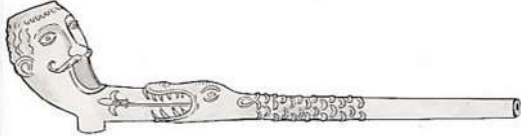
Fonte: Cirne (2024).

5.2.2 Reconstituições das Identidades de cachimbos brancos

No início do século XVII, os produtores ingleses se instalaram nos Países Baixos e fabricavam cachimbos brancos de caulinita. Os cachimbos eram de alta qualidade e também de baixa qualidade. Os do referido século foram do tipo funil cônico e abaulados, com características fitomorfas, decorados nos forninhos, em alto relevo nas laterais com a flor de lis e a rosa Tudor; na haste, carimbada com a flor de lis e arranjo floral; embaixo dos pedúnculos, marcas dos fabricantes, poucos sem pedúnculos; e com figuras antropomorfas e zoomorfas do “Jonas”, no forninho com a face direcionada para a haste e a “baleia” na haste (Hissa; Baar, 2018).

Os cachimbos brancos holandeses, em Pernambuco, evidenciam atributos típicos com a sua morfologia, decoração, pedúnculo e as marcas dos fabricantes, revelando assim sua identidade distinta dos cachimbos avermelhados. As identidades dos fabricantes de cachimbos brancos foram exibidas após as análises dos artefatos de três tipos de sítios, expondo evidências de serem cachimbos de uma só peça, podendo ser observada com as características abaixo e as ilustrações das Pranchas 67 e 68 abaixo:

- a) A morfologia angular de 40° a 60° com forninho cônico abaulado e a haste levemente funil;
- b) Com pedúnculo arredondado e plano, com a marca dos fabricantes, com duas letras coroadas, números coroados, pássaro coroadado, cavalo, leiteira (“mulher transportando leite em dois baldes”) e outras figuras;
- c) A técnica de produção com instrumentos de fabricação e indicativo do uso de moldes;
- d) Decorações: incisos com serrilhado; carimbada em alto relevo no forninho e na haste:
 - Decoração: inciso serrilhado na borda do forninho e circundando a haste;
 - Decoração carimbada em cima e nos lados de hastes com a figura da flor de lis e carimbo da marca do fabricante embaixo do pedúnculo plano sob a forma variada de duas letras coroadas, animal e humano;
 - Decoração em alto relevo, com destaque para figuras geométricas, antropozoomorfas:
 - ✓ Geométricos com traços alternados, linhas ao redor da haste; pontilhados;
 - ✓ Fitomorfa do tipo ramos florais, folhas, pontuações, flores como a flor de lis, rosa Tudor posicionados nos dois lados do forninho, próximo dos pedúnculos, folhas e ramos;
 - ✓ Antropozoomorfa, com figuras de “Jonas com baleia”. No forninho “Jonas”, olhando para a haste, com olhos, nariz, cabelos, orelhas, bigode, traços serrilhados na borda do forninho cônico abaulado e na haste com imagem da “baleia”, com a boca aberta, língua, dentes, olhos e “escamas”, sugerindo engolir “Jonas”.

Prancha 67 - Representação de cachimbos brancos holandeses	
Destaques nas decorações dos cachimbos brancos holandeses	
Decoração inciso somente com o serrilhado na borda do forninho e circundando a haste	Decoração em alto relevo com a Rosa Tudor dos dois lados do forninho
	
Cachimbo cor bege com decoração em alto relevo com a flor de lis dos dois lados do forninho	Cachimbo com decoração carimbada na haste em losangos e dentro com a flor de lis
	
Cachimbo em alto relevo com decoração floral	Cachimbo decorado em alto relevo: antropozoomorfo: “Jonas e a baleia”
	

Fonte: Cirne (2024).

Prancha 68 - Representação de cachimbos brancos holandeses		
Marcas de fabricantes carimbadas embaixo do pedúnculo		
		
Marcas carimbadas: duas letras coroadas		
		
Marcas carimbadas: números coroados		
		
Leiteira	Cavalo	Pássaro coroado
		

Fonte: Cirne (2024); Duco (2003).

6 DISCUSSÕES

A pesquisa intitulada *Consumo e Identidades de Cachimbos na Capitania de Pernambuco no Século XVII*, propôs-se a revelar a preferência ou a disponibilidade no consumo e a identidade dos fabricantes de cachimbos entre dois segmentos sociais: holandeses e “luso-brasileiros”, produtores e consumidores de cachimbos.

No decurso da pesquisa foram utilizadas abordagens da Arqueologia Histórica Interpretativa e Processual. Para a Arqueologia Interpretativa, além de compreender e conceber a cultura material e os artefatos, o mais importante seria assimilar e interpretar que apenas identificar e classificar (Cochran; Beaudry, 2014, p. 191-204). Quanto a Arqueologia Processual, segundo Lewis Binford, seguindo sua Teoria de Médio Alcance, os dados arqueológicos como os artefatos cerâmicos, revelam no presente, a forma de registros estáticos. E pelo interesse no passado, é possível fazer perguntas sobre esses materiais no presente, em relação a um passado dinâmico, com a finalidade de compreender o funcionamento de seu sistema de cultura, seu desenvolvimento e suas transformações. Assim, deve-se relacionar o estático do presente com o dinâmico do passado (Matthew, 2000, p. 72-74).

Os artefatos de cachimbos cerâmicos na Capitania de Pernambuco e no século XVII revelou uma sociedade dinâmica e consumidora de drogas indicada pela presença de milhares de fragmentos de cachimbos. O consumo foi descrito através do seu gosto, sua preferência e suas possibilidades de acesso e disponibilidade. Como também, busca a identidade social da fabricação, como os cachimbos brancos que apresentam características e atributos típicos dos centros produtores dos Países Baixos; e os cachimbos avermelhados que apresentam suas características específicas, mesmo não sendo localizada a fonte produtora.

De acordo com o item 2 desta tese, observou que a sociedade pernambucana estava inserida num sistema mundial de colonização e disputa dos impérios militares e comerciais europeus, como os ibéricos (português e espanhol) e o neerlandês. Neste contexto, Pernambuco conviveu com guerras e conflitos entre dois grupos sociais e no percurso foram estabelecidos acordos e tréguas, demonstrando a movimentação temporal do deslocamento de grupos na ocupação de espaços, tanto nas fortificações, como nos núcleos urbanos e nos engenhos. Possivelmente, os artefatos de fumar avermelhados ou brancos podem ter sido consumidos de acordo com a disponibilidade e o seu alcance. Os holandeses ao ocuparem o Forte de Tamandaré, no curto período, em 1645, na ausência de cachimbos brancos, podem ter consumido, uma parte deles, dos 99,2% dos cachimbos avermelhados. Da mesma forma,

os luso-brasileiros ocupando o Forte das Cinco Pontas, após a rendição batava, em 1654, seriam capazes de usar parte dos 99,9% dos cachimbos brancos disponíveis ao seu alcance.

Os artefatos de cachimbos analisados e procedentes dos 11 sítios, consumidos por pessoas dos grupos sociais denominados de luso-brasileiros e holandeses, encontrados nas fortificações, nos núcleos urbanos e de engenhos, denotam momentos vivenciados entre guerras, de tréguas ou de paz.

No entanto, neste estudo, infere-se que o consumo dos cachimbos estava condicionado a fatores diversos, como sua disponibilidade, o alcance por determinados grupos sociais e o consumo em determinados períodos de ocupação do espaço. A escolha, a preferência ou o gosto pessoal estava condicionado ao acesso que se tivesse ao produto.

Conferindo a hipótese, não foi constatada preferência ou gosto pelo consumo exclusivo de um tipo de cachimbo por um grupo social, mas foi possível relacionar as identidades dos cachimbos com os seus fabricantes, através das características contidas nos artefatos. Os holandeses eram produtores de cachimbos brancos, como também consumidores. A fabricação destinou-se ao próprio consumo e ao atendimento da demanda de mercados consumidores estendidos com a difusão do comércio mundial. Também ocorria com outros produtos que estavam disponíveis, como o açúcar, o fumo, o vinho, a faiança, as armas, as joias, objetos de fabricação de açúcar nos engenhos. Todos os produtos possuíam particularidades e identidades dos seus fabricantes; mas em relação ao consumo, nem sempre.

Diante do questionamento inicial da pesquisa: “Tais cachimbos cerâmicos poderiam evidenciar o consumo e a identidade social de colonos e holandeses, ao consumirem artefatos de fumar de sua fabricação?”. Seguindo as exposições descritas no corpo teórico, as investigações e as análises dos artefatos de cachimbos revelaram o comportamento social de consumo de cachimbo, acompanhando a disponibilidade e o acesso a determinado grupo cultural. Ou seja, a interpretação apontou para o consumo de cachimbos brancos e avermelhados, conforme a sua disponibilidade, dependendo do local em que se encontrassem e, não apenas, pela preferência ou gosto.

Quanto ao consumo de cachimbos, Mark Paterson dizia que era necessário ter a capacidade de escolher um produto, baseado no julgamento do gosto pessoal, dando um sentido de classe, origem e identidade cultural. A escolha do produto é o mecanismo de expressão de identidade (Paterson, 2006. p. 37).

Quanto às identidades dos cachimbos, o exame realizado nos cachimbos brancos e nos avermelhados exibiu as identidades de seus fabricantes com características distintas e emblemáticas.

Em relação as 11 coleções examinadas, totalizando 7.344 fragmentos de cachimbos, teve seu maior quantitativo encontrado nas áreas de fortificação (com 4.881 peças) e em núcleos urbanos (com 2.436 peças), indicando maior tempo de ocupação nos fortes do Brum e das Cinco Pontas. Tais números podem ser compreendidos como locais de grande movimentação humana, revelado pela maior concentração de cachimbos.

Quanto ao consumo de cachimbos, do total, revelou: 5.418 ou 73% para o consumo de cachimbos brancos; 1.920 ou 26% para cachimbos avermelhados; e apenas 7 ou 0,8% ao uso de cachimbos indígenas. Evidenciando o consumo predominante de cachimbos brancos na Capitania de Pernambuco no século XVII.

As análises apresentaram uma proposta metodológica para os exames dos artefatos fragmentados de cachimbos: iniciou com a separação entre os cachimbos avermelhados e brancos agrupados em até cinco conjuntos: forninho com haste; forninho com suporte para o encaixe de haste; só forninho; só haste; e cachimbo completo. Em seguida, analisou suas características e seus atributos: morfologia, técnica de fabricação, decoração, apêndice, o forninho, as hastes, o furo das hastes e suporte do forninho, a queima e a cor. Ao final da conferência, possibilitou identificar as identidades dos fabricantes dos cachimbos brancos, avermelhados e indígenas.

Em conformidade com Sara Hissa (2018) e Don Duco (2003), examinando os cachimbos brancos holandeses, considerou que foram consumidos e disseminados pelo mundo através do sistema comercial a partir do século XVII. Neles, encontrou a identidade dos fabricantes holandeses apontada através da morfologia, das decorações e das marcas localizadas em baixo dos pedúnculos, sob a forma de letras, números e outras figuras. Com o auxílio da documentação escrita, possibilitou identificar fabricantes e os períodos de sua produção. Das mais de 7.344 peças de cachimbos fragmentos, somou 5.418 de cachimbos brancos holandeses e pouquíssimos de outras procedências, como inglesa e escocesa.

As referências etnográficas e os dados do item 3, apresentam os artefatos de fumar cerâmicos, denominados de cachimbos, e sua fabricação atribuída aos indígenas. No século XVII e durante o Tempo dos flamengos, os grupos indígenas Tupis e Tapuias conviveram com rivalidades e guerras entre si, estabelecendo alianças militares com holandeses e luso-brasileiros. Parte do grupo tupi se estabeleceu em aldeamentos e seguiu com a catequese dos

católicos luso-brasileiros e dos protestantes holandeses. Já o grupo tapuia, demonstrou resistência ao aldeamento e à catequização religiosa.

Para os cachimbos indígenas, ressalta do total final analisado apenas 7 cachimbos, classificados como sendo de fabricação indígena, encontrados em quatro sítios: um (1) no sítio Pilar, em núcleo urbano do Recife; e os demais nas fortificações do Arraial (3), do Brum (2) e de Tamandaré (1). Foram observadas as características morfológicas de cachimbos avermelhados de uma peça, como também do tipo Fornilho, com indicativo de possibilidade de encaixe de uma haste externa no forninho. Assim, as narrativas documentais evidenciam a convivência dos indígenas entre os luso-brasileiros e os holandeses.

Quanto aos afrodescendentes, denominados na documentação como africanos, negros escravizados e alforriados, durante a chegada dos holandeses, uma parte fugiu para Quilombos, outros continuaram escravizados e alguns foram libertos. Não houve evidências e dados de referências aceitáveis, em relação à fabricação de cachimbos por parte dos afrodescendentes, no período estudado.

Como os indígenas, os afrodescendentes fizeram alianças com às tropas luso-brasileiras e às holandesas, provavelmente foram consumidores de cachimbos avermelhados, brancos, indígenas e até mesmo de sua fabricação.

No item 5 desta tese, pode ser visto o estabelecimento da identidade de fabricantes de cachimbos através dos atributos característicos. Os cachimbos brancos exibiram fabricação de artefato de uma só peça, utilizando a técnica do encaixe de moldes com duas bandas, podendo ser identificadas pelas linhas deixadas no encontro delas; também revelaram formatos angulares em torno de 50°, com morfologia cônica e abaulada, pedúnculos e marcas dos fabricantes embaixo deles, decorações incisas, carimbadas, alto relevo e antropozoomorfos, específicas do universo europeu da Holanda.

Apesar dos luso-brasileiros na Capitania de Pernambuco serem consumidores de cachimbos avermelhados, não há nenhum indicativo do local de produção nem dos períodos cronológicos de fabricação. No entanto, ao observar as 11 coleções examinadas, constatou-se um número inferior de consumo de apenas 26% de cachimbos avermelhados, 1.920 fragmentos, podendo relacionar ao período colonial através de duas evidências: a primeira, os cachimbos avermelhados são portadores de atributos morfológicos e decorativos com padronização, variações distintas dos cachimbos cerâmicos indígenas ou dos instrumentos utilizados por eles, como canudos para consumir rapé (pó da erva) na América; e sem comparação com os cachimbos de águas ou narguilés, utilizados na África e na Ásia. A

segunda evidência encontra-se nas similaridades de coleções de cachimbos no Brasil, com uma e duas peças procedentes das regiões Norte e Sudeste colonial, registradas por Frederico Barata (1941) e Sarah Hissa (2018). Além do Brasil, há outras referências nos artefatos de fumar avermelhados coletados, ressaltando os cachimbos procedentes das escavações ocorridas em Portugal, com uma só peça e sem decorações, incluindo os chibiques de origem otomano, com duas peças e indicação de locais de fabricação, conforme publicações de Miguel Martins de Sousa (2020) e Rebeca Robinson (1985).

A identidade dos fabricantes dos cachimbos avermelhados revelou ser de uma e de duas peças com morfologias angulares de 90°. Os avermelhados de uma só peça, no geral, foram fabricados manualmente. Encontram-se sem pedúnculos ou apêndices; com decorações incisais, carimbadas e um antropomorfo (no Forte do Brum), destacando traços e incisões triangulares duplos invertidos em cima das hastes e próximo das bordas dos forninhos. Em oposição, as identidades dos cachimbos de duas peças, além dos forninhos, possuíam um suporte para o encaixe de uma haste externa e um furo para o encaixe, indicando em média 0,8 cm de diâmetro, a maioria fabricada com moldes de duas bandas, decoração mista, incisos com linhas e traços geométricos, em alto relevo; figuras variadas em pontilhados, florais, a maioria com alto relevo nas bordas dos forninhos e dos suportes do encaixe, como também apêndices embaixo do forninho, quase sempre com um furo.

Quanto aos artefatos de fumar avermelhados da Capitania de Pernambuco, não foram detectados os locais de produção. Apesar disso, dos 11 sítios estudados, destaca-se o Forte do Arraial do Bom Jesus. Considerando o relato histórico documental, as escavações arqueológicas coordenadas por Marcos Albuquerque (1988, 2009) constam do período de construção e ocupação da edificação em 1630 pelos luso-brasileiros; e da sua demolição, pelas tropas holandesas, em 1635. As ruínas da fortificação demolida conservaram, ao longo do tempo, os artefatos de cachimbos nas camadas estratigráficas não perturbadas. Foi indicada uma referência de datação de consumo dos artefatos de fumar no período de 1630 a 1635, servindo como indicação temporal para os cachimbos avermelhados de uma peça e de duas peças, além de uma pequena quantidade de cachimbos brancos. Dessa forma, ficou evidenciado que os cachimbos avermelhados foram produzidos e consumidos num espaço temporal entre 1630 e 1635.

Diante da importância dos artefatos de cachimbos do Sítio do Forte do Arraial, 6 (seis) amostras foram escolhidas para análise arqueométrica da composição mineralógica, sendo dois artefatos de cachimbos brancos e quatro de cachimbos avermelhados, que apontaram os

seguintes resultados entre os elementos químicos: 1º) Divergência na alta ou baixa proporção da presença de óxido de ferro, refletindo e indicando a variação da coloração dos artefatos de cachimbos brancos e avermelhados; 2º) Referente a queima dos artefatos cerâmicos, os dois tipos de cachimbos, ocorreram em fornos de alta temperatura, em torno de 900°C, indicando que procedeu em local fechado.

7 CONCLUSÕES

O cachimbo é um produto da cultura material e encontra-se no universo do consumo diverso das drogas, principalmente, o tabaco. Ele é consumido com sendo um objeto corporal, produzido com a funcionalidade de fumar ou de apreciar a fumaça das drogas pela boca e o nariz. Seu consumo teve finalidade variada para os povos denominados nativos, seja da América ou de outros continentes, que usavam por questões religiosas, ritualista e de vício. No âmbito do Brasil, especificamente, prevaleceu o consumo como hábito do hedonismo ou como prazer e vício pelos europeus e colonos. Sua origem ainda é incerta, carece de estudos focando este tema, inclusive, os tipos de drogas consumidas neles.

As cores dos cachimbos foram analisadas por Anna Shepard (1981), apontando a concentração de óxido de ferro na sua composição mineralógica. No entanto, a análise das pastas de 6 amostras procedentes do Forte do Arraial do Bom Jesus confirmou a concentração de óxido de ferro interferindo na coloração, como também de outros minerais, necessitando, assim, o desenvolvimento de outras análises.

O objetivo geral tratou de conferir o consumo de cachimbo avermelhado por colonos de Pernambuco, revelando sua identidade social, sua preferência e da quantidade do consumo de cachimbos brancos holandeses. Para tanto, a pesquisa ocorreu em torno de dois temas: o consumo e as identidades de cachimbos com a problemática de identificar a existência de milhares de artefatos de cachimbos consumidos por grupos ou identidades sociais, questionando a preferência de consumo pelos colonos e holandeses ao consumirem. Após a análise de 7.344 fragmentos de cachimbos, os 73,7% ou 5.418 artefatos de cachimbos brancos consumidos, demonstrou uma preferência ou disponibilidade ao acesso na Capitania, com destaque para determinadas áreas com maior ou menor concentração, a exemplo da ausência dos cachimbos brancos nas áreas canavieiras e engenhos, necessitando de novas pesquisas.

O tema cachimbo revelou-se como uma temática pouco estudada, necessitando, portanto, o desenvolvimento de mais pesquisa. Aqui foram apresentadas as identidades dos cachimbos avermelhados na Capitania de Pernambuco, com seus atributos e características distintas, bem como, dos cachimbos brancos europeus, sendo bem documentados.

Além das descrições tipológicas dos dados indicados dos 7 cachimbos indígenas e dos 1.920, ou 27% dos cachimbos avermelhados, disponibilizou imagens, reconstituições tipológicas e decorativas dos cachimbos avermelhados de uma só peça e de duas peças, como também dos cachimbos brancos, servindo como referencial para novos trabalhos de pesquisas.

As abordagens teóricas encontram-se inseridas na Arqueologia Histórica ou

Documental e os resultados dos dados finais da pesquisa arqueológica apresentam informações do cotidiano dos pernambucanos em produzir seus objetos de consumo, revelando seus atributos culturais, a partir de elementos como da morfologia e das decorações de cachimbos.

A Capitania de Pernambuco no século XVII situava-se no mundo das colônias e periférica das metrópoles europeias. No entanto, após 100 anos de colonização, encontra-se, na sua sociedade, elementos culturais, através do consumo de cachimbos avermelhados, indicador de identidade social, ou seja, um componente de pertencimento, relacionado com um território: a Capitania de Pernambuco.

No mais, recomenda-se novos trabalhos, a partir de alguns elementos apresentados aqui e que apresentou seus limites. Necessário mais pesquisas e busca de dados referentes ao consumo de cachimbos nos engenhos e em áreas canavieiras; análises das pastas de cachimbos para verificar a concentração dos elementos minerais causadores da coloração dos cachimbos avermelhados, do mesmo modo, das drogas consumidas neles; verificar as possíveis mordidas dentárias nas pontas das hastes; o estudo das decorações dos cachimbos avermelhados, ressaltando seus significados; as possíveis relações culturais com os grupos escravizados afrodescendentes e as representações das decorações antropomorfos, como de um artefato de cachimbo recolhido no Forte do Brum; verificar a continuidade da produção dos cachimbos com as mesmas características e atributos desses período nos séculos seguintes, incluindo os cachimbos de uma só peça ou de duas peças; realizar levantamentos da extensão territorial da produção e comercialização tipológica dos cachimbos avermelhados de uma só peça e de duas peças, inclusive identificar as fontes produtoras.

REFERÊNCIAS

- AGOSTINI, Camila. Cachimbos de escravos? miudezas do cotidiano entre malungos, irmãos e alteridades. In: CHEVITARESE, André L.; GOMES, F. dos S. **Dos Artefatos e das margens: ensaio da história social e cultura material no Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: Faperj; 7 letras, 2018. p. 11-37. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/328142908_Cachimbos_de_escravos_Miudezas_entre_malungos_irmaos_e_alteridades. Acesso em: 25 mar. 2023.
- AGOSTINI, Camila. **Mundo Atlântico e clandestinidade dinâmica material e simbólica em uma fazenda litorânea no sudeste, século XIX**. Tese (doutorado em História) - Universidade Federal Fluminense. Niterói, 2011. Disponível em: https://www.historia.uff.br/stricto/teses/Tese-2011_Camilla_Agostini-S.pdf. Acesso em: 3 fev. 2023.
- AGOSTINI, Camila. Resistência cultural e reconstrução de identidades: um olhar sobre a cultura material de escravos do século XIX. **Revista de História Regional**, Ponta Grossa, v. 3, n. 2, p. 115-137, 1998. Disponível em: <https://revistas.uepg.br/index.php/rhr/article/view/2063>. Acesso em: 25 mar. 2023.
- ALBUQUERQUE, Marcos. Arqueologia: O Forte do Brum. **Revista da Cultura**, Rio de Janeiro, ano VII, n. 13, p.43-50, dez., 2007.
- ALBUQUERQUE, Marcos. **Projeto de Pesquisa arqueológica no Sítio da Trindade**. Processo IPHAN/PE n. 01498.002243/2008-66. Recife: Prefeitura, 2009.
- ALBUQUERQUE, Marcos. **Prospecção arqueológica e educação patrimonial na área das obras de implantação do Túnel da Abolição do corredor de transporte público de passageiros Leste-Oeste**. Recife: IPHAN/PE, 2014. Relatório Final.
- ALBUQUERQUE, Marcos; LUCENA, Veléda; WALMSLEY, Doris. **Fortes de Pernambuco: imagens do passado e do presente**. Recife: Graftorre, 1999.
- ALBUQUERQUE, Marcos et al. **Programa de prospecção arqueológico e de educação patrimonial na área das obras de implantação do Túnel da Abolição, do corredor de transporte público de passageiros leste-oeste, na cidade do Recife/PE – Fases I e II**. Recife, 2013.
- ALBUQUERQUE, Marcos; LUCENA, Veleda. **Forte Real do Bom Jesus: resgate arqueológico de um sítio histórico**. Recife: CEPE, 1988.
- ALEN, Scott Joseph. **Projeto arqueológico Monjope: Etapa 1- A Senzala**. UFPE, Processo IPHA/PE n° 01498.000627/2011-40, Recife, 2011.
- ALEN, Scott J; ROCHA, Andreia Cavalcanti V. **Projeto arqueológico Monjope: a Senzala**. Relatório final, autorização do IPHAN através da portaria 01/2014. Recife, 2016.
- ALVES, Marcony Lopes. **Notas sobre cachimbos de barro no Brasil (séculos XVII e XIX)**. Temporalidades: Revista de História, Belo Horizonte, v. 7, p. 1101-1111, 2015. Disponível em: https://www.academia.edu/23526603/Notas_sobre_cachimbos_de_barro_no_Brasil_s%C3%A9culos_XVIII_e_XIX. Acesso em: 15 fev. 2023.
- ARAÚJO, Marcele J. Frossard. **Identidade Social**. PUC, Rio de Janeiro, 2015. Disponível em: <https://www.infoescola.com/sociologia/identidadesocial>. Acesso em: 20 mar. 2022.

ARQUEOLOGIA brasileira em 1968: um relatório preliminar sobre o Programa Nacional de Pesquisas Arqueológicas. Belém: Museu Paraense Emílio Goeldi, 1969. (Publicações Avulsas, 12).

ASSIS JÚNIOR, Antônio de **Dicionário Kimbundu-Português:** linguístico, botânico, histórico e corográfico. Seguido de um índice alfabético dos nomes próprios. Luanda: Argente, Santos, 1930.

ATKISON, D.; OSWALD, A. London Clay tobacco pipes. **Journal of the British Archaeological Association**, London, v. 32, n. 1, p. 171-227. 1969. Disponível em: <https://www.tandfonline.com/doi/abs/10.1080/00681288.1969.11894891>. Acesso em: 15 fev. 2022.

BAAR, Tom van Baar. **De kleipijp. Historische stichting "de Cromme Leeck" te Wognum van der Cromme Leeck**", em Wognum. Disponível em: <https://www.piepstok.nl/vondsten/pijpen.html>. Acesso em: 16 jun. 2020.

BARATA, Frederico. A arte oleira dos Tapajós: os cachimbos de Santarém. **Revista do Museu Paulista**, São Paulo, ano 5. p.183-98, 1951.

BARBATO. Luís Fernando Tosta (org). **Identidade Nacional Brasileira:** História e Historiografia. Undiaí: Paco Editorial, 2016.

BARKER, David; MAJEWSKI, Teresita. Ceramic Studies in Historical Archaeology. HICKS, Dan; BE-AUDRY, Mary (Eds.). **The Cambridge Companion to Historical Archaeology**. Cambridge: Cambridge University Press, 2006, p. 205-231.

BARROS, José D'Assunção. **Teoria da História:** A Escola dos Annales e a Nova Escola. Petrópolis: Vozes, 2012, v. V.

BECKER, Ítala Irene Basile; SCHIMITZ, Pedro Ignácio. **Cachimbos do Rio Grande do Sul**. São Leopoldo: Instituto Archietano de Pesquisa, 1969.

BLOCH, Marc. **Apologia da História ou o ofício de historiador**. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

BORGES, Fábio Mafra. **Marim dos Caetés:** caracterização histórica-arqueológica do Sítio do Campo, Paulista/PE (Séculos XVII e XVIII), 2005. Dissertação (Mestrado em Arqueologia) – Centro de Filosofia, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2005.

BOURHILL, Charles John George. **The Smoking of Dagga (*Indian He. p*) among the Native Races of the Africa, and the Resultant Evils**. Thesis (Doctor of Medicine) - University of Edinburgh, 1913. Disponível em: <https://era.ed.ac.uk/handle/1842/28621?show=full>. Acesso em: 12 jan. 2023.

BRANCATE, Edino F. **O Brasil e a cerâmica antiga**. São Paulo: Cia Lithographica Ypiranga, 1981.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **Identidade e Etnia:** construção da pessoa e resistência cultural. São Paulo: Brasiliense, 1986.

CABRAL, Renata; PONTUAL, Virgínia. **Transformações do território e representações cartográficas: o Istmo de Olinda e Recife - Brasil.** In: SIMPÓSIO LUSO-BRASILEIRO DE CARTOGRAFIA HISTÓRICA, 4, 2011, **Anais...** Porto, 1994. Disponível em: <http://eventos.letas.up.pt/ivslbch/resumos/14.pdf>. Acesso em: 17/10/2024.

CALADO, Marco et al. Os cachimbos cerâmicos do Palácio Marialva. **Revista Portuguesa de Arqueologia**, Lisboa, v. 16, n. 1, p. 383-392, 2013.

CALADO, Marco; PIMENTA, J.; SILVA, R. B. Cachimbos de cerâmica provenientes da escavação do Caminho de Ronda no Castelo de São Jorge, em Lisboa. **Revista Estudo Património**, Lisboa, n. 5, p. 83-95, 2013.

CÂMARA, Baltazar. **Reconstituição da assinatura da rendição holandesa em 1654.** Pintura exposta no Museu da Cidade do Recife, Recife, 1977.

CARDIM, Fernão. **Tratados da terra e gente do Brasil.** São Paulo: Hedra, 2020.

CELORIA, Francis. **Arqueologia.** São Paulo: Melhoramentos, 1978.

CHILDE, Vere G. **Introdução à Arqueologia.** Lisboa: Europa-América, 1961.

CIRNE, Roberta Cardoso da Costa. **Ilustradora Plástica.** Recife, 2024

CLELAND, T. M. **A practical description of the Munsell color system, suggestions for its use.** Baltimore: Munsell Color, 1937.

COCHRAN, Matthew D.; BEAUDY, Mary. Estudo da cultura material e arqueologia histórica. In: HICKS, Dan; BEAUDRY, Mary C. (Editors). **The Cambridge Companion to Historical Arqueology.** Cambridg: University Printing House, 2014, p.69-86.

COMMELIN, Izaak. **Olinda:** Frederick Hendrik van Nassawprince van Orangienzynleven em bedryf. Amsterdam: Paulus Mathysz, in'tMuzyk-bock, Gedruckt, 1651. 2021. Disponível em: https://historialuso.arquivonacional.gov.br/index.php?option=com_content&view=article&id=6591:olinda. Acesso em: 20 jan. 2023.

COOPER, John. **Estimulantes e narcóticos.** 1986. *Suma Etnológica Brasileira* v.1-6., Etnobiologia, p. 100-118, Disponível em: na Biblioteca digital Curt Nimuendajú (Coleção Nicolai) site: etnolinguistica.wdfiles.com/local--files/suma%3Avol1p100-118/S1_t6_EstimulantesENarcoticos_Cooper.pdf.

CORRIGAN, Peter Consumo. **The Sociology of Consumption An Introduction,** SAGE Publications, London· Thousand Oaks· New Delhi, 1997.

CREVAUX, J. **Voyages dans l' Amerique du Sud.** Paris: Hachette, 1883.

D'AQUINO, Gilma de. **O fumo e os cachimbos cerâmicos na pré-história da Amazônia brasileira: “os sambaquieiros” de Alenquer e os de Tapajó de Santarém.** 2013. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal de Pernambuco, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Recife, 2013.

DIETLER, Michael. Consumo. In: HICKS, Dan; BEAUDRY, Mary C. (Ed.). **The oxford handbook of Material Culture Studies**. Oxford: Oxford University, 2010.

DUCO, Don. **Merken em merkenrecht van de pijpenmakers in Gouda**. Amsterdã: Pijpenkaginet, 2003.

DUVALL, Chris S. Cannabis and Tobacco in Precolonial and Colonial Africa. In: SPEAR, T. **Oxford Research Encyclopedia of African History**. Oxford: Oxford University, 2017. Disponível em: <https://oxfordre.com/africanhistory/display/10.1093/acrefore/9780190277734.001.0001/acrefore-9780190277734-e-44>. Acesso em: 22 maio, 2022.

ECKHOUT, Albert. **Exposição no Brasil: volta ao Brasil (1644-2002)**. Catálogo da exposição realizada em 2002-2003 no Recife, em Brasília e em São Paulo. Instituto Ricardo Brennand, Recife, 2010.

EXÉRCITO BRASILEIRO. **Vila de Olinda e Recife**. 2024. Disponível em: <http://www.dgp.eb.mil.br/index.php/apg/17-ultimas-noticias/1264-capitulacao-dos-invasores-holandeses>. Acesso em: 22 set. 2025.

FACCIO, Neide Barrocá; DI BACO, Hiuri Marcel. **Cachimbo Guarani do Sítio Arqueológico Macaco, Estado de São Paulo**. *Revista Tópos*, São Paulo, v. 3, n. 2, p. 36–49, 2013. Disponível em: <https://revista.fct.unesp.br/index.php/topos/article/view/2236>. Acesso em: 29 jul. 2023.

FATOS históricos do Brasil: episódios importantes mas pouco conhecidos da história do Brasil. Holandêses. Neerlandêses. Batavos. Flamengos. Países Baixos. 2012. Disponível em: <https://fatoshistoricosdobrasil.blogspot.com/2012/02/holandeses-batavos-flamengos-post.html>. Acesso em: 10 fev. 2023.

FERLINI, Vera Lúcia Amaral. **A civilização do açúcar: século XVI ao XVIII**. 5. ed. São Paulo: Brasiliense, 1988.

FERRAZ, Maria do S. A sociedade colonial em Pernambuco: a conquista dos sertões de dentro e de fora. In: FRAGOSO, J.; GOUVÊA, M. de F. (Org). **O Brasil Colonial (1580-1720)**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2021, p.171-226. v. 2.

FERREIRA, Aurélio B. H. **Miniaurélio: o dicionário da língua portuguesa**. Curitiba: Positivo, 2008.

FUNARI, Pedro Paulo; ZARANKIN, Andres; SALERNO, Melisa A. Arqueologia histórica na América do Sul. In: MAJEWSKI, Teresita; GAIMSTER, David (Ed.). **International Handbook of Historical Archaeology**. Tucson, AZ; London: Society of Antiquaries of London, 2009, p. 399-407.

FUNDAÇÃO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO DE PERNAMBUCO. **Engenhos de Pernambuco. Engenho Monjope**. 2024. Disponível em: <https://engenhosdepernambuco.blogspot.com/2014/11/monjopeigarassu19.html>. Acesso em: 18 maio 2023.

FOWLER, Chris. Da identidade e cultura material à personalidade e materialidade. *In*: HICKS, Dan; BEAUDRY, Mary C. (Ed.). **The oxford handbook of Material Culture Studies**. Oxford: Oxford University, 2010, p.1-31.

GIDDENS, Anthony. **Sociologia**. 6. ed. Porto Alegre: Penso, 2012.

GUERRA, François-Xavier. **A nação moderna**: nova legitimidade e velhas identidades. *In*: JANCÓS, István (org.). **Brasil**: formação do Estado e da Nação. São Paulo: Hucitec, Unijuí, Fapesp, 2003. p.33-60.

HICKS, Dan. A virada material-cultural: evento e efeito. *In*: HICKS, Dan; BEAUDRY, Mary C. (Ed.). **The Oxford handbook of Material Culture Studies**. Oxford: Oxford University, 2014, p. 25-68.

HICKS, Dan; BEAUDRY, Mary. Introdução: Estudos de cultura material: uma visão reacionária. *In*: HICKS, Dan; BEAUDRY, Mary C. (Editors). **The Oxford handbook of Material Culture Studies**. Oxford: Oxford University, 2010, p.1-25.

HIGGINS, David. **Guidelines for the Recovery and Processing of Clay Tobacco Pipes from Archaeological Projects**. Liverpool: National Pipe Archive; University of Liverpool, 2017. Disponível em: http://www.pipearchive.co.uk/pdfs/howto/Guidelines%20Ver%201_2%20030917.pdf. Acesso em: 25 jun. 2023.

HIGGINS, David. 'Surrey Clay Tobacco Pipes'. *In*: Davey, Peter (ed.). **The Archaeology of the Clay Tobacco Pipe, VI**. Oxford: British Archaeological Reports, 1981.

HISSA, Sara B. Viana. Brancos, castanhos e vermelhos: cachimbos arqueológicos de cerâmica do Forte Orange. **Vestígios - Revista Latino-Americana de Arqueologia Histórica**, [S. l.], v. 13, n. 1, p. 3–28, jan.-jun. 2019. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/vestigios/article/view/15092>. Acesso em: 17 dez. 2023.

HISSA, Sara B. Viana. A estetização do cotidiano e o teatro onipresente: revisitando os cachimbos barrocos. **Vestígios - Revista Latino-Americana de Arqueologia Histórica**, [S. l.], v. 16, n. 2, p. 54–86, jul-dez. 2022. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/vestigios/article/view/37880>. Acesso em: 29 jul. 2023.

HISSA, Sara B. Viana. **O fumo e a Arqueologia Histórica**. Curitiba: Appris, 2020.

HISSA, Sara B. Viana. Fumo e cachimbos de barro: objetos, práticas e pessoas. **Vestígios - Revista Latino-Americana de Arqueologia Histórica**, [S. l.], v. 16, n. 2, p. 3–6, jul-dez. 2022. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/vestigios/article/view/40585>. Acesso em: 29 jul. 2025.

HISSA, Sara B. Viana. **O Petyn no cachimbo branco**: Arqueologia e fumo nos séculos XVII ao XIX. 2018. Tese (Doutorado) - Universidade Federal Rio de Janeiro. Museu Nacional. Rio de Janeiro, 2018.

INSTITUTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL. Pernambuco. **Sobrado Grande da Madalena**. Disponível em: <https://www.ipatrimonio.org/recife-sobrado-grande-da-madalena/>. Acesso em: 5. nov. 2023.

INSTITUTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL. **Portaria n. 7, de 01 de dezembro de 1988**. Brasília, 1988. Disponível em: <http://portal.iphan.gov.br/uploads/legislacao/Portaria>. Acesso em 19/10/2023.

INSTITUTO NACIONAL DO CÂNCER JOSÉ ALENCAR GOMES DA SILVA. **Narguilé: o que sabemos?** Rio de Janeiro: INCA, 2019.

INSTITUTO NACIONAL DO CÂNCER JOSÉ ALENCAR GOMES DA SILVA. **Nota técnica: uso de narguilé: efeitos sobre a saúde, necessidades de pesquisa e ações recomendadas para legisladores**. 2. ed., Rio de Janeiro: INCA, 2017. Disponível em: <https://www.inca.gov.br/sites/ufu.sti.inca.local/files//media/document//nota-tecnica-uso-de-narguile.pdf>. Acesso em: 16 mar. 2021.

JONES, Siân. **A Arqueologia da Etnicidade: construindo identidades no passado e no presente**. New York: Taylor & Francis e-Library, 2003. Disponível em: <https://www.routledge.com/The-Archaeology-of-Ethnicity-Constructing-Identities-in-the-Past-and-Present/Jones/p/book/>. Acesso em 6 jul. 2025.

JORDAN, Kurt A. **Colônias, colonialismo e emaranhado cultural: a Arqueologia de relações interculturais pós-colombianas**. In: MAJEWSKI, Teresita; GAIMSTER, David (Ed.). London: **International Handbook of Historical Archaeology**. Tucson, AZ; London: Society of Antiquaries of London, 2009, p.31-49.

KING, Julia A. Arqueologia doméstica, identidades e biografias. In: HICKS, Dan; BEAUDRY, Mary C. (Ed.). **The Cambridge Companion to Historical Archaeology**. Cambridge: University Printing House, 2014, p. 293-313.

KLINK, Leonardo. Um cachimbo do quintal: figurações, espaços e sujeitos em unidade doméstica ouro-pretana, Minas Gerais. **Revista de Arqueologia**, v. 37, n. 2, p. 214-235, maio-ago. 2014. Disponível em: <https://revista.sabnet.org/ojs/index.php/sab/article/view/1146/953>. Acesso em: 26 maio 2023.

LAGO, Bia Corrêa. **Frans Post e o Brasil Holandês**. Catálogo de exposição permanente do Instituto Ricardo Brennand, Recife, 2010.

LA SALVIA, Fernando; BROCHADO, José P. **Cerâmica Guarani**. Porto Alegre: Posenato Arte e Cultura, 1989.

LAUFER, Berthold, HAMBL, Wilfrid D. Y.; LINTON, Ralph. **Tobacco and its use in Africa**. Anthropology, Leaflet 29, Field Museum of Natural History, Chicago, 1930.

LAWRENCE, Susan; SHEPHERD, Nick. Arqueologia histórica e colonialismo. In: HICKS, Dan; BEAUDRY, Mary C. (Ed.). **The Cambridge Companion to Historical Archaeology**. Cambridge: University Printing House. 2014, p.69-86.

LIMA, Tânia Andrade. Arqueologia Histórica: algumas considerações teóricas. **Clio Arqueológica**, Recife, v. 5, p. 87-99, 1989. Disponível em: <https://periodicos.ufpe.br/revistas/index.php/clioarqueologica/article/view/247221/36070>. Acesso em: 18 dez. 2022.

LORENCETTI, Claudir; MALLMANN, Irno Luiz; SANTOS, Mariangela dos. Fumo: espécie repleta de história. In: BARBIERI, Rosa Lía; STUMPF, Elisabeth Regina Tempel. (Ed.). **Origem e evolução de plantas cultivadas**. Brasília, DF: Embrapa Informação Tecnológica; Pelotas: Embrapa Clima Temperado, 2008. p.377- 401. Disponível em: <https://www.bibliotecaagptea.org.br/agricultura/biologia/livros/ORIGEM%20E%20EVOLUCAO%20DE%20PLANTAS%20CULTIVADAS%20-%20EMBRAPA.pdf>. Acesso em: 13 maio. 2023.

LUNA, Suely C. de Albuquerque. **Relatório do Programa arqueológico de resgate, prospecção, monitoramento e educação patrimonial das obras civis de implantação do habitacional do Pilar, bairro do Recife**: acompanhamento da Quadra 40. Recife: Universidade Federal Rural de Pernambuco. NEPARQ/FADURPE, 2017.

LUNA, Suely C. A; NASCIMENTO, Ana. Salvamento arqueológico na área da refinaria do Nordeste, Ipojuca-PE, Brasil. **Revista Clio Arqueológica**, Recife, v. 24, n. 1, 2009.

MAJEWSKI, Teresita; SCHIFFER, Michael Brian. Além do Consumo: Rumo a uma Arqueologia do Consumismo. In: MAJEWSKI, Teresita; GAIMSTER, David (Ed.). **International Handbook of Historical Archaeology. Statistical Research**. Tucson, AZ: Society of Antiquaries of London, 2009, p.191-207.

MARTIN, Gabriela. **Projeto Recuperação e Restauração do Engenho Monjope**. Recife: Fundação Seridó, 2005. Relatório final.

MARTIN, Gabriela. **Relatórios das atividades de acompanhamento arqueológico para as obras de implantação do projeto de requalificação urbanística do Pilar**. Recife: Fundação Seridó, 2010.

MAPA do Brasil Colônia com as capitanias em 1654. 2023. Disponível em: <https://www.spfcpedia.com.br/mapas/brasil/imagens/mapa-brasil-1602.png>. Acesso em: 10 dez. 2023.

MATTHEW, Jonhson. **Teoría Arqueológica: una introducción**. Barcelona: Ariel História, 2018.

MELLO, Evaldo C. **O bagaço da cana: os engenhos de açúcar do Basil holandês**. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

MELLO, Evaldo C. **O Brasil holandês (1630-1654)**. São Paulo: Penguin Classics, 2010.

MELLO, Evaldo C. **Olinda restaurada: guerra e açúcar no nordeste (1630-1654)**. 3. Ed. ^a edição. São Paulo: Editora 34, 2007.

MELLO, Evaldo C. **Rubro veio: o imaginário da restauração pernambucana**. 2. ed. Rio de Janeiro: Topbooks, 1997.

MELLO, José A. Gonsalves de. **Tempo dos flamengos**: influência da ocupação holandesa na vida e na cultura do norte do Brasil. 5. ed. Rio de Janeiro: Topbooks, 2002.

MELLO, José Aylton Coelho de. **Arqueologia do edifício da Bolsa de Valores de Pernambuco e Paraíba – Bairro do Recife** - Relatório IPHAN/PE (Processo nº 01498.001032/2010-21. Recife: IPHAN/PE; Caixa Cultural, 2011.

MELLO NETO, Ulysses Pernambucano de. **O Forte das Cinco Pontas**. Recife: Fundação de Cultura Cidade do Recife, 1983.

MEULEN, J. Van Der; TUPAN, H. **De Leiden Tabakspijpmakers in de 17e en 18e eeuw**. Museum de Lakenhal te Leiden. Leiden: Hoogeveen, 1980.

MIRANDA, Bruno R. Ferreira. **Gente de Guerra**: Origem, cotidiano e resistência dos soldados do exército da Companhia das Índias Ocidentais no Brasil (1630-1654). 2011. Tese (Doutorado) - Universidade de Leiden, 2011.

MIRANDA, Bruno R. Ferreira. Fortificações da Barra e do Porto do Recife – século XVII. SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA, 22. **Anais...** João Pessoa, 2003.

MONTANUS, A. **Forte de Tamandaré**. 2024. Disponível em: <https://www.google.com/search?q=gravura+do+forte+de+tamandare+Montanus+seculo+XVII>. Acesso em: 25 maio 2023.

MONTEIRO, Edson. **O Despertar do Nativismo brasileiro**. Rio de Janeiro: Letra Capital, 2006. Tomo I.

MUSEU DE LISBOA. **Cachimbo**. 2025. Disponível em: <https://acervo.museudelisboa.pt/ficha.aspx?id=58575&ns=216000&origem>. Acesso em: 10 mar. 2025.

NAJJAR, Rosana. **Arqueologia Histórica**: Manual. Brasília: IPHAN, 2005.

NARDI, Jean Baptiste. **O fumo brasileiro no período colonial**: lavoura, comércio e administração. São Paulo: Brasiliense, 1996.

NASCIMENTO, Eliane M. Vasconcelos do. **Olinda**: uma leitura histórica e psicanalítica da memória sobre a cidade. 2008. Tese (Doutorado) – Universidade Federal da Bahia. Salvador, 2008.

NAVARRO, Eduardo de Almeida. **Tupi antigo**: a língua indígena clássica do Brasil. São Paulo: Global, 2013.

NOVA Holanda. 2023. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Nova_Holanda. Acesso em: 10 out. 2024.

OLIVEIRA, Ana L. Nascimento; LUNA, Suely C. A.; DA SILVA JR, Luiz S. **Relatório de Pesquisas arqueológicas do extremo sul do Bairro do Recife (Quarteirões nº 271, 321 e 320): sítios Arqueológicos do Forte do Matos e do Lamarão**. Recife: Universidade Federal Rural de Pernambuco. FRPE. DLCH. Núcleo de Pesquisa/NUPESQ, 2006.

OLIVEIRA, Filipe Santos. Produção de cachimbos de barro na Rua Damasceno Monteiro (Olaria de São Gens), Lisboa: um contributo para seu estudo. **Era Arqueologia**, Lisboa, v. 13, p. 67-74, 2019.

OLIVEIRA, Valéria Maria Agra. **O Foral de Olinda de 1537 e o livro de tombo dos bens e aforamentos da Câmara Municipal de Olinda: 1782-1906**. Recife: CEHM, 2011. Coleções Documentos Municipais, n. 4.

ORTIZ, Fernando. **Contrapunteo Cubano del Tabaco y el Azucar**. São Paulo: Brasiliense, 1973.

ORTIZ, Renato. **Cultura brasileira e identidade nacional**. São Paulo: Brasiliense, 2006.

OSWALD, Adrian. **Clay Pipes for the Archaeologist** *British Archaeological Reports*, Oxford, 14, 1975.

OSWALD, Adrian. English clay tobacco pipes. **Journal of the British Archaeological Association**, London, v. 23, p. 171–227, 1960.

OSWALD, Adrian. **The evolution and chronology of English clay tobacco pipes**. *Archaeological News Letter*, v.3, n. 7, 1961. p.55-62.

OTT, Carlos. Contribuição à arqueologia baiana. **Boletim do Museu Nacional**, São Paulo, n. 5. P. 1-37, 1944.

PANACHUK, Lilian; CARVALHO, Adriano. Modelagens de barro em sítios Tupiguarani. In: PROUS, A.; LIMA, T. (Org). **Os Ceramistas Tupiguarani**. Belo Horizonte: IPHAN/MG, 2010. (Elementos Decorativos, 2).

PAULISTA (Pernambuco). Cemitério Morada da Paz. 2024. Disponível em: <https://www.moradapaz.com.br/>. Acesso em: 31 jul. 2023.

PATERSON, Mark. **Consumption and everyday life**. London; New York: British, 2006.

PHILLIPS, Patricia Whereat. History and Modern Use of Sacred Tobacco on the Central and Southern Oregon Coast. In: BOLLWERK, Elizabeth A. TUSHINGHAM, Shannon (Ed.). **Interdisciplinary Contributions to Archaeology: Perspectives on the Archaeology of Pipes, Tobacco and other Smoke Plants in the Ancient America**. Davis, CA: University of California. p.199-210, Springer, 2016.

RECIFE. Prefeitura do Recife. 2023. Disponível em: <http://www.recife.pe.gov.br/cidade/projetos/historia/Trindade>. Acesso em: 10 set. 2022.

RÊGO, Nuno J. Souza. **Projeto Arqueológico do Alto da Sé, Olinda, Pernambuco**. IPHAN/PE. Processo nº 01498.001732/2008-09, Recife, 2008. Relatório I.

REIS, José Carlos. **As identidades do Brasil 2 – de Calmon a Bonfim – A favor do Brasil: Direita ou Esquerda?** Rio de Janeiro: FG, 2006.

REY, P. J.; RITZER, George. The Sociology of Consumption. *In*: RITZER, George. **Sociology**. Sussex: Willey Blackwell, 2012, cap. 24, p.444-469. Disponível em: <https://onlinelibrary.wiley.com/doi/book/10.1002/9781444347388>; <https://onlinelibrary.wiley.com/doi/epdf/10.1002/9781444347388.fmatter>. Acesso em: 5 jan. 2024.

ROBINSON, Rebecca C. W. Tobacco Pipes of Corinth and of the Athenian Agora. *In*: **Hesperia: the Journal of the American School of Classical Studies at Athens**. v. 54. n. 2, p. 149-203, 1985.

RUIBAL, Alfredo; XURXO, Ayan. **Arqueologia: una introduccion al estudio de la materialidade del passado, identidad**. Madrid: Alianza, 2018.

SANGIRARDI JR, Ângelo B. **O índio e as plantas alucinógenas**. Rio de Janeiro: Alhambra 1983.

SANTOS, Gleyce C. Lopes. **Projeto de avaliação de impacto ao patrimônio arqueológico na área de influência do empreendimento “Sistema de abastecimento de água” no Sítio Histórico de Olinda/PE**. Multicast Arqueologia, Compesa, Banco Mundial, Olinda/PE, 2019.

SCHWARTZ, Stuart. O Nordeste açucareiro no Brasil colonial. *In*: FRAGOSO, João; GOUVÊA, Maria de F. (Org). **O Brasil Colonial (1580-1720)**. São Paulo: Civilização Brasileira, 2014. v. 2.

SERRANO, Antônio. Subsídios para a Arqueologia do Brasil meridional. *Revista do Arquivo Municipal*, São Paulo, v. XXXVI, p.b 3-42. 1937.

SHAW, Trurstan. Early Smoking Pipes: in Africa, Europe and America. **Jornal do Instituto Ral de Antropologia da Graã-Bretanha e Irlanda**, v. 90, n. 2, 196. p. 272-305.

SHEPARD, Anna O. **Ceramics for the archaeologist**. Publication n. 609, Carnegie Institution of Washington, Washington/ D. C., 1985. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/285264335_Identity_Theory em 01/03/2022. Acesso em: 26 out. 2022.

SHRIMPTON, Nicholas; CORDNER, Michael. **Ilhas Britânicas**. 2025. Disponível em: <https://www.britannica.com/place/British-Isles>. Acesso em: 16 jun. 2025.

SILVA, Kalina Vanderlei. **Tão Bons, tão fiéis e honrados vassalos” – A elite açucareira, os valores barrocos e as celebrações públicas em Pernambuco (Séculos XVII E XVIII)**. Atas do IV Congresso Internacional do barroco Ibero-americano, UPE - Universidade de Pernambuco, 2008.

SILVA, Leonardo Dantas. Brasil holandês: os caminhos do conhecimento. **Ciência & Trópico**, Recife, v. 30, n. 1, p.115-140, jan./jun. 2011. Disponível em: <https://periodicos.fundaj.gov.br/CIC/article/view/768>. Acesso em: 29 jul. 2025.

SILVA, Rogério Forastieri da. **Colônia e nativismo: a história como “biografia da nação”**. São Paulo: Hucitec, 1997.

SILVA JÚNIOR, Luiz Severino da. **O Forte do Matos e o crescimento urbano do extremo sul da Vila do Recife: uma perspectiva arqueológica – 1680 a 1729**. 2006. Dissertação (mestrado em Arqueologia) - Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2006.

SIMÃO, Inês; et al. **Os cachimbos dos séculos XVII e XVIII do palácio Mesquitela e Convento dos Inglesinhos (Lisboa)**. In: ARNAUD, José Morais; NEVES, César;

MARTINS, Andrea (Eds.). **Arqueologia em Portugal: Estado da Questão**. Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses/CITCEM, 2020. p. 1761-1773.

SOARES, Adriana M. A.; AQUINO, Crisvanete de C. Cachimbos cerâmicos do Sítio Aldeia do Carlos – Parque Nacional da Serra da Capivara, PI, Brasil. **Revista Clio**, Recife, v. 29, n. 1, 2014.

SOUSA, Gabriel Soares de. **Tratado descritivo do Brasil em 1587**. São Paulo: Hedra, 2010.

SOUSA, Miguel Martins; HENRIQUES, José Pedro; FILIPE, Vanessa Galiza. Tomar os fumos de erva que chamam em Portugal erva sancta”. Estudo de cachimbos provenientes da Rua do Terreiro do Trigo. **Revista Arqueologia em Portugal – Estado da Questão**, Lisboa, 2020.

SOUZA, Marcos A. T. A.; LIMA, Tânia Andrade. Olhando, desejando, in-corporando cachimbos de barros na construção de comunidades diásporas. **Revista Vestígios – Revista Latino-Americana de Arqueologia Histórica**, Belo Horizonte, v. 16, n. 2, jul./dez., 2022.

STETS Jan E.; BURKE Peter J. Identity Theory and Social Identity Theory. **Social Psychology Quarterly**, v. 63, n. 3, Washington 2000, p.224-237.

STETS, Jan E.; SERPE, Richard T. **Identity Theory**. Chapter 2. In: DE LAMATER, J.; WARD, A. (eds.). **Handbook of Social Psychology, Handbooks of Sociology and Social Research**. Dordrecht, 2013, p. 31-60. Disponível em: <file:///C:/Users/msamo/Downloads/IdentityTheory2013.pdf> - Acesso em 30 jul. 2023.

TAPIA, Edmundo. **Tabaco a guerra do fumo**. São Paulo: Europa, 2008.

TUSHINGHAM, Shannon; EERKENS, JelmerW. Hunter-Gatherer Tobacco Smoking in Ancient North America: Current Chemical Evidence and a Framework for Future Studies. In: BOLLWERK, Elizabeth A.; TUSHINGHAM, Shannon (Ed.). **Interdisciplinary Contributions to Archaeology: Perspectives on the Archaeology of Pipes, Tobacco and other Smoke Plants in the Ancient America**. Davis, CA: University of California, p. 211-230. Springer 2016.

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO (USP). **Guia rápido e fácil de montagem de stubs para análises de MEV: Adaptação do guia do Centro Nacional Multiusuários BR-sul da UFRGS**. 2025. Fonte: <https://caqi.iqsc.usp.br/files/2025/05/montar-stubfinal.pdf>. Acesso em 4 de out. 2025.

VICTOR MEIRELLES (1832-1903). **A Batalha dos Guararapes**: pintura de Victor Meirelles (1832-1903). A obra original está no Museu Nacional de Belas Artes, no Rio de Janeiro, 1832-1903.

Fonte: Site: <https://militares.estrategia.com/portal/materias-e-dicas/historia/batalha-de-guararapes->

VICTOR, Plínio de Araújo. **Projeto de prospecção, resgate, monitoramento arqueológico e educação patrimonial da restauração do Forte de Santo Inácio de Loyola de Tamandaré-Pernambuco**. Recife: Prodetur Nacional/Secretaria Estadual de Turismo de Pernambuco, 2015.

WALKER, R. **Underfire**: a history of Tobacco smoking in Australia. Melbourne: University Press, Melbourne, 1984. Disponível em: <https://www.tobaccoinaustralia.org.au/chapter-1-prevalence/1-1-a-brief-history-of-tobacco-smoking-in-australian> - <https://www.tobaccoinaustralia.org.au/chapter-8-apsi>. Acesso em: 1 jan. 2022.

WHITE, Carolyn L.; BEAUDRY, Mary C. Artefatos e identidade pessoal. In: MAJEWSKI, Teresita; GAIMSTER, David (Eds). **International Handbook of Historical Archaeology. Statistical Research**. Tucson, AZ: Society of Antiquaries of London Burlington House London Piccadilly, UK, 2009, p. 209-224.

WILKIE, Laurie A. Arqueologias Históricas Interpretativas. In: MAJEWSKI, Teresita; GAIMSTER, David (Eds). **International Handbook of Historical Archaeology. Statistical Research**. Tucson, AZ: Society of Antiquaries of London Burlington House London Piccadilly, 2009, p. 333-245.